

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**A VARIAÇÃO OU ~ OI EM PORTUGAL  
CONTINENTAL**

**ANA PAULA VELOSO PRATAS DIAS**

DISSERTAÇÃO

MESTRADO EM LINGUÍSTICA

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

# **A VARIAÇÃO OU ~ OI EM PORTUGAL CONTINENTAL**

**ANA PAULA VELOSO PRATAS DIAS**

Dissertação orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Esperança Cardeira

MESTRADO EM LINGUÍSTICA

2013







## RESUMO

Esta dissertação estuda a variação dos ditongos decrescentes *ou* e *oi* em Portugal continental. A motivação teórica baseia-se no texto de Luís Filipe Lindley Cintra: «Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico» (1983: 35-54). Neste texto, Cintra supõe que a área de predominância do ditongo *oi* em Portugal continental seja a área de passagem de [ow] a [o], e desta forma, o maior uso de *oi* poderá ser um esforço de “diferenciação vocálica”. A investigação, de natureza fonético-fonológica, visa delimitar as áreas linguísticas onde o ditongo [oj] tem maior uso, embora possa alternar em algumas palavras com o ditongo [ow] ou o monotongo [o] sempre em posição inicial e medial de palavra (cf. *ouro* ~ *oiro*; *touro* ~ *toiro*), como também determinar os factores linguísticos e extra-linguísticos subjacentes à variação dos ditongos e à predominância de *oi* em algumas áreas. Revemos os trabalhos, teorias e explicações de diversos autores sobre este tema (Leite de Vasconcelos, Paiva Bóleo, Azevedo Maia, E. B. Williams, entre outros). A orientação metodológica fundamenta-se nos princípios gerais da Geografia Linguística, tendo como material de estudo e apoio os dados do Atlas Linguístico da Península Ibérica; o Atlas Linguarum Europae; e o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza. A partir destes foi constituído um *corpus* de 20 palavras integrando os ditongos [ow] e [oj], palavras obtidas a partir das respostas em formato fonético de 503 informantes, em 228 pontos de inquérito distribuídos pelos 18 distritos portugueses. Reunidos os dados fizemos, em primeiro lugar, a descrição linguística do fenómeno e a seguir prosseguimos para a sistematização, cartografagem, análise linguística e análise estatística. Por fim, comparamos os elementos apurados nesta investigação com as observações de Cintra.

### **Palavras-chave**

variação; ditongos *ou* e *oi*; monotongação; diferenciação vocálica.



## ABSTRACT

This dissertation studies the variation of the falling diphthongs *ou* and *oi* in mainland Portugal. The theoretical motivation is based on a text by Luís Filipe Lindley Cintra in which the Author makes a synchronic and diachronic study of the diphthongs: «Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico» (1983: 35-54). Cintra believes the area of predominance of [oj] in mainland Portugal to be the same as the area where [ow] becomes a monophthong [o], thus explaining its use as “vocalic differentiation”. This investigation is of phonetic and phonological nature and it aims to delimit the linguistic areas where the diphthong [oj] has more use, although it can alternate in some words with [ow] or [o] always in the initial and medial position of words (eg.: *ouro* ~ *oiro*; *touro* ~ *toiro*), as well as to determine the underlying linguistic and extra-linguistic factors of the variation and the predominance of *oi* in certain areas. We review the works, theories and explanations given on this matter by various authors (Leite de Vasconcelos, Paiva Bóleo, Azevedo Maia, E. B Williams, among others). The methodology is based on the general principles of Linguistic Geography, taking as study and supporting material the data of three linguistic atlases: Linguistic Atlas of the Iberian Peninsula; Atlas of the European Languages; and the Linguistic and Ethnographic Atlas of Portugal and Galicia. We created a *corpus* of 20 words with diphthongs [ow] and [oj], responses obtained in phonetic format from 503 informants in 228 interview points in the 18 portuguese districts. From the gathered data we made a linguistic description of the phenomenon followed by the systematization, cartography, linguistic analysis and statistical analysis. In the end we compare the elements determined in this dissertation with the observations of Cintra.

### Keywords

variation; diphthongs *ou* and *oi*; monothongation; vocalic differentiation.



## ÍNDICE

<b>Resumo</b> .....	5
<b>Abstract</b> .....	7
<b>Agradecimentos</b> .....	17
<b>Símbolos fonéticos, diacríticos e convenções</b> .....	19
<b>Lista de quadros, tabelas, gráficos e mapas</b> .....	23
<b>Introdução</b> .....	25
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>Breve Resenha Histórica</b> .....	29
<b>1. Ditongo <i>ou</i></b> .....	29
<b>1.1. Origem e evolução</b> .....	29
<b>1.2. As primeiras atestações</b> .....	31
<b>1.3. Monotongação: origem</b> .....	34
<b>1.4. As primeiras atestações</b> .....	36
<b>2. Ditongo <i>oi</i></b> .....	36
<b>2.1. Origem e evolução</b> .....	36
<b>2.2. As primeiras atestações</b> .....	37
<b>3. A alternância <i>ou~oi</i></b> .....	38
<b>3.1. As primeiras atestações</b> .....	38
<b>Revisão Bibliográfica</b> .....	41
<b>4. Referências em gramáticos e ortógrafos</b> .....	41
4.1. Gramáticos.....	41
4.2. Ortógrafos.....	41
<b>4.3. Textos dicionarísticos</b> .....	44
<b>4.4. As teorias</b> .....	45
<b>4.5. Comparação com os falares asturianos</b> .....	51
<b>5. A distribuição geográfica de /ow/, /oj/ e /o/</b> .....	53

5.1. Distribuição geográfica do ditongo [ow] e variantes.....	53
5.2. Distribuição geográfica do ditongo [oj].....	54
<b>6. Síntese.....</b>	<b>57</b>
<b>7. Objectivos.....</b>	<b>59</b>
<b>8. Hipóteses.....</b>	<b>60</b>
<b>9. Metodologia.....</b>	<b>61</b>
<b>10. Dados da Pesquisa.....</b>	<b>63</b>
10.1. Informações adicionais.....	66
<b>11. Corpus.....</b>	<b>68</b>
11.1. A etimologia das palavras do nosso <i>corpus</i> .....	71
<b>12. Amostra.....</b>	<b>75</b>
<b>13. Rede de Localidades.....</b>	<b>75</b>

## CAPÍTULO II

<b>Descrição Linguística.....</b>	<b>83</b>
<b>1. Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança e Porto.....</b>	<b>85</b>
<b>Ditongo <i>ou</i>.....</b>	<b>85</b>
<b>Ditongo <i>oi</i>.....</b>	<b>89</b>
<b>2. Aveiro, Viseu, Guarda, Coimbra, Castelo Branco, Leiria, Santarém e Lisboa.....</b>	<b>91</b>
<b>Ditongo <i>ou</i>.....</b>	<b>91</b>
<b>Ditongo <i>oi</i>.....</b>	<b>98</b>
<b>3. Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro.....</b>	<b>99</b>
<b>Ditongo <i>ou</i>.....</b>	<b>99</b>
<b>Ditongo <i>oi</i>.....</b>	<b>101</b>
<b>4. Observações adicionais.....</b>	<b>102</b>
<b>5. Variação <i>ou</i> ~ <i>oi</i>.....</b>	<b>107</b>
<b>5.1. Distribuição geográfica das palavras com ditongo <i>ou</i> proveniente de <i>au</i> latino e germânico.....</b>	<b>109</b>
<b>5.2. Distribuição geográfica das palavras com ditongo <i>ou</i> proveniente de <i>al</i>-.....</b>	<b>113</b>

5.3. Distribuição geográfica das palavras com ditongo <i>oi</i> proveniente de <i>-oriu-</i> , <i>-oria</i> e <i>-oct-</i> .....	117
5.4. Distribuição geográfica das palavras com ditongo <i>ou</i> com outras origens.....	118

### CAPÍTULO III

Análise dos dados.....	123
1. Variação <i>ou~oi</i> e a etimologia dos ditongos.....	124
2. Distribuição das frequências de /ow/, /oj/ e /o/ por distrito.....	127
2.1. Distribuições geográficas de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental.....	133
2.2. Descrição da distribuição geográfica do ditongo /ow/ em Portugal continental.....	136
2.3. Descrição da distribuição geográfica do monotongo /o/ em Portugal continental.....	137
2.4. Descrição da distribuição geográfica do ditongo /oj/ em Portugal continental.....	137
2.5. Distribuição geográfica dos sufixos <i>douro/doura</i> e <i>doiro/doira</i> .....	145
3. Factores Linguísticos.....	150
3.1. Contextos Fonético-Fonológicos.....	150
3.2. Posição do ditongo na palavra.....	155
3.3. Tonicidade.....	156
4. Resultados: factores linguísticos.....	157
5. Resultados estatísticos.....	166

### CAPÍTULO IV

Considerações finais.....	173
Conclusão.....	187
Referências Bibliográficas.....	189
Anexos.....	201

<b>1 - Mapa 2 «Classificação dos dialectos galego-portugueses» de Cintra 1983.....</b>	<b>203</b>
<b>2 – Mapa 1 «Alguns traços fonéticos diferenciadores dos dialectos galego-portugueses» de Cintra 1983.....</b>	<b>204</b>
<b>3 – Mapa 2: Localidades dos atlas linguísticos (ALPI, ALE e ALEPG).....</b>	<b>205</b>
<b>4 – Lista de distritos, concelhos e localidades.....</b>	<b>206</b>
<b>5 - Informações adicionais sobre os inquéritos.....</b>	<b>211</b>
<b>6 – Mapa 9.a.: Localidades com maior incidência do ditongo /oj/ em Portugal continental (em igual nº de ocorrência com outras variantes).....</b>	<b>213</b>





“Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste;  
Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem para que  
o visites?” (Salmos 8: 3, 4)



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo Seu amor e fidelidade...

Aos meus pais e restante família pelo apoio e companheirismo.

Aos meus amigos Sara Gil, Jorge Gil e Vítor Geraldês, pelo incentivo.

À professora Esperança Carneira, orientadora desta dissertação, pela ajuda e orientação imprescindíveis.

À professora Ernestina Carrilho, por me ter despertado o interesse pela Dialectologia.

Desejo dar um agradecimento especial ao João Saramago do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa pela ajuda na correspondência dos alfabetos fonéticos e outras questões às quais amavelmente se dispôs a responder; e à Raíssa Gillier, pela disponibilização da base de dados do ALEPG.



## SÍMBOLOS FONÉTICOS, DIACRÍTICOS E CONVENÇÕES

**Notas:** Os símbolos fonéticos elencados são os utilizados neste trabalho. A correspondência do alfabeto fonético do *Atlas Lingüístico da Península Ibérica* (ALPI), *Atlas Linguarum Europae* (ALE) e *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e Galiza* (ALEPG) ao que usamos no nosso trabalho, o Alfabeto Fonético Internacional (AFI), foi feita com o auxílio de João Saramago, coordenador da equipa de investigação portuguesa do projecto ALPI (*Elaboración y edición de los materiales del Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*) e investigador nos projectos ALE e ALEPG no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), nomeadamente a correspondência de algumas vogais, das consoantes fricativas áptico-alveolares e de alguns diacríticos. Quanto ao Alfabeto Fonético Internacional seguimos as terminologias portuguesas que se encontram em Isabel Hub et al. (1996).

Para a transcrição fonética de algumas das palavras do nosso *corpus*, recorreremos a alguns símbolos do ALEPG, símbolos que em parte não existem no AFI, nomeadamente para representar vogais e semivogais realizadas com intensidade reduzida, exs.:

[<sup>l</sup>], [<sup>e</sup>], [<sup>i</sup>], [<sup>u</sup>] - vogais realizadas com pouca intensidade

[<sup>j</sup>], [<sup>w</sup>] - semivogais realizadas com pouca intensidade

Para os termos “anterior” e “posterior” usaremos os seus correspondentes respectivos, “palatal” (especialmente quando se aplica à semivogal [j] e à vogal palatal [ø]), e “velar” (especialmente quando se aplica à semivogal [w]); para “recuado”, o correspondente respectivo “velarizado”; para as consoantes vibrante e batimento alveolares ([r] , [r]) usaremos, respectivamente, os termos “vibrante múltipla” e “vibrante simples”.

## CONSOANTES

p	oclusiva bilabial não-vozeada
b	oclusiva bilabial vozeada
t	oclusiva alveolar não-vozeada
d	oclusiva alveolar vozeada
k	oclusiva velar não-vozeada
g	oclusiva velar vozeada
m	nasal bilabial vozeada
n	nasal alveolar vozeada
ɲ	nasal palatal vozeada
r	vibrante alveolar vozeada
ɾ	batimento alveolar vozeada
R	vibrante uvular vozeada
f	fricativa labiodental não-vozeada
v	fricativa labiodental vozeada
s	fricativa alveolar não-vozeada
z	fricativa alveolar vozeada
ʃ	fricativa ápico-alveolar não-vozeada
ʒ	fricativa ápico-alveolar vozeada
ʂ	fricativa pós-alveolar não-vozeada
ʐ	fricativa pós-alveolar vozeada
β	fricativa bilabial vozeada
ð	fricativa dental vozeada
θ	fricativa dental não-vozeada
l	aproximante lateral vozeada
ɬ	fricativa lateral alveolar não-vozeada
ʎ	aproximante lateral palatal
tʃ	africada pós-alveolar não-vozeada

## **VOGAIS ORAIS**

- i alta fechada anterior não-arredondada
- e média semifechada anterior não-arredondada
- ɛ baixa semiaberta anterior não-arredondada
- æ baixa quase aberta anterior não-arredondada
- ø média semifechada anterior arredondada
- ɵ média central arredondada
- ɨ alta fechada central não-arredondada
- ɘ média quase aberta central não-arredondada
- a baixa aberta central não-arredondada
- u alta fechada posterior arredondada
- o média semifechada posterior arredondada
- ɔ média semiaberta posterior arredondada
- ɑ baixa quase aberta posterior não-arredondada

## **SEMIVOGAIS**

- j alta fechada anterior não-arredondada
- w alta fechada posterior arredondada

## DIACRÍTICOS

- + avançado
- ː elevado
- ˘ abaixado
- ˈ vogal acentuada
- ˜ vogal nasal

## CONVENÇÕES

- [ ] transcrição fonética
- // representação fonológica
- < indica a proveniência de uma forma
- > evolui para
- ˜ separa variantes fonéticas

## LISTA DE QUADROS, TABELAS, GRÁFICOS E MAPAS

<b>Quadro 1</b>	Dados provenientes dos três atlas linguísticos: ALPI, ALE e ALEPG.....	67
<b>Quadro 2</b>	Ponto de articulação do segmento seguinte.....	151
<b>Quadro 3</b>	Ponto de articulação do segmento precedente.....	153
<b>Tabela 1</b>	Nº de ocorrências e percentagens de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental.....	127
<b>Tabela 2</b>	Ponto de articulação do segmento seguinte (Bilabial, Labiodental, Dental, Alveolar, Pós-alveolar, Palatal e Velar).....	157
<b>Tabela 3</b>	Ponto de articulação do segmento precedente (Bilabial, Labiodental, Dental, Alveolar, Pós-alveolar, Palatal, Velar, Uvular, Vogal, Semivogal e Pausa).....	159
<b>Tabela 4</b>	Posição do ditongo na palavra.....	160
<b>Tabela 5</b>	Tonicidade.....	160
<b>Tabela 6</b>	Valores de simetria e assimetria por distrito.....	166
<b>Tabela 7</b>	Percentagem das variações /ow/~oj/, /oj~/o/ e /ow~/o/ por distrito e valores de Correlação.....	168
<b>Gráfico 1</b>	Frequência do ditongo /ow/ em Portugal continental.....	128
<b>Gráfico 2</b>	Frequência do ditongo /oj/ em Portugal continental.....	128
<b>Gráfico 3</b>	Frequência do monotongo /o/ em Portugal continental.....	129
<b>Gráfico 4</b>	Frequências de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental.....	131
<b>Mapa 1</b>	Rede de localidades.....	81
<b>Mapa 2</b>	Localidades dos atlas linguísticos (ALPI, ALE e ALEPG).....	206
<b>Mapa 3</b>	Distribuição geográfica das palavras com ditongo <i>ou</i> proveniente de <i>au</i> latino e germânico.....	110
<b>Mapa 3.a.</b>	Continuação.....	112
<b>Mapa 4</b>	Distribuição geográfica das palavras com ditongo <i>ou</i> proveniente de <i>al-</i> .....	116
<b>Mapa 5</b>	Distribuição geográfica das palavras com ditongo <i>oi</i> proveniente de <i>-oríu-</i> , <i>-oria</i> e <i>-oct-</i> .....	118

<b>Mapa 6</b>	Distribuição geográfica das palavras com ditongo <i>ou</i> com outras origens.....	120
<b>Mapa 7</b>	Distribuição geográfica de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental (com co-ocorrentes).....	135
<b>Mapa 8</b>	Distribuição geográfica de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental.....	139
<b>Mapa 9</b>	Localidades com maior incidência do ditongo /oj/ em Portugal continental.....	141
<b>Mapa 9.a.</b>	Localidades com maior incidência do ditongo /oj/ em Portugal continental (em igual nº de ocorrência com outras variantes).....	214
<b>Mapa 10</b>	Delimitação da área geográfica com maior incidência do ditongo /oj/ em Portugal continental.....	143
<b>Mapa 11</b>	Distribuição geográfica dos sufixos <i>douro/doura</i> e <i>doiro/doira</i> .....	146
<b>Mapa 12</b>	Área de convívio do ditongo /oj/ (localidades onde tem maior predominância no norte e centro-norte de Portugal) e diversas realizações fonéticas de /ow/ e de /oj/.....	174
<b>Mapa 13</b>	Síntese.....	184

## INTRODUÇÃO

A variação entre os ditongos decrescentes *ou* e *oi* em determinadas palavras é plenamente aceite pelos falantes no português actual. Entre os vários exemplos temos: *ouro~oiro*, *louça~loiça*, *louro~loiro*, *douro~doiro*, *ouço~oiço*, *pousar~poisar*. Este trabalho procura investigar, partindo das observações feitas por Luís Filipe Lindley Cintra aquando da realização dos inquéritos para o *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI) em toda a extensão territorial portuguesa continental, observações expostas no texto que se toma como ponto de partida para esta dissertação, «Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico» (Cintra 1983: 35-54), se no território português continental existem diferentes áreas linguísticas onde o uso do ditongo *ou*, pronunciado como [ow] ou na sua forma reduzida [o], e o uso do ditongo *oi* se fazem com maior frequência ou predominância. Tomamos em consideração, nas secções onde apresentamos a resenha histórica e a revisão bibliográfica, os trabalhos feitos e as explicações dadas quer por autores portugueses quer estrangeiros sobre as diferentes questões que se prendem com este assunto como a origem da alternância entre os ditongos, as causas da expansão do ditongo *oi* a outras palavras, ou questões relacionadas com a ortologia e ortoépia dos ditongos, questões, todas elas, aliás, que já foram frequentes vezes analisadas. Neste trabalho, porém, procuramos confirmar as observações de Cintra quanto à distribuição do ditongo *oi* no território português continental, descrição geográfica que o A. fez de forma vaga e na qual identifica uma área de maior predominância onde a alternância e o maior uso de *oi* poderá ser uma forma de prevenir a monotongação e característica dos falares populares.

Para falarmos de Variação necessitamos ter algo com a qual a possamos comparar e que seja estável ou homogéneo. A linguagem humana é provida de diferentes variedades, existindo uma que elegemos como a Língua. As definições de diversos linguistas para a noção de língua não são consensuais.

Na *Breve Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha e Cintra (2006), língua:

(...) é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma colectividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.

(*Cunha / Lindley Cintra 2006: 1*)

Numa outra definição:

Língua, no uso mais comum, é uma noção político-institucional. Corresponde a um sistema linguístico abstracto que, por razões políticas, económicas e sociais, adquiriu independência tanto funcional como psicológica para os seus falantes. Dão conta do funcionamento desse sistema instrumentos próprios, tais como gramáticas, dicionários, prontuários (...).

(*Ferreira / Carrilho / Lobo / Saramago / Segura da Cruz 1996: 482*)

A Língua torna-se assim a norma. No caso do Português, a norma a seguir é o Português falado em Lisboa. Noutra instância, a Língua quando estudada numa perspectiva histórica relaciona-se com a noção de dialecto. Um dialecto pode a par de outras variedades tornar-se mais predominante e passar ao estatuto de Língua. Entende-se que o dialecto é uma variedade da Língua Oficial (sistema linguístico assim reconhecido). O estudo dos dialectos é de um grande interesse para os estudos da Linguística Histórica, pois devido aos seus antecedentes históricos, estes podem providenciar ferramentas de investigação e explicações úteis. A nossa língua (como qualquer outra língua) está sujeita a diferentes tipos de variação, variação essa causada por diversos factores de mudança: (i) variação diacrónica ou histórica (ao longo do tempo); (ii) variação diatópica ou geográfica (num espaço geográfico); (iii) variação diastrática ou social (a variação acontece entre diferentes grupos sociais, mas quando uma variedade é partilhada por um mesmo grupo social, alguns linguistas dão-lhe o nome de sociolecto; outra variedade existente dentro da variação social é o tecnolecto, variedade relacionada com o uso da língua em domínios específicos, por exemplo, técnico, científico, profissional, etc.); (iv) variação diafásica (variação relacionada com o tipo de discurso que o falante emprega, consoante a situação em que se encontre; pode-se ainda distinguir dentro da variação diafásica o idiolecto: o modo como cada falante usa a língua, segundo determinados hábitos discursivos).

No que se refere às noções de Dialecto e Falar, na acepção de Lindley Cintra, acepção que seguiremos neste trabalho, dialecto refere-se à variedade que define uma zona; falar à variedade que

se pratica numa localidade. Deste modo, na acepção da escola dialectológica a noção de falar é igual à de lococlecto: variedade local. Por outro lado, na acepção de Manuel Paiva Boléo (entre diversos trabalhos destaca-se o *Inquérito Linguístico Boléo* (ILB)), o dialecto é a variedade que apresenta maior grau de afastamento da língua padrão, enquanto falar é a variedade que apresenta menor grau de afastamento.

Nesta investigação, teremos como objectivos a distinção no país das zonas onde se diz *ouro*, *touro*, das zonas onde se diz *ôro*, *tôro* e *oiro*, *toiro*; *a posteriori*, verificar se o uso de *oi* em algumas zonas está relacionado com alguma tentativa de diferenciação vocálica por parte do falante, ou se existem outras causas extra-linguísticas, como por exemplo, factores históricos.

Na secção da metodologia apresentamos o processo de investigação do tipo de ocorrência atestada nas diferentes localidades e áreas geográficas, e os métodos empregues para determinar se existe alguma correlação entre o uso do ditongo *oi* e a monotongação.

Este trabalho indentifica-se com os trabalhos de natureza dialectológica, fazendo uso de alguns métodos empregues pela Geografia Linguística, ficando de fora a abordagem sociolinguística que poderia também ter, por razões que se prendem com os recursos necessários para empreender tal tarefa. Iremos, portanto, investigar somente os factores linguísticos e extra-linguísticos que possam estar subjacentes à variação entre os ditongos e o possível uso mais predominante de *oi* em algumas áreas. Os recursos que utilizamos também nos permitem fazer uma análise diacrónica, ou seja, verificar se existe alguma mudança linguística no que se refere ao comportamento dos ditongos no território português continental ao longo de uma determinada extensão temporal.

Antes de prosseguirmos para a revisão bibliográfica e secções seguintes, apresentamos de seguida uma resenha histórica abreviada onde tratamos a origem e evolução dos ditongos *ou* e *oi*; as primeiras datas em que os ditongos aparecem documentados (cronologias); e o período histórico-linguístico em que se iniciou a oscilação das grafias <ou> ~ <oi>.



# CAPÍTULO I

## BREVE RESENHA HISTÓRICA

### 1. Ditongo *ou*

#### 1.1. Origem e evolução

O latim clássico<sup>1</sup> contava com quatro ditongos decrescentes *ae*, *oe*, *au* e *eu* (muito raro). Neste trabalho iremos estudar formas que integram o ditongo românico *ou* proveniente do ditongo latino *au*, que, por sua vez, tem diversas proveniências. Apresentamos em primeiro lugar os casos em que *ou* provém de *au* primário (latino ou germânico):

1.1.1. *au* primário (latino ou germânico) passou a *ou*<sup>2</sup> no galego-português através de um processo de assimilação: a vogal assimilou os traços [+arredondado] e [-baixo] da semivogal. Exemplos: *tauru-* > *touro*, *paucu-* > *pouco*, *causa-* > *cousa*, *lauru-* > *louro*, *auru-* > *ouro*, *pausare* > *pousar*, *raupa* > *roupa*, *\*raubon* > *raubare* > *roubar*.

Após o tempo que compreende as invasões germânicas (séc. V), árabes (séc. VIII) e a reconquista cristã (séc. IX - XIII), o ditongo latino manteve-se conservado pela população moçárabe nos mesmos territórios onde, anteriormente (aproximadamente no séc. XI), este ditongo também existia (territórios correspondentes na actualidade a Portugal, Galiza e Leão ocidental). Na maior parte dos casos, nestes territórios, o ditongo evoluiu para *ou*, embora noutros casos ainda se mantenham alguns vestígios do ditongo primitivo.

No que se refere à evolução de *au* primário nas formas verbais latinas *laudare* e *audire* há que referir que *loar* e *oir* são formas galegas, ainda que tenham sido usadas extensivamente por

---

<sup>1</sup> O latim existiu em duas formas: o latim clássico, influenciado pelo grego, usava vários vocábulos, formas e construções dessa língua. Era empregue por Cícero, Vergílio, Horácio, Tácito, etc.. A este se opunha o latim vulgar, língua falada pelo povo: *sermo vulgaris, cotidianus, pleibeius, rusticus*. Segundo a definição de Vidos (1959: 201): “ (...) la lingua parlata da tutti gli strati della popolazione e in tutti tempi della latinità.” Foi levada pelos colonos, soldados, comerciantes romanos às diversas partes do império romano, adoptada pelos diferentes órgãos administrativos de diversos povos, e da qual provém as línguas românicas: Francês, Castelhana, Português, Italiano, Romeno, Provençal, Franco-provençal, Catalão, Sardo, Reto-romano, Galego, entre outras, como também diversos dialectos. Uma das consequências do domínio romano foi o desaparecimento gradual das línguas da península, com sobreposição do latim vulgar, escapando a este desaparecimento o Basco ou Euskara. Nos finais do séc. IV, o latim vulgar era a única língua falada em toda a península, com excepção do território onde se falava o Basco. A língua *romance* foi gradualmente dividindo-se noutras, entre as quais, na península, o Galego-português, Astur-leonês, Castelhana, Navarro-aragonês e Catalão. Cf. J. Nunes (1895: 251-253) e Cardeira (2006: 19).

<sup>2</sup> Nunes (*ob. cit.*: § 51) refere que o ditongo *au* é representado em Português pela forma *oi* ou *ou* “(...) que também se escreve *ô*, como sôa no dialecto algarvio (...)”, dando alguns exemplos com a primeira variante: *auru, oiro, lauro, loiro, thesauro, tesoiro, pauco, pouco, caule, couve*.

trovadores portugueses. Herculano de Carvalho<sup>3</sup> contraria a ideia de que *louvar* e *ouvir*, no Português, provenham das formas monotongadas *\*lodare*, *\*odire*, como crê J. Joaquim Nunes<sup>4</sup>, referindo-se à monotongação no latim de *au* em palavras como *cauda* > *coda*, *fauce-* > *\*foce*, e, por seguimento de ideias, *gaudere* > *\*godire* > *goir*, *claudere* > *\*claudire* > *choir* e *enchoir*, *caulis* > *caule* > *\*cole*. Herculano de Carvalho ao examinar estas formas, diz:

(...) parece-me que desde já podemos concluir, sem receio, que as formas monotongadas dos continuadores galego-portugueses daqueles étimos representam de facto, como *supus*, um particularismo dialectal galego. *Loar* e *oir* são pois galeguismos que a linguagem poética trovadoresca aceitou (...).  
(Carvalho 1954: 228-229)

1.1.2. No que se refere ao ditongo *ou* proveniente de *au* secundário, apresentamos as diversas origens do ditongo latino formado no período do latim vulgar:

1.1.2.1. *au* formou-se por atracção de *u* da sílaba seguinte e evoluiu para *ou*, exs.: *sapũit* > *saube* > *soube*, *habũit* > *hauve* > *houve*;

1.1.2.2. *au* formou-se por síncope de consoante e evoluiu para *ou*, eg.: *vado* > *vou*;

1.1.2.3. *au* formou-se a partir das formas verbais de 3.<sup>a</sup> pessoa do pretérito perfeito em *-auit-* com queda da vogal *i* e evoluiu para *ou*, exs.: *amãuit* > *amaut* > *amou*;

1.1.2.4. *au* formou-se a partir da semivocalização de *l* quando seguido de *a* e evoluiu para *ou*<sup>5</sup>, exs.: *altarĩu-* > *autarĩu-* > *outeiro*, *altěru-* > *autro* > *outro*, *calce-* > *couce*, *falce-* > *fouce*;

<sup>3</sup> Cf. José G. Herculano de Carvalho (1954: 218-232).

<sup>4</sup> J. Joaquim Nunes (1930: § 33, Observação III).

<sup>5</sup> Serafim da Silva Neto (1979: 198, § 40) pensa que a semivocalização do *l* depois de *a* já acontecesse em finais do período latino. Sobre a semivocalização da consoante *l* em *u* e sobre a proximidade fonética que existe entre os dois segmentos veja-se o que diz Joseph M. Piel (1932: 100-101): “ (...) a transformação de *al* em *ou* é um fenómeno instável, facilmente susceptível de redução, que o *l* seguindo *a* com a mesma facilidade se vocaliza em *u*, como êste *u* regressa a um *l* velar. O limite da consoante e da vogal é tão impreciso, os dois sons estão tão próximos um do outro, que a língua hesita entre êles. Um exemplo interessantíssimo é *palpar* e *poupar*”. Williams (1994: § 94, I A e B) diz que a vocalização do *l* foi uma “modificação precoce”; ocorreu em todo o território românico, com a excepção da Roménia e Itália (italiano literário); não ocorreu nos empréstimos árabes (*al* + consoante), germânicos (antropónimos e topónimos) e nem nos grupos românicos. Menéndez Pidal (*apud* Williams) justifica a ausência da vocalização de *l* em algumas palavras como sendo uma reacção erudita do séc. XII, exs.: *altum* > *alto*, *palpāre* > *palpar*, *calceāre* > *calçar*. No entanto, as duas formas podem co-existir (eg.: *poupar* ~ *palpar*) e segundo Pidal são formas populares que evidenciam uma grande instabilidade do *l*.

1.1.2.5. o ditongo *ou* também se formou a partir da semivocalização de *c* do grupo *ct* quando precedido por *o*, exs.: *octubriu* > *outubro*, *doctor* > *doutor*.

## 1.2. As primeiras atestações

No que se refere à cronologia do ditongo românico, i.e., as primeiras datas conhecidas em que *ou* aparece documentado, temos algumas referências, ou datações prováveis, em trabalhos de diferentes autores:

1.2.1. Numa análise crítica que Piel<sup>6</sup> faz a um trabalho de Harri Meier, o A. supõe que para a cronologia da evolução de *au* para *ou* no Galego-português nós possamos recuar até ao séc. X: *MOURLI* (924) (*Portugaliae Monumenta Historica*, Dipl. 18); *LOUREIDO* (938) (*Portugaliae Monumenta Historica*, Dipl. 28).

1.2.2. Kurt Baldinger (1972: 40) acrescenta um outro exemplo dado por Machado: *POUSADA* (959).

1.2.3. Quanto ao ditongo *ou* refere Cintra no seu artigo (1983: 47) que Menéndez Pidal o atesta em textos do ocidente peninsular a partir do século XI. Em *Orígenes* (1950: §19, nota 1), Pidal, recorrendo aos *Portugaliae Monumenta Historica*, refere que as citadas ocorrências de *ou* são escassas, mas que já se atesta a oscilação entre o ditongo latino *au* e o ditongo românico *ou*:

Hasta el año 1050 sólo hallo *Mouran* 1008 (198°), frente a *Mauran* 1039 (308°) y *Maurane* 1042 (321°) (no entra aquí *prou* < prope 1044, 335°); lo corriente es *paucu*, *pausata*, *ausatus*, *maurus*, etc., de que hallo unos 15 ejemplos hasta el año 1050.  
(Pidal 1950: §19, nota 1)

No mesmo ponto Pidal dá vários exemplos da passagem de *au* a *ou* nas regiões central e oriental leonesas e também na Catalunha, ficando de fora Castela e Aragão.

1.2.4. Huber (1933: § 82) apresenta alguns exemplos da passagem de *au* a *ou* datados dos séculos XII e XIII: *cautu* > *couto* (1192), *alteru* > *\*autro* > *outro* (1192).

---

<sup>6</sup> Joseph Maria Piel (1933-1934: 185-192).

1.2.5. Ana Maria Martins, numa análise crítica que faz aos mais antigos textos portugueses<sup>7</sup>, atesta a oscilação <au> ~ <ou> na *Notícia de Torto*, documento dos princípios do século XIII (aproximadamente 1214). Num outro documento, o *Testamento de Afonso II* (1214), já se nota a presença sistemática do ditongo *ou*.

Sobre a *Notícia de Torto* (documento que evidencia, em conjunto com outros da mesma época, o esforço dos notários para representarem novos fonemas com os grafemas latinos disponíveis), Ana Maria Martins refere que a representação dos ditongos decrescentes [ej] e [ow] é muito instável (cf. p. 501). Neste documento regista-se com frequência a alternância entre <au> e <ou>, exs.: *Laurêzo*, *Lourêzo*, *Laurencio*, *Laurêcio*.

Noutro documento analisado pela mesma autora, *O Testamento de Sancha Martins* (1252) a A. chama a atenção para o aparecimento de uma forma gráfica rara para representar o ditongo [ow]: *obs «aos»*<sup>8</sup> (cf. 1999: 501-502).

O *Testamento de Afonso II* (cf. Martins 1985: 94) produzido na Chancelaria régia, já apresenta uma maior estabilidade das formas romances, com escolhas e convenções que evidenciam o começo de um delinear de normas gráficas<sup>9</sup>. Em ambas as versões (manuscrito de Lisboa, manuscrito de Toledo) o ditongo [ow] (<au>) é sempre grafado com <ou> nas cinco palavras em que ocorre, exs.: *cousas* < *causas* , ou < *aut*, *tesoureiro* < *thesaurariū*, *tesouro* < *thesauru*, *tesouros* < *thesauros*.

1.2.6. Uma outra autora, Rosa Virgínia Mattos e Silva, analisa as diversas estruturas do português trecentista com o objectivo de fornecer elementos para constituição de uma gramática do português arcaico, usando um documento medieval português *Os Diálogos de São Gregório*<sup>10</sup>. No *corpus* analisado o ditongo *ou* provém de *au* primário: *cousa*, -s; ou é secundário (*ou* < *al*): *outro*, -a, -s, *outren*, *fouce*; regista-se, ainda, em formas do perfeito de *haver*; e ainda em *dous* (< *duus*).

<sup>7</sup> Ana Maria Martins (Martins 1999).

<sup>8</sup> Os exemplos que apresentamos servem para mostrar a instabilidade gráfica. Encontram-se no mesmo documento formas “experimentais” como *pezena* «pequena», *hegte* «Este», *quitazio* «quitaçõ».

<sup>9</sup> Cf. Castro (2004: 77): “A produção frequente de documentos em português é conhecida a partir da segunda metade do séc. XIII: em 1255 começam a ser escritos em português alguns dos documentos saídos da chancelaria de Afonso III, embora uma parte se mantenha em latim, e é só em 1279, com D. Dinis, que se torna sistemático o uso do português como língua dos documentos emanados da corte, uso que progressivamente é imitado pelos restantes centros produtores”.

<sup>10</sup> Cf. Mattos e Silva (1989: 86-87).

1.2.7. Clarinda de Azevedo Maia (1986) num estudo a um *corpus* de 168 documentos não literários da Galiza e do Minho, escritos entre 1255 e 1516, apresenta vários exemplos de *ou* (< *au* primário e secundário; formado a partir da síncope de *i* nas formas verbais *-auit-*; e resultante da semivocalização de *c* do grupo *-ct-*), ditongo muito frequente tanto nos documentos galegos como portugueses, quer em sílaba tónica quer em sílaba átona, exemplos em documentos portugueses dos séculos XII a XVI<sup>11</sup>.

1.2.8. Em *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*, Lindley Cintra estuda a linguagem dos Foros (ou Costumes) na região de Riba-Coa ou Riba-de-Coa: Castelo Rodrigo (língua galego-portuguesa), em confronto com a linguagem de Castelo Melhor, Alfaiates, Castelo Bom, Coria, Cáceres e Usagre (língua leonesa e alguma influência castelhana). O interesse desta região prende-se com antecedentes históricos comuns portugueses e leoneses. O A. faz este estudo como uma contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII. Numa secção final conclusiva do estudo o A. apresenta uma série de particularidades da linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo (que tem por base a língua galego-portuguesa) que a distingue de outros textos da mesma família: a) são galego-portuguesas as seguintes soluções e tratamentos fonéticos: a transformação do ditongo *ou* em *oi*, *coyto*<sup>12</sup> (único exemplo); conservação muito frequente do ditongo *ou* (e *ei*), exceptuando as formas verbais de perfeito nos verbos em *-ar* ou futuro do indicativo; b) é solução fonética quer do galego-português quer do leonês a formação do ditongo *oi* a partir da atracção de *i* da sílaba seguinte; c) é tratamento fonético leonês e castelhano a monotongação de *ou* > *o* (e de *ei* > *e*) que alterna com a conservação que se faz dos ditongos no galego-português (cf. Cintra 1984: §§ 2, 3 e p. 497-500).

<sup>11</sup> Exemplos, proveniências e datas: *cousa*: Terra de Faria, Minho 1281; Mira Gaia, Douro Litoral 1309; Maia, Douro Litoral 1315; Cabeceiras de Basto, Minho 1345; Prado, Minho 1327; *cousas*: Terra de Faria, Minho 1317; São Pero de Rates, Douro Litoral 1285; Miragaia, Douro Litoral 1309; Maia, Douro Litoral 1313 (2 documentos); Maia, Douro Litoral 1345; Maia, Douro Litoral 1454; Guimarães, Minho 1281; Braga, Minho 1303; Braga, Minho 1331, 1334 (2 documentos); Guimarães, Minho 1335; Maia 1448; *oulyvez* “*ourives*”: Cerdal, Minho 1401; *outoridade* “*autoridade*”: Cabeceiras de Basto, Minho 1348; *llouuarã*: Vairão, Douro Litoral 1472; *ouuryrê*, *ouuyr*: Maia, Douro Litoral 1284; *ouuir*: Terra de Faria, Minho 1317; *ouuyrem*: Maia, Douro Litoral 1287, 1315; *ouuir*: Maia, Douro Litoral 1282; São Pedro de Rates, Douro Litoral 1285; Terra de Faria, Minho 1317; *ouuyren*: Maia, Douro Litoral 1313 (2 documentos); *ouujdor*: Valença, Minho 1407 (2 documentos); *ouuydor*: Valença, Minho 1411; *ouuydores*: Maia, Douro Litoral 1345; *aprougue*, *aprouguer*: Braga, Minho 1331; *prouue*: Maia, Douro Litoral 1454; Valença, Minho 1411; *prouger*: Maia, Douro Litoral 1448; *prouuer*: Maia, Douro Litoral 1454; *ouuemos*: Maia, Douro Litoral 1284; *ouuera*: Valença, Minho 1411; *ouuerã*: Braga, Minho 1331; *ouuesse*: Cabeceiras de Basto, Minho 1348; *ouuer*: Miragaia, Douro Litoral 1309; Maia, Douro Litoral 1454; Braga, Minho 1334; *ouuer*: Braga, Minho 1334 (2 documentos); *trouxeram*: Maia, Douro Litoral 1448; *confessou*: Maia, Douro Litoral 1289; *entregou*: Maia, Douro Litoral 1282; *entrou*: São Pedro de Rates, Douro Litoral 1285; *mostrou*: Maia, Douro Litoral 1315; *outorgou*: Maia, Douro Litoral 1289; *Outeiro* (*top.*): Guimarães, Minho 1335; *Baloutos* (*top.*) (< do adjectivo *altus*): Cabeceiras de Basto, Minho 1348; *Outubro*: Prado, Minho 1327; Vairão, Douro Litoral 1472. Cf. Maia (1986: 548; 550; 552; 554 e 555).

<sup>12</sup> Cf. p. 174, nota 47: “Além de *couto* e *coto*, encontra-se, desta palavra, a importantíssima variante *coyto*, uma só vez, na rubrica de I, 2, tal como aparece incluída, no índice do livro, fol.1r do mss. Trata-se de um dos mais antigos exemplos até agora assinalados da

### 1.3. Monotongação: origem

1.3.1. Cintra (1983: 47-48) ao mencionar os primeiros exemplos dos ditongos *ei* e *ou* documentados em textos antigos do ocidente peninsular, refere a propensão destes para a monotongação, visto de um ponto de vista articulatorio os dois elementos serem próximos. Refere que esta monotongação já acontecera em quase toda a România.

Dos quatro ditongos decrescentes existentes no latim clássico *ae*, *oe*, *au* e *eu*, o único que não monotongou de forma regular no latim vulgar foi *au* (a monotongação deu-se sensivelmente a partir dos sécs. VI-V a.C.)<sup>13</sup>. Este ditongo manteve-se durante o período latino, mas em determinadas regiões da Itália, com a sobreposição do latim a certos falares itálicos, sofreu a monotongação. Segundo Vidos (1959: 198)<sup>14</sup>:

(...) è un tipico segno di distinzione tra i dialetti della regione dei Falisci, Volsci e Umbri e la lingua di Roma (per es. a lat. *au* corrisponde in umbro un *o* molto chiuso) (...) Il rustico *o*, invece di *au*, arriva a Roma verso la fine del II sec. a.C. e si diffonde tra gli strati sociali inferiori della popolazione.  
(Vidos 1959: 198)

Segundo Câmara Jr. (1975: 67): “(...) os exemplos esporádicos de *o* (*paupere* > pobre) devem ser formas trazidas do latim vulgar de Roma para a província”. O uso de *o* em vez de *au* é visto como um traço dialectal. Com a expansão do Império Romano expandiram-se também algumas formas monotongadas: *\*foce*, *\*popĕre*, *\*affocare* (*de faux*), *oricula*, *coda*, *copo*, *olus*, *Clodius*, *lotus*.

Os casos de monotongação que iremos estudar referem-se a uma monotongação que, segundo

---

passagem em certos casos de *ou* > *oi*, característica do galego-português e de certos falares asturianos ocidentais. O manuscrito – por acaso no texto do mesmo título I, 2 – contém também um dos exemplos mais antigos que conheço da correspondente passagem de *oi* > *ou* (aliás, reduzido a *o*); não se encontra, contudo, na parte do texto devida ao mesmo copista, mas num acrescento de outra mão aparentemente contemporânea. É a palavra: *Doro*; o copista tinha escrito, imediatamente antes deste acrescento: *Doyro*.”

<sup>13</sup> Exemplos da evolução dos ditongos latinos em algumas línguas românicas:

- *au* passou a *ou* (latim vulgar) ou a *o* fechado (sécs. VI-V a.C): port. *ouro*, esp. e it. *oro*, fr. *or*;
- *ae* passou a um *e* aberto (séc. I d.C.): *caelu* > port. *céu*, esp. *cielo*, fr. *ciel*, it. *cielo*;
- *oe* passou a um *e* fechado (séc. I d.C.): port. *stoeba* > *esteva*, esp. e it. *poena* > *pena*, no fr. *peine*;
- *eu* passou, na linguagem popular, a um *o* aberto: port. *Eulália* > *Olália* ou *Olalha*; *Eugênio* > *Ogênio*.

Outro exemplo, mas com metátese: *leuca* > *légua*. Este ditongo aparecia num número muito reduzido de palavras. Noutro tipo de evolução, o ditongo *au* fica reduzido a *a*, exs.: *auscultare* > *ascultare* > port. *escutar*; *auguriu* > *aguriu* > port. *agoiro*; *augustu* > *agustu* > port. *agosto*. Silva Neto (1979: 198, § 41) pensa que a redução se dê por na sílaba seguinte existir uma vogal *u*. Amado Alonso, autor citado pelo primeiro, crê que se deva no caso de *auguriu* e *augustu* a uma assimilação ao *g*, visto que em *autumnu* (por.t *outono*) e *aurundu* (esp. *orondo*) essa redução não acontece.

Cintra, terá surgido no sul em território que viria a ser português a partir dos sécs. XII-XIII. O A. supõe qual possa ter sido a sua origem e os seus processos de expansão:

Compreende-se facilmente como, apesar do grande conservantismo da zona periférica constituída pelo extremo ocidente da Hispânia, manifestado em tantos aspectos, surgiu nela um foco de monotongação de acção paralela à dos que se encontravam, provavelmente desde época mais antiga, ao centro e a leste da Península (se é que a monotongação não foi transportada para essa parte da Ibéria no próprio latim dos colonizadores, segundo prefere supor Harri Meier). O foco ocidental de monotongação, como no-lo faz ver claramente a actual distribuição geográfica, estava situado no sul do que, a partir dos sécs. XII-XIII, veio a ser o território português (...) Faltam-nos por enquanto dados sobre a cronologia dessa expansão – que, talvez iniciada durante os sécs. XIII-XIV, certamente se acentuou quando, em fins deste último século e na primeira parte do seguinte, a população do Sul do país, sobretudo do Alentejo, adquiriu papel preponderante nos exércitos e na corte de D. João I.  
(*Cintra 1983: 47-48*)

Paiva Bóleo (*apud* Cintra) estranha que a monotongação tenha surgido no sul por nela se encontrar uma zona moçárabe com fortes características conservadoras, população que conserva os ditongos latinos *ai, ei, au e ou*. Cintra explica o surgimento da monotongação a partir do seu foco meridional por nesta ter existido, a par da zona moçárabe, uma zona de colonização, de repovoamento, zona onde várias gentes de várias origens se cruzavam, podendo desta forma terem existido diversas inovações linguísticas, as quais foram aceites e propagadas a outras zonas geográficas. Acrescenta Cintra que a expansão de [o] se deu de forma mais rápida que a de [e], como a actual distribuição geográfica deixa ver.

Diferem de opinião outros autores sobre a data do começo da monotongação; por exemplo, o gramático E. B. Williams pensa que a data provável para a monotongação de [ow] tenha sido o séc. XVI (cf. Williams 1994: § 33 4 A). Em *Introdução à História da Língua Portuguesa* (2008), Jaime Ferreira da Silva e Paulo Osório dão uma data provável para a monotongação: “Os começos deste fenómeno datam, provavelmente, do século XVII. Invadiu todo o Sul e o Centro, até Aveiro, ficando, mais uma vez, no Norte, um arcaísmo ainda hoje vivo” (cf. p.97).

---

<sup>14</sup> Num passo do latinista Jules Marouzeau transcrito por Silva Neto (1979: 197, n. 36) é possível entender-se como foi aceite o carácter “rústico” das palavras monotongadas atribuído às gentes do campo: “ ‘La voyelle est réduite dans *orata*, nom d'un poisson de mer, donc étranger à langue de Rome; dans des termes que désignent des choses lauriers, *plosirum* = chariot. C'est sans doute par les gens de la campagne que sont venues des prononciations comme celle de *oricula* ou *oricilla*, formes attestées dans un diction (Cic., Ad Quint. fr. II, 15,4: “*oricula infima molliorem*”; Catulle 25,2: “*mollior imula oricilla*”, ou celle de *clodicare*, don't s'amuse Cicéron (De orat. II, 61, 249) (...)’ ”.

## 1.4. As primeiras atestações

1.4.1. José Leite de Vasconcelos na *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1970: § 56-e), exemplo também citado por Cintra no seu artigo, faz menção de um caso de homofonia causada pela redução do ditongo numa palavra:

Dans la *Feira d'anexins* de Dom Francisco Manoel de Mello (XVII<sup>e</sup> siècle), Lisbonne 1875, p. 168, cet auteur fait un jeu de mot avec *osso* e *ouço*, ce qui montre qu'il prononçait *ô* la diphtongue *ou* (ou au moins il prononçait *ôu* avec un *u* très assourdi).  
(*Vasconcelos 1970: § 56-e*)

Cintra refere que este é um exemplo ilustrativo da penetração da monotongação na linguagem culta no século XVII e que o gramático Fr. Luís do Monte Carmelo (1767) assim o confirma (cf. Cintra 1983: 48). Na *Esquisse*, Vasconcelos acrescenta mais um exemplo de monotongação nas poesias apócrifas traduzidas para o Português por Fr. Joseph Pereira de Sant'Anna, *Chronica das Carmelitas*, poesias transcritas de um manuscrito de Fr. Jeronymo de Encarnação e que representam a linguagem usada na Estremadura: “Cependant si les poésies sont apocrythes, elles contiennent plusieurs traits du langage populaire des XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles, par ex. (...): *ropa* = *roupa*, (...)” (cf. 1970: §15).

## 2. Ditongo *oi*

### 2.1. Origem e evolução

Quanto ao ditongo *oi* românico, este tem diversas proveniências, as quais apresentamos em baixo:

2.1.1. *oi* pode ser formado a partir da atracção do iode primário da sílaba seguinte (casos de metátese), exs.: *cõřium* > *coiro*, *tonsõřia* > *tesoira*, sufixo *-toriu* > *-dorio* > *doiro*, sufixo *-orium* > *oiro*, *\*mõřio* (verbo *mõřior*) > *moiro*.

Segundo Williams (1994: §37 2. A.) quando a vogal *o* e o iode estão separados por um *r* dá-se a modificação para *oi*. A mesma modificação acontece em palavras eruditas que se encontrem nas mesmas condições, usadas na fala popular contemporânea: *histōrĭa-* > *história* > *histoira* (popular); *memōrĭa-* > *memória* > *memoira* (popular). O mesmo acontece nos casos em que o *o* e o iode estavam separados por um *m* ou *n*: *cōmēdo* > *comeo* > *coimo* (arcaico); *daemōñiu-* > *demônio* > *demoino*;

2.1.2. *oi* pode ser formado por semivocalização de *c* do grupo *ct*, exs.: *nocte-* > *noite*, *octo* > *oito*.

É no período situado entre os séculos V e VIII que se dá a evolução da consoante *c* do grupo latino *-ct-* para *-yt-* (eg.: *nocte-* > \**noyte* > *noite*) (cf. Silva / Osório 2008: 51).

Sobre este tipo de evolução há a salientar o papel do substrato celta, que, segundo Silva Neto, poderá ter contribuído para a semivocalização da consoante *c*:

Maior solidez parece ter a hipótese que atribui ao céltico o tratamento do grupo consonantal *ct*, o qual, nas áreas ocupadas por esses aloglotas, conduz à vocalização do primeiro elemento: *nocte* > fr. *nuit*, \*esp. *noche*, port. *noite*, etc.

(Silva Neto 1979: § 46, p.146).

2.1.3. *oi* pode ser formado como resultado da queda de consoantes intervocálicas eg.: *boves* > *boes* > *bois*<sup>15</sup>.

## 2.2. As primeiras atestações

2.2.1. Maia dá várias ocorrências nos textos medievais galegos e portugueses de *oi* primário e secundário. Os exemplos em textos portugueses são: a) *Doíjro*, Maia, Douro Litoral 1484 (o sufixo *-orriu* encontra-se sempre representado por *-oiro*; mantém-se em parte no português, em galego e nos falares asturianos ocidentais); b) *moyto(s)*<sup>16</sup>, Braga, Minho 1303 (única ocorrência

<sup>15</sup> Serafim de Silva Neto crê que a forma *boi* no português, proveniente de *boe*, seja o resultado de uma dissimilação das labiais, ou uma flexão \**bos*, *ois*, em vez de *bos ovis* (1979: 208, § 55).

<sup>16</sup> Alonso Zamora Vicente (1984: 35-44), num artigo no qual expõe o seu estudo sobre a oscilação dos grupos *-uit-* *-oit-* no galego

deste ditongo com *oi* < semivocalização de *l* do grupo *lt*; o uso mais frequente no português é com inflexão da semivogal: *muyta(s)*, *mujto*, *muyto(s)*, em textos dos sécs. XIII, XIV e XV; c) *Oytubro*, Cerdal, Minho 1401; *oytêta*, Valença, Minho 1411 (*oi* < semivocalização de *c* do grupo *ct*). Num documento galego proveniente de Lugo a A. regista *oyve* “houve” (cf. p. 553). Maia diz tratar-se de um exemplo na Galiza da passagem de *ou* > *oi*, ocorrência que se dá no domínio linguístico galego-português e em alguns falares asturianos ocidentais.

### 3. A alternância *ou* ~ *oi*

#### 3. 1. As primeiras atestações

Quanto à data em que se verifica a oscilação gráfica entre <ou> e <oi> temos os seguintes dados:

3.1.1. Maia diz que o *c* do grupo latino *-ct-* teve 2 evoluções: semivocalizou para [j] ou para [w]. As duas formas estiveram em variação a partir do século XIII, ou possivelmente desde o período das origens. A A. dá alguns exemplos deste tipo de variação em documentos galegos e portugueses: *adoutivo* (1450 Lugo), *doutor* (1280 Pontevedra; 1414 Lugo), *Outubro* (1327 Minho; 1472 Douro Litoral; 1410 Lugo); *Oytubro* (1401 Minho; 1401 Minho; 1278 Lugo; 1302 Orense; 1348 Orense), *Oytobro* (1267 Orense) (cf. 1986: 555-556).

Para além destes, temos o já referido exemplo num documento de Lugo *oyve* “houve”; outros exemplos citados pela autora: num documento português de Ferreira de Aves (1270) está escrito *oytubro*, e num outro com a mesma proveniência, ou seja, do mesmo notário, está escrito *outubro*.

Em *Crónica da Ordem dos Frades Menores*<sup>17</sup>, texto do séc. XIII, manuscrito do séc. XV, surge

---

moderno, confronta alguns casos com o português, e observa que nesta língua: “*Es evidente que las formas en ui revelan un estado más arcaico*”. No português formas como *luito* (< *lucto*); *luita* e *luitar* (< *lucta*); *conduito* (< *conductu*); *fruito* (< *fructu*); *enxuito* (< *exuctu*) reduziram-se no português moderno e passaram a *luto*, *luta*, *conduto*, *fruta*, *enxuto* (cf. Nunes 1930: 128). O A. destaca que esta oscilação, no galego, nunca ocorre com o ditongo formado por *o* e *i*: *coiro*, *salmoira*, *versadoiro*, etc. O ditongo *ui* no português conserva-se em algumas áreas mais arcaicas no Minho e Trás-os-Montes e como diz Leite de Vasconcelos na *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901: 110): “*Quelques mots qui, dans l'ancienne langue, avaient cette diphtongue, et qui ne l'ont plus aujourd'hui dans la langue littéraire, la conservent dans le parler populaire: truita < tructa, fruito < fructu, chuiva < pluvia.*” A partir do mapa da distribuição geográfica dos grupos *-uit-* e *-oit-* (cf. p. 38) podemos ver que a vitalidade do ditongo *oi* é muito grande. Outra observação também é feita pelo A. do artigo: a de que a existência de *ui* na larga faixa oriental é marca da “linha de trânsito” entre o galego e o leonês; enquanto os ditongos decrescentes *ei* e *ou* avançam no território leonês, *ui* avança nas terras galegas.

<sup>17</sup> Nunes (1918, Vol. I: 292 e Vol.II: 325).

*oytavario* e *outava* (p.292); *outavo*, *oyto* (p.397). No *Livro de Falcoaria de Pero Menino*<sup>18</sup> (séc. XIV) regista-se por duas vezes *couro* (p. 3 XVII.º; p. 35) em vez de *coiro*. Em documentos do Algarve<sup>19</sup> (1332-1414) ocorrem alguns casos de alternância entre os ditongos: *Dois* (p. 417), *Moyros* em variação com *Mouros*) (p.420), *coizas* e *coiza* (em variação com *Couza*) (p. 477).

Em *Etnografia Portuguesa*<sup>20</sup>, Vasconcelos mostra alguns exemplos de *Douro* (topónimo) em documentos dos séculos XIV e XV, em convívio com a forma etimológica, já depois de se ter dado a metátese, *Doiro/Doyro* (cf. p. 45).

3.1.2. Mattos e Silva (1989) apresenta algumas hipóteses: no *Orto do Esposo*, finais do séc. XIV, verifica-se a seguinte grafia *nuoyte* - ocorrência que Mattos e Silva interpreta como podendo ser um indício da variação *ou ~ oi* - a par de *noyte* que ocorre 6 vezes.

Também noutro exemplo citado por Mattos e Silva, este na tese de Richard D. Abraham, trabalho feito sobre o texto medieval *Barlaam e Josaphat*<sup>21</sup>, texto do último quartel do séc. XVI, o autor diz existir somente um caso de variação *ou~oi*:

The diphthongs *ou* and *oi* are not confused; cf. *ouro* (11 vo, 8) and *coyro* (7 vo, 4); except in one case, i.e., *noute* (13 vo, 3; 18 vo, 19; 33 ro, 7); cf. *noyte* (12 ro, 25) which occurs four times”  
(Abraham 1938: § 28)

3.1.3. Lindley Cintra encontra duas oscilações em documentos do século XIII (cf. *Foros* e nota 12 em rodapé): *coyto ~ couto ~ coto*; *doyro ~ Doro* (no galego-português);

3.1.4. Lindley Cintra no artigo que tomamos como base para esta dissertação, apresenta dois casos datados do séc. XIII: *courelam* < *quadrella* em variação com *coyrelam*, *Livro dos Bens de D. João de Portel*, doc. datado de Óbidos de 1252 (a cópia no cartulário é muito posterior, segundo diz Cintra nos *Foros* (p.175, nota (47))); trata-se este de um falso latinismo mas exemplo de substituição de *ou* por *oi*. O outro exemplo é de Évora onde aparece *oitubro* em vez da sua forma mais corrente *outubro* (cf. 1983: 51).

<sup>18</sup> Lapa (1931: 3 e 35).

<sup>19</sup> Iria (1956, Vol.II, tomo II: 417- 422; 476- 477).

<sup>20</sup> Cf. Leite de Vasconcelos (1942: 44-45).

<sup>21</sup> Abraham (1938).



## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para o que nos interessa, é necessário fazer a revisão bibliográfica sobre o que diversos autores, de forma mais aprofundada ou não, e assumindo diferentes pontos de vista, já disseram sobre a variação dos ditongos *ou* e *oi* no português. No português actual a alternância entre os dois ditongos ocorre num grande número de palavras, e as explicações para a ocorrência dessa alternância são várias. Essa alternância, não é, contudo, um fenómeno exclusivo do Português, ou somente conhecido das línguas românicas mais ocidentais<sup>22</sup>. No domínio românico, no Provençal antigo (*La langue d'oc*) temos alguns exemplos: *mou~moi*, *roure~roire* (cf. Grafström 1958: §19). No francês antigo temos os pares *blou~bloi*, *pou~poi* (cf. Hasselrot 1945: 284-292 e Malmberg 1944: 8-17). Na literatura principal em que nos apoiamos, encontramos diversos autores tentando justificar a variação *ou* ~ *oi* através de diferentes teorias. Apresentamos de seguida um resumo delas<sup>23</sup>.

### 4. Referências em gramáticos e ortógrafos

#### 4.1. Gramáticos

- Nas duas primeiras gramáticas da língua portuguesa, *Grammatica da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536) e *Grammatica da lingua portuguesa* de João de Barros (1540), não existe qualquer menção sobre a variação dos ditongos; em determinadas palavras como *cousa* e *oito*, conserva-se a etimologia dos ditongos. Também se regista *dous*.

#### 4.2. Ortógrafos

Quanto ao posicionamento de alguns dos ortógrafos dos sécs. XVI, XVII e XVIII perante a oscilação e pronúncia dos ditongos *ou* e *oi*, apresentamos somente alguns exemplos:

---

<sup>22</sup> Leif Sletsjoe (1966: 301-311), diz que se pode encontrar casos de alternância no provençal e arménio arcaico. Para este último cita o trabalho de Antoine Meillet *Esquisse d'une grammaire comparée de l'arménien classique*.

<sup>23</sup> Para um assunto que já foi debatido várias vezes e por diversos autores, a selecção da bibliografia de referência tentou ser a mais abrangente possível, embora, necessariamente, selectiva quanto ao nº de obras, artigos, etc. a referenciar.

4.2.1. na *Ortografia da Língua Portuguesa* de Duarte Nunes de Leão (1576: 31-32) encontramos os ditongos *ou* (*ouro, louro, rouco* < *au* latino) e *oi* (*noite, coiro*) diferenciados na sua etimologia e sem qualquer menção a que existam casos de alternância gráfica ou de pronúncia.

4.2.2. Franco Barreto em a *Ortografia da Língua Portuguesa* (1671) dá exemplos de confusão entre os ditongos em algumas palavras: *coufa, couro, couto, açoute, estouro, mouro, ouro, tesouro* (cf. cap. XXIII: §16 e 17). Acrescenta também um único exemplo que comprova a alternância dos ditongos no séc. XVII: *denoute~denoite*. A forma correcta é com <ou>, mas a palavra é frequentemente grafada com <oi>, o que denota a pronúncia nessa época.

4.2.3. D. Jeronymo Contador de Argote *Regras da lingua Portugueza* (1725)<sup>24</sup> faz uma descrição da distribuição dialectal dos ditongos num discurso entre o Mestre e o Discípulo:

*M- E em que differe o Dialecto da Beyra do da Estremadura?*

*D- Differe na pronuncia, porque ao ditongo Ou sempre pronunciaõ Oy, a Ouvir dizem Oyvir, a Couves dizem Coyves. Esta pronuncia se reteve no Dialecto da Estremadura em muytas palavras, porque ao Couro dizemos Coyro, ao Mouro Moyro, ao Touro Toyro (...).*

4.2.4. João de Moraes Madureyra Feijó, em a *Orthographia ou Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Língua Portugueza* (1734), o ditongo *oi* aparece como variante de *ou* de forma bastante difusa; no entanto o A. apresenta esses casos como “erros” nas suas “emendas”<sup>25</sup>. Quanto às regras de pronúncia dá 3 exemplos de variação em palavras provenientes de *-oct-*:

Dezoito. Não tem e depois do z, porque se segue vogal, e faz synaléfa. Outros dizem Dezouto, porque pronunciaõ outo. Também não vejo, porque se há de verter do Latim octo outo, mudando o c em u, e não oito, mudando o c em i. E como não há mais razão para hum, que para outro, aqui prevalece o uso mais commum, que he oito, dezoito.

(*Madureyra Feijó 1734: 276*)

Mais adiante diz quanto a um outro numeral: “Oito. por uso, e não Outo” (p.418). Mas na Terceira Parte: “Erros communs da pronunciação do vulgo, com suas emendas em cada letra”,

<sup>24</sup> V. Castro (2006: 221).

<sup>25</sup> Cf. Terceira Parte “Erros communs da pronunciação do vulgo, com suas emendas em cada letra” (p. 163 em diante). Exs.: Erros: *Coiciar, Coice, Coira, Coiraça, Coisa, Doidice, Doido, Doidejar, Doirado, Dourar, Douro* (rio), *Dois, Doito, Doitor, Foice, Loiça, Loireiro, Loico, Moira, Oiro, Oirique, Oiteiro, Oitubro, Passadoiro, Retoiçar, Toica, Toicinho*. Emendas: *Couce, Coucear, Coura, Couraça, Cousa, Doudice, Doudo, Doudejar, Dourado, Dourar, Douro, Dous, Douto, Doutor, Fouce, Louça, Loureiro, Louco, Moura, Ouro, Ourique, Outeiro, Outubro, Passadouro, Retouçar, Touca, Toucinho* (cf. p. 260, 269, 282, 329, 382, 407, 422, 429, 469, 518). Podem-se incluir outras formas tomadas como populares: *coive* (p. 260).

considera *Noute* um erro, e como emenda *Noite* (p. 412). Para uma outra palavra, mas com proveniência de *al-* o A. recomenda “*Fouce*, e naõ *Foice*” (cf. p.329).

Podemos concluir que, apesar da existência da variante com *oi* em diversas palavras, o gramático só aceita essa variante em algumas palavras.

4.2.5. D. Luís Caetano de Lima em *Orthographia da Língua Portuguesa* (1736) dá *oi* como variante de *ou*, na língua portuguesa: “Note-se que o Ditongo *Au* dos Latinos se muda ordinariamente no Ditongo Portuguez *ou*; e assim de *Aurum*, *Laurus*, *Taurus* se faz *Ouro*, *Louro*, *Touro* (...) *Ou* Tem lugar em muitas palavras, como v.g. *Ouro*, *Mouro*, *Thesouro*, *Cousa*, *Pousada*, etc. Este ditongo se equivóca com o de *OI* no discurso familiar, em que alguns dizem *Dois*, *Oiro*, *Moiro*; ainda que se escreva e se deva pronunciar *Dous*, *Ouro*, *Mouro*” (cf. p. 115 e 129).

4.2.6. Luís António Verney no *Verdadeiro Método de Estudar* (1746-1747: 43) expõe da seguinte maneira a diferença que existe entre a pronúncia e a escrita dos ditongos: “Não posso entender por que razão, pronunciando os homens doutos, nas seus discursos, dois, oito, oitenta, toiros, coizas, etc, devam na escritura mudá-lo em u, se não é por se conformar com quatro velhos impertinentes que entendem e julgam mal das coisas”.

4.2.7. No *Compendio de Ortographia* (1767) Frei Luís do Monte Carmelo, no seu Prólogo Apologético, estipula qual o modelo da língua a seguir: “Devemos fallar, e escrever, como pratica o maior número, nam dos ignorantes, ou Plebêus, que corrompem os Idiomas, mas dos doutos, e peritos da Corte, os quaes fallam, e escrevem, como direi neste compendio (...)” (cf. a quinta página (sem enumeração) do Prólogo Apologético).

Esta “língua modelar” é originária da Estremadura. O A. denota preocupações a nível da ortoépia: “Quem profere igualmente ambas as Letras do Diphtongo *ou*, faz hum som, que parece a voz, que faz ladrando hum cam de gado”. Quanto aos casos de monotongação refere: “*Excitou*, *Mandou* parecem ter este som *Excitô*, *Mandô*” Quanto ao ditongo *oi*: “Quando o mesmo *Diphtongo* antecede a letra *C* com som brando” (cf. p. 141-142).

Assim, para o ditongo *oi*, o ortógrafo prefere-o para determinados vocábulos: *açoite*, *coice*, *caçoila*, *coisa*, *foice*, *afoito*, *agoiro*, *ajoijar*, *biscoito*, *cenoira*, *choiriço*, *choito*, *coira*, *doiro*, *noite*, etc. (cf. p. 142). Acrescenta mais o seguinte: “Ainda que estas e semelhantes Dicções se escrêvam com *ou*, sempre se deve pronunciar como *oi*”. Assim, não existe conformidade entre a estipulação de uma norma gráfica e a pronúncia (como é o objectivo do Compêndio). Monte Carmelo dá

preferência a muitas formas com o ditongo *oi*, e considera outras com o ditongo *ou* como plebeísmos: *trouxe* e *xouriço* (cf. p.708 e 721). É neste compêndio que encontramos uma outra caracterização dialectal quanto ao uso dos ditongos; no falar beirão, a “plebe” não deve pronunciar sempre o ditongo *ou* como *oi*; e os Interamnenses e Transmontanos devem evitar a “diafonia, ou aspereza do ditongo *ou*” (cf. p. 500-501).

### 4.3. Textos dicionarísticos

Em alguns dicionários e vocabulários (séc. XVI-XVIII) é possível encontrar algumas variantes dicionarizadas (cf. as obras abaixo citadas no *Corpus Lexicográfico do Português*; v. **Referências Bibliográficas: Recursos On-Line**).

4.3.1. No dicionário de Jerónimo Cardoso *Hieronimi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem* (c. 1510 – 1569) encontramos as seguintes ocorrências: *roixinol* (1 entrada); *Oito* (1 entrada); *oito* (1 entrada); *Dezoito* (2 entradas); *noite* (5 entradas); *noute* (3 entradas); *Couro* (1 entrada); *couro* (3 entradas); *Cousa* (146 entradas); *cousa* (840 entradas).

4.3.2. Na obra de Bento Pereira *Thesouro da lingua portugueza* (1697): *Roixinol* (1 entrada); *Rouxinol* (1 entrada); *rouxinol* (1 entrada); *Oito* (9 entradas); *oito* (2 entradas); *Dezoito* (2 entradas); *Noite* (1 entrada); *noite* (12 entradas); *Couro* (2 entradas); *couro* (3 entradas); *Cousa* (11 entradas); *cousa* (3096 entradas); *Fouce* (3 entradas); *fouce* (2 entradas).

4.3.3. No *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-28) de Raphael Bluteau encontramos: *toicinho* (1 entrada); *toucinho* (2 entradas); *oito* (2 entradas); *outo* (2 entradas); *noite* (1 entrada); *dezouto* (1 entrada); *cousa* (143 entradas); *couce* (1 entrada); *fouce* (3 entradas); *rouxinol* (1 entrada); *couro* (2 entradas); *caçoula* (2 entradas) (Vasconcelos refere que Bluteau num apêndice ao *Suplemento* do seu *Vocabulario Portuguez e Latino* (parte II, p. 501-504) atesta a variante *oytro* nos falares do Minho e Beira. Vasconcelos acrescenta que a variante é “Vulgar ainda na Beira e Minho” (cf. 1928: 111)).

Na *Tabla de Palabras Portuguezas, remotas de la Lengua Castellha* (1721): *cousa* (2 entradas).

#### 4.4. As teorias

4.4.1. Segundo E. B. Williams, a etimologia dos ditongos e a evolução destes, sendo que em algumas regiões a consoante *c* do grupo latino *ct* evoluiu para uma semivogal palatal [j], e noutras regiões para uma semivogal velar [w], explica a alternância entre os ditongos: “O desenvolvimento de *-oct-* em algumas regiões para *-oit-* e noutras para *-out-*, seguido de influência interdialeto, talvez tenha sido a origem da confusão de *ou* e *oi*, que existiu muito antes do que tem sido geralmente acreditado, e.g., *noute* (AHP, IV, 190, A.D. 1385; BF, IV, 347; Abraham, § 28). Como consequência dessa confusão precoce, o uso de *oi* divulgou-se no século XVI para palavras que tinham originalmente *ou*, e.g., *coisa* (por *cousa* < CAUSAM) e o uso de *ou* divulgou-se para palavras que tinham originalmente *oi* não proveniente de *oc(t)*, e.g., *couro* (por *coiro* < CŎRĪU), com o resultado de que *ou* e *oi* se tornaram geralmente substituíveis entre si, embora *ou* seja mais literário e *oi* mais coloquial” (cf. Williams 1994: § 92 7. C.).

4.4.2. Maia encontra os dois tipos de evoluções (a consoante *c* evoluiu para [j] ou [w]) em documentos da mesma época e região, o que a leva a discordar de Williams “segundo o qual a primeira consoante do grupo -KT-, quando precedido de *o*, se vocalizou numa região em *j* e noutras em *ɥ*” (1986: 556). A A. levanta a hipótese, partindo dos diferentes resultados da semivocalização da consoante *c*, de que a forma *ou* seja o resultado de “uma evolução de carácter culto ou semi-culto, ao passo que as formas com *oi* representariam o resultado tradicional” (p. 556). Maia pensa ser provável que a oscilação das duas formas se tenha iniciado a partir da diferente evolução da consoante *c*, e que, posteriormente, essa oscilação se propagou para outras palavras; contraria a teoria de Germán de Granda Gutiérrez<sup>26</sup>, segundo o qual, a oscilação nos falares asturianos é o resultado de uma diferenciação vocálica, diferenciação de carácter preventivo como forma de evitar a monotongação. Apoiando-se nos seus resultados sobre a situação do galego-português actual, refere que não existem indícios de qualquer perigo de monotongação quer na Galiza quer na zona portuguesa de Entre-Douro-e-Minho. Citando um outro autor, Lucius-Gaston Moffat (v. § 4.4.4 adiante), aceita que a oscilação dos ditongos também se possa ter iniciado a partir da confusão das terminações sufixais latinas: *-toriu* > *-(d)oiro* e *-auru* > *-ouro*. Pensa a A. que a alternância nestas formas, embora não existente nos documentos analisados, tenha contribuído para a ocorrência da alternância noutras palavras, portanto, para a propagação da alternância. Os seus

<sup>26</sup> Granda Gutiérrez (1960: 158-165).

resultados, porém, permitem-na discordar de Gaston Moffat quanto à cronologia do início da alternância; para Moffat a confusão entre os dois ditongos iniciou-se nos últimos anos dos séculos XIV, tendo-se intensificado em finais do século seguinte. Referindo-se à ocorrência de *oi* em vez de *ou* num documento galego, Maia afirma que nada se sabe “sobre a situação sociolinguística e vitalidade do fenómeno *ou* > *oi* em antigo galego-português, embora tudo leve a crer que inicialmente tenha começado por ser um facto próprio da linguagem do nível popular” (p.553). Conclui dizendo que quer a oscilação entre *ou* ~ *oi* tenha tido o seu ponto de partida a partir dos diferentes resultados da semivocalização da consoante *c*, quer se tenha iniciado a partir das confusões das terminações sufixais *-ouro* (< *-auru*) *-doiro* (< *-toriu*), admite que a oscilação se tenha iniciado no período galego-português (séc. XIII); que se propagou a outras palavras não etimológicas; e que a oscilação, em alguns casos, está sujeita a condicionamentos sociolinguísticos ou estilísticos, ou ainda, às zonas geográficas (áreas regionais) (cf. 1986: 563, 565 e 568).

4.4.3. Huber (1933: §232, nota 1) lança a hipótese de que na terminação *-oiro* < *-ōrīu*, *oi* passou a *ou* por um processo de assimilação, i.e., a vogal assimilou a semivogal. Daí termos *Douro* < *Doiro*, *Couro* < *Coiro*, *Mouro* < *Moiro* (< vb. *mōrīu*), ainda que em alguns casos se mantenha a primeira das evoluções, ou seja, *-oiro*: “Ob das Gebiet von our staat oir mit dem von ut staat it (vgl. cultu > coito, couto, tectu > teito, teuto §214) zuzamenfält, wie zu vermuten ist, bleibt noch zu untersuchen”.

4.4.4. Lucius Gaston Moffat em «Considerations on the Interchange of *-ou-*, *-oi-* in Portuguese»<sup>27</sup> afirma que a confusão resulta a partir das terminações sufixais *-doiro* < *-toriu* e *-ouru* < Lat. *-auru*, confusão gráfica que começou em finais do séc. XIV, tendo a sua maior propagação a partir dos finais do séc. XV.

4.4.5. Para Leite de Vasconcelos *oi* é um ditongo sobretudo de uso dialectal e popular: «La diphtongue *ôi* existe plus ou moins dans tout le pays, car elle alterne avec *ou* dans certain mots: *dois* ou *dous*, *oiro* ou *ouro*; il y a cependant quelques mots dans lesquels *oi* est dialectal, et non général, comme *oivir*; *toica* (à Moncorvo)” (1970: 91). Também nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, Vol. I, p.75 o A. expressa a sua opinião: “Póde escrever-se em português *Cicouro* e

---

<sup>27</sup> Informação retirada da recensão de María Rosa Lida de Malkiel a Lucius Gaston Moffat e publicada na *Nueva Revista de Filología Hispánica* (1949: 83-84).

*Cicoiro*, como *Douro* e *Doiro*, *ouro* e *oiro*, *noute* e *noite*. Em geral na nossa língua, o ditongo *oi* reflecte a pronúncia popular, o ditongo *ou* a pronúncia literária”.

Em *Emmentas Gramaticais* (1934: §43) onde o A. fala de dissimilação da semivogal, atribui-lhe o carácter de “plebeísmo”: “(...) Casos em que *ou* e *oi* se empregam indiferentemente na língua culta, ainda que o segundo tem rassaibo de plebeísmo (...)”.

4.4.6. Também Paiva Bóleo parece apoiar este ponto de vista em a *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* (1946: 91): “De uma maneira geral, o ditongo *oi* é mais popular e mais usado que *ou*, aparecendo em palavras que na linguagem corrente têm *ou*: *oirives*, *oitono*, *outubro* (Vej. «*Rev. Lus.*», XXVIII, 1930), *coibe* (couve), etc. No entanto, há regiões, p.ex. no Norte, onde o ditongo *ou* aparece em palavras que correntemente se ouvem com *oi*: *loura*, *biscouto*, *doudeira*, etc.”<sup>28</sup>.

4.4.7. Em *The Spanish Language*, W. J. Entwistle expõe o seguinte:

The equation *ou=oi* is older than the Golden Age, and, still, exercises its influence on spoken Portuguese. *Ou* arises from Latin AU (*cousa pouca* CAUSA PAUCA) and AL+consonant (*souto outro outeiro* SALTU ALTERU ALTARIU); *oi* from metathesis in -ORIU (*Doiro coiro* DURIU CORIU), or from palatalization of -CT- (*noite* NOCTE). But by dissimilation *ou* gives *oi* (*coisa ouro oiro* AURU), and conversely -ORIU -URIU -*oiro* -*ouro* (*Douro*). Half-learned with -CT- give *ut*, as in Spanish *auto doutor* (later still, *t* preceded by an open vowel: dôtór spelled *doctor*). Hence also in primitive words like *noite* we have the alternative *noute*. Usage varies. Generally speaking, the literary forms employ *ou* but the colloquial is *oi*; the Rua d'Ouro in Lisbon is normally pronounced [d'oʝru]. But while *coisa* is normal, *oitro* exists only in the vulgar speech of the Saloios, near Lisbon, and Gil Vicente gives *doitor poica*, etc., to his Jews, doubtless as inveterate townsmen of low social grade. The *ou* is a diphthong in Galicia and northern Portugal [ou], but in Lisbon and standard Portuguese it is a vowel [o], as in Spanish”  
(Entwistle 1936: 299-300)

Entwistle é o primeiro a falar dos falares saloios<sup>29</sup> e da presença do ditongo *oi* em determinadas

<sup>28</sup> Estes exemplos são de uma peça do escritor, jornalista e historiador Carlos Selvagem *Entre Giestas*. A acção passa-se na Beira Baixa e o autor usa várias vezes as formas «doudos» e «doudeiras» (cf. p.91, nota 4).

<sup>29</sup> Sobre a origem dos Saloios veja-se Leite de Vasconcelos na *Revista Lusitana* (1939: 271-299): “(...) o vocábulo *Saloio* ou *Çaloio* (melhor grafia) é de origem arábica, e significa fundamentalmente «*habitante do campo*, em oposição ao da cidade: *apelidação*, pois, de desdém com que a gente polida da cidade designava a população inculta dos campos, *campônio*, emfim» (...). Concorda na essência com este étimo a significação que sempre se atribuiu a Saloio: «o agricultor do termo de Lisboa, que traz a vender os frutos e pão à cidade» (Morais)”. Segundo Leite de Vasconcelos, vários historiadores como Herculano levantaram a hipótese dos Saloios serem provenientes dos Mouros (Mouros forros) que D. Afonso Henriques deixou permanecer nas suas fazendas e lugares depois da conquista da cidade de Lisboa em 1147, desde que pagassem um tributo. Mas não era só os Mouros a população existente nos arredores de Lisboa; também existia uma população cristã, ou seja, Moçárabe. Assim, os Saloios provieram dos Cristão e Mouros. A área dos Saloios abrange, ainda actualmente, localidades nos arredores de Lisboa, próximas e de fácil acesso como, Ameixoeira, Benfica, Carnide, Charneca, Lumiar, Olivais, Amadora e outras localidades dos concelhos de Sintra, Oeiras, Cascais, Loures e Mafra. É quase possível circunscrever-se a área saloia desenhando uma circunferência ao derredor da cidade de Lisboa. Na margem sul, terras do Sado, o termo já não tem aplicação. Ainda hoje em dia o termo *saloio* ou *saloia* designa a pessoa do campo com costumes e

palavras como sendo um traço distintivo deste grupo.

4.4.8. Ainda, a origem desta variação pode-se justificar, como sendo uma estratégia criada pelo falante para prevenir a monotongação, i.e., a existência do ditongo *oi* justifica-se como uma tentativa por parte dos falantes de conservar a individualidade de cada um dos elementos do ditongo, tentando assim evitar a monotongação em [o], segundo a opinião de Édouard Bourciez em *Elements de Linguistique Romane*:

Cette diphtongue s'est conservée longtemps à l'Ouest (ptg. ouro, cousa, souto); elle est maintenant devenue *o* à Lisbonne et au Sud, mais le Nord (y compris la Galice et l'ouest des Asturies) garde *ou*, et depuis le XVI<sup>e</sup> siècle apparaît aussi çà et là une prononciation *oi* spécialement populaire et due, semble-t-il, à un effort de différenciation vocalique.

(Bourciez 1956: § 332 b)

4.4.9. Outra explicação, colocando o assunto numa diferente perspectiva, é a de Paul Teyssier em *A Língua de Gil Vicente* (2005: 246-256). Neste caso, Teyssier tenta explicar a origem e propagação do ditongo *oi*. De um modo geral *ou* e *oi* ocorrem diferenciados segundo a sua origem etimológica nas peças de Gil Vicente, com excepção nas falas dos Judeus<sup>30 31</sup>.

O «*oi* dos Judeus», segundo Teyssier, é “uma tradição que se prolonga de Anrique da Mota a Gil Vicente e de Gil Vicente a António de Lisboa”. O A. passa em revista algumas das explicações aqui apresentadas, concluindo que a diferenciação vocálica, “teoria da diferenciação”, seja o argumento mais plausível para explicar a alternância. Segundo a “teoria da diferenciação”, a

---

hábitos próprios desta área de proveniência.

<sup>30</sup> Exemplos nas peças de Gil Vicente: *Afoytado* (< *fautu*), *Caçoila* (= *caçoula*, forma mais usada), *coysa(s)* (< *causa*), *doirada*, *doyrada* (< raiz *auru-*), *Hoiver* (< *habuerit*), *Loysa* (< *lausa*), *Loiça* (a par de *louça*), *moiros*, *moyros* (< *mauru-*), *oyro* (*auru-*), *oytro(s)*, *oytra(s)* (< *alteru-*), *oivir*, *oiço*, *oivo*, *oivireis*, *oivamos*, *oivi* (< *audire*), *poicas*, *poycas* (< *paucu*), *quebroy-te* (= *quebrou-te*), *repoonsa* (= *repousar*, composto de *pausa*), *toyros* (< *tauri*), *doyz* (= *dous*, de *duos*), *açoytes*, *açoitado* (= *açoute*, ar. *As-saut*); exemplos com o grupo etimológico *-oct-*: *noyte*, *oito*, *coytado*, *doytor*; *o* + *iode*: *Çarradouros* (< *-toriu*), *Pelouros* (< *-orium*), *Vassoura* (< *versoria*), *Moyra* (< *\*moriám*), *Duradoira* (< *-toriam*), *Çanoiras* (cf. esp. *Zanahoria*). Este uso não é constante e regular pois aparecem também formas com o ditongo *ou*: *cousas*, *mouros*, *outro(s)*, *outra*, *ouvir*, *ouvimos*, *ouvi*, *ouvidos*, *soubemos* (< *sapuiumus*).

<sup>31</sup> Numa tese de licenciatura de Pedro da Silva Germano (1958) *A Língua Portuguesa Usada Pelos Judeus Sefarditas em Exílio*, o A. apresenta alguns exemplos com o ditongo *oi* e outros com *ou*: *Couna* (Coína, topónimo), *Dois e dous*, *Doudo*, *doudamente* e *doudejar*, *nouvos*, *Oisame* (Ouça-me), *outava regra*, *outo*, *outavo e oienta*, *Royxinól*. Para além destes exemplos mostra outros que poderão ser, segundo a opinião do A. tentativa de correcção da pronúncia *oi*: *lauro* e *autra*.

Cita ainda um interessante passo de Meldola (*Nova Gramática Portuguesa*) referindo-se às diferenças entre grafias e pronúncias dos ditongos:

“M. E há mais algumas letras que mudem o poder ou o som?”

D. Sim, as letras vogaes nos ditongos, assim como outo onde a letra “u” tem o som da letra “i” & se le oito” (cf. p. 66-68).

passagem do ditongo [ow] a [oj] explica-se como uma dissimilação preventiva de dois elementos vocálicos muito próximos, ou seja, a vogal [o] tem tendência a assimilar a semivogal velar. Cita a opinião de Maia, a qual rejeita esta hipótese e defende a teoria “da dupla origem”, ou seja, a consoante *c* que evolui quer para [j] quer para [w]. Maia também diz que as alternâncias nas formas sufixais poderão ter contribuído para a expansão de *oi* a outras palavras. No entanto, Teyssier não crê que essa alternância explique a expansão de *oi* para um número maior de palavras do vocabulário português. Quanto ao uso maior deste ditongo pelos judeus, diz: “ O «*oi* dos Judeus» é, portanto, a primeira manifestação de uma tendência muito geral que se encontra em seguida em alguns falares regionais e, em menor grau, na própria língua comum”.

4.4.10. Lindley Cintra, após ter revisto algumas destas hipóteses, coloca o problema de uma outra maneira:

A distinção que me parece necessária é a distinção entre falares e zonas linguísticas em que predomina [oi], seja qual for a etimologia, e falares e zonas em que predomina [ou] ou [o]; entre falares e zonas, portanto, em que se ouve *oiro*, *toiro*, *foice*, *oitro*, *roipa*, *oiteiro*, ainda que num ou noutro caso apareça [ou] ou [o], e outros em que se ouve *ouro*, *touro*, *fouce*, *outro*, *roupa*, *outeiro*, ou *ôro*, *tôro*, *fôce*, *ôtro*, *ôteiro*, *rôpa*, embora algumas palavras apresentem [oi]. Ora, esta distinção não só é possível como necessária.  
(Cintra 1983: 44)

Para este A. o mais importante é identificar em Portugal continental, à semelhança do que se passa nas Astúrias ocidentais, quais as áreas de maior predominância de *oi*. Concorda com Moffat que:

(...) o ponto de partida da passagem de *ou* a *oi* esteja em alguns casos particulares a que aludiram autores anteriormente citados, mais provavelmente nos casos em que a terminação -ouro (<AURU) se confundiu e começou a alternar com -(d)oiro (<-TORIU), segundo a hipótese de L.G. Moffat, e em certos outros em que, na vocalização de uma consoante, se registou uma oscilação que tanto podia conduzir à fixação do estreitamento caracterizador na região palatal como velar. Teria havido assim, para certa zona do vocabulário, aquela fase longa de hesitação entre formas representantes de camadas diversas – *coiro/couro*, *Doiro/Douro*, *fouce/foice*, *courela/coirela*, *outeiro/oiteiro* – que Menéndez Pidal ensinou a distinguir no processo de produção e expansão de qualquer fenómeno fonético. Essa hesitação ter-se-ia comunicado em maior ou menor grau às palavras em que *ou* tinha outras origens. Mas o factor decisivo na expansão de *oi* teria sido a tendência a evitar a fusão dos elementos do ditongo, exercendo-se principalmente no falar popular de zonas ameaçadas pela aproximação de uma corrente monotongadora. Só essa tendência me parece susceptível de explicar a extraordinária frequência de *oi* por *ou* em certas linguagens regionais, que está certamente na origem da abundante penetração do fenómeno da linguagem literária.<sup>32</sup> (*Ibidem*: 51-52)

<sup>32</sup> O grande foco de monotongação estava situado no ocidente-sul da península, no que, a partir dos séculos XII e XIII, se tornou território português. Paiva Bóleo (*apud* Cintra 1983: 48) diz que numa região a sul do Mondego, existiu uma população moçárabe

Com base na “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses” de Cintra (1983)<sup>33</sup> é-nos possível reconhecer duas áreas dialectais distintas no território português continental: uma área de conservação do ditongo /ow/, conservado na área setentrional do país em diferentes realizações ([ow] / [ɔw]), e uma área de simplificação do ditongo, ou seja, uma área de monotongação em [o] na área centro-meridional. A segunda pronúncia é a característica dos falares de Lisboa e aceite como norma. Dentro destas áreas Cintra crê existirem áreas onde o uso do ditongo *oi* é mais predominante. No seu artigo, é evidente que Cintra quer afastar as noções passadas por Vasconcelos e Bóleo sobre o uso do ditongo. Estes autores consideram que o uso do ditongo [oj] se prende com razões de uso popular ou dialectal, enquanto que o uso do ditongo [ow] se cinge a uma camada social mais culta (cf. o que foi exposto acima).

Está subjacente que a escolha do ditongo palatal<sup>34</sup> ou velar esteja relacionada com comportamentos sociais e conseqüentemente, comportamentos linguísticos, ou confinado a determinadas áreas geográficas.

Quanto a estas opiniões, Cintra é específico: é necessário esclarecer a questão da alternância dos ditongos, que embora existente na linguagem das cidades, nos falares das aldeias não crê que exista. O A. deseja afastar a noção que se pode depreender das afirmações de Leite de Vasconcelos, de que nos falares regionais o ditongo [ow] e o monotongo [o] alternem com o ditongo [oj] em certas palavras. Cintra crê que na linguagem das aldeias, determinadas palavras são pronunciadas sempre da mesma maneira, sem que ocorra a alternância. Esta situação é idêntica a um falar brasileiro, o caipira em que, segundo Amadeu Amaral (1955)<sup>35</sup>, as palavras são sempre pronunciadas de um só modo. Para além deste facto, um outro aproxima os falares das aldeias portuguesas ao dialecto caipira: o uso do ditongo [oj], conservando a sua origem etimológica, a par

---

(sob domínio do povo árabe mas conservadores das sua tradições cristãs e culturais) cuja característica era a conservação dos ditongos *ai, ei, au* e *ou*. Questiona-se como pode uma área ser foco da monotongação, habitando nessa área um povo com características linguísticas conservadoras. A par da população moçárabe, o sul era uma zona de repovoamento, colonização, com povos vindos de diversas origens, e desta maneira, alguma inovação linguística poderá ter surgido. Francisco da Silveira Bueno em *A Formação Histórica da Língua Portuguesa. Característicos do Dialecto Moçárabe*. (1958: 49-50), diz sobre o dialecto moçárabe: “O cunho principal está em seu arcaísmo e isto porque estava reduzido a língua da família, do lar, da convivência com o vulgo mesmo ilustrado, reservando-se o árabe para os tratos oficiais, burocráticos. Em outras partes da Península onde chegou a formar núcleos numerosos, v.g. em Toledo teve de ver-se limitado por outras influências, como a do castelhano nesta cidade, do galego-português em Coimbra. Não teve oportunidades de evolucionar pelo aperfeiçoamento literário, conservando, desta maneira, os seus característicos antigos e primitivos. No vocalismo, mantinha a final *u* e não *o*; os ditongos *ai, ei, au, ou* (carraira, Genáir, lauxa, fouxil=carreira, Janeiro, lousa, foucil, fouce). Não ditongava as vogais abertas *e, o*, como fêz o castelhano. Sòmente em Toledo, por influência dêste dialecto, é que começou a ditongar o *e*.”

<sup>33</sup> A “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses” diferencia-se das propostas anteriores de classificação dos dialectos portugueses – cf. Leite de Vasconcelos *Mapa Dialectológico* (consultámos o de 1929) e *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901); Paiva Bóleo e Maria Helena Santos Silva *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal* (1962); Pilar Vázquez Cuesta e M. Albertina Mendes da Luz *Gramática da Língua Portuguesa*, proposta exposta em *Estado actual do português na Península Ibérica* (1971: 52-78) - por um lado, por usar materiais recolhidos pelo A. durante os inquéritos que efectuou em 1953, em 1954 e em 1956 para o *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI). Por outro lado, a proposta de Cintra procura sistematizar de forma simplificada os traços fonéticos diferenciadores apresentados em propostas anteriores, sem que se altere a visão real dos dialectos

de [ow] e [o], e a sua expansão a palavras nas quais se esperaria [ow] ou [o], ou seja, a palavras não-etimológicas (o inverso também acontece).

#### 4.5. Comparação com os falares asturianos

Acompanhando a descrição de Cintra, o A. considera o ditongo /oj/ característico dos falares populares regionais das zonas que fazem fronteira entre a região de monotongação e entre aquela que conserva o ditongo velar. Afirma, também, que o ditongo /oj/ possa ser uma estratégia por parte dos falantes para evitar a monotongação do ditongo (assimilação do elemento semi-vocálico velar [w] pela vogal velar [o]).

Como forma de explicar o surgimento de *oi* como variante de *ou* no português, Cintra chama a atenção para o facto de o ditongo *oi* ter sido registado como variante de *ou* por Lorenzo Rodríguez-Castellano no livro *Aspectos del bable occidental* numa área asturiana de fronteira dialectal. Nesta área, segundo Castellano, *oi* é o resultado da vocalização da consoante -l- (*al*+consoante ou *ul*+consoante), depois da consoante ter semivocalizado, primeiramente, em *u* (cf. 1954: 160-163). Os exemplos dados pelo autor do estudo asturiano são *foiz* < *falce*, *toipu* < *talpe*, *oitre* < *alteru*, *poisu* < *pulsu*, e em formas analógicas *toicin* < *tuccinu* e *entoice* ~ *entois* < *extunce*, formas que ocorrem em algumas localidades numa pequena área ocidental dos falares asturianos, na zona sul de fronteira junto às áreas de conservação e monotongação dos ditongos *ou* e *ei*. Mas também existem casos em que *oi* é proveniente de *au*: *esfoito* e *esfoiteme* < *fautu*.

Ao consultar-se o mapa com as distribuições dos ditongos *ei* e *ou* (p. 163) verificamos que *oi* ocorre nas localidades que se encontram junto à área de monotongação (cf. localidades e descrição

---

portugueses e galegos.

<sup>34</sup> Confronte-se a teoria do “Sound Symbolism” (Simbolismo Fonético). Esta teoria tenta explicar a relação entre som e significado. Hans Henrich Hock e Brian D. Joseph explicam que na atribuição do significado “pequeno” existe uma tendência para se usar vogais altas palatais: “The relation between high front vowels and “small” may be exploited in areas that do not involve onomatopoeia, such as *teeny* vs. *little*, where the forms with *ee* [i] have front vowels higher than the other forms and designate something even smaller. Such non-onomatopoeic relationships between sound and meaning are referred to as SOUND SYMBOLISM”. Cf. Hock / Joseph (1996: 216) O ditongo /oj/ (por ser composto por um segmento alto e palatal) poderá ser motivado por determinado referente cujo significado inferido pelo falante, poderá ser, por vezes, afável, embora outras vezes, ter valor depreciativo ou desvalorizante. Sobre a distinção semântica que poderá existir nos ditongos também menciona Paiva Bóleo (1946: 91) um caso de distinção entre o par *louça* e *loiça*: “Esta diferença de emprego entre os ditongos *oi* e *ou* originou já uma curiosa distinção semântica entre *louça* e *loiça* («isto é outra *loiça*»; «de *loiças*» - expressões em que a palavra «*loiça*» não pode ser substituída por «*louça*»). Houve até uma fábrica de louça que tirou partido do facto anunciando os seus produtos desta forma simples e expressiva: «a louça de X, é outra *loiça*».”

<sup>35</sup> V. *O Dialecto Caipira*, estudo sobre um dialecto usado na antiga província de São Paulo, Brasil: “ (...) Em Portugal, bem como no falar da gente culta no Brasil, há notório sincretismo no uso dos ditongos *ou* e *oi*. Para o caipira tal sincretismo não existe: os vocábulos onde esses ditongos aparecem são pronunciados sempre de um só modo. Assim, *lavôra*, *ôro*, *estôro*, *côro*, *côve*, *lôco*, *bassôra*, *tôca*, *frôxo*, *trôxa*, e nunca *lavoira*, *oiro*, etc.; por outro lado, *dois*, *noite*, *coisa*, *poiso*, *foice*, *toicinho*, *oião*, *afuito*, *biscoito*, *moita*, e nunca *dous*, *noute*, etc. Se há formas sincréticas, são raríssimas” (cf. § 15).

do A.: S. Andrés, Villanueva, Proaza, Caranga, Translavilla, Proacina, Agüera, Murias, Cortes, Ricabo, Lindes). Nalguns casos *oi* convive com *ou*, e noutros com *ô*. Nos concelhos de Teberga e Bandujo existem vários exemplos do sufixo *-oriu* inalterado, na área onde *oi* ocorre como variante de *ou*, exs.: *sechoriu*, *sorradoriu*, *tanzoria*. A metátese do ditongo dá-se mais a norte. Pode-se deduzir que no sul da área em estudo o ditongo *oi* não surgiu influenciado pelo *oi* do sufixo *-oiro*, pois este não se metatizou. Tal facto faz questionar o A. sobre a existência do ditongo *oi* nesta área pois estas localidades estão ausentes da influência do sufixo *-oiro* e do grupo *-ult* que evoluiu para *uit*<sup>36</sup>. Castellano pensa que primeiramente a consoante *l* se semivocalizou em *u* e depois passou a *i* como forma de diferenciação vocálica<sup>37</sup>.

Sobre o asturiano ocidental e o português, Cintra compara o que se passa no primeiro com o que se observa no segundo. Do texto de Castellano extraímos a noção de que o ditongo *oi*, especialmente porque não sofre influência do sufixo *-oiro*, e, como diz Diego Catalán, o ditongo não foi formado a partir da semivocalização de *l*, trata-se de uma variante de *ou*. Em *El Dialecto Leonés*, Ramon Menéndez Pidal trata da distribuição geográfica dos ditongos galego-portugueses. Diz no ponto 1) DIPTONGOS GALLEGO-PORTUGUESES que a conservação regular do ditongo *ou* (< AU ou AL+consoante) se faz na parte ocidental asturiana (cf. 1962: 44-50).

Quanto ao ditongo *oi*, a vogal *o* seguida de *yode* não produz *ue* como no castelhano, mas *oi*; cita exemplos que diz serem idênticos ao galego e ao português, exs.: *agoiro* (varia no português com *agouro*), *salmoyrada*, *Doyro* e *coyro*, e ainda *treitoira*, *fesoira*, *cobertoira*, *salmoira*, *coiro*, *visadoiro*, *abintadoiru*.

A extensão geográfica deste ditongo é reduzida, já se desconhece em Teberga e em todo o

---

<sup>36</sup> No estudo de German Granda Gutiérrez *Los diptongos descendentes en el dominio románico leonés*, o A. distingue a situação da evolução do ditongo *ou* > *oi* no leonês do português em dois aspectos: enquanto no português o uso de *oi* parece prender-se com questões sociais e de estilística, por isso, limitando o seu uso a determinadas palavras, o mesmo não acontece no leonês. Contudo, não se entende que não existindo a questão «de prestígio», porque razão não ocupa o ditongo *oi* uma maior extensão geográfica? Nem mesmo toda a fronteira de *ou* > *o*? Recorre à manutenção do sufixo *-oriu* numa pequena área asturiana para explicar este facto: “La coincidencia casi exacta del área de *ou* > *oi* com el pequeño entrante de *oriu* en zona mantenedora de diptongos descendentes nos esclarece totalmente la causa de la escasa expansión de la forma *oi* en Asturias. La creación de un diptongo *oi* (< *ou*, *au*) llevaría en la mayor parte del asturiano occidental a una colisión fonética com *-oi[ro]* de origen e función diferente, colisión homofónica que no aceptaría la extraordinária sensibilidad lingüística de los hablantes de esta zona.” Portanto, existe uma distinção semântica consciente dos falantes entre *oi* < *ou* e *oi* < *-oiro* que não existe em Portugal. Atribui o A. esta mesma distinção a uma “causa psicológica de evitación de homofonías perjudiciales” sobre o uso de *oi* (< *au*, *al* e qualquer outra origem) em substantivos e adjetivos como *oiro*, *toipo*, *foiz*, mas não em formas verbais, ex.: *cantou* > *\*cantoi*, que coincidiria com *cantó-i* < *cantavit-illi* (verbos seguidos de um pronome dativo átono) (cf. p. 164-165 do referido estudo). Um exemplo no português sobre confusão homófona é “coro” (grupo de pessoas que cantam) e “côro” (< *coiro* ou *couro*).

<sup>37</sup> O estudo de Castellano teve algumas críticas por parte de Diego Catalán (cf. *El asturiano occidental* (1956-1957: 88-89) no que concerne a origem do ditongo *oi* e a apresentação cartográfica da conservação dos ditongos *ou* e *oi*. Para Catalán o ditongo é variante de *ou* e não o resultado da semivocalização de *l*, crítica que Catalán faz a Castellano por este ter relegado o problema da proveniência de *oi* ao capítulo que trata dos «Grupos interiores latinos». Em segundo, não concorda que os resultados para *ou* e *oi*, apresentados nos mapas nas p. 163 e 84, estejam em separado. Ou seja, acha que a distribuição de *oi* se deveria fundir com o mapa que mostra a

centro e oriente das Astúrias onde se usa *-oruu*<sup>38</sup>.

Concluída a revisão bibliográfica, apresentamos de seguida as distribuições geográficas apresentadas por Cintra, Vasconcelos e Paiva Bóleo para o ditongo [ow], monotongo [o] e ditongo [oj] em Portugal continental.

## 5. A distribuição geográfica de /ow/, /oj/ e /o/

### 5.1. Distribuição geográfica do ditongo [ow] e variantes

Cintra traça uma linha isófona de divisão entre a área geográfica portuguesa conservadora do ditongo [ow], área designada como setentrional (a área designada como setentrional corresponde à área de realização desta variante assim como de outras consideradas por Cintra), e a área de monotongação [o], área designada como centro meridional (v. “Mapa 2 «Classificação dos dialectos galego-portugueses» de Cintra 1971” (1983), **Anexos, Anexo 1**). Cintra, com base nos resultados dos inquéritos ALPI realizados em 1953 e 1954 - a parte portuguesa consta de 95 pontos – separa o fenómeno fonético [ow] / [o], desenhando uma linha que parte de um ponto a norte da cidade de Aveiro, inflecte ligeiramente para sul e sobe até terras de Viseu, inflectindo de novo para nordeste, juntando-se ao curso do rio Douro, seguindo por terras de Espanha. A variante [ɐw] manifesta-se no norte e centro transmontanos (concelho de Mirandela: Torre de Chama; concelho de Macedo de Cavaleiros: Penedo, e em Vimioso). O ditongo [ow] tem como zonas de conservação a zona Norte, com existência de uma “ilhota de conservação” junto à Serra de Aire (no centro) e que se estende até à costa da Nazaré. Helmut Lüdtke (1957: 110-112) aponta para três enclaves de conservação do ditongo: do sul da Batalha (S. Jorge, Porto de Mós) até Fátima e daí até à Serra de Aire (Mira, Minde); a norte, Pombal (Ramalhais); e a sul Turquel, Benedita, Alcobaça e Rio Maior.

A zona de monotongação ([ow] > [o]) vai para além da linha que demarca a monotongação do ditongo [ej], abrangendo também parte da Beira Baixa e Ribatejo, e uma grande parte da Beira Alta. Confrontando o conteúdo da “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses” (1983) de Cintra com propostas anteriores (Leite de Vasconcelos (1970), Manuel de Paiva Bóleo e Maria Helena Santos Silva (1962), podemos verificar que a opinião é consensual quanto a

---

distribuição do ditongo *ou*.

<sup>38</sup> Veja-se também Alonso Zamora Vicente (1967: 104).

distribuição do ditongo velar e suas variantes fonéticas:

- Leite de Vasconcellos identifica o ditongo [ow], com as suas diferentes realizações numa parte de Trás-os-Montes e na Beira-Alta (não importa em que posição de palavra), e no final das palavras numa parte da Beira e no Sul como *ôu*; no norte de Trás-os-Montes, e possivelmente numa parte da Beira existe *õu*, e em Entre-Douro-e-Minho *õu* e *óu*;

- o monotongo *ô* e suas diferentes realizações situa-se numa parte de Trás-os-Montes e da Beira, espalhando-se até ao Algarve, atravessando terras estremenas e alentejanas; a sua variante palatalizada *õ* encontra-se numa parte da Beira-Baixa e da Estremadura até ao norte do Alentejo;

- Manuel de Paiva Bóleo e Maria Helena Santos Silva (*O «Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental»*, (1962: 100-101) apresentam como um dos traços fonéticos característicos do Falar Meridional (cobrindo as três províncias ao sul do Mondego: Estremadura, Alentejo e o Algarve), a monotongação do ditongo *ou* e exemplificam: “[*oru*] em vez de 'ouro’”.

## 5.2. Distribuição geográfica do ditongo [oj]

Quanto à zona onde o ditongo *oi* predomina, Cintra dá a seguinte descrição:

Desde já posso indicar, embora de uma maneira vaga, qual a região em que me parece registrar-se o predomínio de [oi] ou, para falar mais exactamente, em que são numerosas as zonas em que [oi] é particularmente abundante: essa região é o centro de Portugal, a zona de entre Douro e Tejo, isto é, a zona que tem sido atravessada durante os últimos séculos, na direcção este-oeste, e segundo paralelos cada vez mais altos, pela fronteira da monotongação de [ou], hoje já vizinha da linha do Douro (...) A sul do Tejo predomina a monotongação em [o], embora não sejam raras formas isoladas em [oi].

(Cintra 1983: 34)

- No artigo *Los diptongos descendentes en el dominio románico leonés* de German Granda Gutiérrez encontramos uma descrição geográfica dos ditongos velar e palatal que corrobora a observação dada por Cintra, acima citada. Assim, Gutiérrez considera que no Sul de Portugal e nos territórios ultramarinos (Açores, Madeira, Brasil, Macau, Índia Portuguesa; nos dialectos indo-europeus e do Sri Lanka (dialectos cingaleses), dá-se a monotongação de [ow] para [o] e de [ej] para [e]. Mas na totalidade do país “ (...) el lenguaje culto conserva los diptongos, pero sólo en el Centro de Portugal (y en el Norte, como es natural) hallamos supervivencia del diptongo ou en la forma oi.” (p.160);

- Vasconcelos (1970) identifica o ditongo *oi* em todo o território português continental. A

variante *uô* encontra-se no Baixo-Minho nas mesmas palavras em que ocorre *oi* literário: *cuôibe*, *cuôiro*, *buô*, *fuô*;

- o estudo de Karl Jaberg, *Geographie linguistique et expressivisme phonétique: LES NOMS DE LA BALANÇOIRE EN PORTUGAIS* (1947), estudo feito tendo como recurso os materiais dos inquéritos linguísticos feitos por correspondência por Manuel Paiva Bóleo (1942), explora a existência dos 5 principais tipos de variantes para denominar «baloio» em português, *Redoiça*, *Redoiço*, *Baloioço* e suas variantes, *Balancé*, *Trapézio*, *Bam-*, *Bom-* (radicais). No mapa que se apresenta no final desse trabalho é-nos possível ver a distribuição de *Baloioço*, *Redouça*, *Redouço* (e suas variantes fonéticas) e *Reloiço*. A distribuição do ditongo *oi* nestas palavras faz-se em conformidade com o observado por Leite de Vasconcelos: *oi* distribui-se por todo o Portugal, tendo uma maior incidência em todo o território a norte do rio Tejo.



## 6. SÍNTESE

Podemos concluir esta secção, e antes de prosseguirmos para a apresentação dos objectivos, hipóteses e metodologia, sintetizando os pontos mais relevantes:

- Na origem da alternância /ow/ ~ /oj/ estarão 2 fenómenos: (i) a semivocalização da consoante *c* no grupo latino *ct* para [w] ou [j] e (ii) a “confusão” das terminações sufixais resultantes de *-(t)oriu* e *-auru*;
- A alternância *ou* ~ *oi* regista-se desde o séc. XIII;
- A expansão da alternância pode ter origem no esforço de diferenciação vocálica por parte dos falantes;
- Segundo Cintra, a diferenciação vocálica é mais notória no falar popular de zonas ameaçadas pela monotongação, nomeadamente, nos falares em zonas de transição dialectal de passagem de [ow] a [o];
- O uso de [oj] nestas zonas pode ser comparável ao uso da variante fonética [ɐw] em alguns falares setentrionais;
- Cintra lança a hipótese da existência no território português continental de 3 zonas linguísticas distintas: uma de uso predominante do ditongo [ow], outra de uso do monotongo [o], e uma terceira, de uso predominante do ditongo [oj], seja qual for a etimologia dos ditongos.

Ao longo do nosso trabalho, procuraremos responder a algumas perguntas de partida, perguntas fundamentadas nas teorias/hipóteses dos diversos autores acima citados, e sobretudo nas observações de Cintra, explorando os nossos resultados:

1. Nas formas que iremos estudar, formas em que [ow] e [oj] alternam, [oj] é popular e [ow] é culto?
2. Na “linguagem das aldeias” (Cintra) as palavras são pronunciadas sempre de um só modo?
3. A área em que [oj] predomina é a área de transição entre [ow] e [o]?
4. É possível distinguir-se 3 zonas linguísticas distintas de uso de [ow], [oj] e [o], como pressupõe Cintra?

Portanto: a nossa pesquisa vai incidir sobre a realização variável dos ditongos /ow/ e /oj/ em todo o território português continental, tentando (i) demilitar a área onde /oj/ é mais predominante; (ii) determinar se existe uma tentativa de diferenciação vocálica por parte dos falantes em algumas áreas geográficas, nomeadamente, na área de transição dialectal; (iii) determinar quais os factores linguísticos que possam explicar a variação; (iv) averiguar se existem factores extra-linguísticos que possam explicar a maior predominância de [oj] noutras áreas para além da de transição dialectal.

## 7. OBJECTIVOS

Segundo as observações que Lindley Cintra faz no artigo que tomamos como motivação para esta dissertação, a expansão do ditongo *oi* parece dar-se nas zonas onde se regista uma maior tendência à monotongação, ou seja, na fronteira entre a área de conservação do ditongo *ou* (pronunciado como [ow] ou [ɐw]) e a área de monotongação em [o], originando assim possíveis áreas linguísticas onde o uso de [oj], a par de [ow] e [o], seja predominante. Cintra refere-se a esta área como a região central portuguesa, a zona de entre Douro e Tejo.

Temos como objectivo principal investigar se tais áreas linguísticas existem; caso se verifique a sua existência, determinar os factores motivadores para que a variação *ou* ~ *oi* ocorra, sendo que se espera encontrar zonas onde *oi* ocorra com maior frequência.

Delineamos 4 objectivos apresentando de seguida as hipóteses de partida, muito ligadas aos objectivos desta dissertação:

- 1) identificar e demarcar no território português continental possíveis áreas linguísticas de uso predominante do ditongo /oj/, independentemente da sua etimologia, e áreas linguísticas onde o ditongo /ow/ e o monotongo /o/ predominam;
- 2) verificar se o ditongo /oj/ tem maior incidência na área de fronteira entre a conservação do ditongo /ow/ e a monotongação deste em /o/;
- 3) determinar quais os factores linguísticos que possam estar subjacentes à variação /ow/ ~ /oj/ e os factores extra-linguísticos que possam explicar a maior predominância de /oj/ noutras áreas que não a de transição dialectal ;
- 4) avaliar através de métodos estatísticos como se distribuem as frequências das 3 realizações em estudo por distrito (Simetria e Assimetria); determinar qual o nível de associação entre as 3 realizações (Correlação).

## 8. HIPÓTESES

1. o ditongo /oj/ é uma forma preventiva da monotongação em [o], especificamente nos falares regionais nas zonas de fronteira entre a conservação do ditongo /ow/ e a área de monotongação em [o];
2. o ditongo /oj/ existe em predominância na área central portuguesa entre Douro e Tejo; tendo em conta outras fronteiras lexicais e fonéticas demarcadas no território português continental (cf. Cintra 1983: 95-105), a distribuição geográfica das áreas com maior predominância deste ditongo poderá seguir uma direcção semelhante a essas, podendo, dessa forma, tratar-se de uma área com um traço linguístico distinto;
3. determinados factores linguísticos como os contextos fonético-fonológicos, posição do ditongo na palavra e tonicidade poderão explicar a realização variável dos ditongos;
4. existe uma correlação entre /ow/-/oj/ e /oj/-/o/, o que poderá explicar o uso do ditongo palatal como estratégia para evitar a monotongação.

## 9. METODOLOGIA

Apresentamos de seguida os procedimentos metodológicos aplicados nesta dissertação. Face aos objectivos do nosso trabalho, em primeiro lugar identificar no território português continental possíveis áreas linguísticas onde o ditongo *oi* é mais predominante; em segundo lugar, determinar as motivações subjacentes à variação *ou ~ oi*, dividimos esta fase em duas etapas:

- na primeira etapa procedemos à formação de um *corpus* constituído por palavras que integram os ditongos *ou* e *oi* tónicos e átonos em duas posições de palavra: inicial e medial (em posição final absoluta de palavra o fenómeno não se observa). Dado que o objecto de estudo em pesquisa requer uma análise da distribuição dos ditongos em toda a extensão do território português continental, decidimos para este fim recorrer a três conhecidos atlas linguísticos: *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI), *Atlas Linguarum Europae* (ALE) e *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e Galiza* (ALEPG).

Nos 3 atlas linguísticos fizemos o levantamento das palavras que ocorressem com maior frequência, resultando num *corpus* principal constituído por 20 palavras. O levantamento dos dados fez-se a partir das respostas em formato fonético.

Quanto à rede de localidades, seleccionámos as localidades que, de preferência, partilhassem alguma proximidade geográfica. Foi, assim, estabelecida uma nova rede de localidades para esta investigação, seleccionando determinadas localidades de cada uma das redes de inquérito originais (v. ANEXOS, Anexo 3: Mapa 2: Localidades dos Atlas Linguísticos (ALPI), (ALE) e (ALEPG)).

Para definir a extensão e os limites do território sobre a qual esta investigação irá incidir, guiámo-nos pela linha traçada por Cintra para o ALPI que limita o sistema linguístico galego-português no nordeste transmontano, ficando de fora as localidades cujo sistema linguístico pertence ao conjunto de dialectos do asturo-leonês (v. ANEXOS, Anexo 1: “Mapa 2 «Classificação dos dialectos galego-portugueses» de Cintra 1971” (1983)). Estão assim excluídas da nossa rede algumas localidades pertencentes ao distrito de Bragança onde se fala o Mirandês. Outras localidades do ALPI e ALEPG foram removidas por diferentes razões: informação insuficiente ou inexistente; dificuldades na localização geográfica; questões relacionadas com a inserção dos dados na própria base (só no ALPI surgiram alguns impedimentos à recolha causados pela inexistência da página com a resposta pretendida); dificuldades na leitura da

resposta transcrita devido a uma notação fonética pouco clara.

Após o levantamento das respostas procedemos (i) à organização e contagem dos dados por tipo de ocorrência atestada em cada localidade e distrito; (ii) de seguida, fizemos a descrição linguística do fenómeno em Portugal continental (adiante explicamos o porquê desta escolha); (iii) analisámos os pares de palavras em que ocorre variação *ou* ~ *oi*, tendo em conta o étimo dos ditongos (com esta análise procurámos determinar se existe conservação (e quais as áreas de conservação) dos ditongos etimológicos nas palavras do nosso *corpus*); (iv) prosseguimos para a distribuição geográfica de /ow/, /oj/ e /o/ (cartografagem dos dados, i.e., o registo dos dados linguísticos apurados neste trabalho em mapas do tipo interpretativo onde é possível visualizar a distribuição geográfica dos ditongos /ow/ e /oj/ e do monotongo /o/ no território português continental); (v) recorreremos à análise de um *corpus* complementar levantado a partir das respostas ao ALPI e ALEPG constituído por 6 palavras derivadas que integram os sufixos *-douro/-doiro* e *-doura/-doira*. As 6 palavras são nomes de instrumentos ou locais de trabalho e o uso deste *corpus* visa corroborar, acima de tudo, a distribuição geográfica do ditongo /oj/, distribuição conseguida a partir do *corpus* principal;

- na segunda etapa, fizemos (i) a análise de 4 factores linguísticos: contextos fonético-fonológicos seguintes, contextos fonético-fonológicos precedentes, posição do ditongo na palavra e tonicidade; (ii) por último, utilizámos alguns métodos da estatística descritiva, nomeadamente, Medidas de Simetria e Assimetria e Correlação (coeficiente de correlação), para determinar, em primeiro lugar, a forma como se distribuem as frequências de /ow/, /oj/ e /o/ por distrito: distribuição dispersa (assimétrica) ou distribuição concentrada (simétrica); em segundo lugar, qual o nível de associação (correlação) entre as 3 realizações em estudo. Este método vai-nos auxiliar a determinar se existe alguma associação entre /ow/-/oj/ e entre /oj/-/o/, justificando desta forma, o maior uso do ditongo palatal em algumas áreas, visto o uso deste ser, supostamente, uma estratégia para evitar a monotongação.

Todos os resultados serão apresentados em mapas, tabelas e gráficos. No fim apresentamos as nossas considerações finais e a conclusão desta investigação.

## 10. DADOS DA PESQUISA

Nesta secção pretendemos dar a conhecer, de forma sucinta, os recursos que nos serviram de meio para a obtenção dos dados para esta investigação, ou seja, a proveniência dos dados. Os dados provêm de três conhecidos atlas linguísticos, como já foi referido: 1] *Atlas Lingüístico da Península Ibérica*; 2] *Atlas Linguarum Europae*; e 3] *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e Galiza*.

1] O Atlas Lingüístico da Península Ibérica (ALPI), projecto criado de origem pelo filólogo Ramón Menéndez Pidal por volta do ano de 1914, teve a direcção do seu aluno Tomás Navarro Tomás, o qual assumiu a direcção das equipas que procederam às pesquisas efectuadas entre, primeiramente, 1930 e 1936, e mais tarde entre 1947 e 1954. Faziam parte das equipas de investigação: Francesc de Borja Moll e Manuel Sanchis Guarner; Aurelio M. Espinoda (filho) e Lorenzo Rodriguez-Castellano; Aníbal de Otero e Rodrigo de Sá Nogueira, este substituído por motivos de saúde por Armando Nobre de Guzmão e mais tarde por Luís Filipe Lindley Cintra (equipa da zona galego-portuguesa). A redacção e impressão do questionário deu-se em 1930 e em 1931; as pesquisas iniciaram-se com o apoio do Centro de Estudios Históricos. Após uma suspensão dos trabalhos causada pela Guerra Civil de Espanha, entre 1947 e 1954 efectuaram-se as restantes pesquisas com o apoio de Menéndez Pidal e Rafael de Balbin (Director de Publicações e Segundo Vice-Secretário do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (C.S.I.C.)). Rodriguez Castellano, Aníbal Otero e Sanchis Guarner procederam à edição dos materiais, edição que resultou num primeiro e até hoje, único tomo: *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica - Fonética*. O trabalho de edição parou, com os cadernos guardados em diferentes casas particulares e arquivos, até ao momento em que David Heap da University of Western Ontario, os encontrou e fotocopiou entre 1999 e 2001.

Os dados utilizados nesta dissertação foram levantados a partir da base de dados investigável no site gerido pelo Laboratoire de Linguistique Théorique et Appliquée na University of Western Ontario (v. **Referências Bibliográficas: Recursos *On-Line*: *Atlas Lingüístico da Península Ibérica***). Neste site pode-se encontrar mais de 36.000 páginas de dados dialectológicos e geolinguísticos, dados resultantes das 527 pesquisas realizadas em toda a Península Ibérica. Os

dados estão disponíveis para acesso através de páginas digitalizadas a partir dos cadernos originais<sup>39</sup>. Para se encontrar a informação pretendida basta seguir as directrizes do site: em cada página digitalizada figura o número do local da pesquisa (ponto de inquérito) e o caderno de onde a informação provém. Noutras páginas correspondentes ao mesmo ponto de inquérito é possível aceder-se à informação relativa à data de inquérito e ao informante.

A correspondência do alfabeto fonético do ALPI<sup>40</sup> ao que usamos no nosso trabalho, o Alfabeto Fonético Internacional (AFI), foi feita com o auxílio de João Saramago, coordenador da equipa de investigação portuguesa do projecto ALPI – *Elaboración y edición de los materiales del Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), projecto em parceria com o Consejo Superior de Investigaciones Científicas (líder), Universidad Autónoma de Madrid, Universitat de Barcelona, Universidade de Santiago de Compostela e Western Ontario University.

2] O Atlas Linguarum Europae (ALE) é um projecto de geografia linguística europeu iniciado oficialmente na Holanda em 1970, o qual engloba todas as línguas europeias, tal como a maioria dos seus respectivos dialetos. A informação foi recolhida em 2631 localidades europeias. A colaboração portuguesa no projecto iniciou-se em meados de 1974 pelo Grupo de Estudos de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Em 1975 foram realizados inquéritos em 53 aldeias portuguesas de acordo com o questionário constituído por 550 perguntas e utilizado nos países europeus participantes. Actualmente a equipa portuguesa responsável pelo projecto é constituída por Ernestina Carrilho (investigadora responsável desde 2008), Manuela Barros Ferreira, Gabriela Vitorino, João Saramago, Celeste Augusto (Universidade de Utrecht). Para uma informação mais detalhada pode-se aceder à página web do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)<sup>41</sup> ou à página web do projecto ALE<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> São três os questionários: Caderno I (Fonética e Morfosintaxe); Caderno IIG (Léxico, Geral); Caderno IIE (Léxico, Expandido). O Caderno I foi usado sempre em todas as localidades; o Caderno IIG, raramente, e o Caderno IIE, normalmente. De momento só estão disponíveis no site imagens do Caderno I (Fonética e Morfosintaxe).

<sup>40</sup> A mesma correspondência se aplica aos alfabetos fonéticos usados no ALE e ALEPG.

<sup>41</sup> Página web no CLUL: <http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/209-atlas-of-the-european-languages-ale>

<sup>42</sup> Página web do projecto ALE: <http://www.lingv.ro/ALE.html>

Para obter os dados, acedemos aos dossiers que se encontram no CLUL por intermédio da professora Ernestina Carrilho (investigadora responsável) e de João Saramago. Nesses dossiers encontram-se as páginas com as respostas em formato fonético às perguntas dos questionários linguísticos. Em cada página figura o n.º do ponto de inquérito, o conceito, o n.º de pergunta e a resposta. Foi-nos possível também aceder à listagem de informantes.

3] A maior parte dos dados foi obtida a partir da base de dados do Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). Este projecto, centrado na recolha linguística e etnográfica, iniciou-se em 1970 por uma equipa dirigida por Luís Filipe Lindley Cintra. Os dados foram recolhidos por meio de um questionário lexical, de base onomasiológica. O questionário linguístico, anteriormente constituído por 3.500 perguntas, foi reduzido para 2.000, com a finalidade de acelerar o prosseguimento do projecto. Em 1974 deu-se início à realização dos inquéritos com aplicação do questionário integral em 70 localidades e o reduzido em 142. As recolhas para o ALEPG estão finalizadas; à equipa responsável<sup>43</sup> cabe o trabalho de transcrever foneticamente os materiais e inseri-los na base de dados, tendo como objectivo a sua publicação<sup>44</sup>.

Os dados do ALEPG para esta investigação foram obtidos a partir da base de dados disponibilizada pelo CLUL. A base de dados é do tipo relacional, ou seja, as tabelas estão organizadas segundo uma ordem. Sucintamente: supra-campo semântico > campo semântico > sub-campo semântico > conceito > pergunta > resposta > conceitos relacionados (v. Saramago 2006: 284-285). A partir da base de dados procedemos ao levantamento das respostas nos moldes que já apresentámos anteriormente. A partir desta base obtivemos também a listagem de informantes.

---

<sup>43</sup> A equipa responsável presentemente pelo projecto ALEPG são João Saramago, Investigador Responsável; Gabriela Vitorino, Investigadora; Luísa Segura, Investigadora.

<sup>44</sup> Mais informações na página web do CLUL: <http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg>

## 10.1. Informações adicionais

a) As datas dos inquéritos abrangem uma extensão temporal de quase 70 anos: desde a década de '30, data das primeiras recolhas para o ALPI, até às últimas recolhas para o ALEPG na década de '90. Os inquéritos do ALE iniciam-se na década de '70<sup>45</sup> (v. **Anexos, Anexo 5: Informações adicionais sobre os inquéritos**);

b) quanto aos informantes: os critérios na escolha dos informantes nos 3 projectos – ALPI, ALE e ALEPG – são os que estão subjacentes aos critérios da Geografia Linguística: informantes que pertençam a uma faixa etária acima dos 50 anos; com baixo nível de escolaridade, e, preferencialmente, sem influências de outras variedades linguísticas; naturais da localidade e que se tenham ausentado por períodos curtos; com pais e cônjuge também naturais da mesma localidade, ou de localidades próximas;

c) as localidades da nossa rede foram localizadas através do *Google Maps* (serviço de pesquisa e visualização de mapas) e com o auxílio da informação geográfica disponível nos sites do CLUL dos projectos ALE e ALEPG e no Tomo I do ALPI. Para a apresentação dos dados em mapas, utilizámos um programa de *software* de aplicação em dialectometria e cartografia e disponível *on-line* (v. **Referências Bibliográficas: Recursos On-Line**): RuG/L<sup>04</sup>;

d) no quadro na página seguinte apresentamos o resumo da proveniência dos dados recolhidos (v. **Quadro I**):

---

<sup>45</sup> Relativamente às datas de inquérito, temos acesso a estas só para os inquéritos do ALE e ALPI pois os materiais destes estavam disponíveis, respectivamente, os dossiers e a base de dados *on-line* quando iniciámos a investigação, tendo tomado conhecimento da disponibilidade da base de dados do ALEPG numa fase mais adiantada do trabalho. Por motivos de tempo e disponibilidade, não foi possível fazer a consulta (presencial) aos cadernos com as datas de inquérito, informação que não consta na base de dados que utilizámos. No entanto, sabemos que os inquéritos foram realizados entre as décadas de '70 e '90 (v. página web deste projecto no *site* do CLUL).

**Quadro 1** – Dados provenientes dos três atlas linguísticos: ALPI, ALE e ALEPG

<b>ALPI</b> (1930-1936/1947-1954)	<b>ALE</b> (1975)	<b>ALEPG</b> (1970-1990)
<b>PALAVRAS</b>		
Caçoila <sup>46</sup>	n.e. <sup>47</sup>	Caçoila
n.e.	Choupo	Choupo
Coisa	n.e.	n.e.
Coice	n.e.	Coice
Coiro	Coiro	n.e.
n.e.	Couve	Couve
Dezoito	n.e.	Dezoito
n.e.	Foice	Foice
Noite	Noite	Noite
Oito	n.e.	Oito
n.e.	Outono	Outono
Outro/Outra	n.e.	n.e.
n.e.	Ouvir	Ouvir
Pouco	Pouco	Pouco
n.e.	Roupa	Roupa
n.e.	Rouxinol	Rouxinol
n.e.	Tesoura	Tesoura
n.e.	Toucinho	Toucinho
n.e.	Toupeira	Toupeira
Touro	Touro	Touro

<sup>46</sup> As distribuições geográficas para *Caçoila* ~ *Caçoula*, *Coiro* ~ *Couro*, *Couve* ~ *Coice* e *Bebedouro*~*Bebedoiro* (v. adiante) encontram-se cartografadas no *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica – Fonética* (1962).

<sup>47</sup> Conceito não existente.

## 11. CORPUS

O *corpus* principal utilizado nesta investigação é constituído por 20 palavras<sup>48</sup>:

- |                |              |
|----------------|--------------|
| 1. Outono      | 11. Toupeira |
| 2. Outro/Outra | 12. Pouco    |
| 3. Ouvir       | 13. Toucinho |
| 4. Oito        | 14. Coice    |
| 5. Roupa       | 15. Coiro    |
| 6. Touro       | 16. Noite    |
| 7. Choupo      | 17. Foite    |
| 8. Tesoura     | 18. Dezoito  |
| 9. Couve       | 19. Coisa    |
| 10. Rouxinol   | 20. Caçoila  |

---

<sup>48</sup> Fazemos aqui algumas observações sobre o *corpus* principal: no nosso *corpus* existem algumas palavras em que apesar da variação ter sido atestada em textos antigos, ou em diversos estudos dialectológicos (ocorrências que mostraremos ao longo do nosso trabalho em paralelo com os nossos resultados), no nosso *corpus* não ocorre essa variação, embora ocorram variantes fonéticas que poderão denotar uma tentativa de evitar a monotongação e que são de interesse para este trabalho; portanto, parece existir uma outra estratégia que o falante emprega para evitar a monotongação, desta maneira, sem ter que recorrer ao ditongo [oj]. Assim, no caso das palavras “pouco”, “choupo”, “ouvir”, “oito” e “dezoito”, ainda que nos nossos dados recolhidos não exista a variação *ou ~ oi*, fizemos o aproveitamento das mesmas, pois na análise que fazemos mais adiante, veremos se os resultados apontam para alguma constrição que não permita a variação. Ao fazer o levantamento dos dados a partir da base de dados do ALEPG, reparámos que em algumas localidades do arquipélago dos Açores existe a variação *ouvir ~ oivir*, *outo ~ oito* e *dezouto ~ dezoito*. Leite de Vasconcelos já havia atestado *oivir* e *toica* no norte de Portugal em Moncorvo, Trás-os-Montes (cf. Vasconcelos 1970: 91), entre outras ocorrências que exporemos em secções mais adiante.

Uma segunda observação que fazemos refere-se à natureza dos dados, i.e., dados dialectológicos em que por vezes os informantes em vez de darem a resposta no singular ou no feminino/masculino, o fazem no plural e com diferenças de género, ou até, com algumas

Na análise do tipo de ocorrência atestada em cada localidade, tivemos em consideração 4 factores linguísticos<sup>49</sup>:

- a) **Contexto fonético seguinte:** ponto de articulação do segmento seguinte<sup>50</sup>
- b) **Contexto fonético precedente:** ponto de articulação do segmento precedente
- c) **Posição do ditongo na palavra:** posição inicial, posição medial
- d) **Tonicidade:** sílaba tónica, sílaba átona

---

modofocações na última vogal (em alguns casos é a única resposta existente em determinada localidade). Essas ocorrências acontecem nas seguintes palavras: *couve ~ couva, couves ~ couvas; coive e coives; choupo e choupos; rouxinol e rouxinóis; toupeira e toupeiro; couce e couço; coice e coiço.*

Por último, o levantamento dos dados fez-se, também, recorrendo às respostas dadas como conceito relacionado, especificamente, as respostas a “couve”, visto que por vezes nos conceitos relacionados existe variação, eg.: Resposta: couve; Conceito Relacionado: couve lombarda; coive flor; côve rôxa.

<sup>49</sup> Todos os casos são apresentados no **Capítulo III: 3. Factores Linguísticos.**

<sup>50</sup> No que se refere ao tipo de segmento seguinte e precedente existem casos em que ocorrem diversas realizações fonéticas de um mesmo fonema, ou casos da neutralização fonológica de /v/ = /b/ (*oubir, coube*). Após a leitura no **Capítulo II** das secções **1., 2. e 3.** da **Descrição Linguística**, será mais fácil para o leitor contextualizar estas ocorrências no quadro da análise dos factores linguísticos, e especificamente, dos contextos fonético-fonológicos, apresentação que fazemos num capítulo mais avançado desta dissertação (**Capítulo III**); daí prescindirmos da apresentação nesta secção de todas as ocorrências.

Por forma a corroborar a distribuição geográfica do ditongo *oi*, distribuição geográfica conseguida a partir do *corpus* principal supra descrito, fizemos uso de um *corpus* complementar constituído por algumas palavras que integram os sufixos *-douro/- doiro* e *-doura/-doira*. Este *corpus* foi obtido a partir das respostas ao ALPI e ALEPG. Procedemos da mesma forma que para o *corpus* principal, ou seja, levantámos somente as palavras com maior ocorrência em ambos os atlas (v. na página seguinte):

### ***Corpus* complementar**

- |               |               |
|---------------|---------------|
| 1. Suadouro   | 4. Manjedoura |
| 2. Calcadouro | 5. Cantadoura |
| 3. Bebedouro  | 6. Roçadoura  |

## 11.1. A etimologia das palavras do nosso *corpus*<sup>51</sup>

O nosso *corpus* é formado por palavras cujo ditongo *ou* provém de *au* primário, latino ou germânico; *au* secundário - o ditongo é resultante da semivocalização de *l* do grupo *lt*; e ainda de outras origens diversas.

No que se refere às palavras cujo ditongo *ou* é proveniente de *au* primário latino temos: outono<sup>52</sup> < *autūnu-*, ouvir<sup>53</sup> < *audire*, touro<sup>54</sup> < *tauru-*, pouco<sup>55</sup> < *paucu-*, cousa<sup>56</sup> < *causa*, couve<sup>57</sup> < *caule-*.

Quanto a *ou* proveniente de *au* primário germânico temos o único exemplo seguinte: roupa<sup>58</sup> < *raupa*.

No que se refere às palavras cujo ditongo *ou* é proveniente de *au* secundário, temos: outro e outra<sup>59</sup> < *altĕru-*, couce<sup>60</sup> < *calce-*, fouce<sup>61</sup> < *falce-* e toupeira<sup>62</sup> < *talpa* + *-eira*.

Noutros casos o ditongo *ou* tem proveniências diversas. É o caso de rouxinol<sup>63</sup> < *\*lŭscnĭŏlu-*, toucinho<sup>64</sup> < *tŭcca*, choupo<sup>65</sup> < *popplu* e caçoula<sup>66</sup> < *\*caço* ou *caçoulo*.

Quanto às palavras que integram o ditongo *oi*, separamos aquelas palavras cujo ditongo é proveniente de *-oriu-*, das de *-oria* e de *-oct-*.

No que se refere ao primeiro caso temos couro<sup>67</sup> < *cōrŭ-*. No segundo caso temos tesoura<sup>68</sup> < *tonsōria*. Por último, no terceiro caso temos oito<sup>69</sup> < *ōcto*, dezoito<sup>70</sup> < *děcĕm et octo* e noite<sup>71</sup> < *nocte*.

<sup>51</sup> Para o estudo da etimologia e primeiras atestações das palavras do nosso *corpus* consultámos os seguintes dicionários: Joan Corominas: *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Com a colaboração de José A. Pascual (1987-1991); Antônio Houaiss: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001); José Pedro Machado: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1967); Antenor Nascentes: *Dicionário Etimológico Resumido* (1966) e Antônio Geraldo da Cunha: *Dicionário Etimológico Nova Fronteira Da Língua Portuguesa* (1982).

<sup>52</sup> Outono: sXIII *outono* (Cunha, s.v. outono); 1836 *oitono* (Houaiss, s.v. outono).

<sup>53</sup> Ouvir: sXIII *ouir*, sXIII *oyr* (Cunha, s.v. ouvir); s.XIV *ouvir*, sXIV *houujr* (Houaiss, s.v. ouvir); de *\*oir*; que com o desdobramento da semivogal resultou na forma actual: *ouuir* > ouvir (Nascentes, s.v. ouvir).

<sup>54</sup> Touro: sXIII *touro* (Cunha, s.v. touro).

<sup>55</sup> Pouco: sXIII *pouco* (Cunha, s.v. pouco, pouca).

<sup>56</sup> Cousa: sXIII *cousa*, sXIII *coussa*, sXVI *coysa* (Cunha, s.v. coisa, cousa); do lat. *causa*, foi sinónimo de *RES*, suplantou esta forma. “Do sentido de “processo” e de “razão das coisas” passou ao de “coisa” ” (Nascentes, s.v. coisa); forma divergente erudita *causa* > *cousa*; *coisa* (1352) com a permuta da semivogal (Houaiss, s.v. coisa).

<sup>57</sup> Couve: sXIV *couve* (Cunha, s.v. couve); do gr. *kaulós*, pelo lat. *caulis*, *is* > *caule* > *\*coule*, *\*coue*, forma na qual se inseriu um -u- epentético (cf. exemplo acima *audire* - *ouvir*) (Houaiss, s.v. couve).

<sup>58</sup> Roupa: sXIII *roupa*. Do gótico *\*raupa* “prêsa”. Teve os significados de “despôjo de guerra”, “bens, posses” e mais tarde “vestimenta”. Vocábulo relacionado com *ROUBAR*, também de origem germânica (Cunha, s.v. roupa).

<sup>59</sup> Outro: sXIII *outro* do latim *alter altĕra altĕrum* (Cunha, s.v. outro); substituiu no latim vulgar a forma do latim clássico *alius*

As palavras derivadas são compostas por um verbo e os sufixos *-douro/-doura* ou *-doiro/-doira*<sup>72</sup>.

Em português as palavras que têm significado locativo usam geralmente a forma masculina, p.e.: *calcadoiro* (~ *calcadouro*), *bebedeiro* (~ *bebedouro*) e *suadoiro* (~ *suadouro*).

Nas palavras que designam instrumentos, é mais usual usar-se a forma feminina, p.e.: *roçadoira* (~ *roçadoura*), *manjedeira* (~ *manjedoura*) e *cantadoira* (~ *cantadoura*), embora também se possa usar o masculino com esta função, p. ex.: *suadoiro* (*suadouro*).

---

“outro” (Corominas, s.v. otro).

Outra: sXIV *oetra*, sXV *otra* (Houaiss, s.v. outro – informação que o autor retira do *Índice do Vocabulário Português Medieval* (IVPM) de António Geraldo da Cunha ).

<sup>60</sup> Couce: sXIII *couce* (Cunha, s.v. coice).

<sup>61</sup> Fouce: sXIII *fouce*; sXIV *ffojçe* (Cunha, s.v. foice).

<sup>62</sup> Toupeira: sXVI *toupeira* (Cunha, s.v. toupeira); tem uso geral em todas as épocas, encontra-se conservado na forma feminina ou masculina em todos os romances do Ocidente. A primeira no galo-romance e em algum dialecto catalão do Norte, volta a aparacer no moçárabe *taupa* 'ratón'. A segunda no castelhano e catalão *talp* (*taup*). No galego conserva-se a forma feminina *toupa*, forma eliminada no português por *toupeira*. No verbete, Corominas apresenta *\*toipa*, normal na fonética de Ponte Vedra, Galiza, forma dada por Carré, mas como *tiopa*. (Corominas, s.v. topo).

<sup>63</sup> Rouxinol: sXVI *rouxinol*, sXIV *rousinol*, do provençal antigo *roussinhol*, derivado do latim *\*lūscīnīðlus* (Cunha, s.v. rouxinol); sXIV *rossignol* ou *rossinhol* por via do provençal; sXIV *rouxinol*. Machado supõe que a forma portuguesa se tenha cruzado com a forma castelhana *roissinhor* originando assim as diferentes variantes: *roixinol*, *ruissenhor*, *ruissenol* e *ruissinol* (Machado, s.v. rouxinol).

Em Corominas (s.v. ruisenñor) *ruisenñor* é proveniente do occitano antigo *rossinhol*, proveniente do lat. vulgar *\*lūscīnīðlus*, diminutivo das formas latinas *luscinia* ou *luscinius*. O primeiro *l* mudou por dissimilação no romance (*\*rūscīnīðlus*). Quanto ao castelhano o A. refere que a palavra se alterou por etimologia popular: “(...) en castellano el vocablo se alteró por una etimologia popular, que lo interpretó como si fuese *Ruy señor* 'señor Rodrigo'. 1.ª doc.: Berceo”. Noutra parte do verbete o A. refere a possível proveniência desta palavra tendo por base a pronúncia dela na língua de OC, de *\*rūscīnīðlus* passou primeiro a *\*roissinhol*. Quanto ao português

---

o A. atribui a etimologia ao occitano *rossinhol*, forma que se propagou através da poesia trovadoresca, não somente em Castela mas também em Portugal: *roixinol*, *rouxinol*; em Trás-os-Montes, *reixinol*.

<sup>64</sup> Toucinho: sXV *toucinho* (Houaiss, s.v. toucinho – informação retirada de Cunha (IVPM)). Segundo Corominas (s.v. tocino), vocábulo peculiar ao castelhano e português de origem celta *tūcca*, donde se formou o derivado *tūccētum*. No latim vulgar hispânico é provável que se tenha formado o derivado *\*tūccīnum* (*lardum*). De entre os romances somente o português e o galego partilham a palavra *toucinho*. O ditongo estende-se também ao asturiano ocidental *toucin*, *toucino* e aos povos de fala lusitana na Estremadura. Contudo Corominas supõe que o ditongo se possa dever a um influxo secundário no caso do galego de *touza* e no português de *touça*. G. de Diego, autor citado por Corominas, indica a existência de *tūccētum* no latim e o emprego análogo de *tūcca*. De *tūcca*, com o sentido de “caldo gorduroso”, resulta por um lado o derivado *tūccētum* “carne de porco conservada em salmoura”, e por outro, o derivado ibero-romance, do qual se poderá admitir uma formação adjectiva *\*tūccīnum* (*lardum*).

<sup>65</sup> Choupo: sXVIII *choupo* (Cunha, s.v. choupo); sXVIII (1768) *choupo* (Machado, s.v. choupo).

<sup>66</sup> Caçoula: sXVI *caçoula* (Houaiss, s.v. caçoula, <sup>2</sup>caçoulo e caçoila). Segundo Houaiss no dialecto occitânico existe *cassolo* «espécie de terrina», derivado de *casso* «pequeno tacho ou caçarola de barro». A variante “caçoila” está atestada em 1706 (séc.XVIII): *cassoilas* «panela para o fogo». Segundo Machado (s.v. caçoila, caçoula) a palavra “caçoula”, que mais tarde passou também a “caçoila”, é de etimologia obscura. O A. propõe, com reservas justificáveis, o lat. *\*cattiōla*, dim. de *cattia* e atesta em 1706 *cassoilas* e *caçoula*; sXVI *caçoulas*.

Segundo Corominas (s.v. cazo) “caço” (*cazo*, no castelhano) é um vocábulo comum aos romances ibéricos, de origem obscura.

<sup>67</sup> Couro: sXIV *couro* (Cunha, s.v. couro).

<sup>68</sup> Tesoura: sXIV *tesoira* (Cunha, s.v. Tesoura). Segundo Houaiss (s.v. tesoura): *tonsořia*, com perda da nasalidade e metátese do *r*,

---

passou a *tosoira*; com dissimilação e permuta da semivogal, *tesoira* ou *tesoura*. Dá outras formas atestadas e datas: sXIV *tesoyras*; sXIV *tesouras*, sXV *tizoura*, 1580 *tezoura*.

<sup>69</sup> Oito: sXIII *oito*, sXIII *oyto* (Cunha, s.v. oito). Em Houaiss (s.v. oito) outras atestações com datas: 1365 *ouito*, sXIV *oyto*, sXV *octo*, 1720 *outo*.

<sup>70</sup> Dezoito: 1265 *dezeoito*, sXIV *dezoito*, sXV *dexeoito* (Houaiss, s.v. dezoito).

<sup>71</sup> Noite: sXIII *noite*, sXIII *noyte*, sXIV *noute* (Cunha, s.v. Noite).

<sup>72</sup> Sufixo *-doiro*: sXIII – XV *doiro*, mais tarde em alternância com *douro*. O sufixo latino *-orius*, no português *-oiro/-ouro*, formava primitivamente adjetivos ao combinar-se com os temas do participio passado (*-torius* > *-doiro*, *-sorius* > *-soiro*), p.e.: *casadoira*. Mais tarde o sufixo substantivou-se e originou a forma neutra *-orium*, a partir da qual se exprime a noção de instrumento utilizado em determinada actividade, ou o local onde esta acontece. Gamillscheg (*apud* Piel (1989: §11 e §13)) examinou as formas em *-orium* nas obras de escritores populares latinos e chegou à seguinte conclusão: os derivados que são nomes de instrumentos são provenientes de verbos transitivos; os derivados que são nomes que indicam um lugar são provenientes de verbos intransitivos. A forma feminina *-doiral/-doura*, provêm dos derivados de temas fracos, exemplos no nosso *corpus*: *roçadoura~roçadoira* e *manjedoura~manjedeira* (Houais (2001); Piel (*loc. cit.*)).

## 12. AMOSTRA

A amostra consta das respostas levantadas em 228 localidades distribuídas pelos 18 distritos portugueses, informação recolhida de um total de 503 informantes com idades compreendidas entre os 19 anos e os 93 anos, na maior parte dos casos naturais e residentes na localidade e com nenhuma ou pouca estadia fora da sua localidade. O nível de escolaridade vai desde o analfabeto até ao 7º ano do ensino secundário.

## 13. REDE DE LOCALIDADES

Para a constituição da rede de localidades, seleccionámos as localidades que, de preferência, partilhassem alguma proximidade geográfica. Foi estabelecida uma nova rede de localidades para esta investigação, seleccionando determinadas localidades de cada uma das redes de inquérito originais<sup>73</sup>, e excluindo outras por diversas razões já referidas atrás na secção da Metodologia. Sucintamente: do ALPI seleccionámos 71 localidades, de um total de 93<sup>74</sup>; do ALE seleccionámos toda a rede de inquérito, ou seja, 53 localidades; e no ALEPG seleccionámos 137 localidades, num total de 176<sup>75</sup>. Tentou-se desta maneira estabelecer uma rede cuja malha fosse apertada ao longo de todo o território, embora a densidade populacional seja maior na área setentrional. O maior objectivo, foi tentar encontrar o maior número possível de localidades que se encontrassem junto da isófona de conservação do ditongo [ow], i.e., as localidades dos distritos de Aveiro, Viseu e Guarda.

Assim, seleccionadas as localidades, a nossa rede ficou constituída com 228 localidades

---

<sup>73</sup> Para determinar a localização geográfica das localidades guiámo-nos pela informação disponibilizada *on-line* pelo CLUL para os projectos ALE e ALEPG, paralelamente com a ajuda da informação administrativa (distrito e concelho), e o serviço de pesquisa e visualização de mapas (*Google Maps/Google Earth*).

<sup>74</sup> Da rede do ALPI ficaram excluídas 22 localidades. Do distrito de Beja: Moura, Ferreira do Alentejo, Vila Nova de Mil Fontes, Monte dos Sapos; distrito de Bragança: Rio de Onor e Duas Igrejas; distrito de Castelo Branco: Ourondo e Alcains; distrito de Faro: Santa Justa, Odeleite e Sagres; distrito de Leiria: Patais, Mendiga, Atouguia da Baleia; distrito de Portalegre: Sousel; distrito de Santarém: Rio Maior, Espite, Lapas, e Cartaxo; distrito de Viseu: Castendo, Eiras de Castelões, Conlela.

<sup>75</sup> Da rede do ALEPG ficaram excluídas 39 localidades. Do distrito de Aveiro: Espinho; distrito de Beja: Panóias, Luzianes, Álamo, Porteirinhos, Nave Redonda, São Barnabé; distrito de Braga: S. João do Campo, Soutelo e Gagos; do distrito de Bragança: Rio de Onor, Guadramil, Constantim, Ala, Sendim, Duas Igrejas e Ribalonga; distrito de Castelo Branco: Malpica do Tejo; distrito de Coimbra: Figueira do Lorvão, Folques e Murtinheira; distrito de Faro: Parises, Junqueira e Encheirim; distrito da Guarda: Seixas, Escalhão, Barreira, Monteiros e Sortelha; distrito de Setúbal: Aldeia do Meço; distrito de Portalegre: Porta da Espada; distrito do Porto: Baião; distrito de Vila Real: Santo André e Ribeira da Fraga; distrito de Viseu: Mezio, Tibaldinho, Santar, Múceres e Granjal.

distribuídas pelos 18 distritos portugueses e enumeradas de norte para sul e de oeste para leste (algumas das localidades seleccionadas são coincidentes nos 3 atlas).

Na página seguinte apresentamos a lista de localidades e o mapa da rede de localidades (**Mapa 1**). Nos **ANEXOS (Anexo 4)** pode-se encontrar a lista de distritos, concelhos e localidades, como também o mapa com as localidades pertencentes à rede de inquérito de cada um dos 3 atlas (**Mapa 2**).

## DISTRITOS

A – Aveiro; B – Beja; Bç – Bragança; Bg – Braga; C - Castelo Branco; C- Coimbra; E – Évora; F – Faro; G – Guarda; L – Leiria; Lx – Lisboa; Pl – Portalegre; P – Porto; S – Santarém; St – Setúbal; VC - Viana do Castelo; VR - Vila Real; V – Viseu.

## REDE DE LOCALIDADES

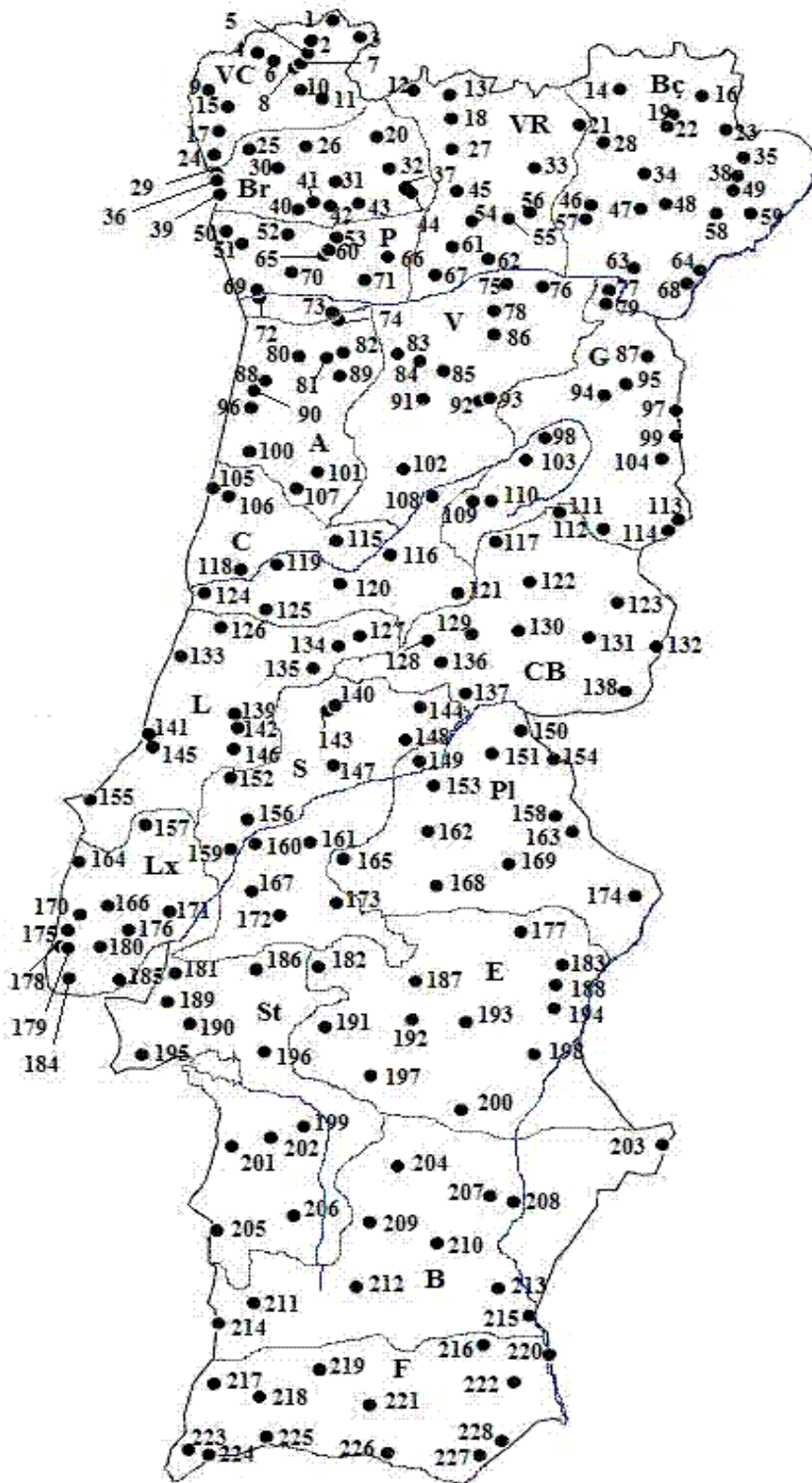
1 - Paderne	25 - Balugães
2 - Fornelos	26 - Fiscal
3 - Castro Laboreiro	27 - Covas do Barroso
4 - Bade	28 - Torre de D. Chama
5 - Estrica	29 - Marinhas
6 - Insalde	30 - São Romão da Ucha
7 - Sobreira	31- Gondomar das Taipas
8 - Choças	32 - Vila Boa de Bucos
9 - Moledo	33 - Carrazedo de Montenegro
10 - Arcos de Valdevez	34 - Macedo de Cavaleiros
11 - Tamente	35 - Vimioso
12 - Pitões das Júnias	36 - Esposende
13 - Montalegre	37 - Cabeceiras de Basto
14 - Sobreiró	38 - Campo de Víboras
15 - São Lourenço da Montaria	39 - Apúlia
16 - Gimonde	40 - Pousada de Saramagos
17 - Portuzelo	41 - Brito
18 - Negrões	42 - Guimarães
19 – Rebordão	43 - Fafe
20 - Salamonde	44 - Arco de Baúlhe
21 - Sonim	45 - Viduedo
22 - Lanção	46 - Marmelos
23 - Outeiro	47 - Sambade
24 - Castelo do Neiva	48 - Peredo

- 49 - Algosó  
50 - Vila do Conde  
51 - Gião  
52 - Santo Tirso  
53 - Barrosas  
54 - Vilarinho de Samardã  
55 - Perafita  
56 - Murça  
57 - Vilarinha das Azenhas  
58 - Penas Roias  
59 - Travanca  
60 - Ordem  
61 - Mondrões  
62 - Roalde  
63 - Larinho  
64 - Lagoaça  
65 - Nevogilde  
66 - Gondar  
67 - Sedielos  
68 - Mazouco  
69 - Porto  
70 - Sobrado  
71 - Marco de Canavezes  
72 - Paço do Rei  
73 - Sardoura  
74 - Sobrado de Paiva  
75 - Valença do Douro  
76 - São João da Pesqueira  
77 - Pocinho  
78 - Granja do Tedo  
79 - Vila Nova de Foz Côa  
80 - César  
81 - Carvoeiro  
82 - Arouca  
83 - Ester de cima  
84 - Vale de Matos  
85 - Malhada  
86 - Moimenta da Beira  
87 - Figueira de Castelo Rodrigo  
88 - Válega  
89 - Covo  
90 - Pardilhó  
91 - Vila Verde  
92 - Avelal  
93 - Rãs  
94 - Pala  
95 - Quinta Nova  
96 - Murtosa  
97 - Vale da Mula  
98 - Casas do Soeiro  
99 - Vilar Formoso  
100 - Moitinhos  
101 - Pardeeiro  
102 - Lajeosa do Dão  
103 - Figueiró da Serra  
104 - Malharda Sorda  
105 - Praia de Mira  
106 - Mira  
107 - Famalicão  
108 - Ervedal da Beira  
109 - São Romão  
110 - Sabugueiro  
111 - Belmonte  
112 - Santo Estêvão  
113 - Aldeia do Bispo  
114 - Fóios  
115 - Penacova  
116 - Arganil  
117 - Unhais da Serra  
118 - Montemor-o-Velho

119 - Vila Pouca do Campo	154 - Alpalhão
120 - Papanata	155 - Ferrel
121 - Porto de Vacas	156 - Alcanhões
122 - Alcongosta	157 - Dagorda
123 - Monsanto	158 - Reguengo
124 - Lavos	159 - Vale de Santarém
125 - Casconho	160 - Almeirim
126 - Antões	161 - Parreira
127 - Mosteiro	162 - Vale de Açor
128 - Oleiros	163 - Alegrete
129 - Cardoso	164 - Póvoa de Penafirme
130 - Tinalhas	165 - Foros do Arrão
131 - Idanha-a-Nova	166 - Enxara do Bispo
132 - Salvaterra do Extremo	167 - Glória do Ribatejo
133 - Vieira de Leiria	168 - Avis
134 - Figueiró dos Vinhos	169 - Cabeço de Vide
135 - Boca-da-Mata	170 - Sobreiro
136 - Isna	171 - Povos
137 - Foz do Cobrão	172 - Coruche
138 - Rosmaninhal	173 - Santa Justa
139 - Chainça	174 - Campo Maior
140 - Igreja Nova do Sobral	175 - Assafora
141 - Nazaré	176 - Freixial
142 - Moita do Martinho	177 - São Lourenço de Mamporcão
143 - Ferreira do Zêzere	178 - Fontanelas
144 - Mesão Frio	179 - Aldeia Galega
145 - Cela Velha	180 - Almargem do Bispo
146 - Mira de Aire	181 - Alcochete
147 - Montalvo	182 - Lavre
148 - Pereiro	183 - São Romão
149 - Belver de Gavião	184 - Alcabideche
150 - Montalvão	185 - Lisboa
151 - Nisa	186 - Canha
152 - Amiais de Baixo	187 - Arraiolos
153 - Vale da Vinha	188 - Alandroal

189 - Moita	209 - Aljustrel
190 - Palmela	210 - Corte Cobres
191 - Foros do Baldio	211 - Vale Chaim de Baixo
192 - São Matias	212 - Ourique
193 - Nossa Senhora da Machede	213 - Mértola
194 - Terena	214 - Zambujeira do Mar
195 - Santana	215 - Mesquita
196 - Palma	216 - Penteadeiro
197 - Alcáçovas	217 - Aljezur
198 - Carrapatelo	218 - Marmeleite
199 - Água Derramada	219 - São Marcos da Serra
200 - Santana	220 - Laranjeiras
201 - Melides	221 - Alte
202 - Grândola	222 - Alta Mora
203 - Barrancos	223 - Vila do Bispo
204 - Peroguarda	224 - Salema
205 - Porto Covo	225 - Alvor
206 - Foros da Casa Nova	226 - Quarteira
207 - Quintos	227 - Fuseta
208 - Serpa	228 - Santa Luzía de Tavira

Mapa 1- Rede de Localidades





## CAPÍTULO II

### DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA

#### Nota explicativa

Pretendemos ao longo desta primeira secção fazer uma descrição linguística o mais minuciosa possível, embora concisa. Consideramos que a variação *ou ~ oi*, à semelhança do que se passa com outras línguas ibéricas (cf. o asturiano e o leonês), é um fenómeno interessante na língua portuguesa, e que merece tal descrição. Daí, não recorreremos somente às análises estatísticas, análise de contextos fonológicos, etc. Pretende-se assim, mostrar, através do *corpus* disponível, como na realidade esse fenómeno, que denominamos a variação *ou ~ oi*, se manifesta nos falantes das diferentes regiões do território português continental e ao longo de uma determinada extensão temporal. Outra razão para fazer esta descrição prende-se com determinados aspectos de interesse quer linguístico quer histórico, que desta maneira ficam expostos.

Dado que o nosso país tem duas áreas dialectais distintas para o ditongo *ou*, uma a norte onde o ditongo se pronuncia como [ow], ou com dissimilação [ɐw] mas sempre como ditongo, e outra no centro-sul onde o ditongo se pronuncia como [o], e visto que o ditongo [oj], em princípio, poderá ter a sua maior incidência no centro do país, organizámos a descrição dividindo os distritos em 3 grupos distintos. A motivação desta divisão tem por base a observação e distinção feita por Cintra no que se refere à distribuição de [ow], [oj] e [o] ao longo do território continental, a qual relembramos aqui:

Desde já posso indicar, embora de uma maneira vaga, qual a região em que me parece registrar-se o predomínio de [õi] ou, para falar mais exactamente, em que são numerosas as zonas em que [õi] é particularmente abundante: essa região é o centro de Portugal, a zona de entre Douro e Tejo, isto é, a zona que tem sido atravessada durante os últimos séculos, na direcção este-oeste, e segundo paralelos cada vez mais altos, pela fronteira da monotongação de [ou], hoje já vizinha da linha do Douro. Em contraste, com esta zona central, a maior parte do norte de Portugal (parecem exceptuar-se algumas partes de Trás-os-montes) e a Galiza conservam o ditongo [ou] (a não ser nos casos em que [õi] é etimológico, quando, como diz Paiva Bóleo, o não estendem a estes últimos). A sul do Tejo predomina a monotongação em [o], embora não sejam raras formas isoladas em [õi].  
(Cintra 1983: 34)

Assim, a descrição linguística está organizada da seguinte maneira:

1. Norte: Viana de Castelo, Braga, Vila Real, Bragança e Porto (desde Espanha (Galiza) até à linha norte do rio Douro);

2. Centro: Aveiro, Viseu, Guarda, Coimbra, Castelo Branco, Santarém, Leiria e Lisboa (desde a linha sul do rio Douro até à linha norte do rio Tejo);

3. Sul: Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro (linha a sul do rio Tejo até ao Algarve).

A complementar a descrição linguística, apresentamos no ponto **4.** algumas observações adicionais e no ponto **5.** os pares de palavras em que ocorre a variação *ou~oi*.

## 1. Viana do Castelo (VC), Braga (Br), Vila Real (VR), Bragança (Bç) e Porto (P)<sup>76</sup>

### Ditongo *ou*

a) Numa descrição geral, os dados obtidos a partir do nosso *corpus* principal para estudo constituído por 20 palavras mostram a conservação regular do ditongo *ou* tónico e átono, seja qual for a sua origem etimológica (v. o ponto **11.1. A etimologia das palavras do nosso *corpus* no Capítulo I**), em posição inicial e medial de palavra nas 73 localidades dos 5 distritos que se encontram no norte de Portugal, especificamente além Douro (com inclusão de duas localidades no distrito do Porto a sul do rio, Paço do Rei (72) e Sardoura (73)<sup>77</sup>) e até à fronteira com Espanha, a norte e a leste. No entanto, em algumas localidades ocorre quer a monotongação do ditongo /ow/ em posição inicial e medial de palavra (embora pouco significativa) quer a realização do ditongo como [æw], [ɔw] ou [aw], e ainda a existência do ditongo /oj/ que se regista com maior ou menor ocorrência em algumas localidades.

Nos pontos seguintes, tentaremos fazer uma descrição específica dos diversos aspectos observados nos diferentes distritos.

b) *Posição inicial-contexto tónico*, a partir da base de dados do ALPI, donde se procedeu ao levantamento dos pronomes “outro” e “outra” em contexto frasal<sup>78</sup> observa-se a conservação regular do ditongo *ou* em posição inicial de palavra realizado como [ow] nas localidades de Viana do Castelo. Nos distritos de Braga, Vila Real, Bragança e Porto *ou* realiza-se como [ow], com excepção dos casos onde existe a substituição do ditongo *ou* por *oi* (v. adiante o ponto **Ditongo *oi***, alínea b.1.)). Em Bragança *ou* também se realiza numa das suas variantes fonéticas ([æw]), exs.: Peredo (48) “outro” [‘æwtru], “outra” [‘æwtɾɐ].

<sup>76</sup> Encontra-se nos **Anexos (Anexo 5)** a informação concernente às datas de inquérito.

<sup>77</sup> Localidade que na rede do ALEPG está inscrita no distrito do Porto, embora pertença ao distrito de Aveiro.

<sup>78</sup> «Dar a cara por outro» e «A ninguém lhe agrada vestir a roupa de outra». No caso da segunda frase, de modo geral, a vogal da preposição sofre supressão e ocorre imediatamente logo a seguir a vogal do ditongo, portanto: “...a roupa d'outra”. O mesmo se aplica na descrição destes resultados nas localidades de todos os distritos seguintes.

c) *Posição inicial-contexto átono*, os dados do ALE e do ALEPG mostram a conservação regular do ditongo em posição inicial nas palavras “outono” e “ouvir” em todas as localidades dos 5 distritos em análise, embora a realização do ditongo oscile entre [ow] e [o<sup>w</sup>], portanto, no segundo caso com enfraquecimento da semivogal velar ([<sup>w</sup>]), sendo esta, aliás, a realização mais frequente do ditongo neste contexto. Existe também, mas em menor número, a ocorrência da monotongação nestas palavras em algumas localidades (v. alínea abaixo).

d) *Monotongação-contexto átono*, verifica-se em algumas das localidades dos distritos de Viana do Castelo, Braga, Bragança e Porto, segundo os dados do ALE e do ALEPG: Choças (8), VC: “ôvir” [oβ'ir]; São Romão da Ucha (30), Br: “ôvir” [ov'iri]; Campo de Víboras (38), Bç: “ôvir” [oβ'iri]; Algosó (49), Bç: “ôvir” [oβ'iri]; São Romão da Ucha (30), Br: “ôtono” [ot'õnu]; Vila Boa de Bucos (32), Br: “ôtono” [ot'õnu]; Sardoura (73) “ôtono” [ot<sup>w</sup>onu].

e) *Posição medial-contexto tónico*, segundo os dados do ALPI, ALE e ALEPG, *ou* medial tónico é conservado de forma regular nas palavras “roupa”, “touro”, “choupo”, “tesoura”, “couve”, “pouco”, “couro” e “couce” nas localidades dos 5 distritos em análise, sendo realizado como [ow] ou [o<sup>w</sup>], i.é., com uma semivogal velar enfraquecida, ou ainda com outras variantes fonéticas que veremos a seguir, embora existam casos em que *ou* é substituído por *oi*.

e.1.) Nestes distritos observam-se casos de subsistência de *ou*, exs.: “couro”, “couce” ou “couço”, “cousa”, “fouce”, “noute” e “caçoula”. Ou seja, em algumas palavras em que parece existir a possibilidade da alternância *ou* ~ *oi*, a escolha é a favor de *ou*, ainda que a variante palatal se faça ouvir em algumas localidades e seja a mais recorrente (v. abaixo o ponto **Ditongo oi** e adiante **5. Variação ou ~ oi**). Neste grupo de palavras observa-se a monotongação constante na última palavra (“caçoula”) em Viana de Castelo (v. abaixo alínea g)).

e.2.) Segundo os dados do ALE e ALEPG, nos distritos de Viana do Castelo, Braga e Vila Real, o ditongo velar realiza-se quase sempre com oscilação entre [ow] e [o<sup>w</sup>], i.é., no segundo caso com uma semivogal enfraquecida. Nas localidades do distrito de Bragança da rede ALE a realização do ditongo é igualmente oscilante: [ow] ~ [o<sup>w</sup>]. Por outro lado, nas localidades da rede ALEPG conserva-se quase sempre os elementos constitutivos do ditongo com igual perceptibilidade, embora existam casos em que a semivogal velar surge enfraquecida. Neste distrito destacam-se as

localidades de Vimioso (35) e Peredo (48), onde na primeira, o ditongo *ou* é pronunciado em algumas palavras com uma vogal baixa quase aberta posterior não-arredondada ([ɑ]) originando um ditongo com uma vogal de timbre velarizado ([ɑw]) e.g., “roupa” [r'ɑwpə], ou ainda com uma vogal baixa aberta central não-arredondada e avançada ([ɶw]), e.g., “touro” [t'ɶwru]. O primeiro caso que se verifica em Vimioso é muito semelhante ao que se passa numa localidade das Astúrias, como refere Castellano (1954: 90): em Bandujo, Proaza, pode-se ouvir uma variante do ditongo *ou*, variante pronunciada com uma vogal com um timbre difícil de distinguir mas muito aproximado à vogal velar ([ɑ]). Excluindo as hipóteses de uma má pronúncia por parte do falante e a falta da atestação do mesmo ditongo noutros informantes, o A. diz que poderíamos estar diante de um tipo de ditongo arcaico em que o seu primeiro elemento já estaria em fase de dissimilação (*au* > *ou*). Acrescenta o A. que no domínio leonês, em Cabrera Alta, também se encontra o mesmo ditongo ou um muito semelhante.

Continuando a descrição, existem também casos em que a vogal velar sofre dissimilação passando a baixa quase aberta anterior não-arredondada ([æ]), exs.: “pouco” [p'æwku], “couce” [k'æwsi]; e a baixa semiaberta anterior não-arredondada, e.g.: “couro” [k'ewru].

Em Peredo (48) observa-se o uso mais constante da variante fonética [æw]: “roupa” [r'æwpə], “touro” [t'æwru], “pouco” [p'æwku] e “caçoula” [kɶs'æwlə]; ou com uma vogal central: “couce” [k'awsɪ].

e.3.) Noutras localidades e distritos também se registam variantes deste ditongo, embora com menor ocorrência, com dissimilação da vogal [o] que passa a central não-arredondada [ɐ], como em Gião (51), localidade do distrito do Porto, e.g. “couve” [k'ɐwβ<sup>h</sup>]; e em Sonim (21), localidade do distrito de Vila Real, exs.: “touro” [t'ɐwru], “couce” [k'ɐws<sup>h</sup>]. Geograficamente este tipo de ocorrência ocorre quer no Douro Litoral, como é o caso de Gião; mais a leste em Sonim, no norte do distrito de Vila Real, relativamente próxima do distrito de Bragança; a nordeste deste distrito em Vimioso, e em Peredo, no centro do distrito, concelho de Macedo de Cavaleiros.

e.4.) Nas localidades do distrito do Porto da rede ALE e ALEPG, conserva-se o ditongo e seus elementos com igual perceptibilidade (salvo algumas exceções onde a semivogal aparece enfraquecida e casos de dissimilação referidos nas alíneas acima).

f) *Posição medial-contexto átono*, segundo os dados do ALE e ALEPG, *ou* é de forma regular conservado como demonstram os exemplos recolhidos para o nosso *corpus*, i.é, as respostas a “rouxinol”, “toupeira” e “toucinho”, embora existam casos em menor número de ocorrências da redução do ditongo a [o] (v. alínea abaixo); da sua substituição por *oi* (v. o ponto **Ditongo oi**) e ainda da sua realização fonética na variante dissimilada ([æ]), caso que se regista em Castelo do Neiva (24), Viana do Castelo, e.g.: “toupeira” [tæ<sup>w</sup>p'ejræ].

g) *Monotongação*, verifica-se em ambos os contextos, tónico e átono, em algumas das localidades distribuídas pelos 5 distritos em análise e quase sempre se dá nas mesmas palavras<sup>79</sup>. Dado a área dialectal ser de conservação do ditongo *ou*, poderemos supor que a monotongação ocorra a partir do ditongo *ou* e não *oi*, embora esta última variante também exista nesta região, como é o caso em algumas localidades de Vila Real e Bragança.

h) Em algumas localidades e nestas palavras, o monotongo /o/ pode assumir diferentes realizações<sup>80</sup>: vogal dissimilada [ɐ] em “raxinol” e “rassinol”; vogal aberta [ɔ] em “róxinol”; vogal aberta com tendência a elevar [ɔ̃] em “tópera”; vogal velar fechada [u] na mesma palavra, “tupeira”, e em “russinol”; e vogal velar fechada enfraquecida [u̟] em “russinol”.

<sup>79</sup> Exemplos: “caçôla”: Insalde (6) e Portuzelo (17), VC; Montalegre (13), VR; “pôco”: Moledo (9), VC; Macedo de Cavaleiros (34), VR; Lagoaça (64), Bç; “tesôra”: Esposende (36), Porto (69), P; “chôpo”: Murça (56), Perafita (55) e Roalde (62), VR; “róxinol”: Fornelos (2), Bade (4), Sobreira (7), Moledo (9), Arcos de Valdevez (10), VC; Gondomar das Taipas (31), Esposende (36), Campo de Víboras (38), Guimarães (42), Br; Pitões das Júnias (12), Sonim (21), Covas do Barroso (27), Perafita (55), Roalde (62), VR; Gimonde (16), Lanção (22), Macedo de Cavaleiros (34), Campo de Víboras (38), Sambade (47), Algosó (49), Mazouco (68), Bç; Barrosas (53), Ordem (60), Porto (69), Marco de Canavezes (71) e Sardoura (73), P; “tópera”: Fornelos (2), VC; São Romão da Ucha (30), Gondomar das Taipas, (31), Br; Pitões das Júnias (12), Viduedo (45), Perafita (55), Sedielos (67), VR; Mazouco (68), Bç; e “tôcinho”: Outeiro (23), Bç.

<sup>80</sup> Exemplos: Viana do Castelo: Arcos de Valdevez (10) [rɛʃin'ɔɫ]; Moledo (9) [Rɔʃin'ɔɫ]; Braga: Esposende (36) [rɛʃin'ɔ̃]; Gondomar das Taipas (32) [rɔʃin'ɔli]; São Romão da Ucha (30) [tɔp'ejrɛ]; Gondomar das Taipas (32) [tɔp'ejrɛ]; Vila Real: Sonim (21) [rɛʃin'ɫ̃] ~ [rɛʃin'ɔli]; Perafita (55) [tɔp'ejrɛ]; Viduedo (45) [tup'ejrɛ]; Bragança: Gimonde (16) [rɛʃin'ɔli]; Lanção (22) [rɛʃin'ɔli]; Campo de Víboras (38) [rɛʃin'ɔli]; Algosó (49) [rʉʃin'ɔli]; Mazouco (68) [tɔp'ejrɛ]; Porto: Barrosas (53) [rɛʃin'ɔli]; Porto (69) [rɔʃin'ɔɫ].

## Ditongo *oi*

a) Nestes distritos, de forma geral, *oi* etimológico tónico e átono está de forma regular conservado. Existem também alguns casos de ocorrência de *oi* não etimológico.

b) *Posição inicial-contexto tónico*, ditongo *oi* etimológico em posição inicial no numeral “oito”, segundo os dados do ALPI e ALEPG, é de forma regular conservado existindo diferenças na pronúncia da vogal ([o] ~ [ɔ]) (v. também o ponto 4. **Observações adicionais** e alínea a) Vogal *o* palatal). O caso a assinalar é a inserção de uma semivogal velar antes da vogal tónica em Moledo (9), VC, e.g.: [ʷ'øjtu].

b.1.) Em algumas localidades *ou* foi substituído por *oi*, como por exemplo nos pronomes “oitro” e “oitra”. Esta substituição parece ocorrer, segundo os nossos dados, em algumas localidades dos distritos de Braga, Porto, Vila Real e Bragança, mas não se observa nas localidades do distrito de Viana do Castelo (v. adiante 5. **Variação *ou* ~ *oi***).

b.2) *Posição inicial-contexto átono*, assinala-se somente um caso de substituição de *ou* por *oi*, ocorrência no distrito de Bragança em Penas Roias (58): “oitono” [ojt'onu]. Nas restantes localidades nos 5 distritos em análise a realização regular é com o ditongo velar nas palavras “outono” e “ouvir”, com excepção quando ocorre a monotongação (cf. acima o ponto **Ditongo *ou*** e alínea d)).

c) *Posição medial-contexto tónico*, os dados recolhidos do ALPI, ALE e ALEPG mostram que nas localidades dos 5 distritos em estudo, em posição medial de palavra dá-se a conservação regular de *oi* etimológico no numeral “dezoito”. Noutros casos verifica-se a variação *ou* ~ *oi* (exs.: “touro” ~ “toiro”; “couro” ~ “coiro”; “couce” ~ “coice”; “cousa” ~ “coisa”; “fouce” ~ “foice” e “noute” ~ “noite”) entre localidades num mesmo distrito, ou intra-localidade, i.e., na mesma localidade pelo mesmo informante ou por informantes diferentes.

c.1.) Em algumas palavras regista-se a ocorrência de *oi* precedido por uma semivogal velar com forte ou fraca perceptibilidade. O maior número de ocorrências deste fenómeno regista-se no distrito de Viana do Castelo, exs.: Paderne (1) “dezoito” [diz<sup>w</sup>'øjt<sup>u</sup>]; Portuzelo (17) “dezoito” [dizw'øjt<sup>u</sup>]; no distrito do Porto: Fafe (43) “caçoila” [kæ<sup>w</sup>'øj<sup>l</sup>ɐ]; Vila do Conde (50), Santo Tirso (52) e Paço do Rei (72) “coisa” [kw'øjzɐ]; Santo Tirso (52) “noite” [nw'øjt<sup>i</sup>], “coiro” [k<sup>w</sup>'øjru];

Nevogilde (65) “coiro” [k<sup>w</sup>oʝru], “coice” [k<sup>w</sup>øjsi] e “caçoila” [kəs<sup>w</sup>oʝlɐ]; e no distrito de Bragança: Vilarinho das Azenhas (57) “dezoito” [diz<sup>w</sup>oʝtu].

c.2.) Quanto à semivogal palatal, em alguns casos enfraquece, mas não cai totalmente, exs.: em 2 localidades de Viana do Castelo: São Lourenço da Montaria (15) “dezoito” [diz<sup>ʝ</sup>oʝtu]; Estrica (5) “noite” [n<sup>o</sup>it<sup>i</sup>]; no distrito de Vila Real: Pitões das Júnias (12) [n<sup>ø</sup>it<sup>i</sup>]; e no Porto: Barrosas (53) “couve” [k<sup>o</sup>ʝβ<sup>i</sup>].

c.3.) Em contexto átono, em “roixinol”, conserva-se o ditongo realizado como [oʝ] ou em diferentes realizações fonéticas, por ex.: [ɐʝ] ou [ej], ocorrências que se verificam em algumas das localidades dos distritos de Braga, Porto, Vila Real e Bragança, mas não em Viana do Castelo. Exs.: no distrito de Braga: Pousada de Saramagos (40) [rɐʝʃin<sup>o</sup>l<sup>i</sup>]; no distrito do Porto: Barrosas (53) [rɐʝʃin<sup>o</sup>l<sup>i</sup>]; em Vila Real: Sedielos (67) [reʝʃin<sup>o</sup>l<sup>i</sup>]<sup>81</sup>; em Bragança: Lanção (22) e Outeiro (23) [rɐʝʃin<sup>o</sup>l<sup>i</sup>]; Marmelos (46) [reʝʃin<sup>o</sup>l]; e Penas Róias (58) [reʝʃin<sup>o</sup>l<sup>i</sup>]<sup>82</sup>.

c.4.) Noutros casos ocorre a variação *ou* ~ *oi* na palavra “toucinho” ~ “toicinho” em Moledo (9), VC e Perafita (55), VR (v. adiante **5. Variação *ou* ~ *oi***).

<sup>81</sup> Sobre a ocorrência de “reixinol” [reʝʃin<sup>o</sup>l], Corominas (1987-1991) diz que esta forma se propagou em Portugal, especificamente em Trás-os-Montes, através da poesia trovadoresca, partindo do étimo occitano *rossinhol*. Leite de Vasconcelos na *Revista Lusitana* (1895: 57) atesta esta forma em Junqueira, Matela, Trás-os-Montes, e considera a forma “reixinol” igual a “roixinol”. Na nota 4 do artigo lê-se: “Reixinol = roixinol. Parece haver influência de *rei*, do mesmo modo que no hesp. mod. *ruiseñor* (ant. *roseñol*, *roseñor*) houve influência do nome próprio *Rui*, pedido pela terminação – *señor*: - A forma *reixenol* aparece também noutros pontos: vid. Trad. pop. de Portugal § 295”. Quanto a estas ocorrências (em *Tradições Populares de Portugal*), somente uma delas é com o ditongo palatal [ej]: Vilar do Senhor, Maia. Os exemplos recolhidos pelo A. são 3 cantigas que transcrevemos aqui :

“O reixinol, cando canta,	O reixinol do loureiro	Sae-te d'hai, reixinol,
Rebolbe as pennas no bico:	Tem no cantar <i>salutario</i> :	Deixa a baga do loureiro,
Assim são nos meus amores,	Como póde ter juízo	Deixa dormi-la menina,
Cando comigo se pico. (i.é., se zangam)	Quem toda a vida foi vário?	Que está no somno primeiro”.

Numa nota do A. em rodapé lê-se “Reixinol=roixinal=rouxinol, como eiteiro=oiteiro=outeiro (...).”

<sup>82</sup> Os nossos dados mostram uma localidade próxima de Junqueira com o mesmo tipo de ocorrência atestada por Vasconcelos, em Penas Róias (58), Bragança. A outra localidade onde [ej] ocorre nesta palavra já se encontra afastada destas, no distrito de Vila Real,

## 2. Aveiro (A), Viseu (V), Guarda (G), Coimbra (C), Castelo Branco (CB), Leiria (L), Santarém (S) e Lisboa (Lx)

### Ditongo *ou*

a) Neste grupo de distritos o ditongo *ou* está conservado nas localidades abrangidas pela área de conservação do ditongo, sobretudo nas localidades no norte do distrito de Aveiro como também em algumas próximas da isófona de conservação de [ow] nos distritos de Viseu e Guarda. No centro-sul, na Estremadura, detecta-se também o ditongo *ou* conservado em algumas localidades dos distritos de Leiria e Lisboa.

A sul da isófona dá-se a monotongação na Beira Litoral (Aveiro e Coimbra), Estremadura (Leiria e Lisboa), Ribatejo (Santarém), Beira-Alta (Viseu e Guarda) e Beira-Baixa (Castelo Branco) - sendo neste distrito (e neste grupo de distritos) que a monotongação tem maior saliência -, ainda que surjam ocorrências do ditongo [ow], e noutros casos do ditongo [oj], em algumas localidades.

b) *Posição inicial-contexto tónico*, os dados do ALPI revelam que o ditongo é conservado nos pronomes “outro” e “outra” nas localidades que se encontram dentro da área de conservação do ditongo e noutras que se encontram junto à isófona de conservação do ditongo [ow], a norte ou a sul da isófona, especificamente em Sobrado da Paiva (74), A; São João da Pesqueira (76), V, e Vila Nova de Foz Côa (79), G.

b.1.) No distrito de Lisboa, a localidade de Povos (171) é a única onde se verifica a conservação do ditongo no pronome feminino: “outra” [o<sup>w</sup>trɐ]. Como veremos na análise do ditongo *oi* para este grupo de distritos, a localidade de Povos é uma das localidades onde *oi* tem especial incidência.

c) *Posição inicial-contexto átono*, os resultados para as respostas a “outono” e “ouvir”, dados retirados do ALE e do ALEPG, são homogêneos, i.é., ambos transparecem a ocorrência tanto do ditongo [ow] como do monotongo [o] em ambas as palavras, embora se observe uma tendência maior para a monotongação em algumas localidades. Assim, nas localidades da Beira Litoral, localidades dos distritos de Aveiro e Coimbra, conserva-se o ditongo em uma ou duas das palavras:

---

localidade na Serra do Marão. Quanto às ocorrências com o ditongo [ej] (“raixinol”), verificamos que as duas localidades transmontanas são relativamente próximas, Lanção e Outeiro, no distrito de Bragança (40 km). O mesmo se verifica para as duas localidades no oeste onde o mesmo ditongo ocorre, Brito em Braga, e Barrosas no Porto (27 km). Tendo em conta a data do trabalho de Vasconcelos, finais do século XIX, e as datas dos inquéritos para os atlas, inquéritos realizados ao longo de diversas décadas do século XX (1930-1990), podemos verificar que o ditongo [ej], nesta palavra, se tem mantido em Trás-os-Montes e no Douro Litoral.

em Pardeeiro (101), Moitinhos (100), Válega (88), Murtosa (96), Arouca (82), Praia de Mira (195), Mira (106) e Penacova (115) conserva-se o ditongo na palavra “outono” (não existem respostas para “outono” e “ouvir” em César (80), Carvoeiro (81) e Covo (89), localidades do distrito de Aveiro). O ditongo é conservado no verbo “ouvir” em Arouca (82), Aveiro; Praia de Mira (105) e Mira (106), localidades de Coimbra; nas restantes localidades observa-se a monotongação (cf. abaixo alínea d.1.)).

c.1.) Nas localidades da Beira Alta, localidades dos distritos de Viseu e da Guarda, os dados do ALEPG e ALE pouco oferecem de informação, mostrando a conservação do ditongo *ou* numa palavra em duas localidades no distrito de Viseu<sup>83</sup> e em ambas as palavras numa localidade do distrito da Guarda, Pocinho (77), mais uma vez, localidade que se encontra dentro da área de conservação do ditongo; em Figueira de Castelo Rodrigo (87) a sul da área de conservação do ditongo velar, só se conserva *ou* em “outono”. Numa outra localidade dá-se a substituição do ditongo *ou* por *oi* em Santo Estêvão (112), “oitono” (v. o ponto **Ditongo *oi*** e adiante **5. Variação *ou* ~ *oi***). Nas restantes localidades das redes ALEPG e ALE observa-se a ocorrência da monotongação no verbo, portanto, “ôvir”. (cf. abaixo alínea d.1.).

c.2.) Nas localidades do distrito de Castelo Branco, na província da Beira Baixa, a conservação do ditongo *ou* observa-se num único caso na palavra “outono” em Cardoso (129), localidade da rede do ALEPG.

c.3.) Os outros casos de conservação do ditongo neste contexto e posição de palavra verificam-se no distrito de Leiria, localidades da rede do ALE, exs.: em Nazaré (141) [o<sup>w</sup>t'onu] e Figueiró dos Vinhos (134) [o<sup>w</sup>t<sup>w</sup>'on<sup>u</sup>], o segundo exemplo com inserção de uma semivogal velar entre a consoante precedente e a vogal tónica. Ambos os exemplos apresentam o ditongo realizado com uma semivogal enfraquecida. Um facto interessante é dar-se nesta região, especificamente neste distrito, a ocorrência do ditongo *ou* em algumas localidades, uma área detectada primeiramente por Cintra e investigada depois por Helmut Lüdtke<sup>84</sup> (no **CAPÍTULO IV** voltaremos a falar destas ocorrências).

d) *Monotongação*, em contexto tónico nas localidades dos distritos que ocupam a região centro de Portugal, e maioritariamente a sul da isófono de conservação do ditongo [ow], verifica-se a

---

<sup>83</sup> Numa localidade de Viseu ocorre o ditongo conservado na palavra “outono” em Rãs (93); numa localidade da rede do ALE, igualmente de Viseu, em Avelal (92), obtém-se o mesmo resultado.

<sup>84</sup> V. artigo de Cintra (1983: 39) e Lüdtke (1957: 110-112).

monotongação sistemática do ditongo quando em posição inicial de palavra nos pronomes “outro” e “outra”. Exceptua-se deste grupo a localidade de Aveiro, Pardilhó (90) que substitui o ditongo *ou* por *oi* nestas palavras (cf. adiante o ponto **Ditongo *oi*** e **5. Variação *ou* ~ *oi***).

d.1.) em contexto átono, segundo os dados do ALE e ALEPG, nos distritos de Aveiro e Coimbra, embora *ou* seja conservado no nome “outono”, no verbo “ouvir” é mais recorrente a monotongação, exs.: Murtosa (96) “ôvir” [oβ'ir<sup>i</sup>]; Mira (106) “ôvir” [ov'ir], localidade do ALEPG, mas em Praia de Mira (105), localidade do ALE, o ditongo é conservado: “ouvir” [o<sup>w</sup>v'ir]; Penacova (115): “ôvir” [ov'ir].

d.2.) Numa das localidades do distrito de Viseu da rede de inquérito do ALE, Lajeosa do Dão (102), também localidade da rede de inquérito do ALEPG, dá-se o mesmo resultado: a monotongação em ambas as palavras “ôtono” e “ôvir”. Noutras localidades também pertencentes à rede ALE, como em Valença do Douro (75) ocorre a monotongação em ambas as palavras, e em Avelal (92) no verbo: “ôvir”.

d.3.) Quanto às localidades do distrito da Guarda, os resultados de ambos os projectos (ALE e ALEPG) são consensuais, ocorre a monotongação do ditongo em ambas as palavras, com excepção dos casos referidos acima (cf. alínea c.1.)).

d.4.) Quanto aos dados fornecidos pelo ALE e ALEPG para a província da Beira Baixa, distrito de Castelo Branco, os resultados são homogéneos: dá-se a monotongação em início de palavra em “outono” e “ouvir”, com uma única ocorrência da conservação do ditongo *ou*, como já vimos anteriormente, em Cardoso (129) (cf. alínea c.2.)). Em Idanha-a-Nova (131) observa-se a dissimilação da vogal átona que passa a [ɐ] ou a sua abertura [ɔ], exs.: [ot'õnu] ~ [ɔt'onu] ~ [ɐt'õnu]. Na localidade de Monsanto (123) a partir dos dados do ALE e ALEPG obtém-se o mesmo resultado: observa-se a variante *oi* em “oitono” e a monotongação em “ôvir” (esta localidade também faz parte da rede do ALPI, mas as respostas são inexistentes).

d.5.) Nos distritos da Estremadura, Leiria e Lisboa, e no distrito do Ribatejo, Santarém, dá-se a monotongação nestas palavras, com excepção dos casos em Leiria que vimos acima (cf. alínea c.3.)).

e) *Posição medial-contexto tónico*, no distrito de Aveiro, ainda que existam casos de monotongação (cf. abaixo alínea g)), a maior parte dos falantes conserva o ditongo realizado como [ow] ou com semivogal enfraquecida ([o<sup>w</sup>])<sup>85</sup>.

<sup>85</sup> Verifica-se nas palavras “roupa”, “touro” (em variação com “toiro”), “choupo”, “tesoura”, “couve”, “pouco”, “couro” (em variação

Existem casos de subsistência de “cousa”, “noute” e “fouce” em algumas localidades, exs.: em Pardilhó (90) “cousa” [k'owzɐ]; Sobrado de Paiva (74) e Pardeiro (101) “noute” [n'owti]; Válega (88) “fouce” [f'owsɨ] e Carvoeiro (81): “fouce” [f'o<sup>w</sup>sɨ]<sup>86</sup>. Sucintamente, o ditongo *ou* ocorre com maior incidência nas localidades que se incluem na área de conservação do ditongo velar, i.é, no norte do distrito em César (80), Carvoeiro (81), Arouca (82), Válega (88), Covo (89), Pardilhó (90) e ainda numa localidade a sul da isófona, em Padeiro (101). Em Pardilhó (90), localidade da rede de inquérito do ALPI, regista-se a ocorrência de /ow/ realizado nas diferentes variantes fonéticas, por vezes em variação com a realização normal do ditongo: “touro” ~ “tauro” [t'owru] ~ [t'awru], “peuco” [p'æwku], “couro” [k'awru], “roupa” [r'owpɐ] e “couce” ~ “cauce” [k'owsɨ] ~ [k'awsɨ].

e.1.) No distrito de Coimbra, segundo os dados do ALE e do ALEPG, as escassas ocorrências do ditongo *ou*, realizado na maior parte dos casos com semivogal enfraquecida ([o<sup>w</sup>]), dão-se em 4 localidades distribuídas pelo distrito em Praia de Mira (105), Mira (106), Casconho (125) e Papanata (120) (as duas primeiras estão relativamente próximas uma da outra)<sup>87</sup>.

e.2.) No distrito de Viseu, o ditongo *ou* realizado como [ow] ou na versão com semivogal enfraquecida ([o<sup>w</sup>]), surge com regularidade a par do monotongo [o]. Os dados dos 3 atlas atestam essa oscilação. Por exemplo nas localidades do ALPI, em São João da Pesqueira (76): “roupa” [r'owpɐ] e “pôco” [p'oku]; Vale de Matos (84): “rôpa” [r'opɐ], “pouco” [p'owku] e “couço” [k'owsu], localidades incluídas na área de conservação de *ou*; Moimenta da Beira (86), a sul da isófona: “roupa” [r'owpɐ], “couro” [k'owru] e “pôco” [p'oku].

Quanto às localidades da rede de inquérito do ALEPG: Granja do Tedo (78): “couve” [k'o<sup>w</sup>βi] e “côve” [k'oβi]. Na localidade de Lajeosa do Dão (102) verifica-se maior oscilação entre [o], [ow] e [o<sup>w</sup>], embora a realização mais predominante seja [o]<sup>88</sup>.

Nas localidades da rede ALE, Valença do Douro (75) e Avelal (92), também se observa a mesma

com “coiro”), “couce” (em variação com “coice” e “coiço”).

<sup>86</sup> Nesta localidade existe variação entre informantes, segundo os dados do ALEPG, existindo a possibilidade de a palavra ser pronunciada com o ditongo *oi*.

<sup>87</sup> O ditongo *ou* é conservado na palavra “couve” em Praia de Mira (105), Mira (106) e Casconho (125); nas palavras “touro” e “noute” em Papanata (120), ocorrendo a monotongação na maior parte das outras palavras, ou a variante *oi* noutros casos.

<sup>88</sup> Por exemplo, no ALEPG as respostas apresentam maioritariamente [o] e no inquérito da rede ALE, para as mesmas respostas [ow], sendo que o informante é o mesmo em ambos os inquéritos (o inquérito do ALE data de 25.5.1975; não dispomos da data de inquérito do ALEPG mas supomos que seja posterior a 1970).

variação entre [ow] e [o], embora [ow] seja a realização mais predominante.

e.3.) No distrito da Guarda atesta-se a ocorrência do ditongo *ou*, realizado como [ow] ou com a semivogal enfraquecida ([o<sup>w</sup>]), sobretudo nas localidades incluídas na área de conservação do ditongo: Vila Nova de Foz Côa (79) e Pocinho (77).

Na rede do ALEPG, o ditongo surge em raras ocasiões nas localidades situadas na Serra da Estrela, Figueiró da Serra (103) e Sabugueiro (110), e noutras a leste do distrito em Pala (94) e Figueira de Castelo Rodrigo (87), sendo que nas restantes localidades se dá a monotongação ou ocorrência do ditongo *oi*.

e.4.) No distrito de Castelo Branco, nos dados do ALPI não existem ocorrências de *ou*, e nos dados do ALE e ALEPG essas ocorrências são raras. Quando o ditongo *ou* ocorre, este é sempre realizado com a semivogal enfraquecida ([o<sup>w</sup>]), exs.: Monsanto (123) “choupo” [ʃ'ø<sup>w</sup>p<sup>u</sup>] e Tinalhas (130) “couve” [k'ø<sup>w</sup>v<sup>i</sup>], localidades da rede do ALE. Na rede do ALEPG em Monsanto (123) “touro” [t'ø<sup>w</sup>r<sup>u</sup>] e em Cardoso (129) “roupa” [r'ø<sup>w</sup>p<sup>ø</sup>], “touro” [t'ø<sup>w</sup>r<sup>u</sup>] e “fouce” [f'ø<sup>w</sup>s], localidade onde se verifica o maior uso de [ow], embora seja a monotongação o seu traço linguístico mais forte.

e.5.) No distrito de Leiria os casos de conservação do ditongo *ou* tónico em posição medial de palavra são esporádicos, existindo casos em que ocorrem as duas realizações numa mesma resposta (último exemplo), exs.: Antões (126) “pouco” [p'owku], “roupa” [r'o<sup>w</sup>p<sup>ø</sup>], “couve” [k'owβ<sup>i</sup>] ~ [k'o<sup>w</sup>β<sup>i</sup>], “choupo” [ʃ'owpu]; Chainça (139) “pouco” [p'owku]; Nazaré (141) “roupa” [rø<sup>w</sup>p<sup>ø</sup>]; Boca-da-Mata (135) “roupa” [r'o<sup>w</sup>p<sup>ø</sup>], “couves” e “côves” [k'o<sup>w</sup>β<sup>i</sup>ʃ] ~ [k'ov<sup>i</sup>ʃ] (respostas dadas no plural).

e.6.) No distrito de Lisboa, quando não se dá a monotongação ou substituição para *oi*, existem escassas ocorrências do ditongo *ou*. O segundo elemento do ditongo, a semivogal [w], apresenta-se enfraquecida. Os casos de ocorrência do ditongo [ow] verificam-se nas localidades onde existe uma maior incidência do ditongo [oj], exs.: Alcabideche (184): “roupa” [r'o<sup>w</sup>p<sup>ø</sup>], “pouco” [p'o<sup>w</sup>ku]; Povos (171): “roupa” [r'o<sup>w</sup>p<sup>ø</sup>].

e.7.) No distrito de Santarém, registou-se somente uma ocorrência em Ferreira do Zêzere (143): “choupo” [ʃ'ø<sup>w</sup>pu].

f) *Posição medial-contexto átono*, nas palavras “rouxinol”, “toupeira” e “toucinho” dá-se quase sempre a monotongação do ditongo (cf. abaixo alíneas g.1. e g.2.), ainda que existam casos de conservação do ditongo *ou*, ou de uso da variante palatal [oj] numa ou noutra destas três palavras. A localidade de Pocinho (77), no distrito da Guarda, é a única onde se regista a conservação do ditongo nestas 3 palavras. Como já referido anteriormente, esta localidade encontra-se dentro da área de conservação do ditongo /ow/. Sucintamente, regista-se a conservação de *ou* nestas palavras nas localidades onde em alguns casos foi registada igualmente a presença de *oi*<sup>89</sup>, exs.: “toupeira” em Pardeiro (101), Carvoeiro (81), Arouca (82), A; Vila Verde (91), Ester de Cima (83), V; Sabugueiro (110), Pocinho (77), G; Moita do Martinho (142), L; “rouxinol” em Arouca (82), A; Casconho (125), Praia de Mira (105), C; Fóios (114), Pocinho (77), G; “toucinho” em Malhada (85), Lajeosa do Dão (102), Avelal (92), V; Pala (94), Pocinho (77), Figueira de Castelo Rodrigo (87), G; Cardoso (129), Monsanto (123), CB; Moita do Martinho (142), Antões (126), L.

g) *Monotongação*, no conjunto de distritos constituintes da zona central portuguesa a monotongação tem menor incidência no distrito de Aveiro; o monotongo oscila com frequência com os ditongos *ou* e *oi* no distrito de Viseu; regista-se uma maior ocorrência, a par dos ditongos *ou* e *oi*, nos distritos de Coimbra - destaque para a localidade de Porto de Vacas (121) onde se regista só a monotongação nas palavras do nosso *corpus* principal - Guarda, Leiria, Santarém - na localidade de Amiais de Baixo (152) regista-se só a monotongação nas palavras do nosso *corpus* principal - e tem a sua maior saliência nas localidades do distrito de Castelo Branco.

g.1.) Nos distritos da Estremadura, Leiria e Lisboa, e no distrito do Ribatejo, Santarém, a realização regular do ditongo *ou* tónico é igualmente com o monotongo; contudo, observam-se escassas ocorrências de conservação do ditongo *ou*, e outros casos de substituição do ditongo *ou* por *oi*, verificando-se, aliás, localidades com maior uso da variante palatal. Nas localidades destes distritos, portanto, diz-se “rôpa”, “tôro” (em variação recorrente com “toiro”), “chôpo”, “tesôra”, “côve”, “pôco”, “rôxinol”, “tôpera”, “tôcinho”, mas noutras palavras mantém-se o ditongo *oi* (v. o ponto **Ditongo *oi* e 5. Variação *ou* ~ *oi***).

g.2.) Em algumas localidades e nestas palavras, o monotongo /o/ pode assumir diferentes realizações, como também se detectam diversos processos fonético-fonológicos<sup>90</sup>: vogal anterior

<sup>89</sup> Neste aspecto, semelhante às localidades do distrito de Lisboa (cf. alínea acima e.6.)

<sup>90</sup> Exemplos: Aveiro: Murtosa (96) e Moitinhos (100): [riʃin'ɔʎ]; em Carvoeiro (81): [rosin'ɔʎ] ~ [r<sup>u</sup>sin'ɔli]; Válega (88): [rɔʃin'ɔl<sup>i</sup>], [tɔp'ɛjɾɛ]; Coimbra: Mira (106) [ruʃ'n'ɔʎ]; Mira (106) e Praia de Mira (105) [rusin'ɔʎ]; Penacova (115) [rɛʃin'ɔʎ]; Ervedal da

semifechada [e] em “rêxinol”; vogal central fechada [i] em oscilação com [i̥] em “rexinol”; vogal dissimilada [ɐ] em “raxinol” e com prótese de uma vogal central [ɐ] em “araxinol”; vogal velar fechada [u] em “tupêra”, em alguns casos em oscilação com [u̥] em “russinoli” e “russinol”; oscilação entre [o] e a vogal velar fechada enfraquecida [u̥] em “rôssinol” e “russinol”; vogal aberta [ɔ] em “róxinol”, “tópera” e “tócinho”; vogal aberta com tendência a elevar-se [ɔ̠] em “rôssinol” e “tópera”; nasalização espontânea da vogal do monotongo ([õ]) em “tõpeira”; inserção de uma consoante alveolar /r/ antes da vogal do monotongo em “tropeira”, “trópera” e “trópeiro” (resposta dada no masculino); com o mesmo tipo de fenómeno mas com passagem da vogal [o] a [u] em “trupero” (resposta dada no masculino).

g.3.) Os casos de inserção de uma consoante alveolar /r/<sup>91</sup> na sílaba prétonica, dá-se em algumas localidades dos distritos de Leiria e Lisboa, exs.: Vieira de Leiria (133) “trópera” [trɔp'erɐ]; Mira de Aire (146) “tropeiro” [trɔp'e'ru]. No caso de Lisboa: ambas as localidades partilham de proximidade, estando separadas pela localidade de Aldeia Galega (179) onde não se regista o fenómeno: Assafora (175) “trópera” [trɔp'erɐ] e Fontanelas (176) “trópera” e “trupera” [trɔp'erɐ] ~ [trup'erɐ].

---

Beira (108): [rɔsin'ɔl̥]; Mira (106): [tɔp'ejrɐ]; Ervedal da Beira (108): [tɔp'ejrɐ]; Penacova (115): [trɔp'ejrɐ] (fenómeno que também se regista nos distritos de Leiria e Lisboa); Viseu: Rãs (93): [rɛʃin'ɔʎ]; Granja do Tedo (78) [tɔp'ejrɐ]; Guarda: Vale da Mula (97): [tɔp'ejrɐ]; Sabugueiro (110): [tɔp'ejrɐ]; Figueira de Castelo Rodrigo (87): [tɔp'ejrɐ]; Fóios (114): [tɔʃin̥]; Castelo Branco: Unhais da Serra (117) [rɔʃin'ɔʎ] e Idanha-a-Nova (131) [tɔp'erɐ]; Leiria: Boca-da-Mata (135): [rɛʃin'ɔʎ]; Mira de Aire (146): [rɛʃin'ɔʎ]; Cela Velha (145): [riʃin'ɔʎ] ~ [Riʃin'ɔʎ]; Vieira de Leiria (133): [riʃin'ɔʎ] ~ [riʃin'ɔ]; Ferrel (155): [r̥ʃin'ɔʎ]; Cela Velha (145): [R̥ʃin'ɔʎ]; Ferrel (155): [tɔp'erɐ]; Cela Velha (145): [tɔp'ejrɐ]; Antões (126): [tɔp'ejrɐ]; Mosteiro (127): [tɔp'erɐ]; Vieira de Leiria (133): [trɔp'erɐ]; Nazaré (142): [tɔp'ejrɐ]; Mira de Aire (146): [trɔp'e'ru]; Lisboa: Enxara do Bispo (180): [rɛʃin'ɔʎ]; Freixial (176): [R̥ʃin'ɔʎ]; Fontanelas (176): [trɔp'erɐ] ~ [trup'erɐ]; Aldeia Galega (179): [tɔp'erɐ]; Enxara do Bispo (166): [tɔp'erɐ] ~ [tɔp'erɐ]; Dagorda (157): [tɔp'erɐ]; Freixial (176) [tɔp'erɐ]; Assafora (175): [trɔp'erɐ]; Santarém: Amiais de Baixo (152): [rɛʃin'ɔʎ]; Montalvo (147): [ɐrɛʃin'ɔʎ]; Parreira (161): [R̥ʃin'ɔʎ]; Glória do Ribatejo (167): [riʃin'ɔʎ]; Vale de Santarém (159): [riʃin'ɔʎ]; Santa Justa do Couço (173): [r̥ʃin'ɔʎ]; Amiais de Baixo (152): [tɔp'erɐ]; Glória do Ribatejo (167): [tɔp'erɐ]; Montalvo (147): [tɔp'erɐ]; Santa Justa do Couço (173): [tɔp'erɐ]; e Mesão Frio (144): [tɔp'erɐ].

<sup>91</sup> O fenómeno também se regista em Penacova (115), Coimbra. No distrito de Lisboa, as localidades são nos arredores da cidade

## Ditongo *oi*

a) O ditongo *oi* ocorre de forma geral em todas as localidades dos distritos em análise, ainda que seja mais incidente em determinadas localidades dos distritos de Viseu, Guarda, Leiria, Lisboa e Santarém.

b) *Posição inicial-contexto tónico*, nos distritos de Aveiro, Coimbra, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Leiria, Santarém e Lisboa, o ditongo *oi* etimológico em posição inicial de palavra no numeral “oito”, é de forma regular conservado. Exceptua-se um caso isolado de monotongação que se regista numa localidade do distrito de Castelo Branco, Cardoso (129), e.g.: “ôto” [‘øt<sup>u</sup>]. Num outro caso isolado verifica-se a existência de *oi* não etimológico nos pronomes “oitro” e “oitra” em Pardilhó (90), Aveiro.

c) *Posição inicial-contexto átono*: “oitono” regista-se em duas localidades dos distritos do centro-interior português, Guarda e Castelo Branco: Santo Estevão (112), G; Monsanto (123), CB - informação recolhida do ALE e ALEPG.

d) *Posição medial-contexto tónico*, nos 8 distritos em análise o ditongo *oi* etimológico é de forma regular conservado<sup>92</sup>; existem casos de substituição de *ou* por *oi* (v. o ponto 5. **Variação *ou* ~ *oi***).

e) *Posição medial-contexto átono*, no distrito de Viseu regista-se “reixinol” em Malhada (85): [re<sup>j</sup>ʃin’ɔɫ].

e.1.) No distrito da Guarda assinala-se a ocorrência de “roixinol” em algumas localidades (v. o ponto 5. **Variação *ou* ~ *oi***).

e.2.) Na mesma palavra, no distrito de Castelo Branco, o ditongo *ou* pode ser substituído por *oi* realizado como [øj] ou com as variantes fonéticas [e<sup>j</sup>] ou [a<sup>j</sup>]. Exs.: Rosmaninhal (138) “roixinol” [røjʃin’ɔɫ]; Monsanto (123) “reixinol” [re<sup>j</sup>ʃin’ɔɫ], “raixinol” [ra<sup>j</sup>ʃin’ɔɫ]. Toda esta oscilação no ditongo pode ser interpretada como tentativa de contrariar a monotongação, talvez por influência da

---

capital, portanto localidades inseridas na área saloia.

<sup>92</sup> Nestes distritos, e em todos os restantes, não existe variação no numeral “dezoito”.

língua castelhana, visto ser uma localidade de fronteira.

e.3.) No distrito de Santarém a monotongação é regular, embora existam exceções, localidades onde não se dá a monotongação em uma palavra e esta é realizada com o ditongo *oi*, como em “toicinho” (v. o ponto **5. Variação *ou* ~ *oi***).

f) *Monotongação*, a monotongação em “rôxinol”, “tôcinho” e “tôpeira” é quase de forma geral a mais ocorrente. Exceptuam-se alguns casos em que ocorre o ditongo *oi* (v. o ponto **5. Variação *ou* ~ *oi***).

### **3. Setúbal (St), Portalegre (Pl), Évora (E), Beja (B) e Faro (F)**

#### **Ditongo *ou***

a) Nesta região as ocorrências de ditongo *ou* conservado são quase totalmente inexistentes visto estarmos numa área de acentuada monotongação.

b) *Posição inicial-contexto tónico*, em todas as localidades dos distritos em análise, verifica-se a monotongação nos pronomes “outro” e “outra”.

c) *Posição inicial-contexto átono*, os dados do ALE e ALEPG donde procedemos ao levantamento das respostas a “outono” e “ouvir” apresentam, homogeneamente, os mesmos resultados, ou seja, a monotongação em ambas as palavras.

d) *Posição medial-contexto tónico*, no distrito da Estremadura (Setúbal), distritos do Alentejo (Portalegre, Évora e Beja), e distrito do Algarve (Faro), a realização regular do ditongo *ou* tónico é com o monotongo [o]. Nessas localidades diz-se “rôpa”, “tôro” (em variação recorrente com “toiro”), “chôpo”, “tesôra”, “côve” e “pôco” - na localidade de Foros de Casa Nova (206) só se registou a ocorrência de /o/ em todas as palavras do nosso *corpus* principal; não obstante, observam-se escassas ocorrências de conservação do ditongo *ou*, e outros de substituição do ditongo *ou* por *oi* (v. abaixo alíneas d.1.), d.2.), d.3.) e d.4.) e adiante o ponto **Ditongo *oi***).

d.1.) No distrito de Portalegre as únicas ocorrências do ditongo *ou* conservado são em Campo

Maior (174): “roupa” [r'o<sup>w</sup>pɐ] - também na variante monotongada “rôpa” [r'opɐ] - e “tesoura” [tz'o<sup>w</sup>rɐ]; em Alpalhão (154): “pouco” [p'ø<sup>w</sup>k] - também na variante monotongada “pôco” [p'øk] ou [p'øk<sup>u</sup>]; em Cabeço de Vide (169): “roupa” [r'o<sup>w</sup>pɐ] - também na variante monotongada “rôpa” [R'ɔpɐ]. Em todos os exemplos é explícita a fraca perceptibilidade da semivogal, o que sugere que nestas palavras poderá vir a ocorrer a monotongação.

d.2.) No distrito de Évora o ditongo *ou* aparece numa resposta na localidade de São Romão (183): “choupo” [ʃ'o<sup>w</sup>pu] e também na variante monotongada “chôpo” [ʃ'opu].

d.3.) No distrito de Beja o ditongo *ou* aparece esporadicamente em duas localidades: em Serpa (208) – dados do ALE e ALEPG - “roupa” [r'o<sup>w</sup>pɐ]; e Mértola (213) “roupa” [r'o<sup>w</sup>pɐ]. Como os exemplos ilustram, a perceptibilidade da semivogal é fraca em ambas as localidades;

d.4.) No distrito de Faro os casos de ocorrência do ditongo *ou* são quase nulos. O ditongo surge numa ou noutra palavra, e.g.: Salema (224) “roupa” [r'o<sup>w</sup>pɐ] e Penteadeiros (216) “pouco” [p'owk<sup>u</sup>].

e) *Posição medial-contexto átono*, nos distritos de Setúbal, Portalegre, Évora e Beja ocorre a monotongação de forma regular, exs.: “rôxinol”, “tôpera” e “tôcinho”; noutros casos *ou* é substituído por *oi* ( v. o ponto 5. **Variação *ou* ~ *oi***).

e.1.) Em algumas localidades, e nestas palavras, o monotongo /o/ pode assumir diferentes realizações<sup>93</sup>: vogal alta fechada anterior [i] “rixinol”, também com nasalização desta vogal ([ĩ]); vogal central fechada [i] em oscilação com [ĩ] em “rexinol” (também com consoante uvular

<sup>93</sup> Exemplos: Setúbal: Palmela (190): [rɛʃin'ɔɫ]; Palma (196): [rɔʃin'ɔɫ]; Foros da Casa Nova (206): [ruʃin'ɔɫ] ~ [r<sup>u</sup>ʃin'ɔɫi]; Porto Covo (205): [ruʃin'ɔɫi]; Canha (186): [ruʃin'ɔɫi], [tɔp'erɐ]; Foros da Casa Nova (206): [tɔp'erɐ]; Melides (201): [tɔp'erɐ]; Alcochete (181): [tɔp'erɐ]; Água Derramada (199): [tɔp'erɐ]; Grândola (202): [tɔp'erɐ]; Portalegre: Alpalhão (154): [riʃin'ɔɫ] ~ [rɛʃin'ɔɫ]; Cabeço de Vide (169): [rɛʃin'ɔɫi] ~ [rɛʃin'ɔɫ] ~ [riʃin'ɔɫi], [tɔp'erɐ], [tɔs'ɪ̃nɐ]; Foros do Arrão (165): [riʃin'ɔɫi] ~ [rɛʃin'ɔɫi] ~ [riʃin'ɔɫi] ~ [rɛʃin'ɔɫi], [tɔp'erɐ] ~ [tɔp'erɐ]; Alpalhão (154): [riʃin'ɔɫi] ~ [rɛʃin'ɔɫi]; Alegrete (163): [riʃin'ɔɫe] ~ [riʃin'ɔɫe] ~ [rɛʃin'ɔɫi]; Campo Maior (174) [riʃin'ɔɫe], [tɔp'erɐ]; Avis (168) [tɔp'erɐ]; Évora: Foros do Baldio (191): [Riʃin'ɔɫ] ~ [Riʃin'ɔɫi], [tɔp'erɐ], [tɔs'ɪ̃nɐ]; Lavre (182): [ruʃin'ɔɫi] (resposta dada no plural), [tɔs'ɪ̃nɐ]; Santana (200): [riʃin'ɔɫi]; Alcáçovas (197): [riʃin'ɔɫi] ~ [riʃin'ɔɫi]; Arraiolos (187): [riʃin'ɔɫe] ~ [riʃin'ɔɫe], [tɔp'erɐ]; São Romão (183): [riʃin'ɔɫi] ~ [rɛʃin'ɔɫi], [tɔp'erɐ]; Carrapatelo (198): [tɔp'erɐ]; Beja: Quintos (207): [riʃin'ɔɫi]; Vale Chaim de Baixo (211): [rɛʃin'ɔɫ] ~ [rɛʃin'ɔɫi], [tɔp'erɐ]; Zambujeira do Mar (214): [rɛʃin'ɔɫi], [tɔp'erɐ], [tɔs'ɪ̃nɐ]; Peroguarda (204): [ruʃin'ɔɫ] ~ [riʃin'ɔɫ]; Ourique (212): [riʃin'ɔɫi], [tɔp'erɐ]; Mértola (213): [rɛʃin'ɔɫi]; Mesquita (215): [tɔp'erɐ]; Serpa (208): [tɔp'er<sup>u</sup>] ~ [tɔp'erɐ], [tɔs'ɪ̃nɐ]; Faro: Santa Luzia de Tavira (228): [rɛʃin'ɔɫi], [tɔp'erɐ] ~ [tɔp'erɐ]; Quarteira (226): [rɛʃin'ɔɫi], [tɔp'erɐ]; Alvor (225): [rɛʃin'ɔɫi]; Aljezur

“Reixinol”); vogal dissimilada [ɐ] em “raxinol”; vogal velar fechada [u] em “ruxinol”; vogal aberta [ɔ] em “róxinol”, “tópera”, “tóperu” e “tócinho”; vogal aberta com elevação da vogal [ɔ] em “tópera” e “tócinho”; vogal aberta com abaixamento da vogal [ɔ] em “tópera”; vogal velar fechada [u] em oscilação com [ʉ] em “ruxinol”.

e.2.) No distrito de Faro ocorre a monotongação de forma quase absoluta. Regista-se somente um caso com ditongo *ou* em Salema (224): “toucinho” [to<sup>w</sup>s'iŋ<sup>h</sup>].

### **Ditongo *oi***

a) *Posição inicial-contexto tónico*, nas localidades dos distritos em análise, o ditongo *oi* é de forma regular conservado no numeral “oito”.

b) *Posição inicial-contexto átono*, segundo os dados do ALE e ALEPG, observa-se a substituição de *ou* por *oi* em algumas localidades dos distritos de Setúbal, Portalegre e Évora, e.g.: “oitono” [ojt'en<sup>u</sup>] (v. o ponto **5. Variação *ou* ~ *oi***).

c) *Posição medial-contexto tónico (ditongo *oi* e monotongação)*, nos distritos deste grupo em análise, o ditongo *oi* etimológico e não etimológico é de forma regular conservado, embora possa ocorrer a monotongação em algumas palavras (v. adiante o ponto **5. Variação *ou* ~ *oi***).

c.1.) Registam-se também casos de subsistência de *oi* etimológico conservado na palavra “tesoira” em Quintos (207) [tz'ojrɐ] e Ourique (212) [tiz'ojrɐ].

d) *Posição medial-contexto átono (ditongo *oi* e monotongação)*, em Setúbal regista-se somente um caso de variação entre [o] e [oj] em Alcochete (181) “tôcinho” ~ “toicinho” [tos'ĩŋ] ~ [to<sup>j</sup>s'ĩŋ] (pelo mesmo informante). Nas restantes localidades regista-se de forma regular a monotongação.

d.1.) Neste contexto no distrito de Portalegre dá-se a monotongação de uma forma quase geral; ressalvam-se algumas exceções em algumas localidades com os pares variantes “tôpeira” ~ “toipera” e “tôcinho” ~ “toicinho” (v. o ponto **5. Variação *ou* ~ *oi***).

---

(217): [rɐʃin'ɔl<sup>h</sup>], [tɔp'ejrɐ] ~ [tɔp'erɐ]; Laranjeiras (220): [ruʃin'ɔl<sup>h</sup>]; Penteadeiros (216): [riʃin'ɔl<sup>h</sup>], [tɔp'erɐ]; Alte (221): [rɐʃin'ɔl<sup>h</sup>]; Alta Mora (222): [tɔp'eru]; Marmeleite (218): [tɔp'erɐ]; Salema (224): [tɔp'erɐ]; Fuseta (227): [rɐʃin'ɔl<sup>h</sup>], [tɔp'ejrɐ].

d.2.) No distrito de Évora, neste contexto verifica-se uma maior ocorrência da monotongação nas palavras “rôxinol”, “tôpeira” e “tôcinho”. No entanto, não são raros os casos em que ocorre a variante *oi* em variação com o monotongo em diversas localidades entre os pares “tôcinho” ~ “toicinho”, (v. o ponto **5. Variação *ou* ~ *oi***).

d.3.) No distrito de Beja, à semelhança dos distritos anteriores, neste contexto dá-se a monotongação, com excepção de uma localidade onde a par do monotongo, também se regista a variante palatal: Peroguarda (204): “tôcinho” ~ “toicinho” [tos'iŋ<sup>u</sup>] ~ [tojs'iŋ<sup>u</sup>] (a primeira ocorrência é dado do ALE, a segundo do ALEPG).

d.4.) No distrito de Faro dá-se a monotongação nas palavras “rôxinol”, “tôpeira” e “tôcinho”. Somente em Vila do Bispo (223) se verifica as duas realizações no mesmo informante: “tôcinho” ~ “toicinho” [tos'ĩŋ] ~ [tojs'ĩŋ].

#### 4. Observações adicionais

##### a) Vogal *o* palatal

Segundo os nossos dados a vogal *o* palatal, nas suas duas variantes (normal ([ø]) ou atenuada ([œ])), é seguida em alguns casos por uma semivogal velar e noutros por uma semivogal palatal, podendo também ocorrer nas duas variantes, quando em casos de monotongação. Deste modo, verificamos que a vogal palatalizada não exerce influência sobre a semivogal seguinte.

A distribuição geográfica de *o* palatalizado<sup>94</sup> na sua versão normal ou com menor palatalização em [øw] ou [œw] e [ø] ou [œ] é, em parte, aquela feita por Leite de Vasconcelos na *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*<sup>95</sup>: a vogal palatalizada (na versão mais atenuada da vogal ([œw] e [œ])) distribui-se pela região norte acima do Douro: Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança – distrito na região norte onde o fenómeno é mais saliente<sup>96</sup>, e Porto. A sul do rio Douro existem

<sup>94</sup> Sobre a origem desta vogal veja-se a explicação de Cintra (1983: 52-54).

<sup>95</sup> Vasconcelos (1970: 91) detecta *öu* no norte de Trás-os-Montes, sem certeza numa parte da Beira, e na região Entre-Douro-e-Minho. Quanto a *ö*, o A. detecta numa parte da Beira-Baixa e da Estremadura e no norte do Alentejo. Os nossos dados mostram, para além das outras áreas, a presença desta vogal na Beira-Alta, parte oriental, distrito da Guarda, mas não em Viseu (seja para [øw] e [øj]).

Quanto à distribuição de *öu* e *ö* veja-se também Cintra (1983: 43; 46-47; 155-156) e Lüdtke (1957: 110).

<sup>96</sup> Gonçalves Viana (1888-1889: 158-166) expõe algumas características fonéticas dos dialectos transmontanos através de um estudo feito numa localidade perto de Bragança, Rio Frio. Num passo o A. afirma que [øw] “(...) substitui cuási sempre *öi* do dialecto de

casos de *ou* conservado pronunciado com esta vogal, embora seja o monotongo *ô*, pronunciado como [ø] ou [ø], a forma com maior ocorrência nos distritos de Aveiro, Coimbra, Guarda (com poucos exemplos), Castelo Branco – distrito nesta região onde o fenómeno é mais saliente<sup>97</sup> -, Leiria (o fenómeno é quase inexistente), Lisboa e Santarém. A sul do rio Tejo, a pronúncia da vogal palatal no ditongo *ou* ou no monotongo *ô* regista-se somente nos distritos de Portalegre e Évora, ficando de fora os distritos de Beja e Faro onde não se regista o fenómeno.

Quanto à distribuição do ditongo *oi* com vogal palatal nas versões normal ou atenuada, [øj] ou [øj], esta dá-se em alguns distritos e localidades onde ocorre [øw] ou [øw], e ainda [ø] ou [ø]<sup>98</sup>: Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança e Porto; no centro, litoral e interior<sup>99</sup>: Coimbra, Guarda, Castelo Branco, Lisboa e Santarém; no centro-sul: Portalegre. Quanto ao ditongo *oi*, este pode ser pronunciado como [wøj] ou [wøj] ou ainda [wøj] em Viana do Castelo, Braga, Porto e Lisboa, sendo que este tipo de ocorrência se verifica mais quando a vogal é pronunciada com timbre palatal normal ([ø])<sup>100</sup>.

## b) Datas de inquérito

Numa extensão temporal de 70 anos – os inquéritos do ALPI iniciaram-se na década de 1930, foram interrompidos e reiniciados sensivelmente 20 anos mais tarde (nos nossos dados a última data dos inquéritos é de 1956); os inquéritos do ALE datam da década de 1970, mais especificamente do ano de 1975; e os inquéritos do ALEPG têm data posterior a 1970, com término na década de '90 –

---

Lisboa, sendo este último raro em vocábulos em que esteja coberto, isto é, seguido de outra sílaba que comece por consoante.” (p.162).

<sup>97</sup> Veja-se a tese de doutoramento de Fernando Jorge Costa Brissos *Linguagem do Sueste da Beira no Tempo e Espaço* (2012: 84-86), tese que estuda a linguagem do Sueste da Beira (estudo diacrónico e sincrónico), e em específico, a linguagem das diferentes localidades do distrito de Castelo Branco. Dos resultados apresentados por este A., referimos algumas descrições quanto ao timbre da vogal dos ditongos nesta região: i) em contexto tónico, em palavras como “moio” ou “joio” o timbre da vogal é um [o] etimológico. Em palavras como “noite” ou “toiro” a vogal é um [ø] ou [ø]; ii) em contexto átono, quando *oi* provine de [øw], a vogal passa a palatal [øw] > [øj]. Nos casos em que se conserva o ditongo, o timbre da vogal é o timbre etimológico, ou seja, [o] com conservação da semivogal.

<sup>98</sup> VC: Paderne (1); Bg: Balugães (25), Apúlia (39) e Brito (41); VR: Pitões das Júnias (12) e Montalegre (13); Bç: Vimioso (35); P: Gondar (66), Santo Tirso (52), Vila do Conde (50), Nevogilde (65), Paço do Rei (72); C: Arganil (116); Lavos (124); G: Quinta Nova (95), Casas do Soeiro (98), Vilar Formoso (99) e Aldeia do Bispo (113); CB: Unhais da Serra (117), Alcongosta (122), Monsanto (123), Oleiros (128), Cardoso (129), Idanha-a-Nova (131), Salvaterra do Extremo (132), Isna (136), Foz do Cobreão (137) e Rosmaninhal (138); Lx: Almargem do Bispo (180), Sobreiro (170) e Povos (171); S: Mesão Frio (144); Pt: Montalvão (150) e Alpalhão (154).

<sup>99</sup> Mais uma vez se exclui o distrito de Viseu.

<sup>100</sup> [wøj], [wøj] e [wøj] ocorre em VC: Paderne (1); Bg: Balugães (25); P: Santo Tirso (52), Vila do Conde (50), Nevogilde (65) e Paço do Rei (72);

Lx: Almargem do Bispo (180), Sobreiro (170) e Povos (171).

Na *Esquisse* (p.91) Vasconcelos detecta a variante sem a vogal palatal, [woj], na região do Baixo-Minho “(...) dans les mêmes mots où il y a ôi

não se verificam mudanças significativas na realização dos ditongos nas diversas localidades distribuídas ao longo do país. Portanto, onde *ou* era mais predominante na 1ª metade do século XX, essa predominância mantém-se na 2ª metade do século. O mesmo se verifica para o ditongo *oi* e para o monotongo *ô*: a presença mais ou menos acentuada destas formas, podendo uma ou outra ser a preferencial, não demonstra mudança ao longo das localidades que compõem a nossa rede.

Tendo em conta o trabalho descritivo da dialectologia portuguesa de Leite de Vasconcelos em inícios do séc. XX (referimo-nos à *Esquisse d'une dialectologie portugaise*), e os últimos inquéritos realizados para o ALEPG na década de '90, podemos assumir que a realização dos ditongos *ou* e *oi* se tem mantido de forma sólida<sup>101</sup>. Em *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Cintra faz uma observação relacionada com a isófona de conservação do ditongo /ow/, salientando o “movimento” desta para norte, estando quase paralela à linha do rio Douro, sugerindo desta maneira que a monotongação estaria a ganhar terreno. Quanto a este aspecto, através dos nossos dados e da distribuição geográfica de /ow/, /oj/ e /o/ (distribuição que fazemos num mapa numa secção mais adiante deste trabalho), verificamos que a norte do rio Douro, o monotongo [o] existe, embora com fraca presença. Numa linha estreita que compreende as localidades a norte e a sul do rio Douro, mais adjacentes a este, localidades (72), (73), (74), (75) e (76), tendo em conta alguns inquéritos realizados para o ALPI, ALE e ALEPG, verificamos que nas localidades do ALPI (72, 74) não se detecta o monotongo, enquanto que nas localidades dos dois outros projectos já se detecta essa forma. Merece especial atenção, neste contexto, a localidade (75) Valença do Douro (distrito de Viseu), localidade do ALE onde a ocorrência das 3 formas tem a mesma frequência. Aliás, é no distrito de Viseu que se observa maior oscilação entre diversas realizações dos ditongos ([ow] ~ [o<sup>w</sup>] ~ [o] ~ [oj]). Talvez seja manifestação de alguma transição linguística entre duas zonas dialectais: os dialectos setentrionais e os dialectos meridionais.

### c) Outras informações

c.1.) Em 3 localidades, segundo os nossos dados, o monotongo /o/ é a forma usada em todas as palavras que constituem o nosso *corpus* principal (no *corpus* complementar já ocorre /oj/, mas na

---

(littér.): *cuôibe, cuôiro (...)*”, mas nada menciona sobre a variante com a vogal [ø].

<sup>101</sup> São prova disso os diferentes inquéritos (ALPI, ALE e ALEPG) feitos na mesma localidade e em datas diferentes (v. nos Anexos, **Anexo 5** os pontos de inquérito coincidentes). Quanto ao ditongo *oi* podemos observar que a ocorrência mais acentuada de *oi* se faz sentir em determinadas localidades próximas uma das outras, localidades onde os inquéritos realizados têm datas diferentes, ex.: duas localidades no distrito de Lisboa onde a presença de *oi* é mais sentida: Povos (171) – inquérito do ALPI realizado em 1936 e Sobreiro (170) – inquérito do ALPI realizado em 1954. Outro exemplo no mesmo distrito: Almargem do Bispo (180) e Alcabideche (184) – inquéritos do ALPI realizados em 1936 e Aldeia Galega (179) – inquérito do ALEPG com realização posterior a 1970.

maior parte dos casos em variação com /o/; cf. adiante no **CAPÍTULO III** o ponto **2.5. Distribuição geográfica dos sufixos -doiro/-douro e -doira/-doura**). São elas: Porto de Vacas (121), no distrito de Coimbra; Amiais de Baixo (152), no distrito de Santarém e Foros de Casa Nova (206), no distrito de Setúbal.

c.2.) No centro-interior, no distrito de Castelo Branco, a localidade de Cardoso (129) é a única, e a última localidade na área centro-meridional, onde o ditongo /ow/ e o monotongo /o/ têm a mesma frequência (/ow/: 6/14; /o/: 6/14; /oj/: 2/14 ocorrências).

c.3.) A localidade de Campo Maior (174), no distrito de Portalegre, evidenciou uma especial incidência do ditongo /oj/ nas palavras do nosso *corpus*; referimo-nos ao ditongo [oj] em posição inicial e medial de palavra. Visto ser uma localidade de fronteira, talvez o maior uso de *oi* nestas posições de palavra seja uma forma de contrariar a monotongação influenciada pelo Castelhana (cf. o falar de Olivença e o estudo de José Luis Valiña Reguera *Os Falares Fronteiriços de Olivença e Campo Maior: falar alentejano e diversa castelhanização*, p. 22-24).



## 5. Variação *ou* ~ *oi*

Neste ponto pretendemos mostrar a variação ocorrente em alguns pares de palavras do nosso *corpus*, tendo em consideração a questão da etimologia dos ditongos. Como referido na secção da revisão bibliográfica, determinados autores (cf. Cintra, Bourciez, entre outros) debatem a questão da etimologia dos ditongos, sendo que em determinadas palavras, consoante o ditongo etimológico, pode ocorrer maior ou menor variação; ou em determinadas regiões um ditongo (também consoante a etimologia) se conservou mais que outro. Neste ponto mostramos em que pares de palavras a variação ocorre; qual a etimologia do ditongo; e a distribuição geográfica desses pares de palavras. No **Capítulo III** a seguir fazemos a análise dos dados aqui descritos, em conjunto com outros resultados.

Do grupo de palavras com as quais formámos o nosso *corpus* de estudo, distinguem-se algumas em que a variação *ou* ~ *oi* é mais notória (ditongo que na ortografia se representa com o dígrafo <ou> mas que na fala se pronuncia ou com a semivogal inalterada, i.é, como [ow] (ou noutras realizações), ou com o resultado da redução deste ditongo, ou seja, como [o]). O ditongo *ou* em algumas dessas palavras tem proveniências diversas, como já vimos na secção que trata da etimologia das palavras do nosso corpus, mas cuja revisão sucinta fazemos aqui: pode provir do ditongo latino *au*: outono < *autumn-*, touro < *tauru-*, cousa < *causa* e couve < *caule*; e noutro caso do ditongo germânico *au*: roupa < *raupa*; da semivocalização de *l* quando seguido de *a*: outro < *altĕru-*, toupeira < *talpa* + *-eira*, fouce < *falce-* e couce < *calce-*.

Quanto ao ditongo *oi*, nas palavras em cujo étimo está *-oct-*, *-oriu-* ou *-oria*, o resultado foi um ditongo: noite < *nocte-*, coiro < *cōřiu-*, tesoura < *tonsōřia*. No primeiro exemplo a variação poderá ter acontecido devido a diversas evoluções da consoante *c* no grupo *-oct-* > *noute/noite*. Nos dois últimos exemplos o ditongo formou-se por atracção do *i* da sílaba seguinte, originando assim a terminação *-oiro/-oira*. Em alguns casos a vogal velar exerce influência sobre a semivogal palatal [j] passando esta a ser também velar ([w]). Assim, o que na origem era *oi* passou a *ou*, exemplos: Coiro > Couro; Doiro > Douro; Tesoura > Tesoura.

Noutras palavras a origem dos ditongos é diversa: caçoula < *\*caço* ou *caçoulo* (de origem obscura, talvez do latim *\*cattióla*), rouxinol < *\*lūscīnīōlus* (latim), choupo < *popplu* (latim) e toucinho < *tūcca* (celta-latim).

Nestes casos, podemos considerar que a variação passou para um grupo de palavras em que

*ou* tem outras origens.

Os nossos dados mostram variação nas seguintes palavras<sup>102</sup>:

- *ou* < *au* (latino): *outono* ~ *oitono*, *touro* ~ *toiro*, *couve* ~ *coive* e *cousa* ~ *coisa*;
- *ou* < *au* (germânico): *roupa* ~ *roipa*;
- *ou* < *al-*: *outro* ~ *oitro*, *outra* ~ *oitra*, *toupeira* ~ *toipeira*, *fouce* ~ *foice* e *couce* ~ *coice*;
- *oi* < *-oriu-*: *couro* ~ *coiro*;
- *oi* < *-oria*: *tesoura* ~ *tesoira*;
- *oi* < *-oct-*: *noute* ~ *noite*;
- outras origens: *rouxinol* ~ *roixinol*, *caçoula* ~ *caçoila* e *toucinho* ~ *toicinho*.

Elaborámos 5 mapas para mostrar a distribuição geográfica destes pares organizados de acordo com a sua origem etimológica: nos dois primeiros está a distribuição geográfica das palavras cujo ditongo é proveniente de *ou* latino e germânico (**Mapa 3** e **Mapa 3.a.**). No terceiro mapa, a distribuição geográfica das palavras cujo ditongo *ou* é proveniente de *al-* (**Mapa 4**). No quarto mapa temos as distribuições geográficas das palavras cujo ditongo *oi* é proveniente ou de *-oriu-*, *-oria-* ou de *-oct-* (**Mapa 5**). No quinto mapa temos as distribuições geográficas das palavras cujo ditongo *ou* tem origens diversas (**Mapa 6**).

---

<sup>102</sup> Embora em determinadas palavras deste *corpus* de estudo não se observe a variação, não quer dizer que ela seja inexistente em Portugal, exemplos: *choupo* ~ *choipo*, *pouco* ~ *poico*, *ouvir* ~ *oivir*, *dezoito* ~ *dezoito* e *outo* ~ *oito* (ver explicação dada no **CAPÍTULO I**, no ponto em que apresentamos o *corpus* (**11. Corpus**, nota 48).

Quanto aos numerais regista-se somente um caso de monotongação em Cardoso (129), Castelo Branco “ôto” [’øtu]. Em todo o território português continental a forma mais comum é “oito” e “dezoito”.

### 5.1. Distribuição geográfica das palavras com ditongo *ou* proveniente de *au* latino e germânico

1. No **Mapa 3** (v. adiante) temos a distribuição geográfica das palavras “outono” /owt'onu/ e “touro” /t'owru/ cujo ditongo *ou* é proveniente de *au* latino, e suas variantes, respectivamente, “oitono” /ojt'onu/, “ôtono” /ot'onu/; “toiro” /t'ojru/, “tôro” /t'oru/.

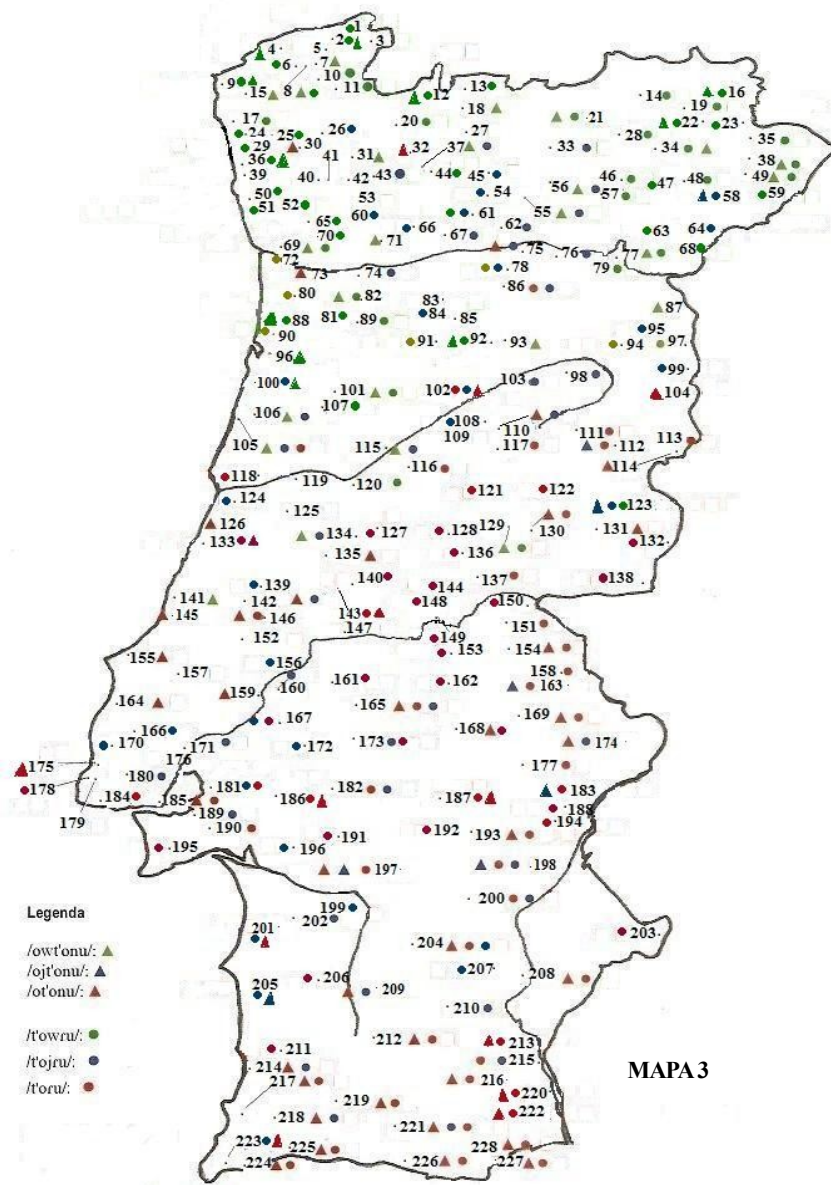
a. “Outono” ocorre na maior parte da região setentrional do país, nomeadamente a norte do rio Douro. No mapa vemos a conservação regular do ditongo *ou* nesta palavra com a exceção de uma localidade no distrito de Bragança, Penas Roias (58) onde o ditongo é *oi*, ou seja, “oitono”, e em dois casos de monotongação (“ôtono”) nas localidades de São Romão da Ucha (30) e Vila Boa de Bucos (32). No que se refere à variação entre *outono* ~ *oitono*, na área de conservação do ditongo *ou* ela é quase inexistente (o único caso é o referido na localidade (58)).

A sul do rio Douro e ao longo de todo o território português o ditongo *ou* está conservado na maior parte das localidades no norte do distrito de Aveiro; em duas localidades do distrito de Viseu, Avelal (92) e Rãs (93); e a leste numa localidade do distrito da Guarda, Figueira de Castelo Rodrigo (87). As restantes ocorrências de *ou* conservado dão-se ocasionalmente em algumas localidades de Coimbra, Praia de Mira (105), Mira (106) e Penacova (115); Leiria, Figueiró dos Vinhos (134) e Nazaré (141); e Castelo Branco, Cardoso (129).

“Oitono” ocorre maioritariamente na zona leste do país em localidades próximas da fronteira com Espanha: Guarda, Santo Estêvão (112); Castelo Branco, Monsanto (123); Portalegre, Alegrete (163); Évora, Romão (183) e Carrapatelo (198). Ocorre ainda neste distrito numa localidade mais central, Alcáçovas (197), e, junto ao mar, numa única localidade do distrito de Setúbal, Porto Covo (205). A variante “ôtono” ocorre desde o sul do rio Douro, nas localidades de Sardoura (73) e Valença do Douro (75), e com maior frequência desde o rio Mondego até ao Algarve.

b. Quanto ao segundo par em análise, *touro* ~ *toiro*: a norte do rio Douro a forma conservada “touro” tem maior incidência nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto e Bragança. Neste distrito o ditongo /ow/ pode assumir diferentes realizações fonéticas: [t'ɛwru] em Vimioso (35) e [t'æwru] em Peredo (48). Na zona central desta região, no distrito de Vila Real, em algumas localidades começa a surgir a variante “toiro” em oscilação com “touro”. Em Sonim (21) a

realização do ditongo *ou* é também com a variante dissimilada, ex.: [t'ɛwru]. A sul do rio Douro “touro” regista-se nos distritos de Aveiro, Viseu e Guarda, embora com algumas ocorrências de “toiro”. A variante “toiro” tem maior frequência na zona a norte do rio Douro no distrito de Vila Real, e após a travessia do rio Mondego, em algumas localidades das províncias da Estremadura e Ribatejo, enquanto no centro interior e sul, a variante mais frequente é “tôro”, embora em algumas localidades em variação com “toiro”.



2. No MAPA 3.a. (v. adiante) temos a continuação do mapa anterior, palavras cujo ditongo é proveniente de *au* latino, “cousa” /k'owzɐ/ e “couve” /k'owvi/, com o acrescento de uma palavra cujo ditongo *ou* é proveniente de *au* germânico, “roupa” /r'owpɐ/, e suas variantes: “coisa” /k'ojzɐ/ e “côsa” /k'ozɐ/; “coive” /k'ojvi/ e “côve” /k'ovi/; “roipa” /r'ojpɐ/ e “rôpa” /r'opɐ/.

c. Quanto à variação *cousa~coisa*, a norte do rio Douro, no distrito de Viana do Castelo, conserva-se o ditongo *ou* nesta palavra, na maior parte das localidades, com excepção de Portuzelo (17). A oscilação com “coisa” regista-se com maior frequência nos distritos de Braga e Porto, mais especificamente, nas localidades juntas à orla marítima, e nos distritos de Vila Real e Bragança. A partir do rio Douro e para sul, “cousa” é substituído por “coisa” em quase todas as localidades até ao norte do rio Mondego, com excepção de Pardilhó (90) onde se conserva o ditongo *ou*. A sul do rio Mondego, “coisa” expande-se para sul, até, segundo os dados que temos disponíveis, Barrancos (203), Beja (não temos resultados para os distritos mais a sul de Portugal).

Quanto à variante “côsa”, nos nossos dados só ocorre em Montalvão (150), Portalegre.

d. O par *couve~coive* apresenta alguma variação. Os distritos de Viana do Castelo, Braga e Bragança são os que apresentam uma maior ocorrência da variante “couve”, embora haja algumas excepções. A variante “coive” aparece em Viana do Castelo, Braga, Porto e Vila Real, nomeadamente em Fornelos (2), Viana do Castelo; Vila Boa de Bucos (32), Braga; Barrosas (53), Sobrado (70), Porto; Cabeceiras de Basto (37), Viduedo (45), Mondrões (61), Roalde (62), Sedielos (67), Vila Real.

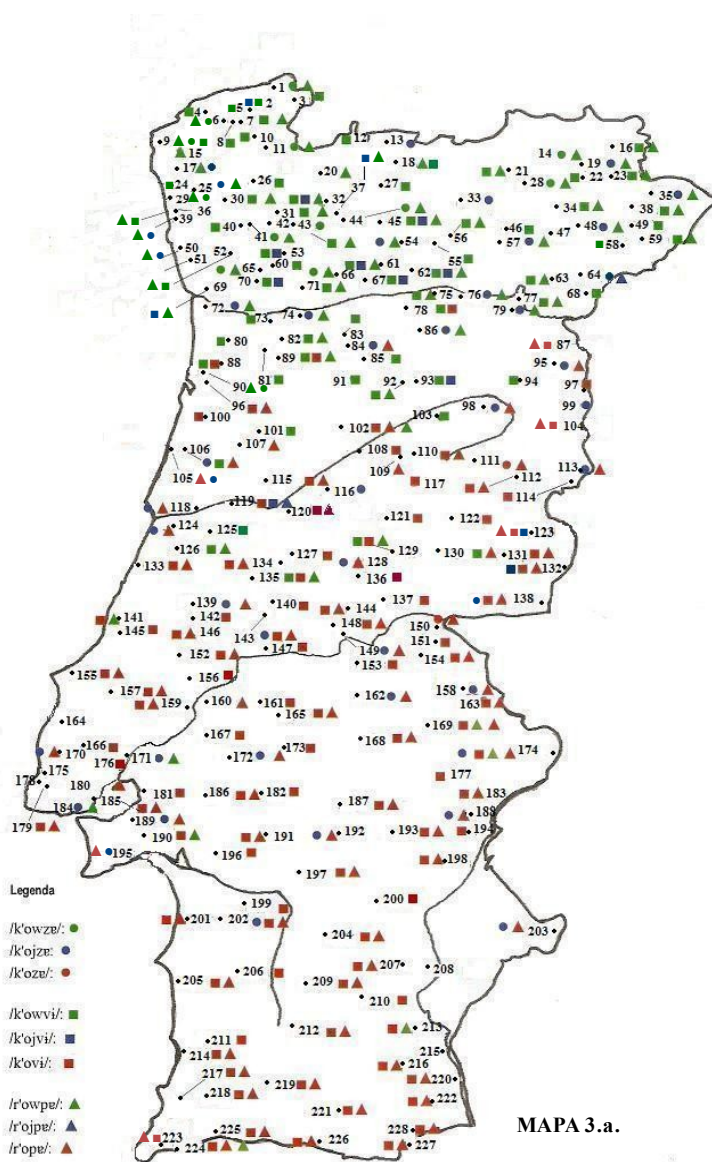
A sul do rio Douro “couve” distribui-se com alguma frequência significativa pelas localidades dos distritos de Aveiro, Coimbra e Viseu, embora ocorram as variantes “côve” e “coive” em Rãs (93), Viseu, e Vila Pouca do Campo (119), Coimbra. No distrito da Guarda ocorre a monotongação nesta palavra.

A sul do rio Mondego, “couve” mantém-se em algumas localidades da Beira-Litoral no distrito de Coimbra em Casconho (125); Leiria, em Antões (126) e Boca-da-Mata (135); na Beira-Interior, no distrito de Castelo Branco, em Cardoso (129) e Tinalhas (130), enquanto “coive” se diz em Salvaterra do Extremo (132) em variação com “côve”. Nas restantes localidades dos restantes distritos dá-se a monotongação nesta palavra.

e. Quanto ao terceiro par deste mapa, a variante “roupa” conserva-se em toda a área setentrional, no norte do rio Douro, com excepção de Lagoaça (64), no distrito de Bragança onde ocorre “roipa”.

A sul do rio Douro, “roupa” distribui-se ainda por algumas localidades dos distritos de Aveiro, Viseu e Guarda, sendo que em alguns casos ocorre a monotongação, “rôpa”. Esta variante é a mais frequente nos distritos de Guarda e Coimbra. Neste último distrito, em Vila Pouca do Campo (119) volta-se a registar “roipa”.

Observa-se a sul do rio Mondego algumas ocorrências de “roupa”, ocorrências que também se observam nos distritos mais a sul de Portugal: em Leiria: Antões (126), Boca-da-Mata (135), Moita do Martinho (141); em Castelo Branco: Cardosa (129); em Lisboa: Alcabideche (184); em Portalegre: Cabeço de Vide (169), Campo Maior (174); em Setúbal: Palmela (190); em Beja: Serpa (208), Mértola (213); e em Faro: Salema (224). Nas restantes localidades nos diferentes distritos dá-se a monotongação, “rôpa”.



## 5.2. Distribuição geográfica das palavras com ditongo *ou* proveniente de *al-*

No **Mapa 4** (v. adiante) temos a distribuição geográfica dos pronomes “outro” /'owtru/ e “outra” /'owtrɐ/; “toupeira” /towp'ejɾɐ/, “fouce” /f'owsi/; “couce” /k'owsi/, e suas variantes, “oitro” /'ojtru/, “oitra” /'ojtrɐ/, “ôtro” /'otrɐ/, “ôtra” /'otrɐ/; “toipeira” /tojpejɾɐ/, “tôpeira” /top'ejɾɐ/; “foice” /f'ojɾɐ/, “fôce” /f'osi/; “coice” /k'ojɾɐ/, “côce” /k'osi/. Nestas palavras o ditongo *ou* é proveniente de *al-*.

f. Nos pronomes o ditongo *ou* é conservado na região noroeste de Portugal, ou seja, no distrito de Viana do Castelo. A variação começa a surgir mais a sul e a leste nesta região a norte do rio Douro. Assim em Braga, Vila Real e Bragança já temos ocorrências dos pronomes com a variante palatal e também em Bragança com a variante fonética resultante da dissimilação da vogal do ditongo /ow/, i.e., /æw/. No distrito de Braga diz-se “oitro” e “oitra” em Apúlia (39) e Arco de Baulhe (44). Em Fafe (43) faz-se uma distinção no género, ou seja, “outro” (masculino) e “oitra” (feminino). No distrito de Vila Real conserva-se o ditongo *ou* nos pronomes em Montalegre (13) e Vilarinho de Samardã (54), mas diz-se “oitro” e “oitra” em Carrazedo de Montenegro (33). No distrito de Bragança, a partir dos dados do ALPI, verifica-se variação nos pronomes “outro” e “outra”. O ditongo *ou* conserva-se nestes pronomes em Sobreiró (14), Rebordãos (19), Torre de D. Chama (28) e Vilarinho das Azenhas (57); dissimila em Peredo (48), e.g.: ['æwtru] e ['æwtrɐ]; e é substituído por *oi*, “oitro” e “oitra”, em Vimioso (35) e Lagoaça (64). No distrito do Porto a variação que se tem verificado nos distritos anteriores nos pronomes verifica-se somente em Gondar (66) “oitro” e “oitra”, sendo que nas restantes localidades se mantém o ditongo *ou*. Ao sul do rio Douro, no distrito de Aveiro, junto à isófona de conservação de [ow], na localidade de Pardilhó (90), observa-se pela última vez a ocorrência de “oitro” e “oitra”.

Nas localidades que se encontram junto ao rio Douro, seja a oeste ou a leste, o ditongo *ou* mantém-se conservado nos pronomes. No entanto nas localidades fronteiriças a variante mais forte é a monotongada “ôtro” e “ôtra”. Estas ocorrências dar-se-ão até Barrancos (203), segundo os nossos dados (não dispomos de mais informação para o sul), com excepção de uma localidade no distrito de Lisboa, Povos (171), onde ocorre o pronome feminino “outra”.

g. Quanto à variação *toupeira~toipeira*, a norte do rio Douro verifica-se a oscilação entre “toupeira” e “tôpeira”, embora a primeira variante seja a mais ocorrente. Esta oscilação mantém-se no oeste e centro do país, registando-se as últimas ocorrências em Pardeiro (101), Aveiro; Mira

(105), Coimbra; Lajeosa do Dão (102), Viseu; Sabugueiro (110), Guarda. A leste dá-se a monotongação.

Ao sul do rio Mondego e até ao sul do país ocorre a monotongação na maior parte das localidades, com excepção de duas localidades: uma localidade no distrito de Leiria onde se conserva o ditongo *ou*, Moita do Martinho (142), e outra no distrito de Portalegre onde ocorre “toipeira”, Campo Maior (174), única localidade no território onde, a partir dos nossos dados, registámos esta variante.

h. A variação no par *fouce~foice* dá-se no norte do rio Douro e expande-se a sul do rio até Carvoeiro (81), em Aveiro, última localidade onde o ditongo *ou* se mantém conservado. A partir deste ponto a variação ocorre até ao sul do país entre “foice” e “fôce”.

A leste no distrito da Guarda, nas localidades fronteiriças diz-se “foice”; mais abaixo, em Castelo Branco, a monotongação é mais frequente, embora surjam ocorrências de “foice”.

i. Quanto ao par *couce~coice*, “couce” e “couço” variam com “coice” e “coiço” na região a norte do rio Douro, variação que tem maior incidência a oeste nesta região nos distritos de Viana do Castelo, Braga (onde se diz “couço” em Salamonde (20) e Arco de Baúlhe (44)) e distrito do Porto, enquanto que em Vila Real e Bragança a variante com maior frequência é “couce”, embora existam algumas excepções: o ditongo /ow/ realiza-se com a variante dissimilada em Sonim (21), Vila Real: [k'ɐwsi]; e regista-se “coice” em Pitões das Júnias (12), Mondrões (61), Vila Real; Penas Roias (58) e Lagoaça (64), Bragança.

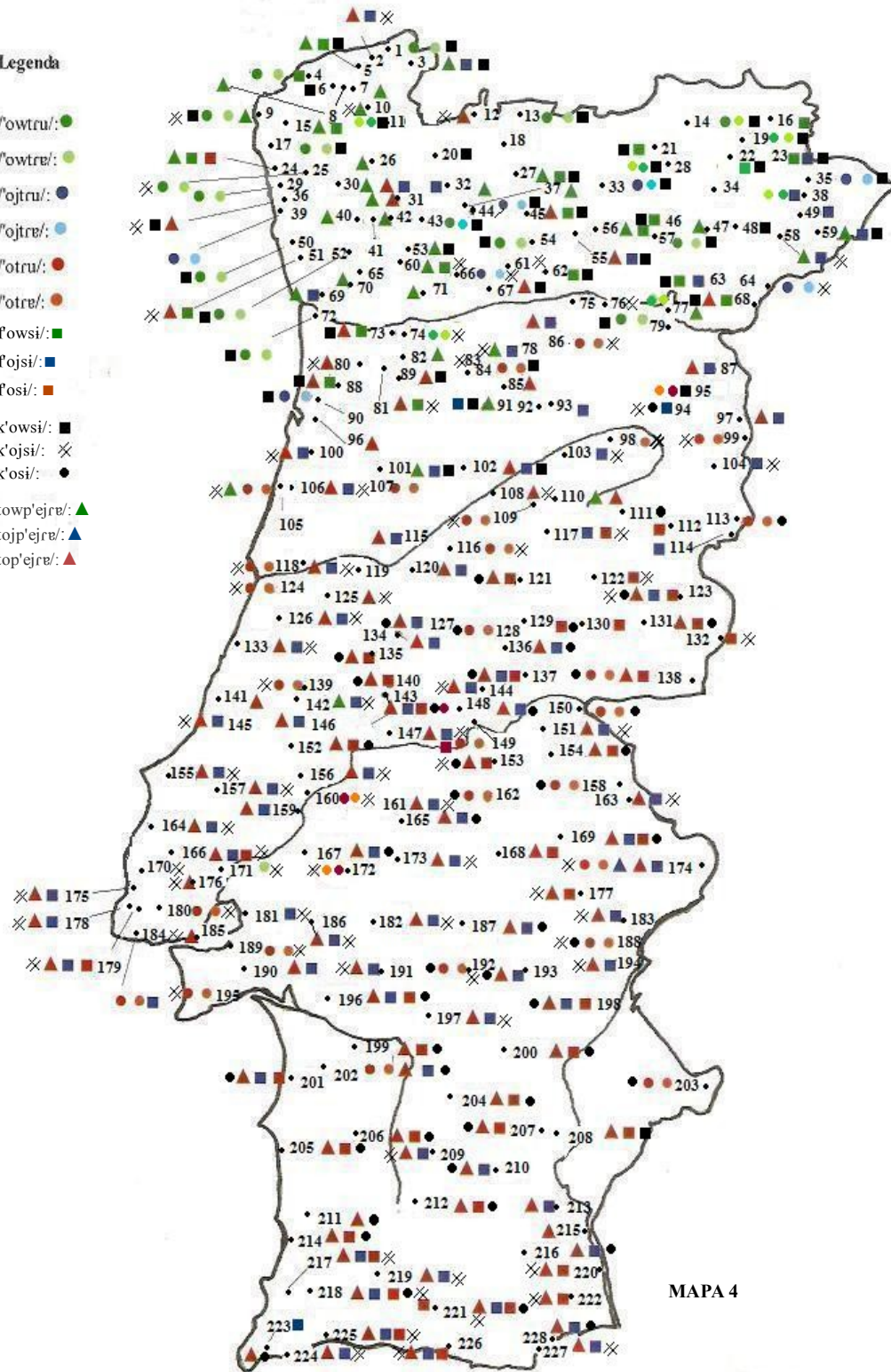
A variante “couce” estende-se a sul do rio Douro e até terras viseenses, Lajeosa do Dão (102). Nos distritos de Aveiro, Viseu, Guarda e Coimbra começa a surgir com maior ocorrência a variante “coice” (“coiço” diz-se em Arganil (116) e Ervedal da Beira (108), Coimbra), variante que se irá expandir para sul, passando os rios Mondego e Tejo, e atingindo terras do Algarve. No entanto, o maior registo desta variante faz-se em toda a zona da Beira-Litoral e Estremadura, nomeadamente, nos distritos de Coimbra, Leiria e Lisboa. O único caso de monotongação registado para os distritos mencionados é em Porto de Vacas (121), Coimbra, localidade onde registamos “côço”.

Nos restantes distritos: em Castelo Branco é mais recorrente a forma monotongada “côce”, embora com algumas excepções, “coice” em Monsanto (123) e Salvaterra do Extremo (132). O mesmo se verifica nas localidades do distrito de Santarém: “côce” é mais frequente, mas varia em alguns casos com “coice”. A sul do rio Tejo, no distrito de Setúbal, diz-se “coice” nas localidades no norte do distrito, enquanto que no sul do distrito dá-se a monotongação “côce”. A leste, em

Portalegre e Évora, ocorre “côce” e “coice”, no segundo distrito, ocorre por vezes na mesma localidade, exs.: em Alandroal (188) e Nossa Senhora da Machede (193). No distrito de Beja “côce” é a variante mais comum com excepção de um caso isolado na localidade de Serpa (208) onde aparece “couce”. Em Faro, “coice” ocorre em quase todas as localidades em variação com “côce”.

Legenda

- /owtru/: ●
- /owtre/: ●
- /ojtru/: ●
- /ojtre/: ●
- /otru/: ●
- /otre/: ●
- /fowsi/: ■
- /fojsi/: ■
- /fosi/: ■
- /k'owsi/: ■
- /k'ojsi/: ✕
- /k'osi/: ●
- /towp'ejre/: ▲
- /tojpejre/: ▲
- /top'ejre/: ▲



MAPA 4

### 5.3. Distribuição geográfica das palavras com ditongo *oi* proveniente de *-oriu-*, *-oria* e *-oct-*

No **Mapa 5** (v. adiante) temos as distribuições geográficas de “coiro” /k'ojru/, “tesoira” /tiz'ojrɐ/, “noite” /n'ojti/ e suas variantes, “couro” /k'owru/, “côro” /k'oru/; “tesoura” /tiz'owrɐ/, “tesôra” /tiz'orɐ/; “noute” /n'owti/ e “nôte” /n'oti/. Nestas palavras o ditongo *oi* (e em alguns casos o ditongo *ou*) é proveniente de *-oriu-*, *-oria* e *-oct-*.

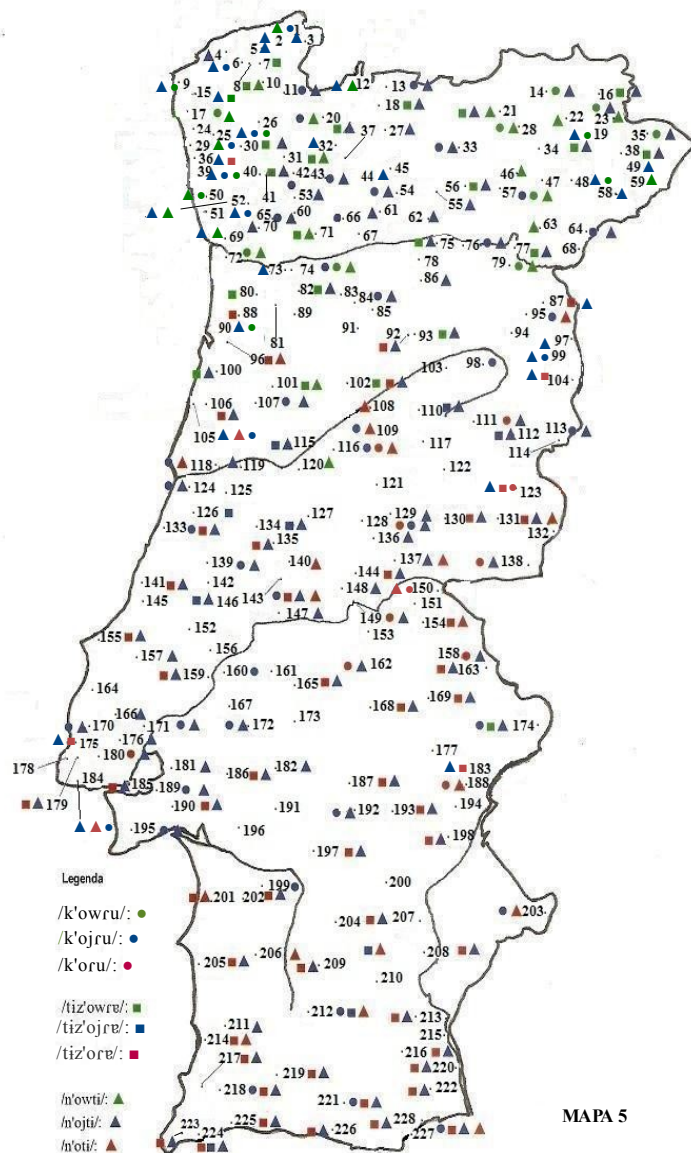
j. Quanto à variação *couro~coiro*, esta ocorre a norte do rio Douro, com existência da variante dissimilada em Vimioso (35) [k'ɛwru], e até Pardilhó (90), a sul do rio no distrito de Aveiro, localidade onde o ditongo *ou* também sofre dissimilação, [k'ɛwru]. A leste e no distrito da Guarda, a localidade de Vila Nova de Foz Côa (79) serve de limite para a ocorrência do ditongo *ou*. A partir desta localidade e de Pardilhó, Aveiro, a oscilação ocorre entre “coiro” e “côro”, embora a variante palatal seja a mais ocorrente.

k. A norte do rio Douro não se regista a variação *tesoura~tesoira*; diz-se “tesoura”. Os casos de monotongação são raros e ocorre um único caso em Esposende (36), Braga, “tesôra”.

A sul do rio Douro, a oeste, a variante preferida é “tesoura” com excepção de algumas localidades a norte e a sul do rio Mondego onde existem algumas ocorrências com o ditongo *oi*, Penacova (115), Coimbra; Sabugueiro (110), Santo Estêvão (112), Guarda; Figueiró dos Vinhos (134), Santarém; Antões (126), e Mira d'Aire (146), Leiria. Este género de ocorrência

parece desaparecer a partir de Mira d'Aire e passa a palavra a ser pronunciada com o monotongo até ao sul “tesôra” - ocorrência que já se observava nos distritos da Guarda e Castelo Branco - embora ainda surja uma ocorrência do ditongo *ou* em Campo Maior (174), Portalegre.

l. A variação *noute~noite* ocorre a norte do rio Douro, mantém-se no sul do rio numa zona em que já começa a aparecer alguma variação com a forma monotongada, “nôte”. Nos distritos da Beira-Interior (Guarda), Beira-Litoral, Estremadura e Ribatejo “noite” é a variante mais predominante. Nos restantes distritos do centro-interior e sul, também se observa o uso de “noite” mas com maior variação com a variante monotongada “nôte”.



#### 5.4. Distribuição geográfica das palavras com ditongo *ou* com outras origens

No MAPA 6 (v. adiante) temos a distribuição geográfica de “caçoula” /kəs'owlɐ/, “rouxinol” /rowʃin'ɔɫ/, “toucinho” /tows'ijɯ/ e suas variantes, “caçoila” /kəs'ojlɐ/, “caçôla” /kəs'olɐ/; “roixinol” /rojʃin'ɔɫ/, “rôxinol” /roʃin'ɔɫ/; “toicinho” /tojs'ijɯ/, “tôcinho” /tos'ijɯ/. Nestas palavras o ditongo *ou* tem diversas origens.

m. A norte do rio Douro a variante mais ocorrente é “caçoila”, com raras ocorrências de “caçoula” em Vila do Conde (50), Porto, e no distrito de Bragança regista-se somente com a variante dissimilada em Peredo (48) [kɐs'æwlɐ], sendo que nas restantes localidades as respostas são inexistentes. Nas localidades do distrito de Viana do Castelo dá-se a monotongação nesta palavra em todas as localidades onde se fez o levantamento da resposta.

A sul do rio Douro e até ao Algarve, a variante mais ocorrente é “caçoila”. Indicam-se algumas exceções em Vila Nova de Foz Côa (79), na Guarda onde ocorre “caçoula”, e em algumas localidades dos distritos de Castelo Branco e Portalegre onde ocorre a variante monotongada, “caçôla”.

n. A norte do rio Douro, “rouxinol” existe em algumas localidades, juntamente com a variante “roixinol” que se atesta em Castelo do Neiva (24), Viana do Castelo; São Romão da Ucha (30), Vila Boa de Bucos (32), Pousada de Saramagos (40), Braga; Barrosas (53), Porto; Sedielos (67), Vila Real; Penas Roias (58), Marmelos (46), Outeiro (23), Bragança. A variante monotongada é, no entanto, a mais ocorrente.

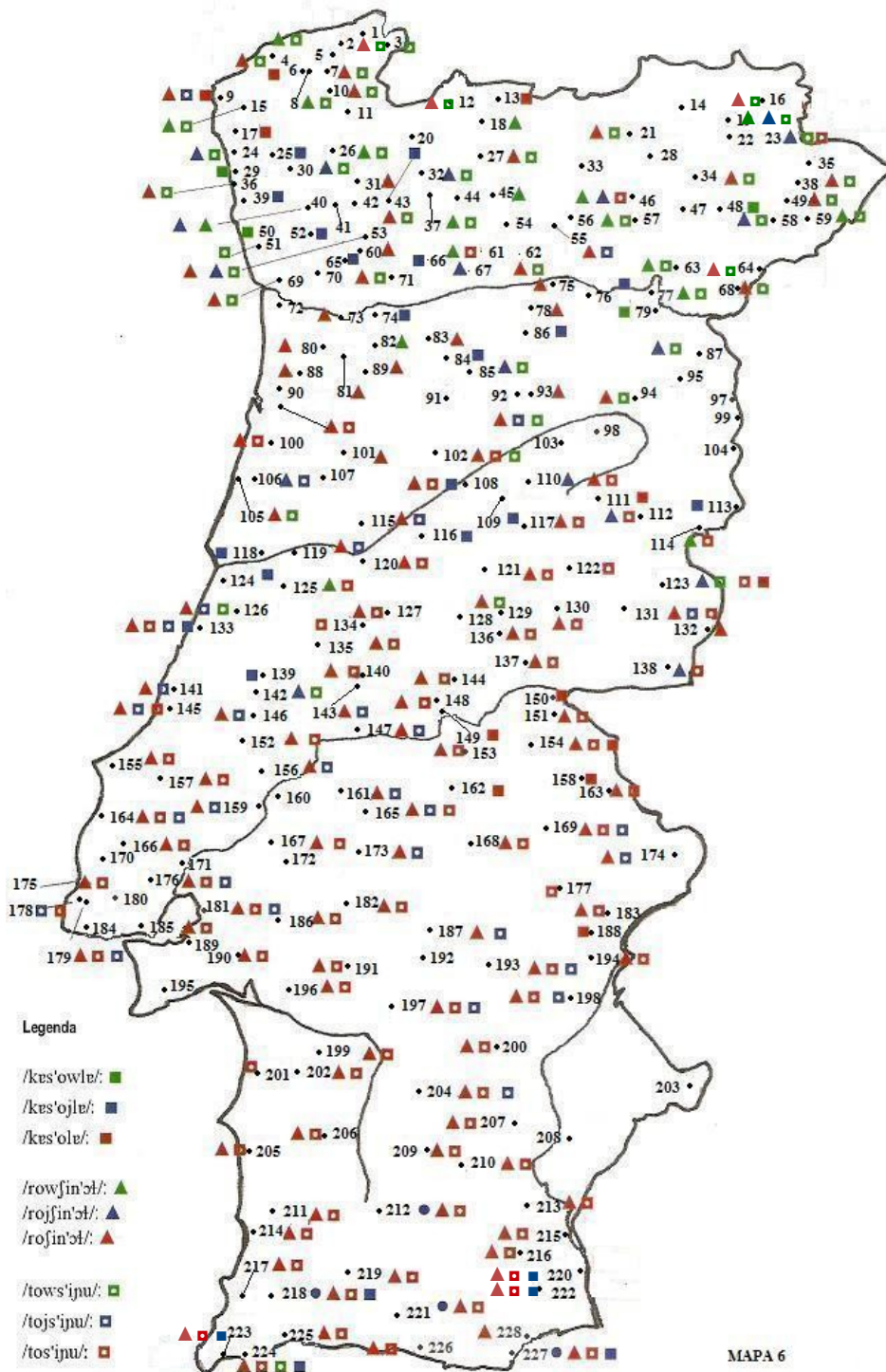
A sul do rio Douro e até ao sul, Algarve, a variante “rôxinol” é a mais frequente, com algumas exceções: “rouxinol” em Arouca (82), Aveiro; Fóios (114), Guarda; Casconho (125), Coimbra; “roixinol” em Malhada, Viseu; Mira (106), Papanata (120), Coimbra; Santo Estêvão (112), Guarda; Monsanto (123), Salvaterra do Extremo (132) – nesta localidade em variação com “rôxinol”-, Castelo Branco; Moita do Martinho, Leiria.

o. “Toucinho” existe em toda a parte setentrional de Portugal. Em algumas localidades observa-se a ocorrência de “toicinho”, por exemplo em Moledo (9) e Perafita (55).

A variante monotongada “tôcinho” aparece em Mondrões, Vila Real; Outeiro (23), Marmelos (46) Bragança.

Entre os rios Douro e Mondego, “toucinho” distribui-se por algumas localidades dos distritos de Viseu, Guarda e Coimbra, embora seja a variante monotongada “tôcinho” a mais ocorrente. Em algumas localidades observa-se a ocorrência com a variante palatal “toicinho” em Mira (106), Penacova (115), Coimbra; Avelal (92), Viseu; a sul do rio Mondego, em Vila Pouca do Campo (119), Coimbra. Esta variante irá oscilar com “tôcinho”, variante que ocorre com maior frequência a partir de Castelo Branco, onde tem maior incidência; em Portalegre, com exceção de Castelo de Vide (169) e Campo Maior (174); no distrito de Évora, com exceção de Arraiolos (187), Nossa Senhora da Machede (193), Alcáçovas (197) e Carrapatelo (198); no distrito de Beja, com exceção

de Peroguarda (204); e em Faro com excepção de Vila do Bispo (223) e Salema (224). Nas localidades exceptuadas ocorre “toicinho” e no caso de Vila do Bipo ocorre esta variante juntamente com “toucinho”.







## CAPÍTULO III

### ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo fazemos a análise dos dados tomando como ponto de partida os pares de palavras do nosso *corpus* principal em que ocorre variação (apresentação que fizemos no capítulo anterior no ponto **5. Variação *ou~oi*** incluída na descrição linguística a que esse capítulo se dedica), tendo em conta que uma das explicações para a variação seja a etimologia dos ditongos. No **ponto 1.** a seguir iremos confrontar os nossos resultados com a opinião de outros autores. Seguidamente, apresentamos do **ponto 2.** ao **ponto 2.5.** a contagem total das frequências de /ow/, /oj/ e /o/ e as distribuições geográficas destas formas em Portugal continental. Nos pontos **3.**, **4.** e **5.** fazemos a análise dos factores linguísticos e a análise estatística. No **ponto 5.** podemos avaliar a forma como se distribuem as frequências recorrendo a um dos métodos da estatística descritiva, Simetria e Assimetria; por último, também inserida na estatística descritiva, um outro método, Correlação (coeficiente de correlação), o qual permite avaliar o nível de associação entre as realizações. Este método ir-nos-á permitir saber se existe alguma relação entre as 3 realizações, e desta forma, chegar a alguma conclusão quanto ao uso do ditongo [oj] como estratégia para evitar a monotongação. Faremos a apresentação dos resultados nos pontos **2.** (e **2.1.** a **2.5.**), **3.**, **4.** e **5.** usando mapas, tabelas e gráficos.

## 1. Variação *ou~oi* e a etimologia dos ditongos

Como referido no capítulo anterior, a questão da etimologia dos ditongos, sendo que em algumas palavras, e consoante o étimo, existe maior propensão para a variação, foi debatida por diversos autores (cf. Cintra, Williams, Huber, Bourciez e Rodriguez-Castellano). Para alguns, nas palavras em que o ditongo *ou* é proveniente de *au* latino primário ou secundário ocorre menor variação e este conservou-se mais no norte e no oeste. Por outro lado, nas palavras em que o ditongo *oi* é proveniente de *-oct-* ou *-oruu-* existe maior propensão para a variação.

Apresentamos de seguida os nossos resultados:

1.1. Nas palavras com ditongo *oi* proveniente de *-oct-* e *-oruu-*, embora exista variação, a variante palatal é a mais forte: “noite” e “coiro”.

No caso de *oi* proveniente de *-oria*, a vogal velar exerce influência sobre a semivogal palatal passando o ditongo a *ou*, “tesoura”, ou dá-se a monotongação “tesôra”.

No caso das palavras com ditongo *ou* proveniente de *au* latino primário ou secundário e de *au* germânico, em alguns casos o ditongo *ou* conservou-se mais no Norte (acima do rio Douro) ou monotongou no Centro e no Sul: “outono” > “ôtono”, “couve” > “côve”, “outro” > “ôtro”, “outra” > “ôtra”, “toupeira” > “tôpera”, “roupa” > “rôpa”; noutros casos como em “touro”, “couce”, “fouce” e “cousa” o ditongo *ou* conserva-se no Norte mas no Centro e Sul foi substituído por *oi*, “toiro”, “coice”, “foice”, “coisa” ainda que possa ocorrer alguma monotongação.

No caso das palavras cujo ditongo *ou* tem outras origens, na palavra “toucinho” mantém-se o ditongo *ou* no Norte, mas dá-se a monotongação no Centro e Sul, embora com raras ocorrências de “toicinho”.

Num outro caso: em “caçoula” conserva-se o ditongo no Norte mas no Sul é substituído por *oi*, “caçoila”, com alguns casos de monotongação.

1.2. Os pares de palavras que apresentam maior variação são: *touro~toiro* (é o par com maior variação; a variante monotongada é a mais ocorrente, embora a variante palatal ocorra mais que a velar), *couce~coice*, *fouce~foice*, *couro~coiro*, *cousa~coisa*, *caçoula~caçoila*, *noute~noite* e *toucinho~toicinho*.

1.3. As palavras que apresentam maior ocorrência de *oi* são “noite”, “coice” e “foice”. A seguir, com ocorrência mais baixa vêm “coiro”, “coisa” e “çaçoila” (no caso de “toiro”, esta variante é quase paralela a “tôro”. No total do *corpus* teríamos de incluir “oito” e “dezoito”).

No artigo de Cintra (cf. p. 51-52), a oscilação *ou ~ oi* é explicada por diversos autores, entre eles Williams, Huber e Rodríguez-Castellano (este último para os falares asturianos). Sucintamente, para os primeiros destes AA. a oscilação tem maior propensão em ocorrer nos casos de *oi* proveniente de *-oriu-* e *-oct-*, mas não em *au* primário ou secundário.

Sobre o trabalho de Rodríguez-Castellano para os falares asturianos, Cintra refere que os exemplos de *oi* recolhidos pelo A. encontram-se em palavras em que ocorreu a semivocalização da consoante *l* (*al+* consoante: *foice*). Nas palavras cujo ditongo de origem é *au*, nas mesmas localidades, o resultado é ou a monotongação ou o ditongo *ou*.

Bourciez diz que o ditongo *ou* (< *au* latino e < *al+* consoante) se conservou, em geral no oeste português, no norte português e na Galiza, e também no oeste asturiano, enquanto em Lisboa e no sul de Portugal passou a [o] (cf. 1956: §§ 332 b e 160).

- Quanto à opinião de Williams e Huber, os nossos resultados mostram que existe pouca variação nas palavras com ditongo *oi* < *-oct-* e *-oriu-* (cf. “noite”, “coiro” e também “oito” e “dezoito”); por outro lado, maior variação ocorre nas palavras cujo ditongo procede de *au* primário ou secundário. Portanto, os nossos resultados contrariam parcialmente as opiniões destes AA. Teremos, no entanto, de referir que em palavras como pouco < *paucu*, mantém-se o ditongo *ou* de forma regular no Norte, embora em algumas áreas se atestem diversas variantes fonéticas que se podem interpretar como realizações que tentam evitar a monotongação (voltaremos a falar destas ocorrências mais adiante).

Quanto aos numerais “oito” e “dezoito”: no **CAPÍTULO I** deste trabalho, na **Revisão Bibliográfica**, vimos que a variação nos numerais *oito ~ outh* e *dezoito ~ dezouth* ocorria com alguma frequência nos textos antigos e, segundo a nossa revisão, ainda no século XVIII, embora muitos gramáticos aconselhassem o uso de *oi* nestas formas (cf. **CAPÍTULO I** e pontos **4. Referências em gramáticos e ortógrafos** e **4.3. Textos dicionarísticos**). Paiva Bóleo (*apud* Cintra 1983: 45) diz que no norte conserva-se [ow] com excepção dos casos em que *oi* é etimológico, embora possa ocorrer variação com *ou* (não dá exemplos em que palavras). Pelos nossos resultados, podemos assumir que existe uma selecção quanto ao ditongo nos numerais, e a favor de *oi*. Mas a

variação não é totalmente inexistente em Portugal: a partir da base de dados do ALEPG verifica-se que em algumas ilhas dos Açores se faz a alternância nestas palavras.

Outro caso a referir é ouvir < *audire*; embora o ditongo neste verbo se mantenha no Norte e no Sul monotongue, conhecem-se alguns casos de variação também nos Açores, e Vasconcelos atestou a variante *oivir* em Trás-os-Montes, Moncorvo (cf. 1970: 91).

- Em segundo lugar, confrontando os resultados de Rodriguez-Castellano em relação ao que se passa nas localidades asturianas: segundo os nossos resultados, numa mesma localidade portuguesa, de norte a sul, *oi* proveniente de *ou* (< *al-*) convive tanto com *oi* proveniente de *ou* (< *au* latino e germânico) como convive com *ô* (< *ou*). (cf. **Mapas 3, 3.a. e 4**).

- Quanto a Bourciez, os nossos resultados corroboram parcialmente as observações deste A.: num grupo de palavras *ou* (< *au* latino e < *al+* consoante) conservou-se no Norte e passou a [o] no Sul, mas noutro grupo de palavras com a mesma origem etimológica passou (maioritariamente) a *oi* no Centro e Sul de Portugal (cf. acima o ponto 1.1.).

Em suma: podemos observar que no Português, e nas localidades portuguesas, a variação *ou~oi* é independente da etimologia, embora em alguns casos, como nos numerais, pareça existir uma maior “fixação” na forma seleccionada; contudo, teremos de ter em conta outros factores como os contextos fonético-fonológicos, análise que faremos adiante.

Uma última observação que podemos fazer é que no caso das palavras cujo ditongo *ou* não monotonga e passa a *oi*, e nas palavras em que *oi* etimológico está conservado, transposta a isófono de conservação do ditongo [ow], a variante palatal tem grande ocorrência a par da variante monotongada. Muito raramente se observa o ditongo *ou* na área meridional, e quando este aparece, na maior parte dos casos também existe *oi* na mesma localidade; o mesmo se observa a sul da isófono no distrito da Guarda (cf. localidades (100), (101), (105), (106), (107), (115), (125) Coimbra; (126), (134), (135), (141), (142) Leiria; (123), (129), (130) Castelo Branco; (171), (184) Lisboa; (190) Setúbal; (169), (174) Portalegre; (208), (213) Beja; (224) Faro; e a quase totalidade das localidades dos distritos de Viseu e Guarda).

Estes resultados servirão para a análise dos contextos fonético-fonológicos (**ponto 3.**), pois é notória a existência de um contexto comum a quase todas as palavras em que o ditongo *oi* ocorre.

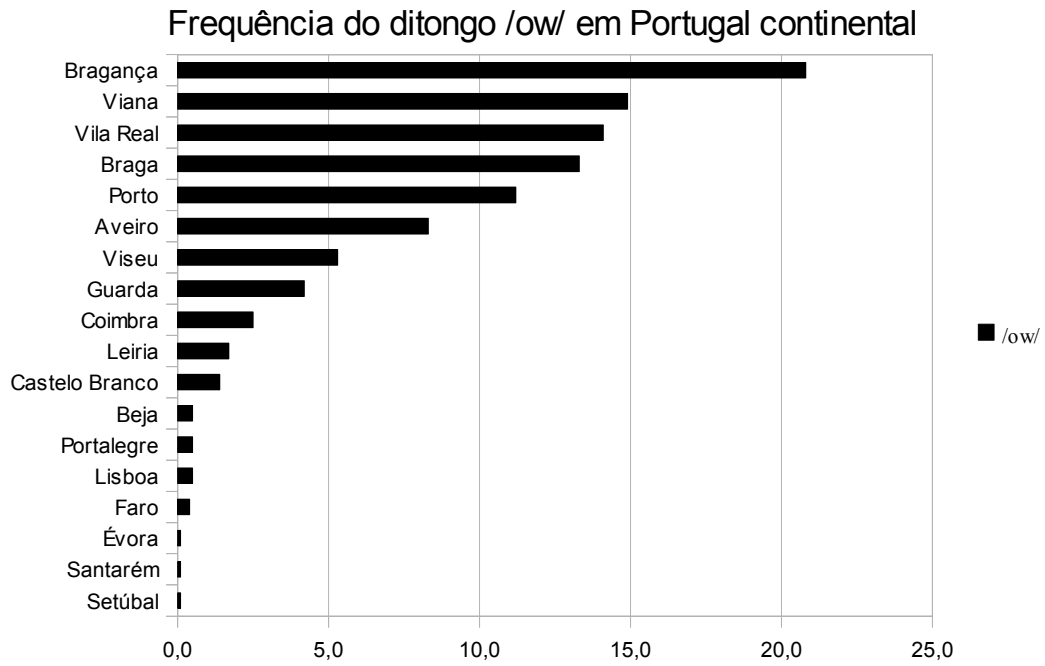
## 2. Distribuição das frequências de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental

Do levantamento das respostas de 503 informantes obteve-se um total de 3272 ocorrências das realizações em estudo. A Tabela 1 abaixo indica o n.º de ocorrências e as percentagens de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental; nos Gráficos 1 a 4 pode-se ver a frequência de cada uma destas realizações e suas distribuições em todo o território português:

**Tabela 1** - N.º de ocorrências e percentagens de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental

Distrito	N.º de ocorrências			Percentagens		
	/ow/	/oj/	/o/	%/ow/	%/oj/	%/o/
Viana do Castelo	120	33	12	14,9	3,5	0,8
Braga	107	57	11	13,3	6	0,7
Vila Real	114	51	19	14,1	5,4	1,2
Bragança	168	53	18	20,8	5,6	1,2
Porto	90	42	8	11,2	4,4	0,5
Aveiro	67	31	31	8,3	3,3	2
Coimbra	20	54	79	2,5	5,7	5,2
Viseu	43	50	46	5,3	5,3	3
Guarda	34	66	67	4,2	7	4,4
Castelo Branco	11	44	144	1,4	4,6	9,5
Leiria	14	55	100	1,7	5,8	6,6
Lisboa	4	68	93	0,5	7,2	6,1
Setúbal	1	48	121	0,1	5,1	8
Santarém	1	52	117	0,1	5,5	7,7
Portalegre	4	56	171	0,5	5,9	11,3
Évora	1	62	159	0,1	6,5	10,5
Beja	4	39	139	0,5	4,1	9,1
Faro	3	87	183	0,4	9,2	12
<b>Total</b>	<b>806</b>	<b>948</b>	<b>1518</b>	100	100	100

**Gráfico 1**



**Gráfico 2**

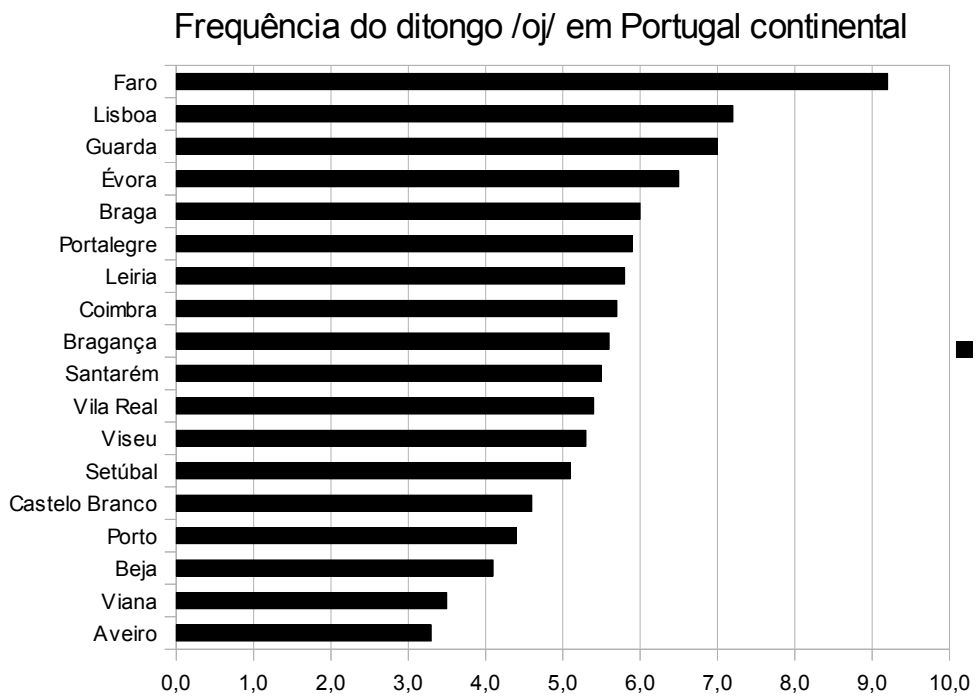
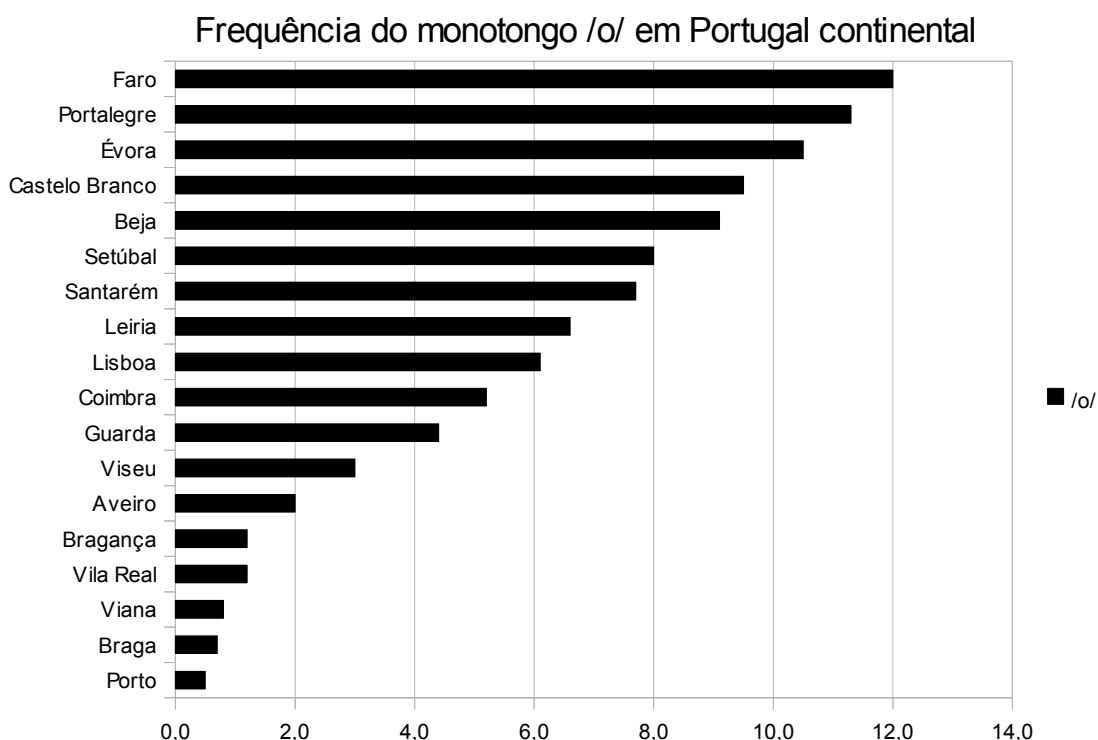


Gráfico 3



Das 3272 ocorrências das realizações em estudo, 806 são do ditongo /ow/<sup>103</sup>, 948 são ocorrências do ditongo /oj/ e 1518 ocorrências do monotongo /o/. Portanto, no conjunto total de respostas levantadas podemos ver que o monotongo /o/ é a realização dominante no nosso *corpus* de estudo e em todo o território português. Em todo Portugal continental o ditongo /ow/ ocorre com maior frequência em Bragança (20,8%) e com menor frequência nos distritos de Setúbal,

<sup>103</sup> Não foi possível excluir determinadas realizações fonéticas dos ditongos e do monotongo, pois isso resultaria numa contagem errada do tipo de ocorrência atestada em cada localidade. Em determinadas localidades a pronúncia do ditongo /ow/ é mais frequente como [ɐw] (ou noutras realizações) do que [ow]. Fonologicamente estas realizações não alteram o significado e são, em cada caso correspondente, sempre pronunciados ora como ditongo velar e palatal, ora como monotongo. Por exemplo, Vasconcelos considera o ditongo [ej] na palavra “reixinol” igual a “roixinol”. O aproveitamento destas ocorrências também nos auxilia a ver as possíveis estratégias usadas para evitar a monotongação. Por outro lado, poderá estar associada a determinadas realizações alguns antecedentes históricos, embora ao longo da nossa pesquisa não o tenhamos comprovado com certeza absoluta. Aquando da análise dos factores linguísticos fizemos a análise em separado destas ocorrências. No total do corpus analisado (3272 ocorrências), 114 ocorrências são variantes fonéticas:

- ditongo /ow/: 806 ocorrências das quais 20 são variantes;
- ditongo /oj/: 948 ocorrências das quais 11 são variantes;
- monotongo /o/: 1518 ocorrências das quais 83 são variantes.

Santarém e Évora, todos com 0,1% (cf. **Tabela 1 e Gráfico 1**).

O ditongo /oj/ ocorre com maior frequência no distrito de Faro (9,2%) e com menor frequência no distrito de Aveiro (3,3%) (cf. **Tabela 1 e Gráfico 2**).

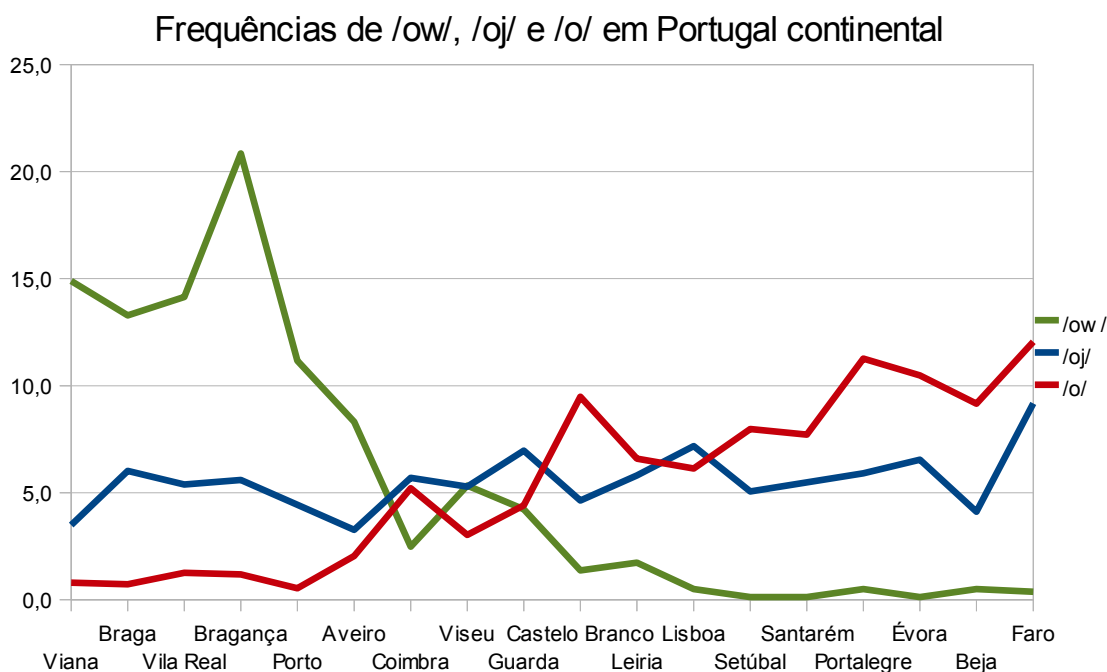
O monotongo /o/ ocorre com maior frequência no distrito de Faro (12%) e com menor frequência no distrito do Porto (0,5%) (cf. **Tabela 1 e Gráfico 3**).

A partir do **Gráfico 4** podemos ver a forma como estas realizações se distribuem ao longo de todo o território português continental. O ditongo /ow/ (representado com a linha verde) tem a sua maior incidência nos distritos do norte, com o maior pico de frequência a registar-se no distrito de Bragança; volta a ter uma ligeira subida no distrito de Viseu e sofre uma diminuição a partir do distrito da Guarda e até Faro.

No que se refere ao ditongo /oj/ (linha azul) a sua frequência mantém-se quase sempre estável, com registo de alguns picos de frequência maior nos distritos de Braga, Coimbra, Guarda, Lisboa e com a maior frequência em Faro.

O monotongo /o/ (linha vermelha) mostra uma baixa frequência nos distritos do norte e uma ligeira subida a partir de Aveiro, exceptuando-se o distrito de Viseu onde sofre uma quebra; o monotongo continua a sua subida até ao distrito mais a sul de Portugal com os registos de maior frequência em Castelo Branco, Portalegre e Faro, embora vá sofrendo algumas quebras de frequência noutros distritos.

Gráfico 4



A análise feita acima é em toda a extensão territorial portuguesa. Fazendo uma outra leitura dos dados da **Tabela 1** (lado esquerdo da tabela – N.º de ocorrências), ao analisarmos o n.º de ocorrências de cada uma das realizações por distrito, podemos ver que no distrito de Bragança obteve-se um total de 239 ocorrências (a soma de /ow/, /oj/ e /o/), das quais o ditongo /ow/ é a realização mais frequente neste distrito /ow/: 70,2%; /oj/: 22,1%; /o/: 7,5%.

No distrito de Viseu obteve-se um total de 139 ocorrências, das quais o ditongo /oj/ é a realização mais frequente /oj/: 35,9%; /o/: 33%; /ow/ 30,9%).

E no distrito de Faro, do total de 273 ocorrências, o monotongo /o/ é a realização mais frequente /o/: 67,03%; /oj/: 31,8%; /ow/: 1,1%).

O distrito de Aveiro apresenta o mesmo n.º de ocorrências para /oj/ e /o/ (31/129 ocor.); e o distrito da Guarda apresenta um n.º de ocorrências destas duas realizações muito aproximado (/oj/ 66/167 ocor.; /o/ 67/167 ocor.).

Na área mais central portuguesa, os distritos de Leiria e Lisboa são os que apresentam algum “equilíbrio” entre as 3 realizações /ow/, /oj/ e /o/, confrontando os resultados que se verificam em

ambos os distritos e nos restantes distritos nesta área e no sul: Leiria /ow/ 14/169; /oj/ 55/169; /o/ 100/169 ocor.; Lisboa /ow/: 14/165; /oj/ 68/165; /o/ 93/165 ocor.) (cf. **Tabela 1** e distritos de Setúbal, Santarém, Portalegre, Évora, Beja e Faro).

Estes resultados mostram-se relevantes e serão contextualizados mais adiante na análise das distribuições geográficas, resultados estatísticos e nas considerações finais.

## 2.1. Distribuições geográficas de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental

Na contabilização total dos dados e na triagem da realização com maior atestação em cada localidade (uma média de 10 a 15 ocorrências por localidade), obtemos o seguinte resultado:

- o ditongo /ow/ é a realização com maior atestação em 79 localidades (79/228 localidades). Em 6 localidades /ow/ co-ocorre em igual n.º de ocorrências com outras variantes;
- o monotongo /o/ é a realização com maior atestação em 114 localidades (114/228 localidades). Em 7 localidades /o/ co-ocorre em igual n.º de ocorrências com outras variantes;
- o ditongo /oj/ é a realização com maior atestação em 44 localidades (44/228 localidades). Em 10 localidades /oj/ co-ocorre em igual n.º de ocorrências com outras variantes.

De seguida mostramos como estas realizações se distribuem geograficamente. Para este efeito elaborámos diferentes tipos de mapas.

Os **Mapas 7, 8, 9 e 10** apresentam os resultados apurados de 3 formas:

i) no **Mapa 7** vemos a distribuição geográfica no território português continental dos ditongos /ow/ e /oj/ e do monotongo /o/ com co-ocorrentes; ou seja, /ow/, /oj/ e /o/ não ocorrem isolados (salvo em algumas localidades). No mapa encontram-se três símbolos que representam as formas linguísticas em estudo e estão dispostos seguindo a ordem de ocorrências na contagem dos dados: o símbolo com o tamanho maior representa a forma atestada com maior ocorrência; o segundo símbolo, de tamanho menor e em 2.<sup>a</sup> posição, a segunda forma atestada com maior ocorrência; e o terceiro símbolo, igualmente de tamanho menor e em 3.<sup>a</sup> posição, a terceira forma atestada com ocorrência igual à segunda ou mais baixa;

ii) no **Mapa 8** vemos a distribuição geográfica dos ditongos /ow/, /oj/ e do monotongo /o/ no território português continental sem co-ocorrentes, ou seja, a forma mais atestada em cada localidade (em alguns casos duas variantes têm a mesma frequência e co-ocorrem na mesma localidade);

iii) no **Mapa 9** identificamos as localidades onde, no conjunto de respostas levantadas para a nossa investigação, o ditongo /oj/ em posição inicial e medial de palavra surge como a realização mais usada;

iv) o **Mapa 10** circunscreve as áreas geográficas onde se observou um maior uso do ditongo /oj/, através do traçado de uma isófona. Pretende-se através deste mapa retirar conclusões concernentes às áreas geográficas onde se situa a fronteira fonético-fonológica de passagem de /ow/ a /o/, isófona<sup>104</sup> traçada por Cintra, e verificar qual o comportamento dos falantes das localidades da nossa rede junto a estas áreas, i.é., se se verifica alguma área de transição linguística dos dialectos setentrionais para os dialectos meridionais; portanto, se existe algum ponto intermédio nessa passagem que possa explicar o uso do ditongo /oj/ nessa área.

Como referido anteriormente na secção do *Corpus* no **CAPÍTULO I**, num ponto adiante iremos tentar corroborar o resultado para a distribuição do ditongo /oj/ juntando os resultados apurados para as distribuições geográficas dos sufixos - *douro/-doiro/-doura/- doira*.

Ao analisar o **Mapa 7** pode-se verificar que, por todo o território /ow/, /oj/ ou /o/ não ocorrem isolados. Somente em 3 localidades obtivemos um único resultado e todos a favor de /o/ nas palavras do *corpus* principal: em Porto de Vacas (121), Coimbra; Amiais de Baixo (152), Santarém e Foros da Casa Nova (206), Setúbal.

Outro aspecto que podemos observar é a presença do ditongo /oj/ ao longo de todo o território, facto que vem comprovar a observação feita por Leite Vasconcellos na *Esquisse* (1970: 91), e que relembramos: “La diphtongue *ôi* existe plus ou moins dans tout le pays, car elle alterne avec *ou* dans certains mots (...)”.

---

<sup>104</sup> Nos mapas onde aparece a isófona de conservação do ditongo /ow/, esta está desenhada o mais próximo possível da de Cintra, com base na informação disponível, começando num ponto acima de Aveiro, a sul de Pardilhó (90) – localidade enumerada no ALPI com o n.º 242 -, passando a sul de Murtosa (96), localidades do distrito de Aveiro, inflectindo para sul e passando a sul de Lajeosa do Dão (102) – localidade enumerada no ALPI com o n.º 240 – inflectindo depois para norte passando por terras do distrito de Viseu – por localidades que não fazem parte da rede de inquérito do ALPI – e até Granja do Tedo (78), passando a norte desta e a sul de São João da Pesqueira (76) – localidade enumerada no ALPI com o n.º 235 – localidades do distrito de Viseu, continuando em direcção a Este, passando a norte de Vila Nova de Foz Côa (79) no distrito da Guarda – localidade enumerada no ALPI com o n.º 229 – e seguindo o curso do rio Douro até terras de Espanha.

Mapa 7 – Distribuição geográfica de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental  
(com co-ocorrentes)



Querendo simplificar a exibição destas distribuições, no mapa a seguir (**Mapa 8**) mostramos a distribuição da variante atestada com maior ocorrência em cada localidade, ou seja, sem co-ocorrentes (com exceção dos casos em que duas variantes têm a mesma frequência e ocorrem na mesma localidade).

A partir dos **Mapas 7 e 8** podemos descrever as distribuições de /ow/, /o/ e /oj/ em Portugal continental (formas com maior atestação por localidade), descrição que fazemos nos pontos **2.2.**, **2.3.** e **2.4.**

## **2.2. Descrição da distribuição geográfica do ditongo /ow/ em Portugal Continental**

A partir do **Mapa 8** verificamos que o ditongo /ow/ tem uma forte incidência na área mais setentrional portuguesa, a norte do rio Douro, ocupando a área que faz fronteira com a Espanha (Galiza) nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Vila Real e Bragança - neste distrito as localidades encontram-se a sul da Serra de Montesinho, com exceção de Sobreiró (14) e Gimonde (16) que se encontram no sopé da Serra; descendo até à linha da fronteira linguística, especificamente, a isófona traçada por Cintra que delimita a área de conservação do ditongo /ow/, passando pelos distritos do Porto e Aveiro - embora a norte do rio Douro já se comece a verificar em algumas localidades maior uso de /oj/. A sul do Douro, no distrito de Viseu, dentro da área de /ow/, observa-se que este ditongo convive com o ditongo /oj/ e com /o/ em algumas localidades. O mesmo se observa no distrito da Guarda, a leste, já não abrangido pela isófona de conservação, em que, em algumas localidades se detecta o ditongo velar, embora em convívio com /o/ (forma mais ocorrente e característica da área linguística) e com /oj/. Confrontando também o **Mapa 7**, a sul do Mondego, em todo o território português, o ditongo surge de forma pouco significativa e muito dispersa. Na maioria dos casos surge como forma co-ocorrente, com uma contagem muito baixa. Exceptuam-se duas localidades, uma no distrito de Coimbra, Casconho (125), e no distrito de Leiria, Antões (126), onde o ditongo /ow/ é a realização mais usada.

Este ditongo surge também, com baixa frequência, em algumas localidades do Alentejo e no Algarve (cf. Campo Maior (174), Serpa (208), Mértola (213), Penteadeiro (216) e Salema (224).

### 2.3. Descrição da distribuição geográfica do monotongo /o/ em Portugal Continental

Tomando por base os mesmos mapas que usámos para a descrição da distribuição geográfica do ditongo /ow/ (**Mapas 7 e 8**), verificamos que em toda a parte setentrional de Portugal além Douro, o monotongo tem uma incidência fraca, ocorrendo sempre em 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> posição na ordem de contagem das ocorrências, que vai, como referido, da forma atestada com maior ocorrência até à menor (cf. **Mapa 7**).

O monotongo surge com a mesma frequência que /ow/ e /oj/ a sul do Douro, especificamente, a partir dos nossos dados, de Valença do Douro (75) no distrito de Viseu, começando a estender-se lentamente pelos restantes distritos portugueses. Será a partir de Castelo Branco que a monotongação é notória. Nas localidades que se encontram na Beira-Litoral e Estremadura, o monotongo tem uma incidência razoável, existindo casos de alternância com /oj/ e com /ow/. A partir da península de Setúbal o monotongo manifesta-se plenamente até às localidades do distrito de Faro.

### 2.4. Descrição da distribuição geográfica do ditongo /oj/ em Portugal Continental

O ditongo /oj/ surge como a realização mais predominante em algumas localidades distribuídas ao longo de 13 distritos portugueses. Em alguns distritos a sua presença é mais sentida do que noutros. Assim, na área mais setentrional do país, nas localidades junto à fronteira com Espanha regista-se a ocorrência de /oj/ quase sempre em 2.<sup>a</sup> posição nos resultados da contagem (cf. **Mapa 7**). Em algumas localidades do distrito de Braga, Vila Real e Bragança /oj/ é a realização mais predominante. A sul do Douro, a sua maior incidência faz-se sentir em algumas localidades dos distritos de Viseu, Guarda, Aveiro e Coimbra. A sul do Mondego e junto à orla marítima até à península de Setúbal, /oj/ também surge como a realização mais predominante em algumas localidades (cf. descrição abaixo).

De forma geral, o ditongo /oj/ aparece como a variante mais predominante em 34 localidades: Balugães (25), Apúlia (39), Fafe (43), distrito de Braga; Nevogilde (65), Gondar (66), distrito do Porto; Carrzedo de Montenegro (33), Vilarinho de Samardã (54), Sedielos (67), distrito de Vila Real; Vimioso (35), Lagoaça (64), distrito de Bragança; Sobrado de Paiva (74), Famalicão (107), distrito de Aveiro; São João da Pesqueira (76), Ester de Cima (83), Vale de Matos (84), Moimenta

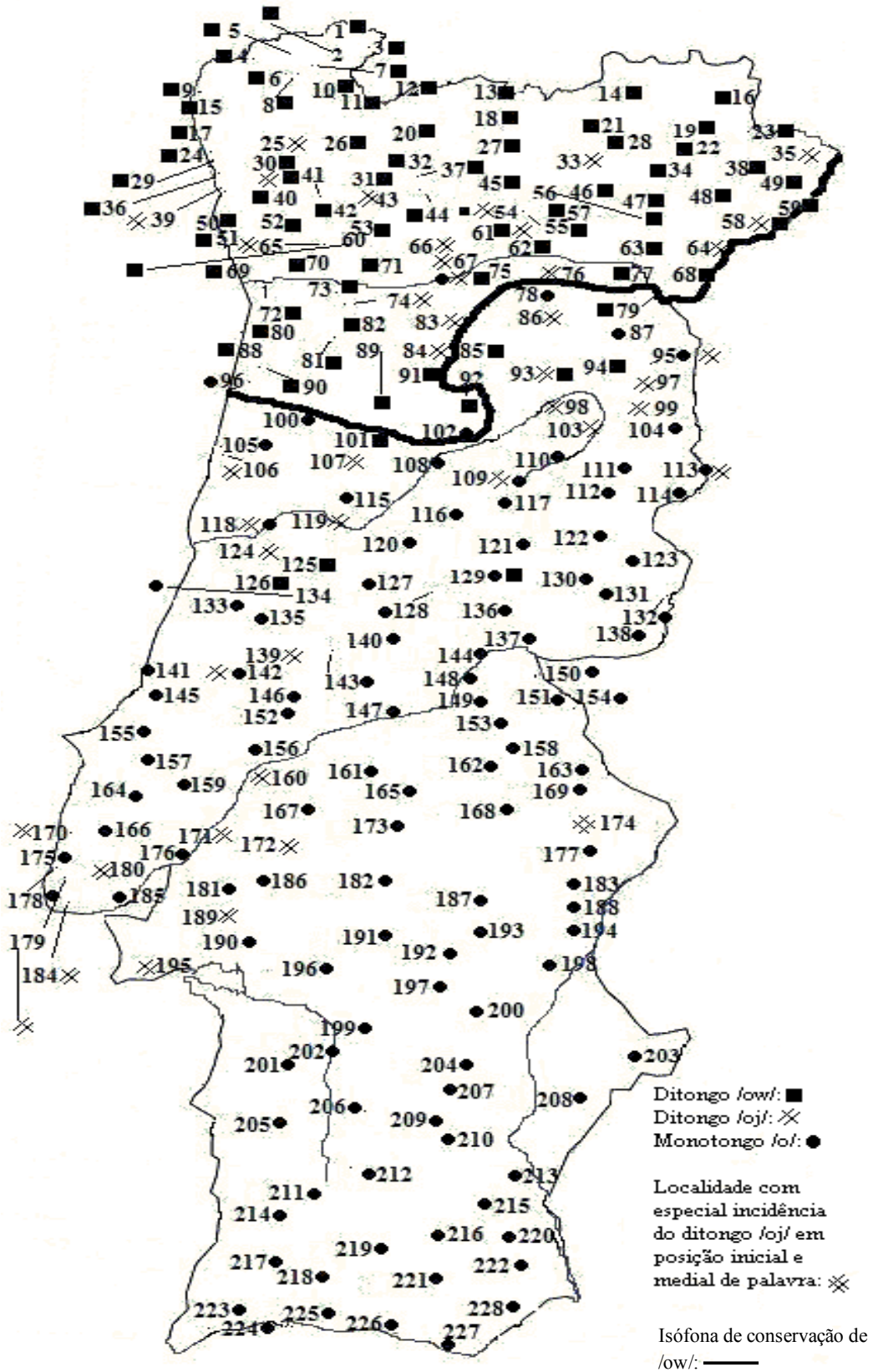
da Beira (86), distrito de Viseu; Vale da Mula (97), Casas do Soeiro (98), Vilar Formoso (99), Figueiró da Serra (103), distrito da Guarda; Mira (106), Vila Pouca do Campo (119), Lavos (124), distrito de Coimbra; Chainça (139), Leiria; Almeirim (160), Coruche (172), distrito de Santarém; Sobreiro (170), Povos (171), Aldeia Galega (179), Almargem do Bispo (180), Alcabideche (184), distrito de Lisboa; Moita (189), Santana (195), distrito de Setúbal.

A leste, em Campo Maior (174), Portalegre, o ditongo /oj/ aparece com especial incidência quando em posição inicial e medial de palavra nas palavras do nosso *corpus*. Trata-se de um único caso na área meridional; talvez este uso se deva por a localidade se encontrar junto à fronteira e sob a influência do Castelhana (cf. o falar de Olivença e o estudo de José Luis Valiña Reguera *Os Falares Fronteiriços de Olivença e Campo Maior: falar alentejano e diversa castelhanização*, p. 22-24).

É de referir que em algumas localidades o ditongo aparece em igual número de ocorrências com outra variante (v. nos **ANEXOS, Anexo 6, Mapa 9.a.** com esta distribuição): (41) Brito (com /ow/); (58) Penas Róias (com /ow/); (61) Mondrões (com /ow/); (75) Valença do Douro (com /ow/ e /o/); (93) Rãs (com /ow/); (95) Quinta Nova (com /o/); (109) São Romão (com /o/); (113) Aldeia do Bispo (com /o/); (118) Montemor-o-Velho (com /o/) e (142) Moita do Martinho (com /o/). Em quase toda a área de monotongação o ditongo /oj/ surge em 2.<sup>a</sup> posição na contagem, ou seja, a segunda forma atestada com maior ocorrência.

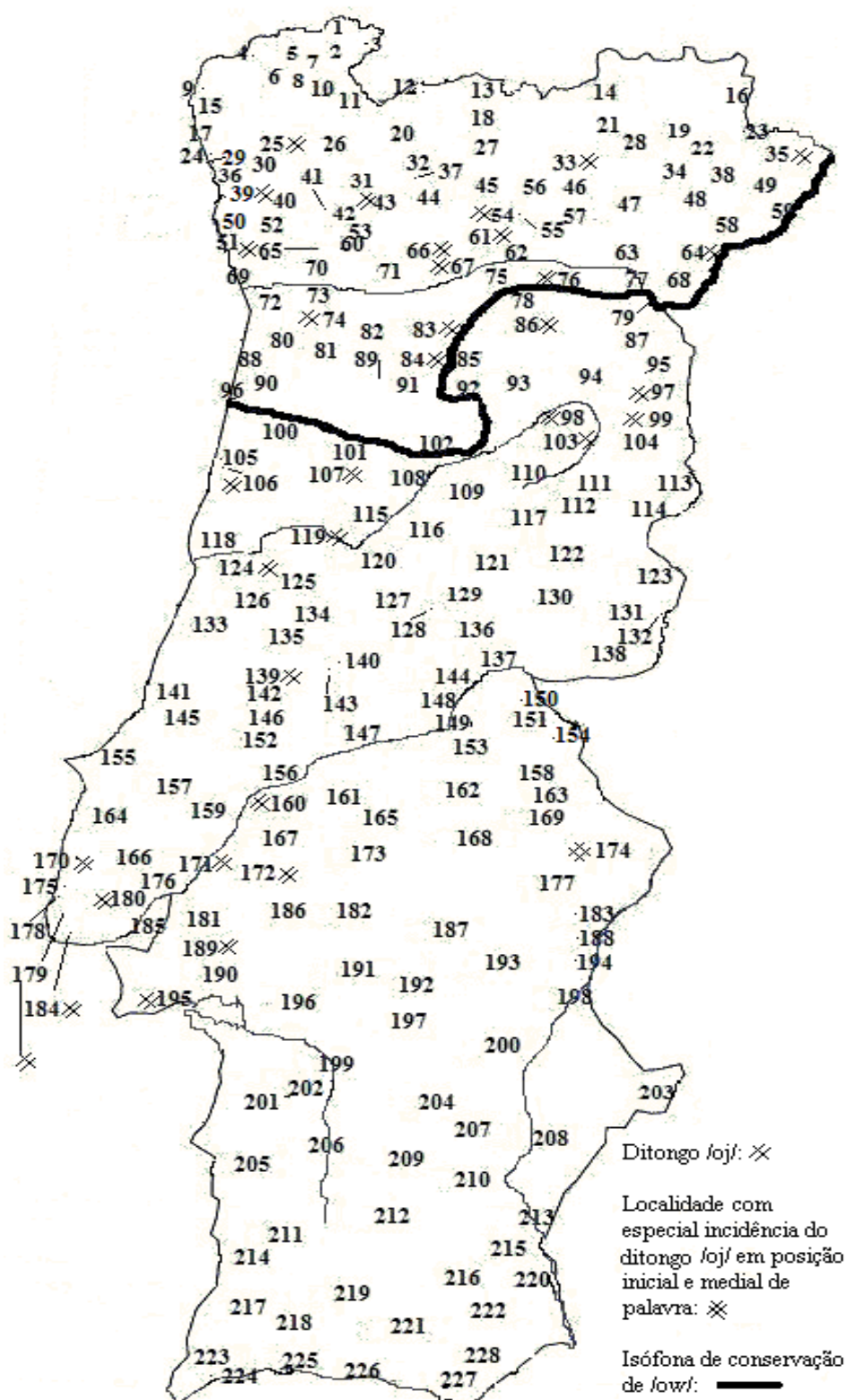
A acompanhar a distribuição do ditongo /oj/ criámos dois mapas nos quais é possível visualizar a distribuição geográfica do ditongo /oj/ em Portugal continental (**Mapa 9** e **Mapa 10**). No **Mapa 9** fazemos a distribuição geográfica das localidades onde /oj/ foi atestado com maior ocorrência. O **Mapa 10** circunscreve o fenómeno, através do traçado de uma isófona, a partir dos dados que levantámos para esta pesquisa.

Mapa 8 – Distribuição geográfica de /ow/, /oj/ e /o/ em Portugal continental



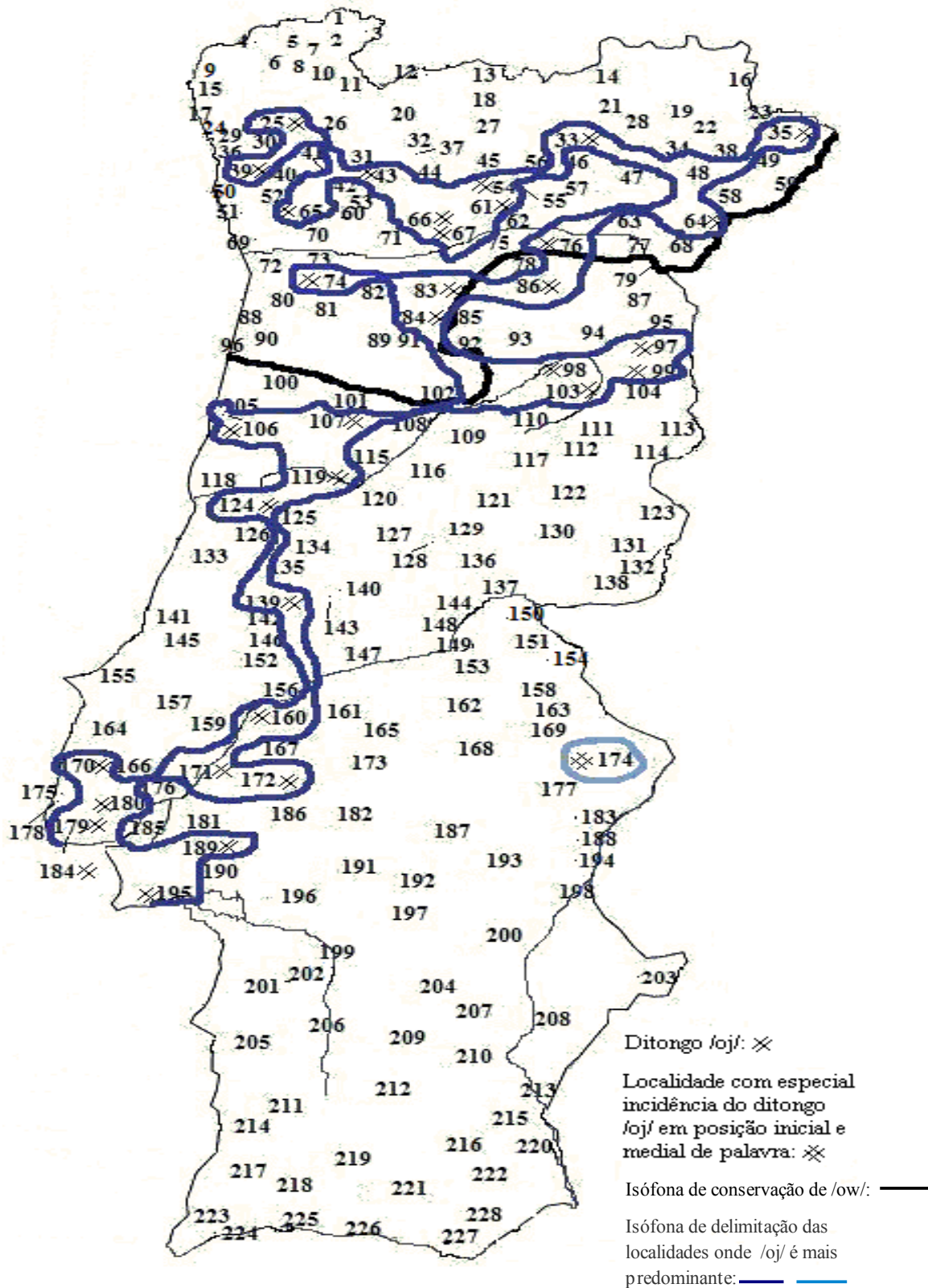


Mapa 9 - Localidades com maior incidência do ditongo /oj/ em Portugal continental





Mapa 10 – Delimitação da área geográfica com maior incidência do ditongo /oj/ em Portugal continental



Como forma de corroborar a distribuição do ditongo /oj/, i.e., as áreas onde este tem maior incidência, analisamos mais adiante a distribuição geográfica dos sufixos *-douro/-doiro* e *-doura/-doira*.

## 2.5. Distribuição geográfica dos sufixos *douro/doura* e *doiro/doira*

Por forma a corroborar a distribuição geográfica das realizações [ow], [oj] e [o], recorreremos a um *corpus* complementar formado por 6 palavras com os sufixos *-doiro/-douro* e *-doira/-doura*. Analisaremos a distribuição geográfica destes sufixos, e especialmente se ocorre variação, irá, no conjunto, auxiliar-nos no delinear de uma conclusão sobre a forma como estas formas se distribuem em Portugal continental.

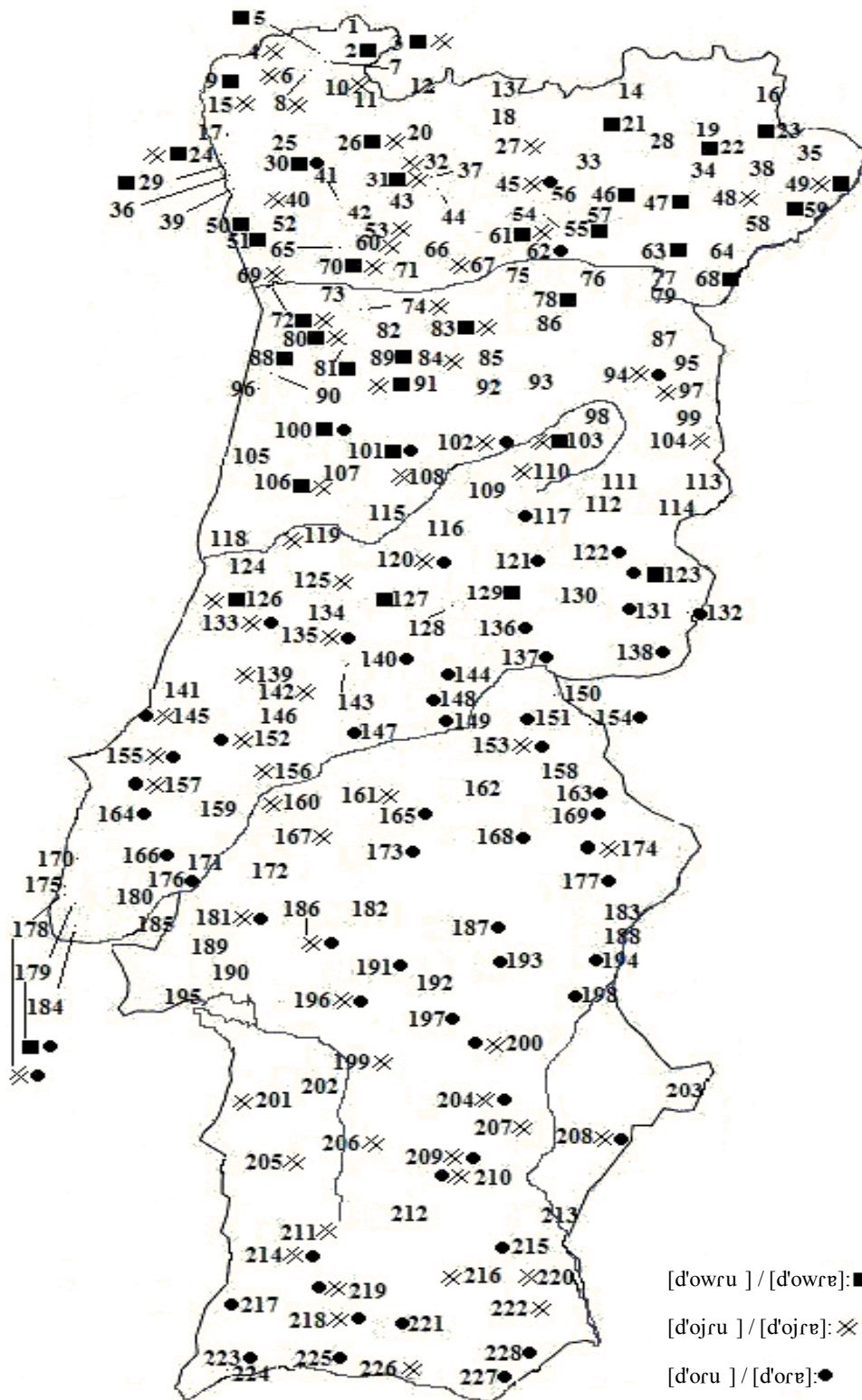
Conforme já foi explicado na secção que apresenta a etimologia das palavras do nosso *corpus* no **Capítulo I**, e na nota 72 em rodapé, as 6 palavras derivadas que fazem parte do nosso *corpus* complementar podem designar um local de trabalho ou um instrumento. Joseph Maria Piel (1989: §11 e § 13) num estudo que faz sobre os nomes de instrumentos e lugares explica como se faz a formação das palavras terminadas em *-doiro*, *-douro/ -doiro*, *-doura*. Sucintamente, o sufixo *-orius* quando combinado com o particípio (*-tus* ou *-sus*) formava adjectivos: *-torius* < *-tus* + *-orius*; *-sorius* < *-sus* + *-orius*. Exemplos dados pelo A.: *falecedoiro*, *casadoira*, *compridoiro*, *pagadoiro*. O sufixo substantivou-se, e toma em latim a forma *-tōrium* ou *-sōrium*. Segundo Piel, as palavras em *-doiro*, *-douro* designam um lugar onde se exerce uma determinada actividade, embora existam casos em que possam também designar um instrumento, p.e.: *calcatoriu-* > calcadoiro «lagar», *cisoriu* > cisoiro «instrumento para cortar».

A forma feminina *-doira*, *-doura* designa, quase sempre, nomes de instrumentos. O sufixo tem a sua proveniência dos temas fracos, exemplos (também dados pelo A.): *dobadoira*, *debandeira*, *manjedeira*, *rapadoira*, *roçadoira*, *tornadoira*, *varredoira*. Estas formas opõem-se àquelas que foram formadas a partir de particípios fortes do latim, p.e.: *tonsonia* (part. *tonsus*, de *tondere*), *rasoira* (*rasus*, de *radere*).

No nosso *corpus* complementar temos consoante a função: *calcadouro* ~ *calcadoiro*, *suadouro* ~ *suadoiro*, *bebedouro* ~ *bebedoiro* (lugar); *manjedoura* ~ *manjedeira*, *roçadoura* ~ *roçadoira*, *cantadoura* ~ *cantadoira* (instrumento).

No **Mapa 11** temos a distribuição geográfica dos sufixos *-douro/-doura* e *-doiro/ -doira* resultados obtidos a partir das respostas ao ALPI e ALEPG para os 6 nomes terminados com estes sufixos.

Mapa 11 – Distribuição geográfica dos sufixos *douro/doura* e *doiro/doira*



a. Pelo **Mapa 11** pode-se observar, à primeira vista, que os sufixos *-doiro/-doira* são os mais predominantes em todo o território. No entanto, existem algumas exceções: em algumas partes dos distritos de Bragança e Aveiro usam-se mais os sufixos *-douro* e *-doura* (realizados como [d'owru]/[d'owrɐ]). Em escassas localidades do distrito de Viana do Castelo, Porto, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Coimbra e Lisboa também podemos encontrar estes sufixos.

b. As variantes monotongadas *-dôro/-dôra* ([d'oru]/[d'orɐ]) ocorrem em algumas localidades do distrito de Aveiro e Vila Real, mas é a sul do rio Mondego que terão maior predominância nos distritos de Castelo Branco, Santarém (com algumas exceções), Portalegre (com algumas exceções) e Évora (com algumas exceções).

c. Quanto aos sufixos *-doiro/-doira* ([d'ojru] / [d'ojrɐ]), estes ocorrem na zona setentrional a norte do rio Douro em Viana do Castelo, Porto e Vila Real. A sul do rio Douro em Viseu, Guarda, Coimbra, Leiria e Lisboa. Aparecem de novo a sul do rio Tejo em algumas localidades dos distritos de Santarém, Setúbal e Portalegre, e voltam a ter alguma frequência nos distritos do sul: Beja e Faro. Em algumas das localidades que na análise anterior se verificou um maior uso do ditongo [oj], também se verifica o uso dos sufixos com a variante palatal (embora ocorram outras variantes), o que vem reforçar os resultados anteriores (Mira (106), Figueiró da Serra (103), Vale da Mula (97), Vila Pouca do Campo (119), Chainça (139) e Almeirim (160).

d. Os casos de variação entre [ow] e [oj] verificam-se em algumas localidades dos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real, Bragança, Coimbra, Viseu, Aveiro, Leiria, Santarém, Lisboa, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro; exceptuam-se Castelo Branco e Guarda (cf. os

exemplos abaixo em rodapé). No total, a variação [ow] ~ [oj] ocorre em 35 localidades<sup>105</sup>. No restante território a variação mais comum é entre [o] e [oj] (cf. o ponto seguinte);

e. A distribuição dos sufixos difere no que se refere ao sul: na área a sul do rio Tejo e até ao distrito de Beja a variante mais usada é a monotongada, mas nos distritos de Beja e Faro é a variante palatal a mais usada neste grupo de palavras.

Em suma:

Tendo em conta a distribuição geográfica do ditongo /oj/ nas localidades ou áreas onde este é mais predominante obtida anteriormente e representada nos **Mapas 9 e 10** deste trabalho, existem semelhanças com a distribuição geográfica dos sufixos *doiro/doira* especialmente no noroeste português; numa faixa muito estreita de Trás-os-Montes; nas Beiras (Alta e Litoral, exceptuando-se algumas localidades dos distritos da Guarda e de Aveiro), e na Estremadura (incluindo o norte do distrito de Setúbal). Exceptua-se somente o sul de Portugal, onde, embora ocorra o ditongo /oj/ nestes sufixos e nas palavras do nosso *corpus* principal, não encontrámos áreas de maior predominância (com excepção de Campo Maior, embora este seja um caso especial).

---

<sup>105</sup> Exemplos: Castro Laboreiro (3): *suadoiro* ~ *manjedoura* ~ *manjedoura*; Castelo do Neiva (24): *cantadoira* ~ *cantadoira* ~ *manjedoura*; Fiscal (26): *roçadoira* ~ *manjedoura*; Marinhãs (29): *cantadoira* ~ *manjedoura* ~ *bebedôro*; Gondomar das Taipas (31): *cantadoira* ~ *manjedoura*; Mondrões (61): *suadoiro* ~ *manjedoura*; Algosó (49): *manjedoura* ~ *manjedoura*; Sardoura (73): *cantadoira* ~ *manjedoura* ~ *roçadoura*; César (80): *cantadoira* ~ *manjedoura*; Covo (89): *cantadoira* ~ *manjedoura*; Pardeiro (101): *cantadôra* ~ *manjedoura* ~ *roçadôra*; Lajeosa do Dão (102): *roçadoira* ~ *manjedôra*; Vila Verde (91): *roçadoira* ~ *manjedoura* ~ *manjedoura*; Ester de Cima (83): *roçadoira* ~ *manjedoura*; Pala (94): *roçadoira* ~ *manjedôra*; Vila Pouca do Campo (119): *manjedoura* ~ *manjedôra* ~ *calcadoiro*; Porto de Vacas (120): *manjedoura* ~ *manjedôra* ~ *roçadoira*; Antões (126): *manjedoura* ~ *roçadoira*; Vieira de Leiria (133): *bebedôro* ~ *roçadôra*; Boca-da-Mata (135): *manjedoura* ~ *calcadoiro* ~ *calcadôro*; Cela Velha (145): *calcadoiro* ~ *calcadôro*; Ferrel (155): *manjedoura* ~ *manjedôra* ~ *roçadoira*; Amiais de Baixo (152): *manjedôra* ~ *roçadoira*; Dagorda (157): *manjedôra* ~ *calcadoiro*; Fontanelas (178): *roçadoira* ~ *calcadoiro* ~ *manjedôra*; Vale da Vinha (153): *manjedoura* ~ *manjedôra* ~ *roçadôra*; Parreira (161): *roçadoira* ~ *roçadôra* ~ *calcadôro*; Alcochete (181): *manjedoura* ~ *calcadôro*; Palma (196): *suadoiro* ~ *suadôro* ~ *manjedôra* ~ *roçadôra* ~ *calcadôro*; Campo Maior (174): *manjedoura* ~ *manjedôra* ~ *suadôro* ~ *roçadoira* ~ *roçadôra*; Santana (200): *suadoiro* ~ *manjedôra* ~ *roçadoira* ~ *calcadoiro* ~ *calcadôro*; Peroguarda (204): *suadoiro* ~ *manjedoura* ~

---

*manjedôra ~ roçadoira ~ calcadoiro; Serpa (208): manjedeira ~ suadôro ~ roçadôra ~ calcadoiro; Aljustrel (209): manjedeira ~ suadôro ~ suadoroiro ~ calcadoiro ~ calcadôro; Corte Cobres (210): roçadoira ~ calcadoiro ~ manjedeira ~ suadôro; São Marcos da Serra (219): suadoiro ~ suadôro ~ manjedôra; Marmeleite (218): manjedeira ~ suadôro.*

### 3. Factores Linguísticos

#### 3.1. Contextos Fonético-Fonológicos

Retornando à análise iniciada neste capítulo (análise aos pares de palavras em que ocorre variação e à etimologia dos ditongos, visto esta poder, na opinião de alguns autores, explicar o porquê da maior alternância em algumas palavras do que noutras), nesse ponto pudemos observar que quando o ditongo *oi* corresponde à etimologia, ou quando ele é resultante da substituição de *ou*, na maior parte dos casos *oi* é seguido por uma consoante alveolar, exs.: /n'ojtí/, /k'ojru/, /k'ojsi/, /f'ojsi/, /k'ojzɐ/, /kɐs'ojlɐ/. Para além destes exemplos temos também: /'ojtu/, /t'ojru/, /tiz'ojrɐ/, /tojs'iŋu/, /'ojtonu/, /'ojtru/ e /'ojtrɐ/. Tal facto leva-nos a pensar na influência dos contextos fonético-fonológicos.

Para além da questão do ambiente fónico em que ocorrem os ditongos e o monotongo, tivemos também em consideração a posição na palavra em que o ditongo ocorre, tal como o factor tonicidade.

Iremos de seguida analisar os contextos fonético-fonológicos em que ocorrem /ow/, /oj/ e /o/ nas palavras do nosso *corpus* (principal)<sup>106</sup>, seguindo os seguintes critérios:

i) Ponto de articulação do segmento seguinte: este factor refere-se ao tipo de segmento que vem imediatamente a seguir ao ditongo. O critério para organizar os segmentos foi o ponto de articulação. Pretende-se saber que segmentos poderão influir na monotongação ou manutenção das semivogais [w] e [j] (v. o **Quadro 2** na página seguinte):

---

<sup>106</sup>Apesar de que nem todos os casos são relevantes para a nossa análise, expomos todos os contextos fonético-fonológicos em que os ditongos e monotongo nas palavras do nosso *corpus* ocorrem. Aquando da análise, restringir-nos-emos aos casos mais relevantes.

**Quadro 2 - Ponto de articulação do segmento seguinte**

<b>Tipo de segmento</b>	<b>Ditongo /ow/</b>	<b>Ditongo /oj/</b>	<b>Monotongo /o/</b>
<b>Bilabial</b> /p, b, β/	roupa /r'owpɐ/	roipa /r'ojpɐ/	rôpa /r'opɐ/
	choupo /ʃ'owpu/	--	chôpo /ʃ'opu/
	tchoupo /tʃ'owpu/	--	tchôpo /tʃ'opu/
	toupeira /towp'ejrɐ/	toipeira /tojɐ'ejrɐ/	tôpeira /top'ejrɐ/
	oubir /owb'ir/ <sup>107</sup>	--	ôbir /ob'ir/
	oubir /owβ'ir/	--	ôbir /oβ'ir/
	coube /k'owbi/	coibe /k'ojbi/	côbe /k'obi/
	coube /k'owβi/	coibe /k'ojβi/	côbe /k'oβi/
<b>Labiodental</b> /v/	ouvir /owv'ir/	--	ôvir /ov'ir/
	couve /k'owvi/	coive /k'ojvi/	côve /k'ovi/
<b>Dental</b> /θ/	couce /k'owθi/	coice /k'ojθi/	--
	fouce /f'owθi/	--	--
	toucinho /towθ'ijnu/	--	--
<b>Alveolar</b> /t, ʀ, s, z <sup>108</sup> , l/	--	oito /'ojtu/	ôto /'otu/
	outono /owt'onu/	oitono /ojt'onu/	ôtono /ot'onu/
	outro /'owtru/	oitro /'ojtru/	ôtro /'otru/
	outra /'owtrɐ/	oitra /'ojtrɐ/	ôtra /'otrɐ/
	noute /n'owti/	noite /n'ojti/	nôte /n'oti/
	--	dezoito /diz'ojtu/	--
	touro /t'owru/	toiro /t'ojru/	tôro /t'oru/
	couro /k'owru/	coiro /k'ojru/	côro /k'oru/
	tesoura /tiz'owrɐ/	tesoira /tiz'ojrɐ/	tesôra /tiz'orɐ/
	couce /k'owsi/	coice /k'ojsi/	côce /k'osi/
	toucinho /tows'ijnu/	toicinho /tojs'ijnu/	tôcinho /tos'ijnu/
	fouce /f'owsi/	foice /f'ojsi/	fôce /f'osi/

<sup>107</sup> /owb'ir/: casos em que a consoante v é pronunciada como /b/ ou /β/, ou seja, casos em que ocorre a neutralização fonológica /v/ = /b/.

<sup>108</sup> No Norte de Portugal e Beiras: realizações ápico-alveolares para os fonemas surdo /s/ = [s̺] e sonoro /z/ = [z̺].

No Sul mantém-se a pronúncia padrão: /s/ = [s] e /z/ = [z].

	roussinol /rowsɨn'ɔɫ/	--	rôssinol /rosɨn'ɔɫ/
	roussinol /rowsɨn'ɔɫ/	roissinol /rojsɨn'ɔɫ/	rôssinol /rosɨn'ɔɫ/
	cousa /k'owzɐ/	coisa /k'ojzɐ/	côsa /k'ozɐ/
	caçoula /kɐs'owlɐ/	caçoila /kɐs'ojlɐ/	caçôla /kɐs'olɐ/
<b>Pós-alveolar</b> /ʃ/	rouxinol /rowʃɨn'ɔɫ/	roixinol /rojʃɨn'ɔɫ/	rôxinol /roʃɨn'ɔɫ/
	couxu /k'owʃu/ <sup>109</sup>	--	--
<b>Palatal</b> /ʎ/	--	caçoilha /kɐs'ojʎɐ/ <sup>110</sup>	--
<b>Velar</b> /k/	pouco /p'owku/	--	pôco /p'oku/

ii) Ponto de articulação do segmento precedente: neste caso procura-se saber se o tipo de segmento que antecede o ditongo tem alguma influência na monotongação ou manutenção das semivogais [w] e [j]. O critério para organizar os segmentos também foi o ponto de articulação (v. **Quadro 3** na página seguinte):

<sup>109</sup> /k'owʃu/ = couço.

<sup>110</sup> /kɐs'ojʎɐ/ = caçoila.

**Quadro 3** - Ponto de articulação do segmento precedente

<b>Tipo de segmento</b>	<b>Ditongo /ow/</b>	<b>Ditongo /oj/</b>	<b>Monotongo /o/</b>
<b>Bilabial</b> / p/	pouco /p'owku/	--	pôco /p'oku/
<b>Labiodental</b> / f/	fouce /f'owsi/	foice /f'ojsi/	fôce /f'osi/
<b>Dental</b> /ð/	d'outono /ðowt'onu/	d'oitono /ðojt'onu/	d'ôtono /ðot'onu/
	d'outra /ð'owtrɐ/	d'oitra /ð'ojtrɐ/	d'ôtra /ð'otrɐ/
<b>Alveolar</b> /t, d, n, r, ʀ, s, z/	touro /t'owru/	toiro /t'ojru/	tôro /t'oru/
	toucinho /tows'ijnu/	toicinho /tojs'ijnu/	tôcinho /tos'ijnu/
	toupeira /towp'ejrɐ/	toipeira /tojpejrɐ/	tôpeira /top'ejrɐ/
	d'outono /dowt'onu/	d'oitono /dojt'onu/	d'ôtono /dot'onu/
	noute /n'owti/	noite /n'ojti/	nôte /n'oti/
	roupa /r'owpɐ/	roipa /r'ojpɐ/	rôpa /r'opɐ/
	rouxinol /rowʃin'ɔʎ/	roixinol /rojʃin'ɔʎ/	rôxinol /rosʃin'ɔʎ/
	roussinol /rowsij'ɔʎ/	--	rôssinol /rosij'ɔʎ/
	roussinol /rowsin'ɔʎ/	roissinol /rojsin'ɔʎ/	rôssinol /rosin'ɔʎ/
	por outro /pur'owtru/	por oitro /pur'ojtru/	por ôtro /pur'otru/
	--	--	trôpeira /trop'ejrɐ/
	caçoula /kɛs'owlɐ/	caçoila /kɛs'ojlɐ/	caçôla /kɛs'olɐ/
	tesoura /tiz'owrɐ/	tesoira /tiz'ojrɐ/	tesôra /tiz'orɐ/
--	dezoito /diz'ojtu/	--	
<b>Pós -alveolar</b> /ʃ, ʒ/	choupo /ʃ'owpu/	--	chôpo /ʃ'opu/
	--	--	tesôra <sup>111</sup> /tiz'orɐ/
<b>Palatal</b> /tʃ/	tchoupo /tʃ'owpu/	--	tchôpo /tʃ'opu/
<b>Velar</b> / k/	couve /k'owvi/	coive /k'ojvi/	côve /k'ovi/
	coube /k'owbi/	coibe /k'ojbi/	côbe /k'obi/
	coube /k'owβi/	coibe /k'ojβi/	côbe /k'oβi/
	couro /k'owru/	coiro /k'ojru/	côro /k'oru/

<sup>111</sup> Consoante alveolar /z/ pronunciada com grande fricativação passando a [ʒ].

	couce /k'owsi/	coice /k'ojsi/	côce /k'osi/
	cousa /k'owzɐ/	coisa /k'ojzɐ/	côsa /k'ozɐ/
<b>Uvular</b>	roupa /R'owpɐ/	--	rôpa /R'opɐ/
/R/	rouxinol /R'owʃinɔʎ/	--	--
<b>Vogal</b>	--	--	do ôtono /du ot'onu/
/u/	--	--	do ôtro /du 'otru/
<b>Semivogal</b> <sup>112</sup> /w/	--	do oitono /dwojt'onu/	do ôtono /dwot'onu/
	--	do oitra /dw'ojtrɐ/	do ôtra /dw'otrɐ/
	--	cuoiro /kw'ojru/	--
	--	cuoice /kw'ojsi/	--
	--	nuoite /nw'ojti/	--
	--	tuoiro /tw'ojru/	--
	--	dezuoiro /dizw'ojtu/	--
	--	caçuoila /kɛsw'ojlɐ/	--
<b>Pausa</b>	--	oito /'ojtu/	ôto /'otu/
	outono /owt'onu/	oitono /ojt'onu/	ôtono /ot'onu/
	ouvir /owv'ir/	--	ôvir /ov'ir/
	oubir /owb'ir/	--	ôbir /ob'ir/
	oubir /owβ'ir/	--	ôbir /oβ'ir/

<sup>112</sup> O segmento semivogal refere-se à velocidade de fala com que este elemento é pronunciado, neste caso a vogal [u] passa a semivogal [w], exs.: “do ôtono” [dwot'onu], [dwojt'onu]. Outros casos, quando se dá a inserção de uma semivogal antes do ditongo /oj/, exs.: “dezuoiro” [dizw'ojto], “nuoite” [nw'ojti].

### 3.2. Posição do ditongo na palavra

Posição do ditongo na palavra: este factor refere-se à posição na palavra em que ocorre /ow/, /oj/ e /o/. Desejamos saber em que posição na palavra se observa maior manutenção dos ditongos ou maior supressão das semivogais. Considerou-se somente duas posições, visto que em posição final de palavra não ocorre a variação /ow/~ /oj/:

- Posição inicial:

/ow/: outro, outra, outono, ouvir;

/oj/: oitro, oitra, oitono, oito;

/o/: ôtro, ôtra, ôtono, ôvir.

- Posição medial:

/ow/: roupa, choupó, toupeira, couve, fouce, noute, touro, tesoura,  
couro, couce, toucinho, rouxinol, cousa, caçoula, pouco;

/oj/: roipa, toipeira, coive, foice, noite, toiro, tesoura, coiro,  
coice, toicinho, roixinol, coisa, caçoila, dezoito;

/o/: rôpa, chôpo, tôpeira, côve, fôce, nôte, tôro, tesôra, côro, côce,  
tôcinho, rôxinol, côsa, caçôla, pôco.

### 3.3. Tonicidade

Com esta análise queremos saber em que tipo de sílaba se mantêm os ditongos e em que tipo se dá a supressão das semivogais [w] e [j], visto que o traço [+acento] tende a manter a semivogal:

- Sílaba tónica:

/ow/: outro, outra, roupa, choupou, couve, fouce, noute, touro, tesoura,  
couro, couce, cousa, caçoula, pouco;

/oj/: oitro, oitra, oito, roipa, coive, foice, noite, toiro, tesoura, coiro,  
coice, coisa, caçoila, dezoito;

/o/: ôtro, ôtra, rôpa, chôpo, cêve, fêce, nôte, tôro, tesôra, côro, cêce,  
côsa, caçôla, pôco.

- Sílaba átona:

/ow/: outono, ouvir, toupeira, toucinho, rouxinol;

/oj/: oitono, toipeira, toicinho, roixinol;

/o/: ôtono, ôvir, tôpeira, tôcinho, rôxinol.

#### 4. Resultados: factores linguísticos

1. Na **Tabela 2** abaixo estão apresentados todos os contextos fonético-fonológicos seguintes em que ocorrem os ditongos /ow/ e /oj/ e o monotongo /o/ nas palavras do nosso *corpus*. Na análise restringir-nos-emos aos casos mais relevantes:

**Tabela 2** - Ponto de articulação do segmento seguinte

<b>Tipo de segmento</b>	<b>Total de ocor.</b>	<b>/ow/</b>	<b>%</b>	<b>/oj/</b>	<b>%</b>	<b>/o/</b>	<b>%</b>
<b>Bilabial</b> /p, b, β/	754	327	43,4	20	2,6	407	54
<b>Labiodental</b> /v/	312	27	8,6	3	1	282	90,4
<b>Dental</b> /θ/	8	7	87,5	1	12,5	--	--
<b>Alveolar</b> /t, r, s, z, l/	1851	363	19,6	902	48,7	586	31,6
<b>Pós-alveolar</b> /ʃ, ʒ/	105	13	12,4	9	8,60	83	79
<b>Palatal</b> /ʎ/	2	--	--	2	100	--	--
<b>Velar</b> /k/	126	49	38,9	--	--	77	61,1

i) Quanto ao ditongo /ow/, os dados revelam alguma manutenção do ditongo quando seguido por um segmento bilabial (43,4% - 327/754 ocor.) ou velar (38,9% - 49/126 ocor.) embora em competição próxima com o monotongo /o/;

ii) quanto ao ditongo /oj/, os segmentos alveolares são os que exercem maior influência sobre a manutenção da semivogal [j] (48,7% - 902/1851 ocor.), ainda que se verifique alguma competição com o monotongo /o/ e o ditongo /ow/;

iii) quanto ao monotongo /o/, quando este é seguido por um segmento labiodental (90,4% - 282/312 ocor.) e pós-alveolar (79% - 83/105 ocor.) dá-se a supressão das semivogais. Também se verifica alguma predominância do monotongo /o/ quando seguido de um segmento velar (61,1% - 77/126 ocor.) e bilabial (54% - 407/754 ocor.), mas nestes casos em competição próxima com o ditongo /ow/;

2. Na **Tabela 3** na página seguinte estão apresentados todos os contextos fonético-fonológicos precedentes em que ocorrem os ditongos /ow/ e /oj/ e o monotongo /o/ nas palavras do nosso *corpus*. Aplicamos o mesmo critério de análise, cingindo-nos aos contextos mais relevantes:

**Tabela 3 - Ponto de articulação do segmento precedente**

<b>Tipo de segmento</b>	<b>Total de ocor.</b>	<b>/ow/</b>	<b>%</b>	<b>/oj/</b>	<b>%</b>	<b>/o/</b>	<b>%</b>
<b>Bilabial</b> /p/	126	49	38,9	--	--	77	61,1
<b>Labiodental</b> /f/	230	27	11,7	139	60,4	64	27,8
<b>Dental</b> /ð/	64	22	34,4	10	15,6	32	50
<b>Alveolar</b> /t, d, n, r, r, s, z/	1494	355	23,8	433	29	706	47,2
<b>Pós-alveolar</b> /ʃ, ʒ/	138	24	17,4	--	--	114	82,6
<b>Palatal</b> /tʃ/	9	8	88,9	--	--	1	11,1
<b>Velar</b> /k/	703	234	33,3	192	27,3	277	39,4
<b>Uvular</b> /R/	15	2	13,3	--	--	13	86,7
<b>Vogal</b> /u/	5	--	--	--	--	5	100
<b>Semivogal</b> /w/	37	--	--	35	94,6	2	5,4
<b>Pausa</b>	337	65	19,3	128	38	144	42,7

i) Em 4 contextos pode-se observar o ditongo /ow/ em competição próxima com /o/ ou /oj/: bilabial (com /o/), dental (com /o/), velar (com /o/) e alveolar (com /oj/);

ii) quanto ao ditongo /oj/, descartamos o caso em que o ditongo é precedido por um segmento labiodental /f/, visto o segmento seguinte ser um segmento alveolar (/s/) e este influir na manutenção da semivogal palatal. Em 2 contextos pode-se observar este ditongo em competição próxima com /ow/ e /o/: alveolar (com /ow/) e pausa (com /o/);

iii) quanto ao monotongo /o/, a monotongação é mais evidente quando os ditongos são precedidos por um segmento pós-alveolar (82,6% - 114/138). Em 5 contextos encontra-se em competição próxima com /ow/ ou /oj/: bilabial (com /ow/), dental (com /ow/), velar (com /ow/), pausa (com /oj/) e alveolar (com /oj/ e /ow/).

3. Na **Tabela 4** estão os resultados sobre a posição do ditongo na palavra:

**Tabela 4** - Posição do ditongo na palavra

<b>Posição</b>	<b>Total de ocorrências</b>	<b>[ow]</b>	<b>%</b>	<b>[o]</b>	<b>%</b>	<b>[oj]</b>	<b>%</b>
<b>Inicial</b>	482	110	22,8	220	45,6	152	31,5
<b>Medial</b>	2676	676	25,3	1215	45,4	785	29,3

Os nossos resultados mostram que quer em posição inicial ou medial de palavra há uma maior propensão para ocorrer a monotongação. No entanto este índice não é muito significativo, visto o monotongo estar em competição próxima com /oj/ e /ow/, o que sugere a existência de alguma manutenção das semivogais [w] e [j] face a [o].

4. Na **Tabela 5** estão os resultados sobre o tipo de sílaba em que o ditongo ocorre:

**Tabela 5** - Tonicidade

<b>Tipo de sílaba</b>	<b>Total de ocorrências</b>	<b>[ow]</b>	<b>%</b>	<b>[o]</b>	<b>%</b>	<b>[oj]</b>	<b>%</b>
<b>Tónica</b>	2401	613	25,5	909	37,8	879	36,6
<b>Átona</b>	757	173	22,8	526	69,5	58	7,7

Em sílaba tónica, as ocorrências e percentagens de [ow], [oj] e [o] são aproximadas, o que sugere que neste tipo de sílaba (sílaba acentuada) ocorra alternância entre as 3 realizações, e com maior frequência entre [o] e [oj], o que denota alguma manutenção das semivogais.

Em sílaba átona, os nossos dados revelam que existe maior propensão para a supressão das semivogais (69,5% - 526/757).

Desta forma, o factor tonicidade tem influência sobre a manutenção ou supressão das semivogais [w] e [j] nas palavras do nosso *corpus*.

Em suma:

i) em contexto seguinte, os segmentos alveolares têm influência sobre a manutenção da semivogal [j]; em contexto precedente, o contexto pausa propicia a manutenção do ditongo /oj/;

ii) em contexto seguinte, a monotongação é propiciada, especialmente, pelos segmentos labiodentais e pós-alveolares<sup>113</sup>; em contexto precedente, a monotongação é propiciada, especialmente, por um segmento pós-alveolar.

iii) no que se refere ao ditongo /ow/, podemos inferir que existe uma tentativa de manutenção quando este é seguido por um segmento bilabial ou velar;

iv) em ambas as posições de palavra, inicial e medial, embora a monotongação ocorra com maior frequência, observa-se alguma manutenção e alternância dos ditongos [ow] e [oj];

v) a sílaba átona propicia a supressão das semivogais, enquanto em sílaba tónica se observa alguma manutenção das semivogais;

---

<sup>113</sup> Em contexto seguinte podemos verificar que existem alguns segmentos que inibem a passagem de [ow] a [oj] em algumas palavras do nosso *corpus*, ou em que a frequência de /oj/ é baixa, pois esses segmentos seguintes propiciam a monotongação: i) em palavras com ditongo [ow] seguido de um segmento velar /k/ como em *pouco*, mas Vasconcelos diz que, embora raro, por vezes diz-se *poico*, considerando um “plebeísmo puro” (1934: §43); *moico* em Aveiro (1985: 297 b); *toica* em Moncorvo (1970: 91); ii) palavras com ditongo [ow] seguidas do segmento bilabial /p/ como em *choupo*, mas ocorre *roipa* no nosso *corpus*; Vasconcelos (1928: § 25, 3) atesta /oj/ seguido da consoante /b/ em Póvoa de Varzim: *oibe*, *roibar*, *roiba*, *roibo*, *soibe*, e também seguido de /p/, *roipa*; iii) palavras com ditongo [ow] seguidas do segmento labiodental /v/ como em *ouvir*, mas ocorre *coive* no nosso *corpus*; Vasconcelos atesta *oivir* também em Moncorvo e *coive* em Águeda (1985: 298).

Podemos assumir que para ocorrer variação em determinadas palavras terá de haver alguma influência extra-linguística, talvez popular. No caso dos numerais, *oito* e *dezoito*, podemos assumir que a escolha a favor de [oj] nestas palavras se deva à influência da consoante alveolar /t/, que tem maior proximidade articulatória com a semivogal /j/ do que com a semivogal /w/.

vi) podemos concluir que o ditongo [oj] ocorre, especialmente, em palavras seguidas de segmentos alveolares; a variação ocorre com maior frequência quando os ditongos estão em contacto com um segmento alveolar precedente ou seguinte (cf. as **Tabelas 2 e 3**); em ambas as posições de palavra é mais frequente a monotongação, embora se verifique alguma manutenção dos ditongos [ow] e [oj]; em sílaba átona ocorre a monotongação; e nas sílabas acentuadas (tónicas) ocorre maior variação.

### **Observação:**

Esta observação refere-se a determinados fenómenos de variação fonética (marcas dialectais) detectados no nosso *corpus* principal, especificamente, dispersão dos ditongos *ou*, *oi* e do monotongo *o* por diversas realizações fonéticas, variando quanto à qualidade fonética da vogal. Foram atestadas as seguintes variantes:

i) Ditongo /ow/:

- [ɛw]: c[ɛw]ro;
- [æw]: [æw]tro, [æw]tra, [tæw]peira, p[æw]co, r[æw]pa, t[æw]ro, c[æw]ce, caç[æw]la;
- [aw]: c[aw]ce;
- [ɹw]: t[ɹw]ro;
- [ɐw]: c[ɐw]be, t[ɐw]ro, c[ɐw]ce;
- [ɑw]: r[ɑw]pa, t[ɑw]ro, c[ɑw]ro, c[ɑw]ce.

ii) Ditongo /oj/:

- [ej]: r[ej]xinol;
- [ɐj]: r[ɐj]xinol;
- [aj]: r[aj]xinol.

iii) Monotongo /o/:

- [ɐ]: [ɐ]tono;
- [i]: r[i]xinol;
- [e]: r[e]xinol;
- [ɨ] ~ [ɨ̃]: r[ɨ]xinol ~ r[ɨ̃]xinol; com consoante precedente uvular /R/: [Rɨ̃]xinol

- [ɐ]: r[ɐ]xinol; com consoante precedente uvular /R/: [Rɐ]xinol; com consoante seguinte alveolar /s/: r[ɐs]inol;
- [u] ~ [ʊ]: r[u]xinol ~ r [ʊ]xinol; com consoante precedente uvular /R/: [Rʊ]xinol; com consoante seguinte alveolar /s/: r[u s]inol ~ r[ʊs]inol;
- a mesma vogal [u] em t[u]peira e tr[u]pêra;
- casos com nasalização espontânea: [ĩ]: r[ĩ]xinol;  
[õ]: t [õ]peira.

Em alguns casos é possível observar-se semelhanças no que se refere aos contextos fonético-fonológicos em que ocorre a monotongação (cf. análise anterior): a monotongação dá-se nas palavras quando as diversas variantes fonéticas de /o/ são seguidas, especialmente, por um segmento pós-alveolar /ʃ/, mas também alveolar /t, s/ ou bilabial /p/.

Quanto à posição na palavra: verifica-se que ocorre maior monotongação em posição medial. Quanto à tonicidade: as diversas realizações fonéticas do monotongo /o/ ocorrem em maior número em sílaba átona.

Quanto às realizações fonéticas de /oj/: estas aparecem na palavra e no contexto fonético-fonológico seguinte (pós-alveolar /ʃ/) em que existe maior propensão à monotongação.

As realizações fonéticas de /ow/ ocorrem na sua maior parte em posição medial e no tipo de sílaba (tónica) em que já se verificou existir alguma manutenção dos ditongos.

Podemos concluir que existem semelhanças entre a realização normal dos ditongos e monotongo e as suas diferentes realizações fonéticas, no que se refere aos contextos fonético-fonológicos, posição na palavra e tipo de sílaba em que estas ocorrem. No caso das realizações fonéticas dos ditongos /ow/ e /oj/, devido à mudança da qualidade fonética da vogal, existe menor probabilidade de ocorrer a monotongação.

É de referir que as variantes de /ow/ e /oj/ ocorrem, a maior parte delas, na mesma zona onde existe maior predominância de /oj/, segundo os nossos resultados; em zonas onde a variante [ɐw] é mais sentida; ou ainda em localidades em contacto com a língua castelhana (mais adiante voltamos a falar destas ocorrências). Podemos inferir que algumas realizações possam ser estratégias para evitar a monotongação. Em alguns casos dá-se a dissimilação da vogal /o/ para [æ], [ɛ], [a], [ɐ], [ɑ] mas pronuncia-se sempre como ditongo velar; noutros casos ocorre a dissimilação da vogal /o/

para [ɐ], [a] e [e], mas pronuncia-se sempre como ditongo palatal (cf. a localidade de Monsanto em Castelo Branco que usa uma das variantes palatais “raixinol”; talvez forma de evitar a monotongação, podendo estar sob influência do Castelhana, caso semelhante ao de Campo Maior, Portalegre, que faz maior uso de /oj/ em posição inicial e medial de palavra nas palavras do nosso *corpus*).

## 5. RESULTADOS ESTATÍSTICOS

Em seguimento às análises anteriores, e por forma a avaliar qual o grau de dispersão entre as 3 realizações em cada distrito, aplicámos um método estatístico (Simetria e Assimetria) que nos auxilia na análise da forma como a distribuição das frequências em cada distrito se faz, ou seja, podemos avaliar o quão dispersos ou concentrados estão os valores observados em cada distrito.

Se os valores observados nos distritos apresentarem uma percentagem baixa, temos uma distribuição simétrica das frequências, ou seja, a frequência das 3 realizações em cada distrito é muito semelhante (os valores entre /ow/, /oj/ e /o/ são aproximados; se atingir o valor 0 significa que as 3 realizações se distribuem exactamente da mesma forma). Se por outro lado a percentagem dos valores observados for mais elevada, isso evidencia uma distribuição dispersa das frequências, ou seja, existe assimetria (os valores entre /ow/, /oj/ e /o/ não são aproximados). Na **Tabela 6** abaixo apresentamos os valores de simetria e assimetria por distrito:

**Tabela 6** - Valores de simetria e assimetria  
por distrito

<b>Distrito</b>	<b>%</b>
<b>Viseu</b>	<b>2,5</b>
<b>Guarda</b>	<b>11,2</b>
<b>Aveiro</b>	<b>16,1</b>
<b>Coimbra</b>	<b>19,4</b>
Leiria	25,4
Vila Real	26,3
Braga	27,4
Lisboa	27,8
Porto	29,4
Bragança	32,8
Faro	33
Santarém	34,2
Viana	34,7

**Distritos com distribuição simétrica de /ow/, /oj/ e /o/**

Castelo Branco	34,8
<b>Setúbal</b>	<b>35,6</b>
<b>Évora</b>	<b>35,9</b>
<b>Portalegre</b>	<b>37</b>
<b>Beja</b>	<b>38,5</b>

**Distritos com maior distribuição assimétrica de /ow/, /oj/ e /o/**

A interpretação da tabela acima é a seguinte: as frequências distribuem-se de forma simétrica, i.é. de forma muito concentrada ou semelhante em Viseu, Guarda, Aveiro e Coimbra (entre os 2,5% e os 19,4%). Portanto, /ow/, /oj/ e /o/ ocorrem com frequência muito aproximada em cada um destes 4 distritos, sendo que o distrito de Viseu é aquele que apresenta a distribuição mais simétrica.

Por outro lado, em Setúbal, Évora, Portalegre e Beja observa-se o contrário: nestes distritos a distribuição das frequências é assimétrica, ou seja, regista-se o maior nível de dispersão entre as realizações em cada um destes distritos (acima dos 35%).

A distribuição simétrica das realizações nos distritos de Viseu, Guarda, Aveiro e Coimbra, tendo em conta a área geográfica e dialectal em que estão inseridos, poderá ser um indício da falta de estabilidade na selecção de uma forma, selecção essa em maior ou menor grau evidente em alguns distritos das áreas setentrionais e meridionais a favor ora de /ow/ ou de /o/ (cf. de novo o **Gráfico 4** apresentado num ponto anterior (p. 131) e nas frequências de /ow/, /oj/ e /o/ nestes distritos; vê-se como as frequências destas 3 realizações nestes 4 distritos ocorrem quase em paralelo em comparação com todos os restantes distritos do norte ou sul portugueses).

Não será difícil supor a hipótese da realização do ditongo /oj/ ocorrer em algumas das localidades destes 4 distritos como uma forma de substituição de /ow/ por /oj/ ou da própria manutenção do ditongo /oj/, visto que na análise linguística e na distribuição geográfica da 3 realizações (cf. **Mapas 7 a 10**), destacam-se algumas localidades em zona de fronteira dialectal ([ow] > [o]) e outras em zona de fronteira política, próximas ou incluídas nas zonas dos falares leoneses de conservação do ditongo *oi* ou em contacto com o Castelhana, onde /oj/ ocorre com maior predominância.

Resta saber quão significativa é a variação *ou* ~ *oi* em Portugal continental.

Na **Tabela 7** abaixo temos as percentagens das diversas variações que ocorrem entre /ow/, /oj/ e /o/ por distrito. Na parte inferior temos os valores de correlação (o grau de associação) entre os 3 tipos de realizações.

**Tabela 7** - Percentagem das variações /ow/~oj/, /oj~/o/ e /ow~/o/ por distrito e valores de Correlação

<b>Distrito</b>	<b>% /ow/ - %/oj/</b>	<b>% /oj/ - %/o/</b>	<b>%/ow/ - %/o/</b>
<b>Viana do Castelo</b>	52,7	12,7	65,4
<b>Braga</b>	28,6	26,3	54,9
<b>Vila Real</b>	34,2	17,4	51,6
<b>Bragança</b>	48,1	14,6	62,8
<b>Porto</b>	34,3	24,3	58,6
<b>Aveiro</b>	27,9	0	27,9
<b>Coimbra</b>	-22,2	-16,3	-38,6
<b>Viseu</b>	-5	2,9	-2,2
<b>Guarda</b>	-19,2	-0,6	-19,8
<b>Castelo Branco</b>	-16,6	-50,2	-66,8
<b>Leiria</b>	-24,3	-26,6	-50,9
<b>Lisboa</b>	-38,8	-15,1	-53,9
<b>Setúbal</b>	-27,6	-42,9	-70,6
<b>Santarém</b>	-30	-38,2	-68,2
<b>Portalegre</b>	-22,5	-49,8	-72,3
<b>Évora</b>	-27,5	-43,7	-71,2
<b>Beja</b>	-19,2	-54,9	-74,2
<b>Faro</b>	-30,8	-35,2	-65,9
<b>Valores de Correlação</b>			
/ow/- /oj/		-0,27	
/ow/ - /o/		-0,98	
/oj/ - /o/		0,05	

a. A partir da tabela 7 podemos ver que a variação /ow/~oj/ existe, com valor positivo, nos distritos mais setentrionais, sendo o distrito de Viana do Castelo o que apresenta a maior percentagem de variação (52,7%), embora seja a variação com o monotongo (/ow~/o/) a mais forte.

Nos distritos de Braga, Vila Real, Porto e Bragança vemos que a variação entre o ditongo [ow] e o monotongo [o] é a que tem maior percentagem (e é a favor de /ow/); de acordo com os resultados observados em algumas localidades dos distritos setentrionais (excluindo Viana do Castelo) e atrás descritos, podemos assumir que parte da variação /ow~/oj/ seja motivada para evitar a monotongação, mas somente em áreas específicas.

A partir do distrito de Coimbra e até aos distritos mais meridionais os valores são negativos com o maior valor registado no distrito de Lisboa (-38,8), o que quer dizer que neste distrito a variação é quase inexistente (temos alguns casos raros de variação neste distrito).

b. No distrito de Aveiro a mesma percentagem de variação entre /ow~/oj/ e /ow~/o/ (27,9%) sugere que a par da monotongação de [ow] em [o], tendo em conta que este distrito se encontra em fronteira dialectal, também ocorre a substituição de /ow/ por /oj/ como forma de evitar a motongação total.

c. O distrito de Viseu apresenta um índice de variação entre /oj/ e /o/ positivo; as restantes variações são negativas, embora a diferença não seja muito significativa. No entanto, dado que este distrito se encontra numa área de transição linguística, parece existir uma tentativa por se manter o ditongo, visto que este distrito está em parte inserido na área de monotongação.

Por fim, recorrendo a um outro método estatístico, a Correlação, podemos medir e avaliar qual o grau de associação/relação entre duas realizações. Obtemos uma correlação positiva se o valor for acima de 0 – quando uma realização aumenta a outra aumenta; quando uma diminui a outra diminui. A correlação é negativa se for abaixo do valor 0 – quando uma variável aumenta a outra diminui.

Na tabela 7, na parte inferior, apresentamos os valores de correlação (o grau de associação) apurados para /ow~/oj/, /oj/ ~ /o/ e /ow~/o/ em Portugal continental:

d. O valor de correlação (ou grau de associação) entre /ow/ ~ /oj/ e /ow/ ~ /o/ é abaixo de 0: -0,2% e -0,9%; quer dizer que embora estas variações existam em todo o país o seu grau de associação é negativo. Quando a ocorrência de uma das realizações aumenta, a outra diminui.

Por outro lado, a variação /oj/ ~ /o/ apresenta um valor baixo mas positivo 0,05%; quer dizer que existe algum grau de associação entre o ditongo /oj/ e o monotongo /o/. Quando uma destas realizações aumenta, a outra aumenta de forma igual. Por outras palavras: se existir uma tendência para a monotongação, os valores parecem sugerir que o falante poderá contrariar essa tendência com o uso do ditongo palatal.

Em suma:

i) nos distritos de Viseu, Guarda, Aveiro e Coimbra as frequências de /ow/, /oj/ e /o/ distribuem-se de forma muito semelhante, o que pode ser interpretado como existência de instabilidade linguística quanto à selecção de uma forma para pronunciar os ditongos (i.e. pronunciam quer como /oj/, /ow/ ou /o/, ainda que com ligeiras diferenças e em alguns casos e distritos, a favor de uma dessas realizações);

ii) no restante território português as frequências de /ow/, /oj/ e /o/ distribuem-se de forma muito dispersa;

iii) a variação /ow/ ~ /oj/ existe maioritariamente nos distritos do Norte de Portugal, Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Porto, e a sul do rio Douro, em Aveiro;

iv) em Aveiro existe uma variação paralela entre /ow/-/oj/ e /ow/-/o/ o que denota que neste distrito existe um esforço por se evitar a monotongação total nas palavras do nosso *corpus*;

v) no distrito de Viseu existe alguma manutenção do ditongo /oj/, o que pode ser interpretado como tentativa de evitar a monotongação;

vi) existe uma correlação negativa entre /ow/ e /oj/;

vii) a correlação /oj/~o/, ainda que com uma percentagem baixa, é positiva, o que denota que existe um esforço por parte do falante por manter este ditongo, supondo que a passagem de *ou* para *oi* já ocorreu anteriormente em alguns casos e noutros se conserve o ditongo etimológico.





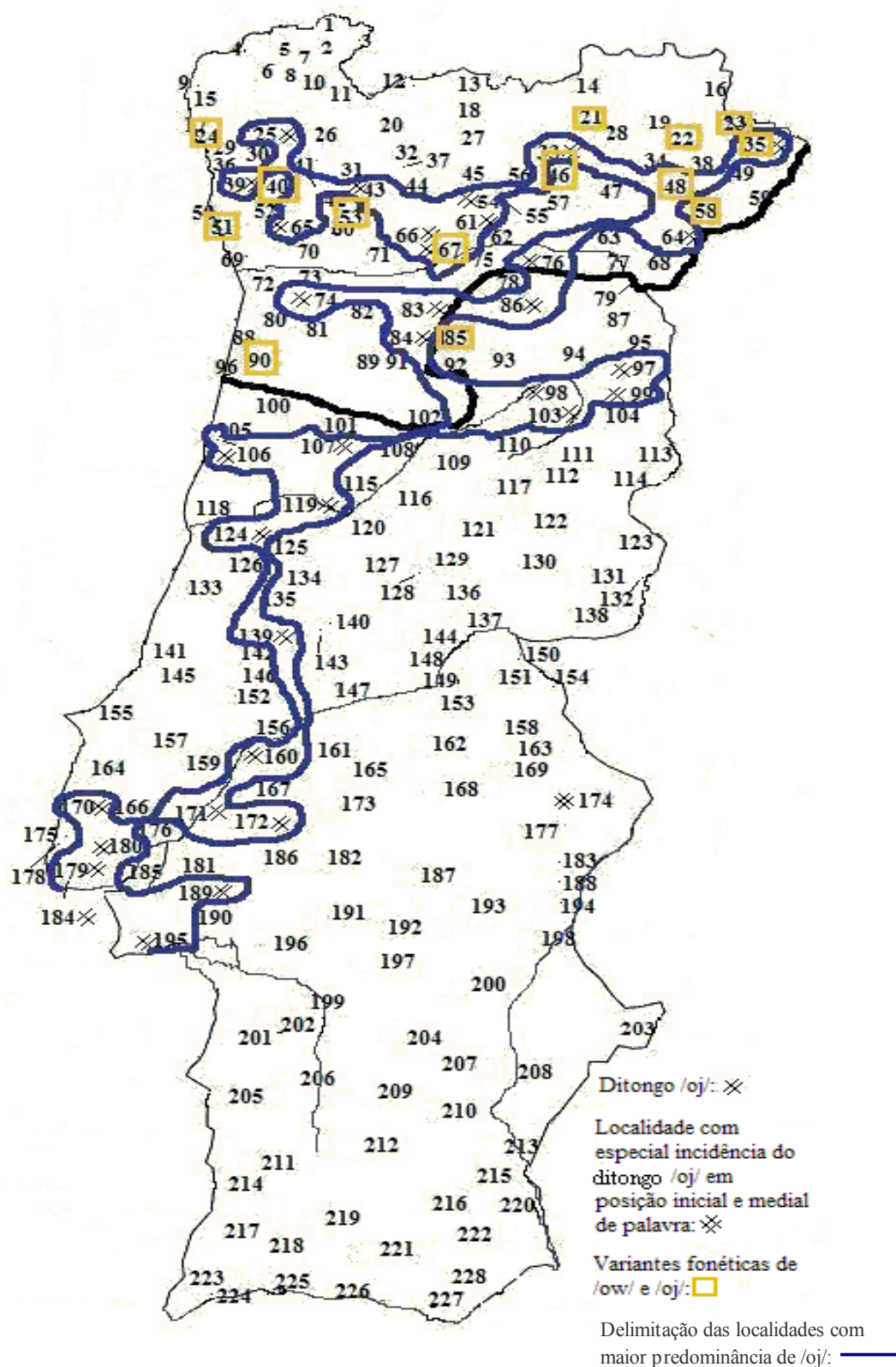
## CAPÍTULO IV

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o **Mapa 10** a área onde o ditongo /oj/ é mais predominante começa a norte do rio Douro, em algumas localidades dos distritos de Braga, Porto, Vila Real, e a leste em algumas localidades mais próximas da fronteira com Espanha, no distrito de Bragança. Existe uma área a norte desta linha onde o ditongo /ow/ é a variante mais predominante, e onde, de maneira enfática se mantém conservado, embora possa variar com *oi* etimológico e em alguns casos com *oi* não etimológico. A variação neste distrito, distrito onde se regista a maior percentagem de variação *ou* ~ *oi* em Portugal continental, não demonstra ser motivada como forma para evitar a monotongação, pois nesta área setentrional não existe o risco acentuado de monotongação que se observa mais a sul, ainda antes de se transpor o rio Douro. Clarinda de Azevedo Maia (1986) quando fez os estudos sobre o galego-português, apoiando-se nos seus resultados sobre o português actual, diz não existirem indícios de qualquer perigo de monotongação quer na Galiza quer na zona portuguesa de Entre-Douro-e-Minho. Também não temos registo nos nossos resultados de localidades na área mais setentrional do país que façam um uso maior do ditongo *oi*.

É curioso verificar que a norte do rio Douro, a área delimitada com maior uso do ditongo /oj/ (cf. adiante o **Mapa 12** na página seguinte), é a área onde também ocorrem diversas realizações fonéticas dos ditongos /ow/ e /oj/. A vogal nessas variantes dissimila para uma vogal anterior ([æw], [ɛw] / [ej]) ou para uma vogal central ([aw], [ɐw] / [ɛj]), ou ainda pode passar a uma vogal de timbre velar ([aw]). Nestes casos a proximidade dos pontos de articulação dos dois elementos constitutivos distanciam-se; desta forma, o ditongo /ow/, e podemos considerar também /oj/, mantém-se conservado em diversas realizações fonéticas.

Mapa 12 - Área de convívio do ditongo /oj/ (localidades onde tem maior predominância no norte e centro-norte de Portugal e diversas realizações fonéticas de /ow/ e de /oj/ )



Um dos aspectos apontados na literatura teórica sobre o uso de *oi* em vez de *ou* está exactamente relacionado com a constituição do ditongo, ou seja, visto este ditongo ser composto por dois elementos de séries diferentes, a vogal é posterior e a semivogal é anterior, existem menores probabilidades de ocorrer a monotongação. No ditongo *ou* a proximidade articulatória entre [o] e [w] é muito estreita; no ditongo [ej] essa mesma distância articulatória é maior entre [e] e [j], ainda que a abertura do maxilar seja a mesma para ambos os ditongos, reduzindo as possibilidades de ocorrer a monotongação. Sobre o exposto André Martinet explica em *Economie des changements linguistiques* (1970: 99) num passo que transcrevemos:

Il y a entre *o* et *u* une plus petite différence d'ouverture qu'entre *e* et *i* bien que l'angle maxillaire soit le même dans les deux cas. Pour le même nombre de phonèmes dans la série d'avant et la série d'arrière, les marges de sécurité seront plus étroites à l'arrière qu'à l'avant et ceci peut, en partie, expliquer les différences de comportement entre les deux séries.  
(Martinet 1970: 99)

Nos casos em que ocorre o ditongo velar dissimilado ou o ditongo palatal, a probabilidade de monotongação é mais reduzida.

Relembrando a descrição que Lindley Cintra faz para a distribuição do ditongo [oj] nesta área, o A. explica no seu artigo<sup>114</sup>:

A grande expansão da variante [oj] parece-me característica dos falares populares regionais de uma zona de fronteira entre a região em que se produz a monotongação e aquela em que se conserva o ditongo (nas suas variantes [ou] ou [au]).  
(Cintra 1983: 45)

---

<sup>114</sup> Relembramos também que Cintra supõe que o foco de monotongação de [ow] > [o] tenha surgido na área meridional e que se expandiu em direcção ao norte a partir dos séculos XIII e XIV. Esperança Cardeira e Maria Alice Fernandes num estudo que fazem sobre o português algarvio dos séculos XIV e XV, *Aspectos do português algarvio na transição do século XIV para o XV*, (1997) ao examinarem as *Actas das Vereações de Loulé* (1384-1408), não encontraram muitos casos de oscilação gráfica que denotasse existir nessa área, e nesse período de tempo, uma progressiva substituição de [ow] por [oj]. No *corpus* que as AA. analisaram, a variação está limitada apenas a duas palavras as quais têm pouca ocorrência: *noute-noite* e *dous~dois*. Nos textos examinados a tendência parece ser a conservação dos ditongos *ou* e *oi*, primários ou secundários, com um único caso de oscilação numa palavra cujo étimo provém da semivocalização da consoante *c* do grupo -oct-. Eles resultados levam as AA. a concluir que a expansão da monotongação se terá feito de uma forma muito lenta, tal como os documentos sugerem.

Noutro passo adiante diz:

Creio que, quando consideramos [...] a localização geográfica actual das zonas onde nos falares regionais existe e predomina *oi* por *ou*, zonas de fronteira entre a conservação do ditongo e a sua monotongação, e, muito principalmente, a localização da zona asturiana [...], não podemos deixar de nos sentir preferentemente atraídos pela última desta explicações: [oi] aparece-nos efectivamente como mais um resultado – comparável neste aspecto a [au] – da tendência a fugir à monotongação pelo afastamento dos dois elementos do ditongo.

(*Ibidem*: 50)

Mais a sul, nos distritos de Aveiro e Viseu, em localidades próximas da fronteira de transição de [ow] para [o], volta-se a registar a presença de diferentes realizações fonéticas de *ou* e *oi*, respectivamente, em Pardilhó (90), A, e Malhada (85), V.

Quanto a estes dois distritos já Vasconcelos tinha feito algumas observações interessantes nos *Opúsculos*; sobre o distrito de Aveiro disse: “O ditongo *ou* aparece monotongado nuns casos, noutros aparece transformado no ditongo *ôi*: *ôro*, *cumprô*, e *rôibar*, *rôibam*, *môico*” (cf. 1985: 297). Nos nossos resultados para o distrito de Aveiro, observa-se que os informantes ou monotongam ou utilizam outras estratégias para evitar a monotongação total: *outono*, *ôtono*; *ouvir*, *ôvir*, *roupa*, *rôpa*; *pouco*, *pôco*, *peuco* ([p'æwku]); *touro*, *tôro*, *tauro* ([t'awru]); *touro*, *toiro*; *couro*, *cauro* ([k'ɛwru]); *couro*, *coiro*; *couce*, *cauce* ([k'ɛwsi]); *couce*, *coice*; *noute*, *nôte*; *noute*, *noite*; *outro/outra*, *ôtro/ôtra*; *outro/outra*, *oitro/oitra*; *fouce*, *foice*.

Quanto ao distrito de Viseu, distrito português cuja realização mais predominante é o ditongo /oj/ segundo os nossos dados, Vasconcelos faz um comentário quando descreve os falares de Tabuaço (localidade do distrito de Viseu) que parece vir ao encontro dos nossos resultados:

O ditongo *ou* sofre na linguagem de Tabuaço diversas transformações, como tenho observado várias vezes (...)  
b) Muda-se em *ôi* (como em grande parte do distrito de Viseu); exs.: *ôteiro*, *dôido*, *côiro*, *ôitro*, *sôito*, *môita*, *côito*, *biscôito*, *lôixa* (...).

(*Vasconcelos 1985*: 252, § 8, b))

Em Bragança o ditongo *oi* ocorre com maior incidência em duas localidades fronteiriças; a presença do ditongo nestas localidades pode ser resultado da mesma estratégia usada nos falares asturianos que, como vimos, segundo Rodrigo-Castellano, serve para evitar a monotongação.

O mesmo parece suceder mais a sul no distrito da Guarda, como demonstra o trabalho de Clarinda de Azevedo Maia *Os falares fronteiriços do concelho de Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla* (1977: 176-179). O trabalho desta A. incide sobre as localidades pertencentes

ao concelho de Sabugal e a determinadas semelhanças linguísticas destas com as localidades das regiões vizinhas do outro lado da fronteira, Xalma e Alamedilla, semelhanças causadas por um passado histórico idêntico: a região, integrada na antiga zona de Riba-Coa, fora leonesa até 1297, data em que foram estabelecidos os limites que nos separam de Castela através do tratado de Alcanizes. Devido à localização destas localidades, localidades fronteiriças, alienadas dos grandes centros e cidades, muitos arcaísmos e leonesismos se mantiveram até aos dias de hoje. Neste seu estudo estão englobadas algumas localidades que são constituintes da nossa rede de localidades, p.e. Santo Estêvão (112), Aldeia do Bispo (113) e Fóios (114). Os nossos dados não são suficientes para confrontá-los com os da A., mas pode ser possível confrontar os resultados que obtivemos a favor de *oi* em Vale da Mula (97) e Vilar Formoso (99), localidades fronteiriças e inseridas na sua área de estudo. Numa análise geral do ditongo *oi*, a A. observa que nas localidades da região fronteiriça o ditongo *oi*, proveniente de diversas etimologias, incluída a vocalização de *-c-* no grupo consonântico *-oct-*, se mantém muito vivo na linguagem das povoações. Seja qual for a sua etimologia, o ditongo subsiste também como resultado da evolução de *ou* para *oi*, ou seja, a semivogal [w] passou a palatal [j] como forma de evitar a monotongação. Esta possibilidade corrobora a apresentada por Germán de Granda Gutierrez (cf. 1960: 158-165) para justificar a substituição de *ou* por *oi* no leonês.

Noutras localidades do distrito da Guarda onde *oi* se evidenciou foi em Figueiró da Serra (103) e Casas de Soeiro (98). A primeira incrustada na Serra da Estrela, mesmo no interior serrano com pouco contacto a não ser com a sua localidade vizinha, Linhares da Beira; Casas de Soeiro (98), localidade do concelho de Celorico da Beira, localidade com maior acesso físico. Estas localidades poderão estar sob alguma influência das localidades vizinhas conservadoras do ditongo *oi* semelhantemente ao que se passa nas áreas leonesas e áreas portuguesas de fronteira.

No distrito de Viseu, para além de existirem segundo os nossos resultados localidades onde /oj/ tem especial incidência, os dados apurados deste distrito demonstram uma grande irregularidade nas realizações dos ditongos. É na linha que atinge o rio Douro, e sobre a qual está também traçada a isófona de conservação de [ow], que se situam algumas localidades dos distritos de Viseu e Guarda e onde o ditongo palatal tem especial incidência (cf. **Mapas 7, 8 e 9**). As localidades imediatamente vizinhas são oscilantes. Tal comportamento pode evidenciar que nestes distritos, e talvez em algumas localidades de Aveiro, se esteja numa área de transição linguística em que os falantes ainda não fixaram uma pronúncia. Tanto se pronunciam as palavras de uma maneira como de outra, embora em algumas a favor de *oi*.

Quanto à zona litoral: como se sabe, e especialmente a partir da exposição que Cintra fez sobre o facto no seu artigo sobre os ditongos decrescentes *ou* e *ei*, o A. aquando da realização dos inquéritos linguísticos em 1953 e 1954 para o ALPI, inquéritos que lhe permitiu traçar a linha que limita o Norte conservador de *ou*, estes inquéritos também lhe permitiram detectar a existência de uma “ilhota de conservação de *ou*” situada na Serra de Aire e que se estende até à região de Nazaré. Posteriormente o fenómeno mereceu averiguação do fonólogo alemão Helmut Lüdtke o qual determinou não existir somente um enclave de *ou* conservado mas sim 3 enclaves na Estremadura: o maior, e descoberto por Cintra, que se estende do sul da Batalha até Fátima e à serra de Aire (Mira e Minde), outro mais a norte em Ramalhais, Pombal, e o terceiro mais a sul (Turquel, Benedita). No artigo em que Hüber apresentou estes resultados, *Miscelânea-homenaje a A. Martinet* (1957: 110-112), o A. especifica a localização de algumas localidades, como S.Jorge no concelho de Porto de Mós, onde o fenómeno se observa.

Nos nossos dados, uma localidade situada muito próxima das áreas citadas pelos AA. revelou existir conservação do ditongo *ou* (cf. Mapa 7), p.ex.: Antões (126), no concelho de Pombal. No mesmo distrito, mas no concelho de Porto de Mós, observa-se a incidência do ditongo *oi* em Chainça (139).

No distrito de Lisboa, a incidência de /oj/ em algumas localidades tem sido justificada por certos AA, como sendo característica dos falares saloios (cf. Entwistle 1969: 299-300). No entanto, quando se atenta para algumas fronteiras fonéticas e lexicais anteriormente traçadas e apresentadas numa comunicação no IX Congresso Internacional de Linguística Românica, Lisboa 1959, artigo incluído nos *Estudos de Dialectologia Portuguesa* de Lindley Cintra: «Une Frontière Lexicale et Phonétique dans le Domaine Linguistique Portugais», essa comunicação chama à atenção ao contraste cultural e linguístico que separa o Norte do Sul, acentuado ao longo dos séculos e originado pela acção da «Reconquista», vemos que a distribuição geográfica das localidades onde /oj/ é mais predominante segue uma direcção muito semelhante a determinadas fronteiras fonéticas.

Ao estudarmos o período da história portuguesa que relata os acontecimentos da reconquista cristã, apercebemo-nos que a reconquista se dá numa direcção: Norte-Sul (embora com alguns recuos). O movimento parte das Astúrias e Leão no século IX, libertando o Douro (c.1000) e a região até ao Mondego (c. 1604). O movimento cristão atinge o Tejo (c.1147) e avança para a península de Setúbal. No final do século XII a fronteira do sul recuara até à linha do Tejo, com a excepção da ponta que atingira Évora. Almada, Palmela, entre outras vilas são reocupadas, tal como Alcácer do Sal. No ano de 1249, dá-se a reconquista total do território português. O acordo de

Badajoz de 16 de Fevereiro de 1267 reconhece o domínio português, mas ainda falta definir a fronteira leste e estabelecer a linha que separa Portugal de Castela. Em 1297, através do tratado de Alcanizes, estabelecem-se os limites que separam Portugal de Castela (Medina 1993). Duas regiões permanecem desocupadas, uma onde as vagas invasoras islâmicas e da reconquista não penetraram e outra onde estes movimentos, associados às condições geográficas do terreno, não propiciaram a fixação de povoações, causando no segundo caso um grave despovoamento (Cintra 1983: 96).

Ao passo que a reconquista avança, dá-se o processo de aculturação originado pelo movimento migratório de gente do Norte para o Centro e Sul, depois da conquista das cidades do vale do Tejo, do Alentejo e Algarve, no que se chama o “repovoamento”. Assim, a emigração interna segue geralmente a direcção Norte-Sul e interior-litoral, ou seja, oeste-este.

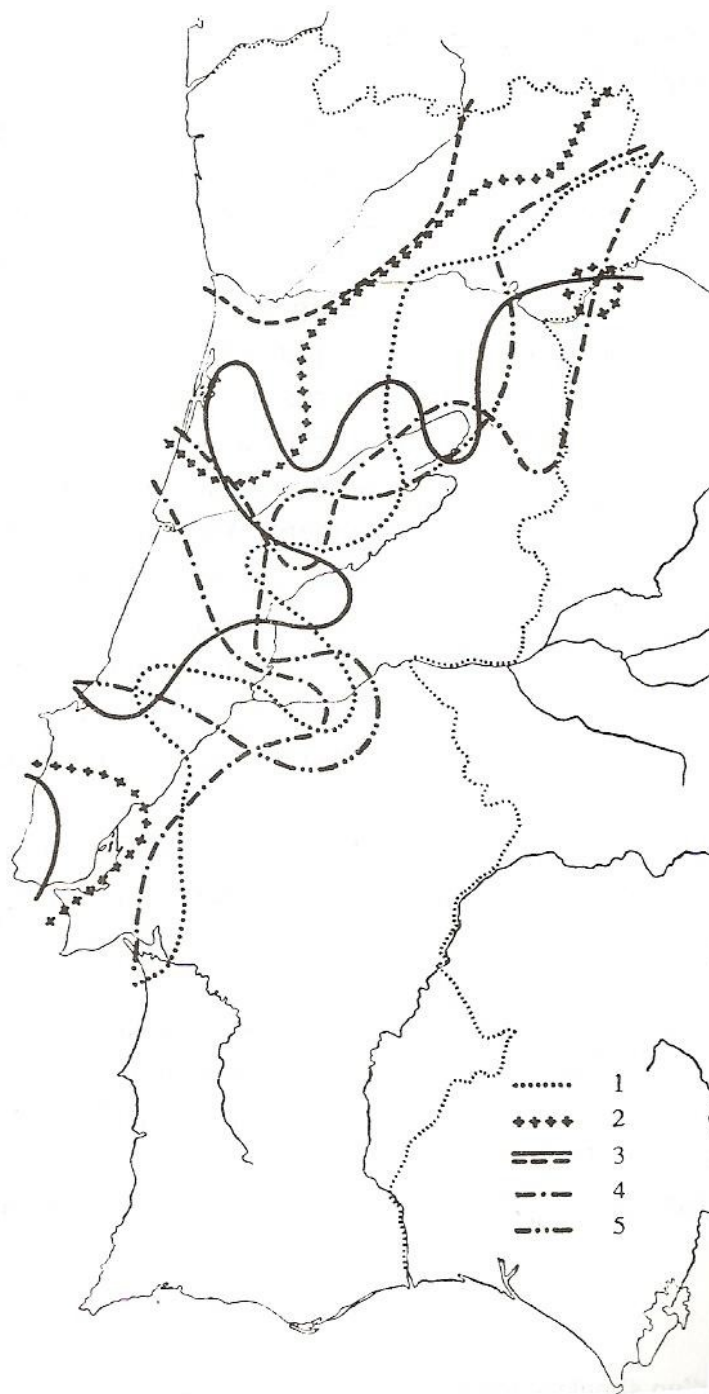
Entre o rio Mondego e o rio Tejo, o repovoamento faz-se em torno das cidades e das principais vias e resulta no despovoamento de todo o interior. Nas terras reocupadas são criados os concelhos chamados “perfeitos”, instituídos pelo rei com foral outorgado que institui uma completa organização municipal. José Mattoso em *Identificação de um país: ensaios sobre as origens de Portugal 1096-1325* (1995: 42-43), sobre a direcção das fronteiras fonéticas /v/ ~ /b/, /ej/ ~ /e/ e /ow/ ~ /o/, diz que o avanço destes traços linguísticos no litoral se deveu a:

(...) um alastramento maço, lento, de carácter demográfico, de gente que invade em conjunto as terras férteis para poder subsistir e depois aí permanece longamente. A fusão das características peculiares numa língua comum será, porém, imposta, a partir das cidades pelo prestígio das elites ou a influência dos órgãos administrativos que a impõem por toda a parte.

(Mattoso 1995: 42-43)

As diferentes fronteiras linguísticas traçadas podem revelar mais do processo como se desenrolou o repovoamento. Abaixo estão as fronteiras lexicais elaboradas a partir dos inquéritos para o ALPI, e retiradas de Cintra (*Une frontière lexicale et phonétique dans le domaine linguistique portugais* (1983: 95-105).

Das fronteiras traçadas na “CARTE 2” por Cintra, a linha que traçámos para delimitar as localidades com maior predominância do ditongo /oj/ segue uma direcção muito semelhante com a fronteira traçada para Mugir e Ordenhar (fronteira 1) – seguindo a direcção de “Mugir”; Cabrito e Chibo (fronteira 4) – seguindo a direcção de Cabrito (cf. na página seguinte a “Carte 2”, **Mapas 1 e 6** do trabalho de Cintra e o **Mapa 12** neste capítulo com a delimitação do ditongo /oj/).

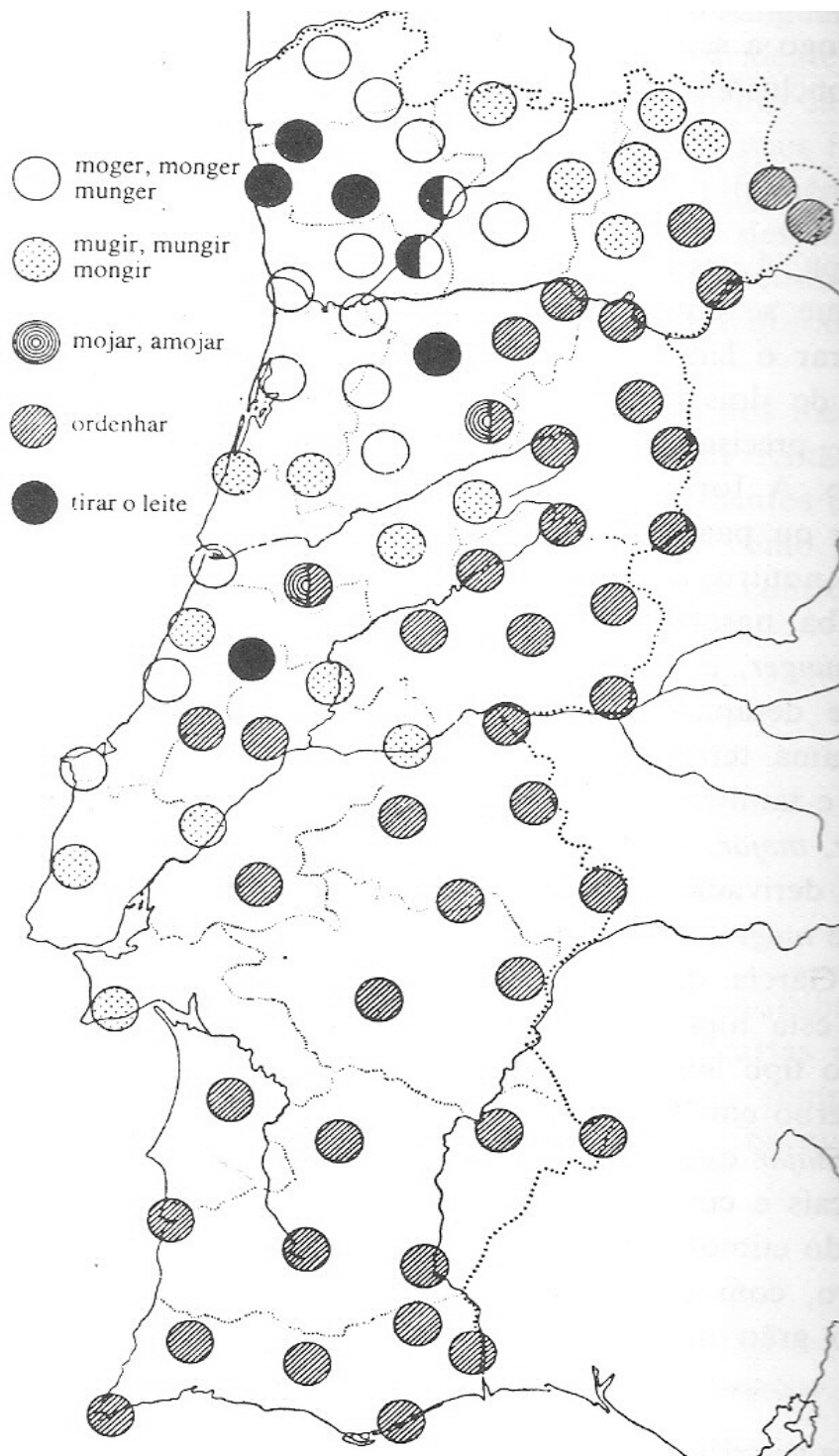


CARTE 2

Fronteiras lexicais

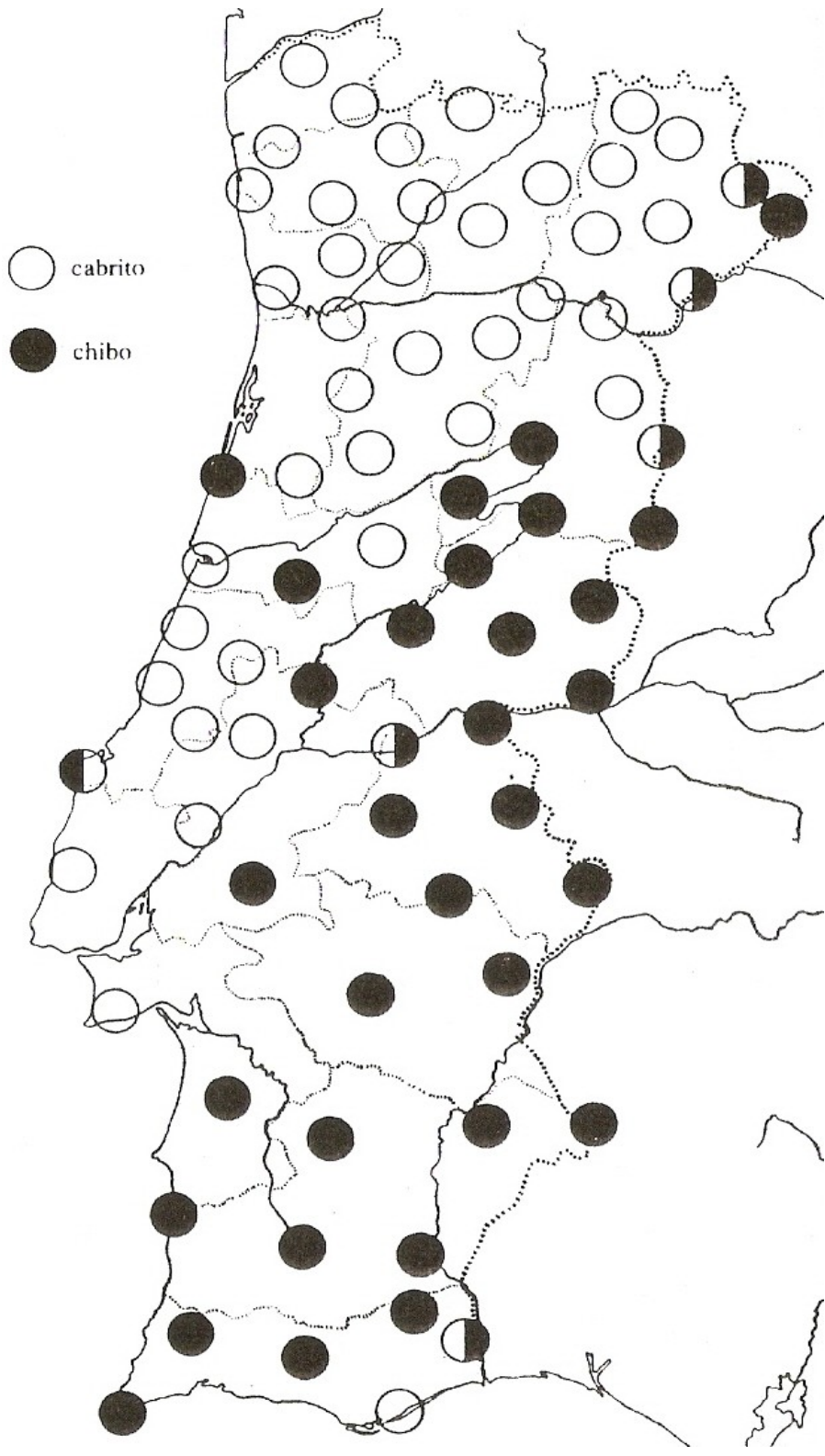
1 — Entre *mugir* et *ordenhar*. 2 — Entre *úbere* et *amojo*. 3 — a) Entre *cordeiro* et *borrego*; b) Entre *anho* et *cordeiro*. 4 — Entre *cabrito* et *chibo*. 5 — Entre *espiga* et *maçaroca*. (Le type lexical cité en premier lieu est toujours celui qui se trouve au nord de la frontière.)

Fronteiras Lexicais – Cintra (1983:101)



Fronteira de «Mugir» e «Ordenhar» ( e outras variantes) - Cintra

(Mapa 1, 1983: 81)



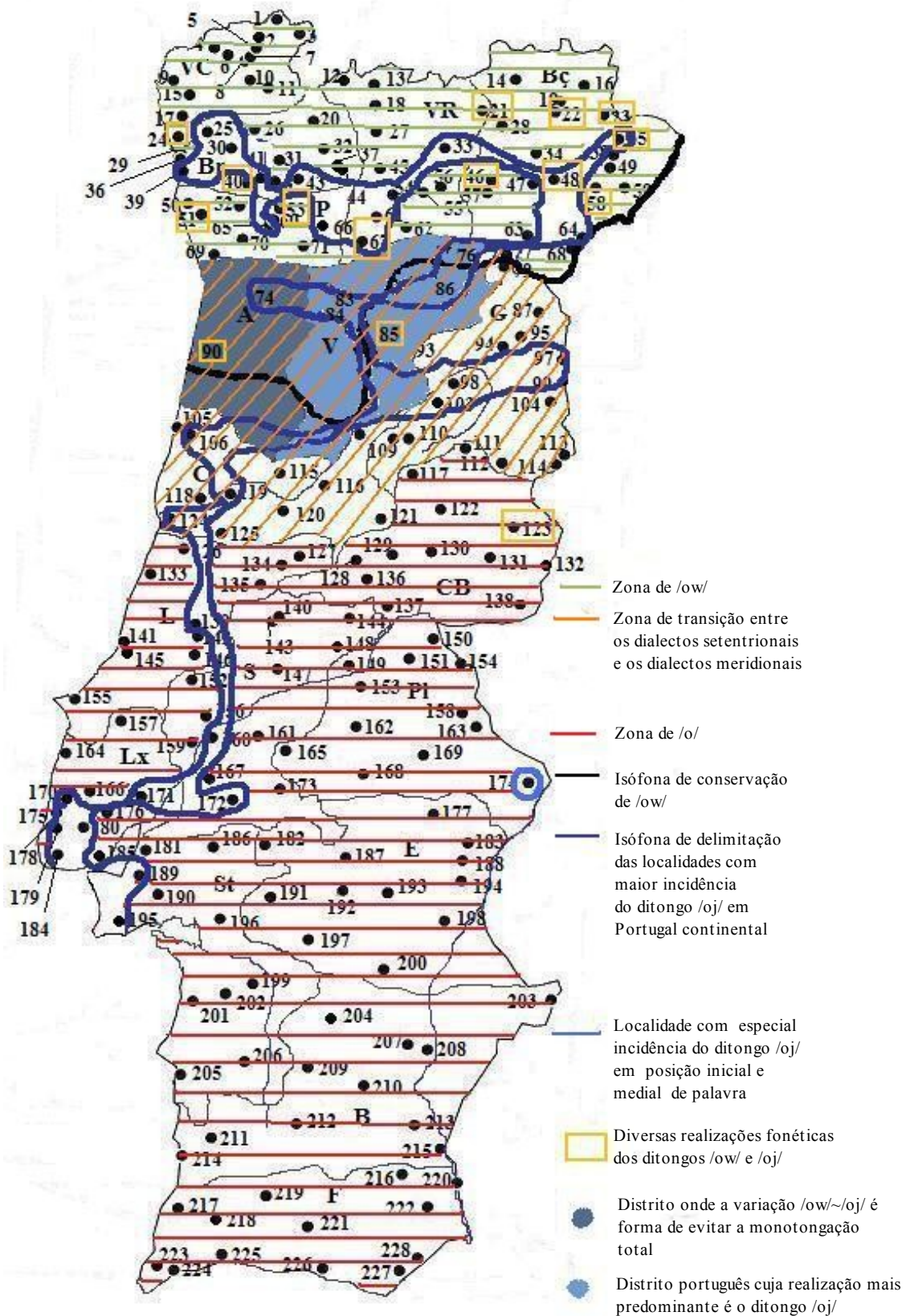
Fronteira de «Cabrito» e «Chibo» - Cintra (Mapa 6, 1983: 81)

Desta forma, podemos assumir que existe uma área onde a maior predominância de /oj/ se deve a esforço para evitar a monotongação, e uma segunda área que poderá ter surgido como resultado de movimentos migratórios (o repovoamento).

....

Antes de prosseguirmos para a conclusão, reunimos no **Mapa 13** (v. página seguinte) os diversos fenómenos observados nesta investigação: as 3 áreas linguísticas onde /ow/, /oj/ e /o/ são mais predominantes em Portugal continental; áreas de convivência do ditongo /oj/ (quando mais predominante) com diferentes realizações fonéticas de /ow/ e /oj/ (incluindo também uma localidade do centro interior); a área de transição dialectal entre os dialectos setentrionais e meridionais; o distrito de Aveiro onde a substituição de *ou* por *oi* é forma de evitar a monotongação total; o distrito de Viseu, distrito cuja realização mais ocorrente é o ditongo /oj/; e a localidade no sudeste (Campo Maior) onde /oj/ (em posição inicial e medial de palavra nas palavras do nosso *corpus*) tem maior incidência, também por forma a evitar a monotongação por influência do Castelhana.

MAPA 13 - Síntese







## CONCLUSÃO

Revedo as perguntas de partida, os objectivos e as hipóteses delineadas no início desta investigação, e apresentadas no **CAPÍTULO 1**, podemos concluir que as observações de Lindley Cintra se encontram correctas quanto ao maior uso do ditongo *oi* nas zonas de fronteira dialectal, ou como o autor refere, na “linguagem das aldeias”. Este facto deve-se ao esforço que o falante faz para evitar a monotongação.

Numa das áreas no norte de Portugal onde *oi* é mais predominante é a área onde existe a variante [ɐw], tal como outras diversas realizações fonéticas dos ditongos /ow/ e /oj/.

Na restante área a sul do rio Douro, na zona de transição dialectal, também se encontram algumas localidades onde *oi* é mais predominante; em alguns casos a estratégia do falante poderá ser a substituição de *ou* por *oi*; noutros a manutenção da semivogal; e ainda noutras áreas, como em Aveiro, verifica-se que os falantes usam, para além da substituição do ditongo *ou* por *oi*, outras estratégias para conservar os ditongos, nomeadamente através da dissimilação da vogal velar.

Nas áreas mais a sul onde *oi* tem maior predominância, tal facto poderá estar associado com a questão do “repovoamento”.

Embora os diversos autores não tenham definido exactamente qual o critério para determinar se [oj] é popular e [ow] é culto, podemos observar que em determinadas palavras a alternância é mais reduzida, e esta ocorre em contextos fonético-fonológicos, que, em princípio, impediriam a variação: *coive, roipa, roixinol*. Neste casos podemos assumir que exista alguma influência popular, embora no geral não tenha sido possível determinar o tipo de emprego dos ditongos, se popular ou culto.

Aliás, fica de fora desta investigação, por razões explicadas na **Introdução** (nomeadamente tempo e recursos), o que poderíamos considerar o prosseguimento deste trabalho, e segundo a advertência de Cintra: a análise da distribuição dos ditongos por camadas sociais e estilísticas. Cintra crê que o emprego dos ditongos não se encontre relacionado com a questão do ambiente fónico (cf. 1983: 45). Como referido, tal investigação não foi possível, e está aliás fora dos nossos objectivos.

Por fim, com a delimitação da área onde *oi* é mais predominante, é possível distinguir-se 3 áreas linguísticas onde /ow/ e /oj/ e /o/ são mais predominantes, o que também vem ao encontro da observação de Cintra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### BIBLIOGRAFIA TEÓRICA

Abraham, Richard D. “A Portuguese version of the life of Barlaam et Josapahat: paleographical edition and linguistic study.” Tese de doutoramento da University of Pennsylvania, 1938.

Amaral, Amadeu. *O Dialeto Caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: Anhembi, 1955.

*Atlas Lingüístico de la Península Ibérica – Fonética*. Tomo I. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1962.

Baldinger, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Editorial Gredos, 1972.

Bóleo, Manuel de Paiva e Maria Helena Santos Silva. “O «Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental».” *Boletim de Filologia*. Tomo XX (1962): 85-112.

Bóleo, Manuel de Paiva. “Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa.” *Revista de Portugal*. Tomo VIII (1946): 89-93.

Bourciez, Édouard. *Elements de Linguistique Romane*. 4e éd. rev. Paris: Klincksieck, 1956.

Brissos, Fernando Jorge Costa. “Linguagem do Sueste da Beira no Tempo e Espaço.” Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2012.

Bueno, Francisco da Silva. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa. Características do Dialeto Moçárabe*. 2.<sup>a</sup> ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

Cardeira, Esperança. *O Essencial sobre a História do Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

Cardeira, Esperança e Maria Alice Fernandes. “Aspectos do Português Algarvio na Transição do século XIV para o XV.” *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Ed. Ivo Castro. Vol. II. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1997. 59-60.

Carvalho, José Herculano de. “Sobre a evolução de “LAUDARE” > louvar, “AUDIRE” > ouvir.” Separata do *Boletim de Filologia*. Tomo XIV (1954): 218-232.

Castro, Ivo. “A primitiva produção escrita em português.” *Orígenes de las lenguas romances en el Reino de León. Siglos IX-XII, (Congreso Internacional, Leon, 15-18 octubre 2003)*. Ed. José Maria Fernández Catón. Vol 2. Leon: Centro de Estudios e Investigacion San Isidoro, 2004. 69-97.

----- *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri, 2006.

Catalán, Diego. “El asturiano occidental: examen sincrónico y explicación diacrónica de sus fronteras fonológicas.” Separata de *Romance Philology*. Vol. X, nº2 (1956-57): 88-89.

Cintra, Luís Filipe Lindley. “Une Frontière Lexicale et Phonétique dans le Domaine Linguistique Portugais.” *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora Editora, 1983. 95-105.

----- “Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico.” *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983. 35-54.

-----."Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses." *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983. 117-159.

-----." *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfaiate, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do séc. XIII*. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1984.

Entwistle, William J.. *The Spanish Language: together with Portuguese, Catalan and Basque*. London: Faber&Faber, 1936.

Ferreira, Manuela Barros, Ernestina Carrilho, Maria Lobo, João Saramago, e Luísa Segura da Cruz. "Variação Linguística: Perspectiva Dialectológica." Orgs. Isabel Hub et al. *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. 479-502.

Germano, Pedro da Silva. "A Língua Portuguesa Usada Pelos Judeus Sefarditas em Exílio: tentativa de caracterização." Lisboa: [s.n.], 1968.

Grafström, Åke. *Étude sur la graphie des plus anciennes chartes languedociennes avec un essai d'interprétation phonétique*. Uppsala: Almqvist & Wiksells Bocktryckeri Ab, 1958.

Granda Gutiérrez, Germán de. "Los diptongos descendentes en el dominio románico leonés." Dirigido por Álvaro Galmés de Fuentes e Diego Catalán Mz. Pidal *Trabajos sobre el dominio románico leonés*. Vol. 2. Madrid: Editorial Gredos, 1960. 158-165.

Hasselrot, Bengt. "Ancien français «blou», «bloi», «pou», «poi» et questions connexes." *Studia Neophilologica*. Vol. XVII (1945): 248-292.

Hoch, Hans Henrich e Brian D. Joseph. *Language history, language change, and relationship: an introduction to historical and comparative linguistics*. 2nd rev. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996.

Huber, Joseph. *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters, 1933.

Iria, Alberto. *Descobrimentos portugueses. O Algarve e os descobrimentos*. Vol. II, Tomo II. Lisboa: Edição do Instituto de Alta Cultura, 1956.

Jaberg, Karl. "Geographie linguistique et expressivisme phonétique: Les Noms de la Balançoire en Portugais." *Revista Portuguesa de Filologia*. Tomo I (1947): 1-44.

Lüdtke, Helmut. "Die ou – Isophonen in Mittelportugal." *Miscelánea-homenaje a A. Martinet: estructuralismo e historia*. Ed. Diego Catalán. Vol.1. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1957. 110-112.

Maia, Clarinda de Azevedo. *Os falares fronteiriços do concelho de Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla*. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos, 1977.

----- . *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XIV. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

Malkiel, Rosa Lida de. "Considerations on the Interchange of -ou-, -oi- in Portuguese." *Nueva Revista de Filología Hispánica*. Vol. 3 (1949): 83-84. [Recensão a Lucius Gaston Moffat].

Malmberg, Bertil. "Ancien français «blou», «bloi», «pou», «poi» et questions connexes." *Romanische Forschungen*. Vol. 58-59 (1947): 8-17.

Martinet, André. *Economie des changements phonétiques: traité de phonologie diachronique*. 3e ed.. Berne: Francke, 1970.

Martins, Ana Maria. *Elementos para um comentário linguístico do Testamento de Afonso II (1214)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1985.

-----. “Ainda «os mais antigos textos escritos em português». Documentos de 1175 a 1252.”  
*Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão.* Org. Isabel Hub Faria.  
Lisboa: Edições Cosmos e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999. 491-534.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

Mattoso Câmara Jr., Joaquim. *História e Estrutura da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Padrão-Livraria Editora, 1975.

Mattoso, José. *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal. 1096-1325.* Lisboa: Ed. Estampa, 1985.

Medina, João. *História de Portugal.* Vol. III. Lisboa: Ediclube, 1993.

Menéndez Pidal, Ramón. *Orígenes del español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI.* 3.<sup>a</sup> ed. muy corr. y adic.. Madrid: Espasa-Calpe, 1950.

-----. *El Dialecto Leonés.* Oviedo: Instituto de Estudios Asturianos, 1962.

Nunes, José Joaquim. “Phonetica Historica Portuguesa.” *Revista Lusitana.* Tomo III (1895): 251-306.

-----. *Crónica dos Frades Menores (1209-1285): manuscrito do séc. XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico por José Joaquim Nunes.* Vol. I e II. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918.

Piel, Joseph-Maria. “Da Vocalização do «L» em Português.” *Biblos.* Vol. VIII (1932): 95-101.

-----." A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português." *Estudos de Linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989. 206-207.

-----." Beiträge zur sprachlichen Gliederung der Pyrenäenhalbinsel und ihrer historischen Begründung (Contribuições para a divisão lingüística da Península e a sua justificação histórica)." *Boletim de Filologia*. Tomo II (1933-1934): 185-191. [Recensão a Harri Meier].

Rodriguez-Castellano, Lorenzo. *Aspectos del bable occidental*. Oviedo: Instituto de Estudios Asturianos, 1954.

Rodrigues Lapa, Manuel. *Livro da Falcoaria de Pero Menino*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

Saramago, João. "O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e Galiza (ALEPG)." Separata de *Estudis Romànics*. Vol. XXVIII (2006): 281-298.

Silva, Jaime Ferreira da e Paulo Osório. *História da Língua Portuguesa*. Chamusca: Edições Cosmos, 2008.

Silva Neto, Serafim. *História da Língua Portuguesa*. 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

Sletsjøe, Leif. "Dos fenómenos lingüísticos en la obra dramática de Gil Vicente. (Ditongo ou por oi; desinencia verbal -ade)." *Romanistisches Jahrbuch*. Vol. XVII (1966): 301-322.

Tessyer, Paul. *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

Vasconcelos, José Leite de. "Dialectos Transmontanos, (Contribuições para o Estudo da Dialectologia Portuguesa), Linguagem Popular da Junqueira." *Revista Lusitana*. Vol. III (1895): 57-74.

-----." *Estudos de Philologia Mirandesa*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1900.

-----. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Paris: Aillaud, 1901 [3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987].

-----."Linguagem popular de Baião." *Opúsculos - Dialectologia, Parte I*. Vol. II (1928): 72-118.

-----. *Mapa dialectológico do continente português*, Coimbra: [s.n.], 1929.

-----."Emmentas Gramaticais." *Revista Lusitana*. Vol. XXXII (1934): 275-293.

-----."Os Saloios (Na Estremadura Cistagana)." *Revista Lusitana*. Vol. XXXVII (1939): 271-299.

-----. *Etnografia Portuguesa*. Vol. III Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1942, 44-45.

-----. *Opúsculos - Dialectologia, Parte II*. Organizado por Maria Adelaide Valle Cintra. Vol. VI . Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

-----."Linguagem popular de Tabuaço." *Opúsculos - Dialectologia, Parte II*. Organizado por Maria Adelaide Valle Cintra. Vol. VI (1985): 246-247.

Viana, Gonçalves. "Materiaes para o estudo dos dialectos portugueses, fallar de Rio Frio (typo Bragançano dos dialectos transmontanos)." *Revista Lusitana*. Vol. I (1888-1889): 158-166.

Vicente, Alonso Zamora. *Dialectologia Española*. 2<sup>a</sup> ed. muy aum. Madrid: Editorial Gredos, 1967.

-----."Los grupos -uit-, -oit- en gallego moderno. Su repartición geográfica." *Estudios de Dialectologia Hispanica*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 1984. 35-44.

Vidos, Benedek Elemér. *Manuale di linguistica romanza*. Tradução italiana do Neerlandês *Handboek tot de romaanse taalkunde* de G. Francescato. Florença: Leo S. Olschki, 1959.

## DICIONÁRIOS

Corominas, Joan. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Com a colaboração de José A. Pascual. Madrid: Gredos, 1987-1991.

Cunha, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Houaiss, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

Machado, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editora Confluência, 1967.

Nascentes, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

## GRAMÁTICAS

Cunha, Celso e Luís Filipe Lindley Cintra. *Breve gramática do português contemporâneo*. 18.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2006.

Nunes, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e Morfologia)*. 2.<sup>a</sup> ed. corr. e aum.. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1930.

Vasquez Cuesta, Pilar e Maria Albertina Mendes da Luz. *Gramática da Língua Portuguesa*.

Trad. de *Gramática Portuguesa* de Maria Brito e Gabriela Matos. Lisboa: Edições 70, 1971.

Williams, Edwin Bucher. *Do latim ao português. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 6.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

## **DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS: monografias, dicionários, ortografias e textos**

Barreto, João Franco. *Ortografia da lingua portugueza*. Lisboa: Officina de Joam da Costa, 1671. Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital). 10 de Janeiro de 2013 <<http://purl.pt/18>>.

Barros, João de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital). 1 de Janeiro de 2013 <<http://purl.pt/12148>>.

Bluteau, Rafael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra, Lisboa, Lisboa Colégio das Artes: Pascoal da Sylva, Joseph Antonio da Sylva, Patriarcal Officina da Música, 1712-1728. Corpus Lexicográfico do Português. 1 de Agosto de 2013 <<http://clp.dlc.ua.pt/Inicio.aspx>>.

----- . *Tabla de Palabras Portuguezas, remotas de la Lengua Castellana*. Lisboa Occidental: Officina de Pascoal da Silva, 1721. Corpus Lexicográfico do Português. 1 de Agosto de 2013 <<http://clp.dlc.ua.pt/Inicio.aspx>>

Cardoso, Jerónimo. *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Coimbra: João Álvares, 1562-63. Corpus Lexicográfico do Português. 10 de Agosto de 2013 <<http://clp.dlc.ua.pt/Inicio.aspx>>.

Caetano de Lima, D. Luis. *Orthographia da Lingua Portugueza*. Lisboa occidental: Officina de António Isidoro da Fonseca, 1736. Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital) 1 de Agosto de 2013. <<http://purl.pt/8>>.

Leão, Duarte Nunes de. *Orthographia da lingua portuguesa*. Lisboa: per Ioão de Barreira, 1576. Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital) 10 de Janeiro de 2013 <<http://purl.pt/15>>.

Madureira Feijó, João de Moraes. *Ortographia ou Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Lingua Portugueza*. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1734. Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital) 10 de Janeiro de 2013 <<http://purl.pt/13>>.

Monte Carmelo, Frei Luís do. *Compendio de Orthografia*. Lisboa: Officina de Antonio Galhardo, 1767. Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital) 11 de Janeiro de 2013 <<http://purl.pt/9>>.

Oliveira, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: e[m] casa d'Germão Galharde, 1536. Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital) 1 de Janeiro de 2013 <<http://purl.pt/120>>.

Pereira, Bento. *Thesouro da lingua portugueza*. Eborae: ex Typographia Academiae, 1697. Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital) 1 de Agosto de 2013 <<http://clp.dlc.ua.pt/Inicio.aspx>>.

Reguera, José Luís Valiña. *Os Falares Fronteiriços de Olivença e Campo Maior: Falar Alentejano e Diversa Castelhanização*." Observatório euroace. 29 de Julho de 2013 <<http://observatorio.euro-ace.eu/pt-pt/estudio/os-falares-fronteiricos-de-olivenca-e-campo-maior-falar-alentejano-e-diversa-castelhanizacao>>.

Vasconcelos, José Leite de. *Tradições Populares de Portugal, colligidas e anotadas por J. Leite de Vasconcellos*. Porto: Livraria Portuense de Clavel, 1882. Arquivo Digital 7cv. 1 de Agosto de 2013 <<http://arquivodigital-7cv.blogspot.pt/2010/03/tradicoes-populares-de-portugal>>.

----- *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2.<sup>a</sup> ed. com aditamentos e correcções do autor preparada por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos,

1970. Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital) 10 de Fevereiro de 2013 <<http://purl.pt/160>>.

Verney, Luís António. *Verdadeiro Método de Estudar: para ser útil à Republica e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal*. Valensa-Nápoles: Oficina de Antonio Balle [Genaro e Vincenzo Muzio], 1746. Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital) 12 de Fevereiro de 2013 <<http://purl.pt/118>>.

## **RECURSOS *ON-LINE***

*Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI Online)

<<http://www.alpi.ca/>>

Corpus Lexicográfico do Português

<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Home>

RuG/L<sup>04</sup>: *software* de aplicação em dialectometria e cartografia

<http://www.let.rug.nl/kleiweg/L04/>

## **PÁGINAS WEB**

*Atlas Linguarum Europae* (ALE)

<http://www.lingv.ro/ALE.html>

Página web do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa para o projecto ALE

<http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/209-atlas-of-the-european-languages-ale>

*Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e Galiza* (ALEPG)

<http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg>

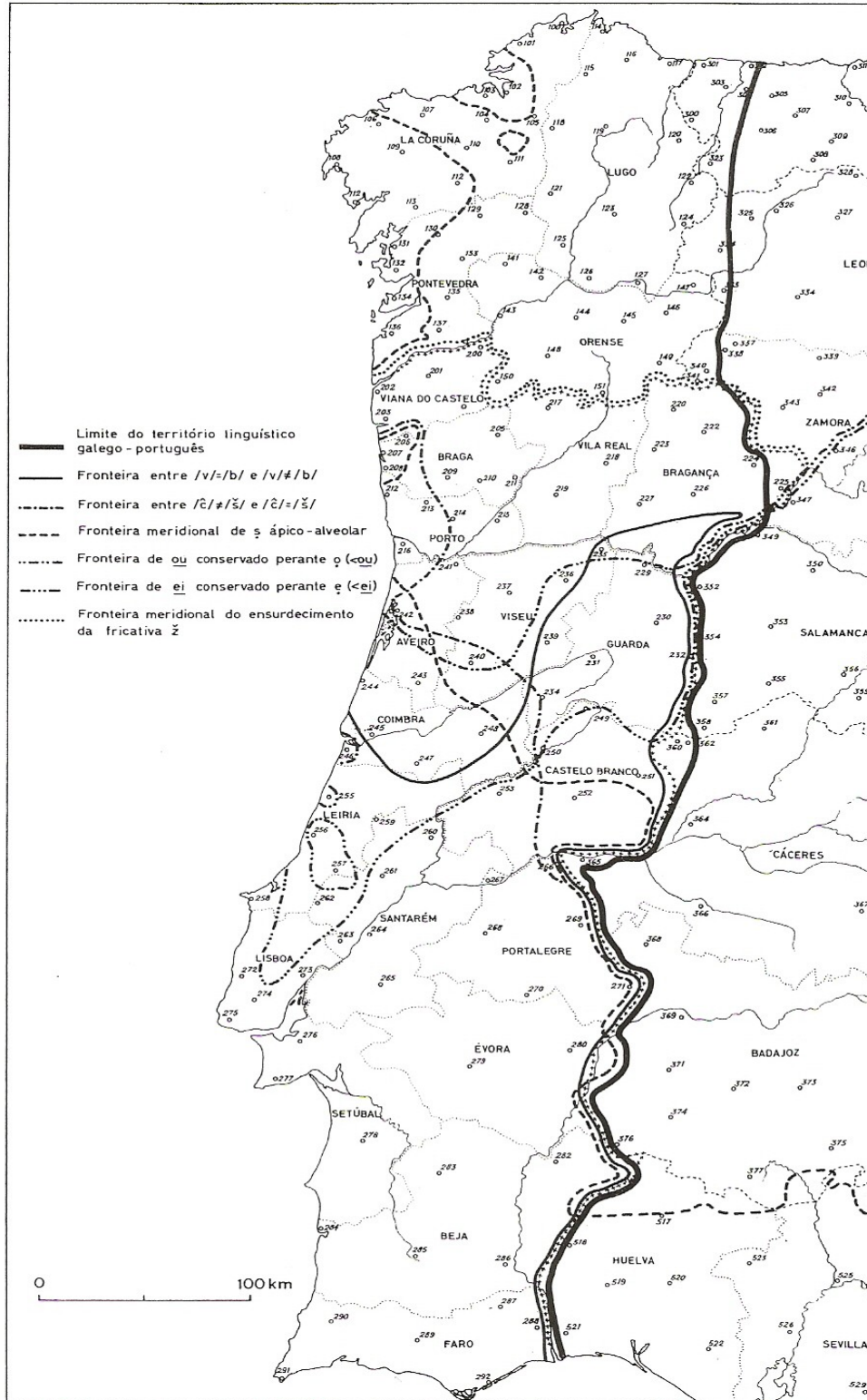


## **ANEXOS**



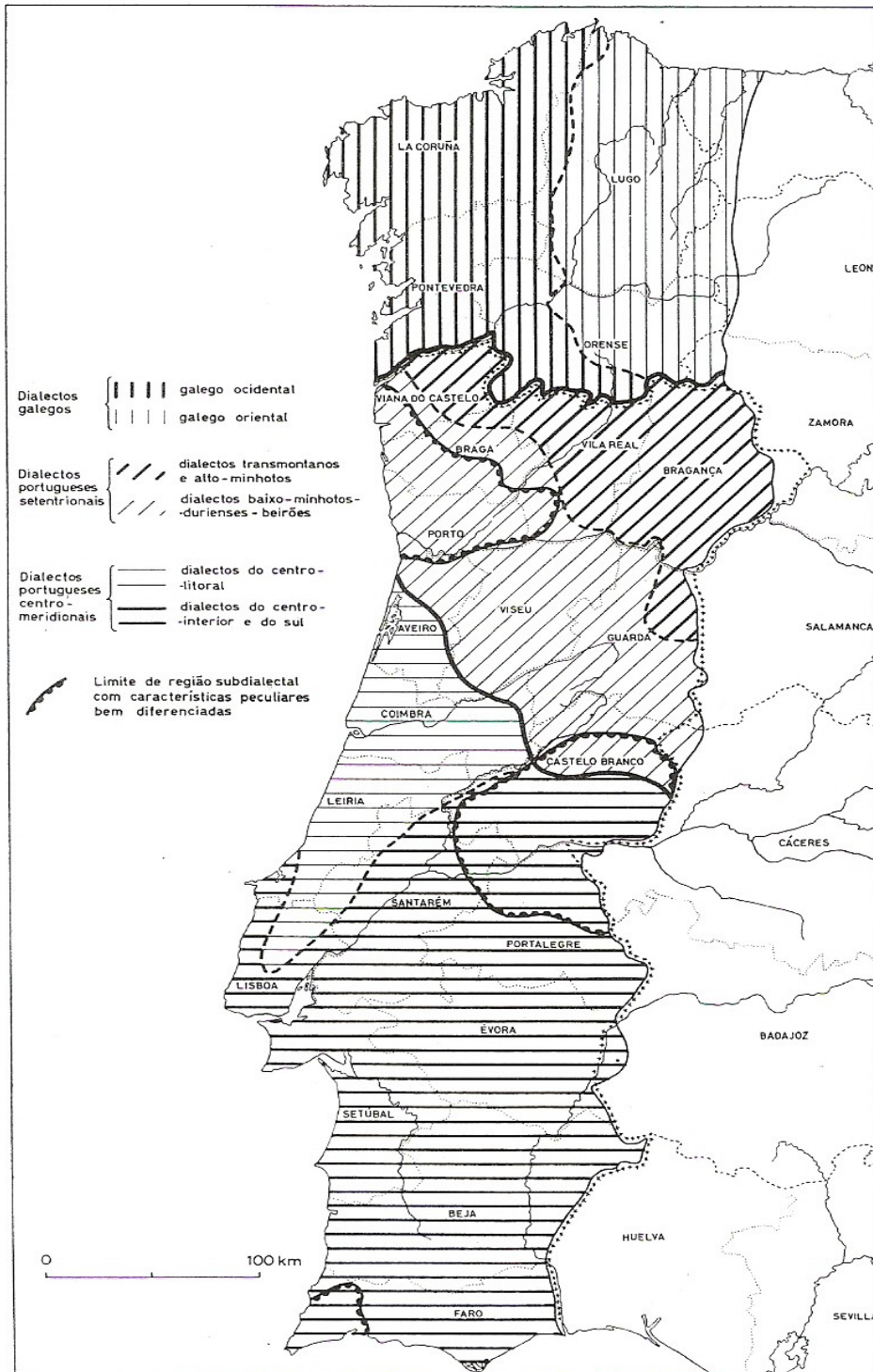
# Anexo 1

Mapa 2 «Classificação dos dialectos galego-portugueses» de Cintra 1983



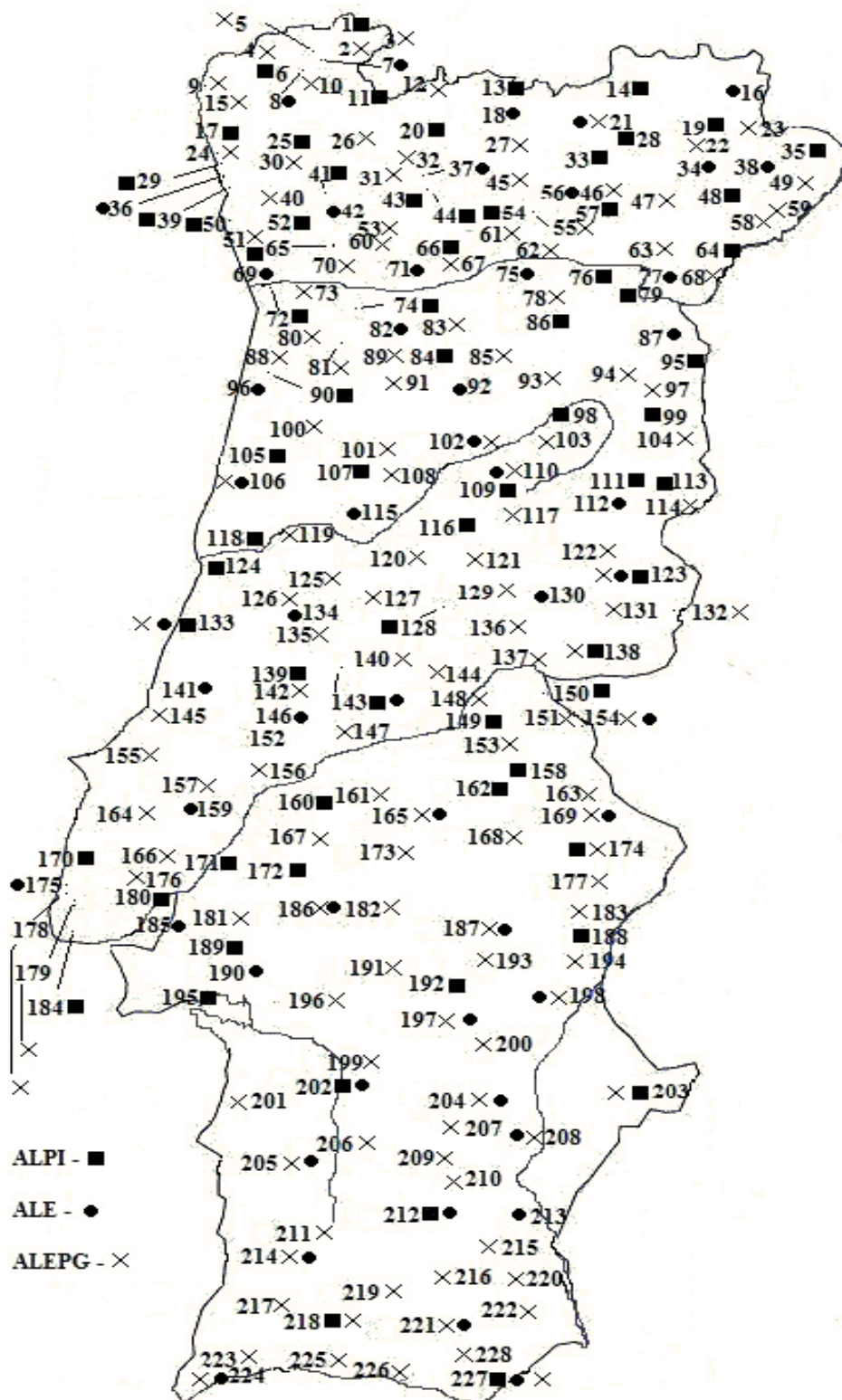
## Anexo 2

Mapa 1 «Alguns traços fonéticos diferenciadores dos dialectos galego portugueses» de Cintra 1983



### Anexo 3

Mapa 2: Localidades dos atlas linguísticos (ALPI, ALE e ALEPG)



## Anexo 4

### Lista de distritos, concelhos e localidades

<b>Viana do Castelo (VC)</b>	<b>Concelho</b>	<b>Braga (Br)</b>	<b>Concelho</b>
1 Paderne	Melgaço	1 Salamonde	Vieira do Minho
2 Insalde	Paredes de Coura	2 Balugães	Viana do Castelo
3 Moledo	Caminha	3 Marinhas	Esposende
4 Portuzelo	Viana do Castelo	4 Apúlia	Esposende
5 Tamente	Ponte da Barca	5 Brito	Guimarães
6 Choças	Arcos de Valdevez	6 Fafe	Fafe
7 Sobreira	n/d <sup>115</sup>	7 Arco de Baúlhe	Cabeceiras de Basto
8 São Lourenço da Montaria	Viana do Castelo	8 Esposende	Esposende
9 Estrica	Arcos de Valdevez	9 Guimarães	Guimarães
10 Bade	Valença	10 Cabeceiras de Basto	Cabeceiras de Basto
11 Castelo do Neiva	Viana do Castelo	11 São Romão da Ucha	Barcelos
12 Castro Laboreiro	Melgaço	12 Gondomar das Taipas	Guimarães
13 Fornelos	Ponte de Lima	13 Vila Boa de Bucos	Cabeceiras de Basto
14 Arcos de Valdevez	Arcos de Valdevez	14 Fiscal	Amares
		15 Pousada de Saramagos	Vila Nova de Famalicão
<b>Vila Real (VR)</b>	<b>Concelho</b>	<b>Bragança (Bç)</b>	<b>Concelho</b>
1 Carrazedo de Montenegro	Valpaços	1 Sobreiró	Macedo de Cavaleiros
2 Vilarinho de Samardã	Vila Real	2 Rebordãos	Bragança
3 Negrões	Montalegre	3 Torre de D. Chama	Mirandela
4 Murça	Murça	4 Vimioso	Vimioso

<sup>115</sup> n/d: informação não disponível.

5 Sonim	Valpaços	5 Peredo	Macedo de Cavaleiros
6 Pitões das Júnias	Montalegre	6 Vilarinho das Azenhas	Vila Flor
7 Perafita	Alijó	7 Lagoaça	Freixo de Espada á Cinta
8 Roalde	Sabrosa	8 Macedo de Cavaleiros	Macedo de Cavaleiros
9 Mondrões	Celorico de Basto	9 Gimonde	Bragança
10 Sedielos	Peso da Régua	10 Campo de Víboras	Peso da Régua
11 Covas do Barroso	Boticas	11 Penas Roias	Mogadouro
12 Viduedo	Vila Pouca de Aguiar	12 Lanção	Bragança
		13 Algosó	Vimioso
		14 Mazouco	Vimioso
		15 Outeiro	Bragança
		16 Travanca	Mogadouro
		17 Larinho	Torre de Moncorvo
		18 Sambade	Alfândega da Fé
		19 Marmelos	Mirandela
<b>Porto (P)</b>	<b>Concelho</b>	<b>Aveiro (A)</b>	<b>Concelho</b>
1 Paço do Rei	Vila Nova de Gaia	1 Sobrado da Paiva	Castelo de Paiva
2 Vila do Conde	Vila do Conde	2 Pardilhó	Estarreja
3 Santo Tirso	Santo Tirso	3 Famalicão	Anadia
4 Nevogilde	Porto	4 Murtosa	Murtosa
5 Gondar	Amarante	5 Arouca	Arouca
6 Porto	Porto	6 Pardeiro	Anadia
7 Marco de Canavezes	Marco de Canavezes	7 Moitinhos	Ílhavo
8 Gião	Vila do Conde	8 César	Oliveira de Azeméis
9 Sardoura	Castelo de Paiva	9 Válega	Ovar
10 Ordem	Lousada	10 Covo	Águeda
11 Sobrado	Valongo	11 Carvoeiro	Arouca
12 Barrosas	Lousada		

<b>Coimbra (C)</b>	<b>Concelho</b>	<b>Viseu (V)</b>	<b>Concelho</b>
1 Praia de Mira	Mira	1 São João da Pesqueira	São João da Pesqueira
2 Montemor-o-Velho	Montemor-o-Velho	2 Vale de Matos	Castro Daire
3 Arganil	Arganil	3 Moimenta da Beira	Moimenta da Beira
4 Lavos	Figueira da Foz	4 Valença do Douro	Tabuaço
5 Penacova	Penacova	5 Lajeosa do Dão	Tondela
6 Mira	Mira	6 Avelal	Sátão
7 Vila Pouca do Campo	Coimbra	7 Granja do Tedo	Tabuaço
8 Porto de Vacas	Pampilhosa da Serra	8 Rãs	Sátão
9 Casconho	Soure	9 Malhada	n/d
10 Papanata	Lousã	10 Vila Verde	São Pedro do Sul
11 Ervedal da Beira	Oliveira do Hospital	11 Ester de Cima	Castro Daire
<b>Guarda (G)</b>	<b>Concelho</b>	<b>Castelo Branco (CB)</b>	<b>Concelho</b>
1 Quinta Nova	Gouveia	1 Belmonte	Belmonte
2 Casas do Soeiro	Celorico da Beira	2 Oleiros	Oleiros
3 Vilar Formoso	Almeida	3 Monsanto	Idanha-a-Nova
4 São Romão	Seia	4 Rosmaninhal	Idanha-a-Nova
5 Vila Nova de Foz Côa	Vila Nova de Foz Côa	5 Tinalhas	Castelo Branco
6 Aldeia do Bispo	Sabugal	6 Idanha-a- Nova	Idanha-a-Nova
7 Pocinho	Vila Nova de Foz Côa	7 Cardoso	Oleiros
8 Sabugueiro	Seia	8 Salvaterra do Extremo	Idanha-a-Nova
9 Santo Estêvão	Sabugal	9 Foz do Cobrão	Vila Velha de Ródão
10 Figueira de Castelo Rodrigo	Figueira de Castelo Rodrigo	10 Unhais da Serra	Covilhã
11 Vale da Mula	Almeida	11 Isna	Oleiros
12 Malharda Sorda	Almeida	12 Alcongosta	Fundão
13 Pala	Pinhel		
14 Fóios	Sabugal		
15 Figueiró da Serra	Gouveia		

<b>Leiria (L)</b>	<b>Concelho</b>	<b>Lisboa (Lx)</b>	<b>Concelho</b>
1 Chainça	Porto de Mós	1 Alcabideche	Cascais
2 Vieira de Leiria	Marinha Grande	2 Sobreiro	Mafra
3 Nazaré	Nazaré	3 Povos	Vila Franca de Xira
4 Mira d'Aire	Porto de Mós	4 Almargem do Bispo	Sintra
5 Figueiró dos Vinhos F	Figueiró dos Vinhos	5 Assafora	Sintra
6 Ferrel	Peniche	6 Lisboa	Lisboa
7 Boca-da-Mata	Alvaiázere	7 Fontanelas	Sintra
8 Moita do Martinho	Batalha	8 Aldeia Galega	Sintra
9 Cela Velha	Alcobaça	9 Póvoa de Penafirme	Torres Vedras
10 Antões	Pombal	10 Enxara do Bispo	Mafra
11 Mosteiro	Caldas da Rainha	11 Dagorda	Cadaval
		12 Freixial	Loures
<b>Setúbal (St)</b>	<b>Concelho</b>	<b>Santarém (S)</b>	<b>Concelho</b>
1 Moita	Moita	1 Ferreira do Zêzere	Ferreira do Zêzere
2 Santana	Sesimbra	2 Almeirim	Almeirim
3 Grândola	Grândola	3 Coruche	Coruche
4 Palmela	Palmela	4 Vale de Santarém	Santarém
5 Canha	Montijo	5 Alcanhões	Santarém
6 Porto Covo	Sines	6 Amiais de Baixo	Santarém
7 Melides	Grândola	7 Pereiro	Abrantes
8 Alcochete	Alcochete	8 Mesão Frio	Mação
9 Palma	Alcácer de Sal	9 Glória do Ribatejo	Salvaterra de Magos
10 Foros da Casa Nova	Santiago do Cácio	10 Montalvo	Constância
11 Água Derramada	Grândola	11 Santa Justa	Coruche
		12 Parreira	Chamusca
		13 Igreja Nova do Sobral	Ferreira do Zêzere
<b>Portalegre (Pl)</b>	<b>Concelho</b>	<b>Évora (E)</b>	<b>Concelho</b>

1 Belver de Gavião	Gavião	1 São Matias	Évora
2 Montalvão	Nisa	2 Alandroal	Alandroal
3 Vale de Açor	Ponte de Sor	3 Alcáçovas	Viana do Alentejo
4 Reguengo	Portalegre	4 Arraiolos	Arraiolos
5 Campo Maior	Campo Maior	5 Carrapatelo	Reguengos de Monsaraz
6 Foros do Arrão	Ponte de Sor	6 São Romão	Montemor-o-Novo
7 Alpalhão	Nisa	7 Nossa Senhora de Machede	Évora
8 Cabeço de Vide	Fronteira	8 Baldios	Montemor-o-Novo
9 Alegrete	Portalegre	9 Lavre	Montemor-o-Novo
10 Nisa	Nisa	10 São Lourenço de Mamporcão	Estremoz
11 Avis	Avis	11 Santana	Portel
12 Vale da Vinha	Gavião	12 Terena	Alandroal
<b>Beja (B)</b>	<b>Concelho</b>	<b>Faro (F)</b>	<b>Concelho</b>
1 Barrancos	Barrancos	1 Alte	Loulé
2 Ourique	Ourique	2 Marmeleite	Monchique
3 Peroguarda	Ferreira do Alentejo	3 Fuseta	Olhão da Restauração
4 Zambujeira do Mar	Odemira	4 Salema	Vila do Bispo
5 Mértola	Mértola	5 Santa Luzia de Tavira	Tavira
6 Serpa	Serpa	6 Vila do Bispo	Vila do Bispo
7 Quintos	Beja	7 Quarteira	Loulé
8 Aljustrel	Aljustrel	8 Alvor	Faro
9 Mesquita	Mértola	9 Aljezur	Aljezur
10 Corte Cobres	Mértola	10 Alta Mora	Castro Marim
11 Vale Chaim de Baixo	Odemira	11 São Marcos da Serra	Silves
		12 Laranjeiras	Tavira
		13 Penteadeiro	Alcoutim

## **Anexo 5**

### **Informações adicionais sobre os inquéritos**

#### **1. Viana do Castelo (VC), Braga (Br), Vila Real (VR), Bragança (Bç) e Porto (P)**

Os dados foram levantados das respostas a 75 inquéritos realizados nos 5 distritos em análise neste grupo. Desses 75 inquéritos, 27 inquéritos pertencem à rede do ALPI com realização em datas diferentes: em 1936 (8 inquéritos), 1953 (1 inquérito) e em 1954 (19 inquéritos); 13 inquéritos pertencem à rede do ALE: em 1975 (9 inquéritos) e sem data disponível (4 inquéritos); 35 inquéritos da rede do ALEPG sem datas disponíveis ('70-'90). Em alguns inquéritos participaram mais de um informante; em duas localidades foram realizados dois inquéritos para dois dos projetos e em momentos diferentes: em Moledo (9), VC, fez-se um inquérito em 1936 para o ALPI, e na mesma localidade, mas sem data disponível ('70 – '90), um outro para o ALEPG. Em Sonim (21), VR, fizeram-se dois inquéritos, um para o ALE e outro para o ALEPG, ambos sem data disponível ('70-'90); segundo a base de dados de informantes do ALEPG, e a consulta aos cadernos do ALE, o informante é o mesmo.

#### **2. Aveiro (A), Viseu (V), Guarda (G), Coimbra (C), Castelo Branco (CB), Leiria (L), Santarém (S) e Lisboa (Lx)**

Nestes distritos foram realizados 105 inquéritos entre os quais 29 para o ALPI em 1933 (2 inquéritos), em 1936 (5 inquéritos), em 1953 (18 inquéritos), em 1954 (2 inquéritos) e 2 inquéritos sem data disponível. Para o ALE foram realizados 21 inquéritos entre os quais 17 em 1975 e 4 sem data disponível. Para o ALEPG foram realizados 55 inquéritos (posteriores a 1970).

Os pontos de inquérito coincidentes nas redes dos projetos são:

Lajeosa do Dão (102): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Praia de Mira (105): ALPI ('53) e ALE ('75); Monsanto (123): ALPI (n/d), ALE ('75) e ALEPG (n/d); Vieira de Leiria (133): ALPI (n/d), ALE ('75) e ALEPG (n/d); Rosmanihal (138): ALPI ('53) e ALEPG (n/d); Ferreira do Zêzere (143): ALPI ('53) e ALE ('75).

### **3. Setúbal (St), Portalegre (PI), Évora (E), Beja (B) e Faro (F)**

Nestes distritos foram realizados 79 inquéritos entre os quais 14 inquéritos para o ALPI: em 1934 (1 inquérito); em 1936 (1 inquérito); em 1953 (2 inquéritos); em 1954 (7 inquéritos); e 3 inquéritos sem data disponível. Para o ALE foram realizados 18 inquéritos: em 1975 (16 inquéritos) e 2 inquéritos sem data disponível; para o ALEPG foram realizados 47 inquérios (posteriores a 1970).

Nas seguintes localidades foram realizados dois ou mais inquéritos por parte dos projectos diferentes:

Foros do Arrão (165): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Cabeço de Vide (169): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Campo Maior (174): ALPI ('34) e ALEPG ('75); Arraiolos (187): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Alcáçovas (197): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Carrapatelo (198): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Grândola (202): ALPI ('54) e ALE (n/d); Barrancos (203): ALPI ('54) e ALEPG (n/d); Peroguarda (204): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Porto Covo (205): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Serpa (208): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Ourique (212): ALPI (n/d) e ALE ('75); Zambujeira do Mar (214): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Marmeleite (218): ALPI (n/d) e ALEPG (n/d); Alte (221): ALE ('75) e ALEPG (n/d); Salema (224): ALE ('75) e ALEPG (n/d); e Fusetas (227): ALPI (n/d), ALE (n/d) e ALEPG (n/d).

## Anexo 6

Mapa 9.a.: Localidades com maior incidência do ditongo /oj/ em Portugal continental (em igual nº de ocorrência com outras variantes)

